

*Viagem ao Brasil*  
de  
*Alexandre Rodrigues Ferreira*





*Viagem ao Brasil*  
de  
*Alexandre Rodrigues Ferreira*



A EXPEDIÇÃO PHILOSOPHICA PELAS CAPITANIAS DO PARÁ, RIO NEGRO,

MATO GROSSO E CUYABÁ

Organizadores

JOSÉ PAULO MONTEIRO SOARES  
CRISTINA FERRÃO

Aquarelas do Museu Bocage, Lisboa

Documentos da

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Relação do que se faz preciso aprontar, História Filosófica e Política do Rio Madeira  
Prospecto Filosófico e Político da Serra de São Vicente, Enfermidades Endêmicas  
Estado Presente da Agricultura do Pará, Memória sobre as Madeiras  
Memórias sobre as Palmeiras do Estado do Grão-Pará, Memória sobre as Palmeiras  
Madeiras que Servem para Casa e para Obras de Marcenaria  
Memórias sobre as Cascas de Paus

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

Transcrição e Comentários

JOSÉ PERREIRA DA SILVA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Volume III



*Kape Editorial*



© 2007 Kapa Editorial

A reprodução total ou parcial desta obra é proibida sem a prévia autorização por escrito da editora.

E-mail - [cfmonteirosoares@gmail.com](mailto:cfmonteirosoares@gmail.com)  
[jpmonteirosoares@gmail.com](mailto:jpmonteirosoares@gmail.com)

**Editores e organizadores:**

Cristina Ferrão e José Paulo M. Soares

**Marketing:**

Cristina Ferrão

**Projeto gráfico:**

José Paulo M. Soares

**Paginação eletrônica:**

Ponto Editora

Aquarelas do Museu Bocage de Lisboa

Fotografias de José Paulo M. Soares

**ISBN — 85-88108-**

# SUMÁRIO

Relação do que se faz preciso aprontar.....	7
História Filosófica e Política do Rio Madeira .....	11
<i>Antiga Denominação do Rio da Madeira e Razão da Moderna</i> .....	14
<i>Cor das suas Águas</i> .....	15
<i>Quando, como e até onde descoberto, navegado e colonizado pelos portugueses</i> .....	15
<i>Praias</i> .....	24
<i>Rio Beni</i> .....	32
<i>Rio Mamoré</i> .....	32
<i>Rio Itunamai</i> .....	35
<i>Rio Baures</i> .....	35
<i>Nações de gentio do Tacutu</i> .....	37
<i>Ordens sobre os produtos naturais do rio Branco</i> .....	38
<i>Periquitos amarelos, rouxinóis, patos</i> .....	38
<i>Madeiras de cor alaranjada</i> .....	39
<i>Exame da serra do Caraumà</i> .....	40
<i>Reconhecimento e demarcação do rio</i> .....	40
<i>Pesqueiro Real (?)</i> .....	40
<i>Rio Verde</i> .....	44
<i>Rio São Simão</i> .....	45
<i>Rio Galera</i> .....	45
<i>Rio Abuná</i> .....	46
<i>Diligência de entrada por terra da fortaleza para Vila Bela</i> .....	48
<i>Diligência por terra, desde as cabeceiras dos Bárbaros até ao Rio de São Simão</i> .....	48
<i>Rio Guapor é acima</i> .....	49
<i>Prospecto Filosofico e Politico da Serra de São Vicente</i> .....	53
<i>Serra de São Vicente</i> .....	54
<i>Guarda Mari[nh]a de são Vicente Chapada de São Francisco Xavier</i> .....	68
<i>Santana da Tromba do Morro</i> .....	69
<i>São Vicente Ferreira</i> .....	69
<i>Boa Vista</i> .....	69
<i>Ouro Fino</i> .....	69
<i>Capela de Santana</i> .....	70
<i>Nossa Senhora do Pilar</i> .....	70
<i>Guarda-Mari[nh]a das Lavrinhas do Guaporé</i> .....	70
<i>Santa Bárbara do Aguapéi</i> .....	71
<i>Extrato nº 1º</i> .....	71
<i>Relação das Amostras de ouro e Terras Minerais que se Remetem para o Rel Gabinete</i> .....	75

<i>Enfermidades Endêmicas</i> .....	77
<i>Bibliografia</i> .....	130
<i>Estado presente da Agricultura do Para</i> .....	135
<i>Para a Tanoara</i> .....	145
<i>Memória sobre as madeiras</i> .....	165
<i>Memórias sobre as Palmeiras do Estado do Grão-Pará</i> .....	169
<i>Memória sobre as Palmeiras</i> .....	173
<i>Madieras que servem para casa e para obras de marcenaria</i> .....	177
<i>Memórias sobre as cascas de paus</i> .....	179



# RELAÇÃO DO QUE SE FAZ PRECISO APRONTAR

DE HOMENS, DE MANTIMENTOS, DE BESTAS  
E DE OUTROS FORNECIMENTOS NECESSÁRIOS PARA O TRANSPORTE DOS EMPREGADOS  
NA EXPEDIÇÃO FILOSÓFICA, EM VIAGEM DESDE VILA BELA ATÉ A DO CUIABÁ.<sup>1</sup>

Para V. Excia. ver.

## I HOMENS

### a) Soldados

O único da Capitania do Pará que ainda se conserva no serviço da Expedição, não ordenando V. Excia. o contrário, bastará que ao referido soldado se carregue, pelo almoxarifado, o recebimento da receita pedida, passando ele, na forma das ordens, os necessários conhecimentos de recibo.

### b) Pedestres

Para guarnição militar e para todo o mais serviço correspondentes às suas praças.

### c) Arreadores

### d) Índios preparadores dos produtos

São os mesmos que subiram com a expedição e há 6 anos que bem e fielmente servem a Sua Majestade. Pelo que de si mesmos se fazem recomendáveis à bondade de V. Excia., para nos ordenados que vencerem, os atender V. Excia., como for razão e justiça.

### e) Pretos de serviços 12

Todos os homens 23

---

<sup>1</sup> Lata 195, doc. 62 do IHGB

## II MANTIMENTOS

Para os empregados

São as arbitradas comedorias que, pelas beneficentíssimas ordens do Ilmo. e Exmo. Sr. Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, irmão e antecessor de V. Excia., a todos eles se consignaram. Pelo que, esperam também a V. Excia. merecer a graça de as mandar continuar na vila de Cuiabá, aonde igualmente que nesta capital, e a V. Excia. constante que nenhum deles subsiste senão daquela única graça que há 7 anos lhes manda Sua Majestade fazer de se lhes aprontarem comedorias; e estas são as que aqui e em toda a parte lhes têm servido de ajuda de custo, para as suas longas e repetidas viagens, como foi a do Rio Negro para esta capital, e como será a do Cuiabá para o Paraguai.

Para as 23 pessoas da comitiva da Expedição

São os provimentos de farinha, feijão, toucinho e sal, com que na forma das ordens, se devem municiar para um mês de viagem, até alguma das povoações ou estabelecimentos, em que se possam reintegrar das provisões consumidas.

Para o serviço dos enfermos

Ataduras de sangria	6
Bisturis	2
Lancetas	2
Borrachas com seus pipos para clistéis	3

Botica

[E]stomáticos e febrífugos	
Libras de quina em pó	2
Onças de canela em pó	4
Onças de sal de losna	2

Eméticos	
Onças de ipecaquanha	5
Ditas de tártaro emético	0.5

Purgantes	
Libras de jalapa em pó	
Onças de ruibarbo em pó	4
Ditas de clamulanos	2
Ditas de sal catártico	2

Minorativos	
Libras de sene	0.5
Ditas de maná	2
Ditas de polpa de tamarindus	2

Aperientes	
Onças de crocus martis	4
Ditas de diagrídio	2

Refrigerantes, adoçantes	
Onças de nitro	4
Ditas de flores de enxofre	4
Libras de açúcar ordinário	8
Ditas de rapadura	4

Absorventes	
Onças de olhos de caranguejo	2

Calmantes	
Onças de láudano líquido	2

Consolidantes	
Onças de bálsamo catódico	5

Antídotos	
Libras de triaga	0.5

[E]spirituosos	
Vidros de água da rainha	4
Frascos de aguardente de uva	2

Ungüentos	
Libras de dito branco	1
Libras de dito basilicão	1

Corretivo de podridão	
Frascos de sal e pimenta	1

Todos os sobreditos remédios se deverão entregar em seus vasos fechados, para se não arruinarem; e os vasos arrumados em algum caixote portátil e coberto de couro cru.

Munições de guerra e de caça	
Armas de fogo	12
Patronas	12
Facões	12
Dúzias de pederneiras	4
Latas de pólvora (com seu chumbo competente)	12
Ditas de perdigotos	4

Preparos para escrever	
Resmas de papel ordinário	1
Garrafa de tinta	1

Outros diversos fornecimentos	
Toldos de arranchar	4
Marmitas de cobre estanhado, das que vieram do Pará para a cozinha dos empregados	3
Ditas para a dos pedestres e pretos de serviço	2
Machados	4
Fouces	4
Alavancas	2
Almocares	4
Marretas	2
Dúzias de faca (cabo de peso)	2
Dúzias de agulhas grossas de cozer fardos	0.5
Meadas de linhas grossas	6
Canivetes de abrir peles de pássaros	3

### III Bestas de transporte

Ditas de sela	
Vindo todas seladas, enfreadas	7

Ditas de carga	
Vindo todas arreadas, de cabresto, cangalhas, embornais, pe[i]as, cobertas e bruacas, para as que as precisarem	33
Todas as bestas	40
Para os curativos delas	
Libras de sabão	6
Varas de fumo	8

Um postemão\*

– que para se transportar a imprensa do herbário, como também a câmara escura, necessariamente se hão de aqui fazer, de ordem de V. Excia., dous caixotes chatos e portáteis, na forma que se explicará ao carpinteiro que para isso for nomeado.

Vila Bela, 21 de maio de 1790.

Alexandre Rodrigues Ferreira

\* postemão – espécie de navalha usada por veterinários para abrir abcessos.



*Prospecto da Villa de Bórba a Nova, em outro tempo, Aldêa do Trocano, situada no alto de huma ribanceira de 7 braças, e meia de altura, na Margem Oriental do Rio da Madeira, e na distancia de 25 legoas, acima da sua foz.*

“Prospecto da Villa de Bórba a nova, em outro tempo, Aldêa do Trocano: situada no alto de huma ribanceira de 7 braças, e meia de altura, na Margem Oriental do Rio da Madeira, e na distancia de 25 legoas, acima de sua fóz”. “Codina”

“(a) Vista da foz do Rio da Madeira na margem Occidental, e pouco acima da Cachoeira deste nome. (b) Continuação do rio Mamoré”.



*(a) Vista da foz do Rio da Madeira na margem Occidental, e pouco acima da Cachoeira deste nome.  
(b) Continuação do rio Mamoré.*

# História Filosófica e Política do Rio da Madeira

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor,<sup>1</sup>

O glorioso<sup>2</sup> emprego que Vossa Excelência desempenha de advogar aos pés do trono pelas dependências deste Estado é o que me obriga a consagrar a Vossa Excelência os primeiros delineamentos desta história. É a história filosófica e política do rio da Madeira, como um dos importantes que deságuam no grande rio das Amazonas. É a relação circunstanciada que Vossa Excelência me ordena que eu faça do que ele é, aonde nasce ou acaba; qual é o seu curso e a sua navegação; a natureza do céu ou do terreno; a quantidade, a qualidade e os usos das suas produções. É finalmente uma noção política da infância dos seus estabelecimentos; quais têm sido os seus progressos e vicissitudes e qual o seu estado atual. Contudo ela não satisfaz, senão do que promete o seu título, quero dizer, que reservando para o seu devido tempo e lugar e para a vista de uma competente biblioteca, o complemento da história em que se devem descrever, segundo a arte, os animais, as plantas e os minerais observados e recolhidos; contentar-me-ei por agora com olhá-los tão somente pelo lado que eles oferecem ao naturalista viajante, um aspecto mais fácil e desembaraçado. Que é o que se me tem oferecido em viagem desde a foz deste rio até a sua primeira cachoeira. A continuação da viagem irá subministrando a matéria, para a continuação da história; e todas estas diferentes partes unidas a seu tempo, isto é, quando o mandar a prudência e a circunspeção no escrever, formarão algum dia o corpo inteiro de semelhante obra. Nem todos refletimos tão facilmente como olhamos, e nem todos executamos tão prontamente como concebemos.

Que consolação para o Estado do Grão Pará. Depois de ter achado na pessoa do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Manoel Bernardo de Melo e Castro, irmão de Vossa Excelência, um governador e capitão general tão solícito como Sua Excelência foi em fortificá-lo e defendê-lo em uma das situações mais críticas da América Portuguesa. Achar em Vossa Excelência um protetor assíduo em o explorar, reconhecer e adiantar, por todos os modos, que filosofia natural e política tem até agora excogitada de mais úteis e apropriados para tão gloriosos fins. Porém, esta é uma felicidade reservada para os ministérios somente que são circunspectos: Aqueles, a que se elevam os homens, não pelo simples nascimento, mas pelos dons e pelas virtudes naturais e adquiridas que o acompanham. Não pela encadeação bizarra dos sucessos, mas por uma longa experiência e lição. Não pelo capricho dos príncipes, mas por justa remuneração de serviços feitos e atenção aos que ainda estão por fazer. Não pelo acaso, mas pela providência daquele que com uma vista geral vigia sobre todos os reinos e para cada um deles particularmente deputa o seu titular.

<sup>1</sup> Códice 21,2,21,5,1 da BNRJ.

Aqui se acrescenta uma nota no manuscrito: “Em viagem que de ordem de Sua Majestade de 31 de outubro de 1787 fizeram pelo dito rio nos seguintes anos de 1788 e 89”.

<sup>2</sup> No manuscrito está riscado e escrito acima.

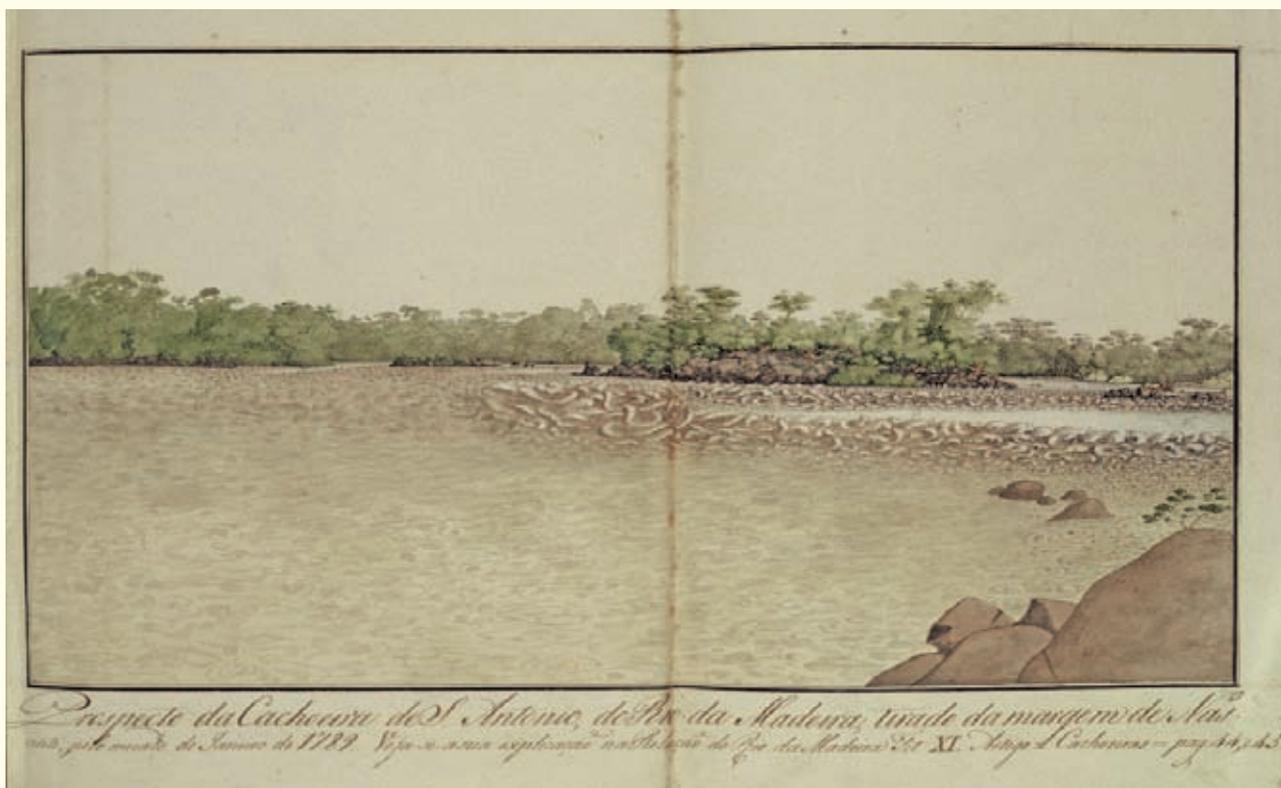
Deus guarde a Vossa Excelência pelos anos que havemos mister. Na cachoeira de Santo Antônio do rio da Madeira aos 30 de janeiro de 1789.

De Vossa Excelência,

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro.

Muito humilde criado e servo.

Alexandre Rodrigues Ferreira



“Prospecto da Cachoeira de S. Antonio, do Rio da Madeira, tirado da margem de Nascente, pelo meado de Janeiro de 1789”.

### ÍNDICE DOS TÍTULOS<sup>3</sup>

- I.** Antiga denominação do rio da Madeira, e razão da madeira. Página 1.
- II.** Cor de suas águas. Página 4.
- III.** Quando, como e até onde descobertos, navegados e colonizados pelos portugueses. Página 6.
- IV.** Situação da sua foz pela qual deságua na margem austral do Amazonas
- V.** Sua extensão até a primeira cachoeira. Página 29.
- VI.** Direção. Página 31
- VII.** Largura. Página 33
- VIII.** Profundidade. Página 34
- IX.** Leito do rio. Página 36
- X.** Suas margens. Página 37
- XI.** Pedraria. Página 40
  - (a) pela margem oriental acima
  - (b) dita ocidental
- XII.** Enseadas. Página 46
  - (a) da margem oriental
  - (b) [dita] ocidental<sup>4</sup>
- XIII.** Ilhas. Página 51
- XIV.** Praias. Página 64
- XV.** Rios, que deságuam nele, por ambas as suas margens. Página 69
  - (a) oriental
  - (b) ocidental<sup>5</sup>
- XVI.** Furos da margem. Página 81
  - (a) oriental
  - (b) ocidental<sup>6</sup>
- XVII.** Lagos. Página 84
- XVIII.** Igarapés (ou riachos)
- XIX.** Gentios que o habitaram e habitam nele e nos seus colaterais
- XX.** Povoações
- XXI.** Agricultura
- XXII.** População
- XXIII.** Comércio
- XXIV.** Navegação
- XXV.** Enfermidades

<sup>3</sup> Códice 21,2,21,5,2 da BNRJ

<sup>4</sup> No códice 21,1,36 não apresenta esta divisão.

<sup>5</sup> Não apresenta no códice 21,1,36 esta divisão.

<sup>6</sup> Também não apresenta esta divisão o códice 21,1,36.

## I - ANTIGA DENOMINAÇÃO DO RIO DA MADEIRA E RAZÃO DA MODERNA.<sup>7</sup>

Iruri é que sempre foi, e ainda é entre os índios do Pará, o seu nome verdadeiro. Pretende-se que do apelativo “i” que significa água, e do verbo “reri” = tremer, se compôs na língua geral o sobredito nome de Iruri, ao qual, na força da sua primitiva significação, vem a corresponder em português o mesmo que “água que faz tremer” ou “rio de Sezões”. Porém, que esta, ao meu ver, é uma etimologia mais engenhosa do que verdadeira, evidentemente o mostram as razões seguintes:

### PRIMEIRA

Porque Iruri é que pronunciam os índios, e não Ireri, como deveria ser para ter lugar a imaginada significação.

### SEGUNDA

Porque de entre as muitas nações de gentios que habitam nas margens deste rio e nas dos seus colaterais é uma delas a dos Iruris, como se verá no título 19º.

### TERCEIRA

Porque na América nada é tão vulgar entre os gentios como o apelidarem aos rios, aonde eles habitam, dos nomes da nação dominante ou por mais populosa, ou por mais guerreira, ou por outro qualquer motivo. Da nação dos uaupés, é que se diz o rio dos Uaupés; da dos canaburis, o dos Canaburis; da dos araras, o dos Araras. É logo mais verossímil que da nação Iruri, procede o nome de que se trata.

A razão por que os portugueses lhe impuseram o nome de rio da Madeira, é a que consta do livro X, § 729 dos Anais Históricos do Estado do Maranhão. Porque descrevendo seu autor, o governador e capitão general Bernardo Pereira de Berredo, a viagem do capitão mor Pedro Teixeira, quando regressava do Quito para a cidade do Pará. Entre os muitos rios de que faz menção, aponta o que consta do seguinte extrato.

“Correndo mais ao sul da linha, na distância de 44 léguas do rio Negro, segue o mesmo caminho o celebrado Madeira; chama-o assim pela muita que as suas furiosas inundações costumam a arrastar depois de arrancá-las das mesmas margens até com as raízes, vendo-se entre ela, cedros tão corpulentos que chegam a ter 30 palmos de roda e alguns ainda mais. Traz a sua origem do reino do Peru, e é tão povoado de gentio de diversas nações, como de cacau.”

\* Porém o nome de rio da Madeira tão somente o conserva até meia légua acima da duodécima cachoeira situada na distância de 237 léguas da sua foz inferior. Porque dali para cima (isto é, pela inferior que deságuam no rio das Amazonas. Assim se está vendo ou sabendo pelas hidrografias.), tem entre os espanhóis o nome de rio Beni.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Códice 21,2,21,5,3 da BNRJ.

<sup>8</sup> No códice 21,1,36 está escrito assim: “isto é, pela que deságuam na margem austral do rio das Amazonas. Porque dali para cima, isto é, desde a sua boca superior, ou a sua própria foz, pela qual deságuam na margem ocidental 45 léguas, abaixo da foz do rio Mamoré, tem entre os espanhóis, o nome de rio Beni ou Bini. Assim se está vendo ou sabendo pela hidrografia da europa que basta passar um rio por diversos reinos e províncias, para também lá tomar diferentes nomes. Veja-se o título 3º memória do ano de 1743.”

## II – COR DAS SUAS ÁGUAS

Pouco menos barrentas me pareceram as do Madeira do que as do rio das Amazonas, ao tempo em que entrei na foz do primeiro, que foi aos 6 de setembro do ano próximo passado. E com efeito se observa que em se elas não [turvam], por ocasião de algum repiquete, deixam entrever quanto basta, de uma cor esverdeada. Porém pelo quanto ao que pude observar logo ao primeiro repiquete da enchente que sucedeu aos 25 de setembro, achando-me eu na praia da ilha de Uarirama, defronte da vila de Borba, não somente as vi tão barrentas, mais ainda mais do que as do referido rio das Amazonas. Do fenômeno que aconteceu ao quarto repiquete no dia 27 de novembro, estando a expedição subestada na praia de ilha de Muerassutuba pelo o motivo da deserção que havia feito a maior parte (de uma grande parte) dos índios remeiros, todos nós chegamos a admirar. Porque, de barrenta que até então tinha sido a cor da água, passou para a que tem a argila encarnada, bem viva, e o rio correu vermelho. Vindo daquela espécie de argila tão saturada a sua água que durante os quatro dias que ela assim correu, nem lavar-se nela quiseram os índios. Por aqui se pode conjecturar qual ficará sendo o estado da saúde dos que a bebe. Veja-se o título 25, Artigo da obstrução. Para a não bebermos tão impura, pelo dilatado tempo de um mês e dias<sup>9</sup> que ali esperamos pelo socorro de gente, na falta de água da chuva, se mandou cavar à borda da praia um poço, donde com efeito, se tirava água um pouco mais filtrada pela areia bem entendido que as praias deste rio não constam de areias vivas e homogêneas, mas sim misturada das terras que constam título IX:<sup>10</sup> [    ], [                    ]<sup>11</sup>

## III – QUANDO, COMO E ATÉ ONDE DESCOBERTO, NAVEGADO E COLONIZADO PELOS PORTUGUESES.

O primeiro de entre os nossos que descobriu a sua foz foi o sobredito capitão mor Pedro Teixeira, quando no ano de 1632, subiu de ordem do governador do Estado Jácome Raimundo de Noronha, a reconhecer a parte superior do rio das Amazonas até o Quito; donde voltou no seguinte ano de 1639. Disse tão somente a foz do rio da Madeira, porque é certo que então se não fez mais do que dar fé dela, nem também se tratava de reconhecer semelhante rio.

NB. Que 18<sup>12</sup> anos antes de a descobrir, Pedro Teixeira provavelmente a viu e deu fé dela o facinoroso espanhol Francisco de Orelana. Porque tendo ele saído de Quito, pelo natal do ano de 1539, às ordens de Gonçalo Pissaro, encarregado por seu irmão, o marquês Francisco Pissaro, do descobrimento das terras da canela. Não somente se rebelou contra o seu comandante, transgredindo os limites dos seus descobertos, queimando-lhe o único bargantim que tinha; e fazendo-se eleger pelos soldados levantados em seu comandante general; mas também investiu a navegação do nosso rio das Amazonas, descendo até a sua foz, donde atravessou 200 léguas ao mar do norte até a ilha de Margarita, e dali se fez à vela para Espanha.

<sup>9</sup> No códice 21,1,36 está escrito: "... quarenta e um dias."

<sup>10</sup> Encontra-se escrito no códice 21,1,36: "... O que faz com que elas vistas, ou seja, ao longe ou ao perto, nunca mostrem aquela alvura que tem as do rio Negro e geralmente as do salgado. Porém, coada que seja a água dos poços por um retalho de baetas sobre um guardanapo de linho fino, atado na boca de um pote, aonde, ou por si, ou por algum precipitante, se deixa assentar de um para outro dia, fica sofrivelmente boa para se beber, ou pelo menos mais pura do que a da correnteza, Isto é o que se pode fazer, quando falta o aparelho dos instrumentos precisos, ou seja, para a destilação ou para a transcolação."

<sup>11</sup> Isto é o que se [    ] fases, quando falta o aparelho [    ] precisos, ou seja, para a destilação ou para a transcolação.

<sup>12</sup> No códice 21,1,36 está escrito: "98 anos."

1716

Governando o Pará o Senhor Cristóvão da Costa Freire (escreveu o autor do roteiro da viagem para a Capitania do Rio Negro) fez uma expedição de guerra contra os índios da nação Turá, habitantes do rio da Madeira por várias irrupções que fizeram e hostilidades que praticaram na aldeias de Canumá e dos Abacaxis, já então situadas no dito rio. Foi comandante da expedição o capitão mor da praça, João de Barros da Guerra, o qual recolhendo-se obrigado de moléstia, teve o infortúnio de naufragar e morrer por ocasião de um grande pau que da margem do rio caiu sobre a embarcação em que vinha. Na sua falta, continuaram suas diligências da guerra, dirigidas pelo capitão de infantaria Diogo Pinto da Gaia e pelo sargento mor das ordenanças Francisco Fernandes. Produzidos os índios a última consternação, pediram a paz que lhes foi concedida com a condição de descerem e se agregarem à aldeia dos Abacaxis, hoje, vila de Serpa, ficando porém muitos que por mais remotos não foram invadidos, ou escaparam do furor da guerra.

1725

De ordem do governador e capitão general João da Maia da Gama, subiu por ele a primeira vez o sargento mor Francisco de Melo Palheta. Não consta porém que desse passos avançados no reconhecimento da parte superior deste rio.

1728

Junto às primeiras cachoeiras, fundou o jesuíta João de Sampaio, da província do Maranhão, uma aldeia de índios, donde subiu até as aldeias dos jesuítas do Peru, e gastou até as primeiras 16 dias de viagem em canoa bastante grande. E referido que aqueles padres, nas cabeceiras daquele rio e em seus braços, tinham 16 aldeias até Santa Cruz de la Sierra, aonde (disse ele) que tinha as suas cabeceiras o rio da Madeira e que lhe davam lá o nome rio Mamoré.

“Duas vezes depois disto (escreveu no ano de 1749 o jesuíta Bento da Fonseca) desceram portugueses das minas de Mato Grosso, os quais vieram ao Pará pelo rio da Madeira. O primeiro foi Manoel Teles da Capitania do Maranhão<sup>13</sup>; e os segundos foram Miguel da Silva e Gaspar Barbosa Lima, ambos da do Pará. Por relação destes se sabe que desde Mato Grosso até certo riacho, ou braço do rio da Madeira se gastam 3 dias de jornada por terra; e embarcando-se se gastam, até uma hora das aldeias chamadas de São Joaquim, dez dias; e dali até a boca do rio da Madeira, 16; por ser grande a correnteza.”

1743

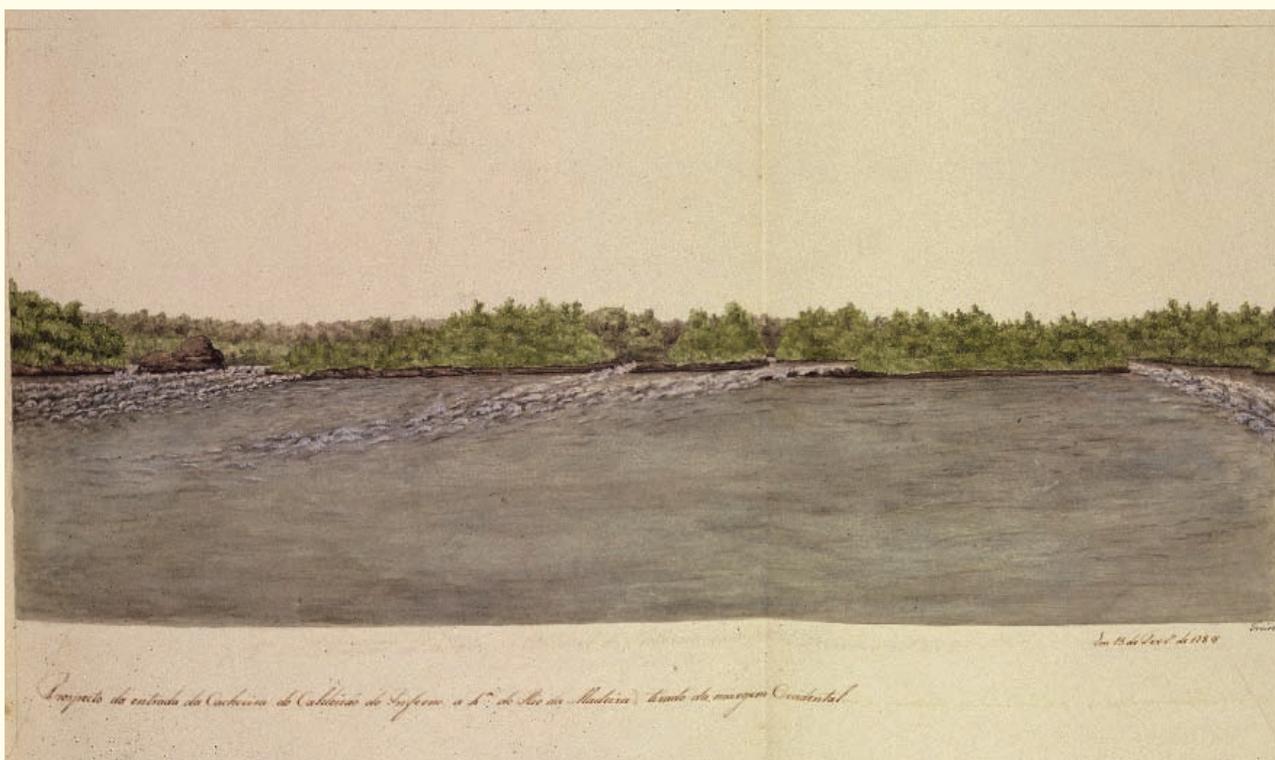
Governando o Estado, o capitão-general João de Abreu Castelo Brasco, desceu pelo rio das Amazonas monsieur de la Condamine, e passando pela foz do da Madeira, mediu a sua largura; a qual achou que era de 2900 varas castelhanas. Com razão se lhe censura a precipitação que teve em escrever na página 33 do seu diário que o rio da

---

<sup>13</sup> B<sup>e</sup> que pelo nome de Manoel Feliz da Silva, e não Manoel Teles, conheci em Lisboa desde anos de 1779 até o de Maranhão, esse atribua a descoberta desta descida.



“Prospecto da Cachoeira dos Morrinhos, tirado do lado esquerdo, a 3ª do Rio Madeira”.



“Prospecto da entrada da Cachoeira do Caldeirão do Inferno, a 4ª do Rio da Madeira, tirado da margem Occidental”.

Madeira (aonde ele não entrou) corre paralelo ao rio Beni ou Bini; supondo ser o que na sua barra se chamava o rio dos Purus; sendo que o Beni, como fica dito no título primeiro, é o mesmo rio da Madeira o qual desde a distância de meia légua acima da duodécima cachoeira aonde ele tem a sua própria foz<sup>14</sup>, tem entre os espanhóis o nome de rio Beni. Mais claro o Beni que deságua na margem ocidental à distância de 237 léguas acima donde entra no Amazonas e o Mamoré que deságua na oriental em distância de 45' acima do Beni, depois (sic) de o dito Mamoré ter recebido as águas do rio Guaporé. São que formam juntos o rio da Madeira, digo chamado da Madeira que sai do rio das Amazonas para sua margem austral.<sup>15</sup>

### 1747

A descida que fez do Mato Grosso o mineiro João de Souza de Azevedo, com o fim de descobrir ouro, ocasionou a descoberta da navegação do Rio dos Tapajós, referindo aquele mineiro que de Mato Grosso ao rio Arinos<sup>16</sup> seriam 15 dias de jornada por terra e muito menos das minas de Cuiabá; que do sobredito rio Arinos, pelo qual fora ele sair a mais do dos Tapajós até a boca deste seriam 25; e dali ao Pará, 10. Veja-se a 2ª memória do ano de 1756.

### 1748

Foi criada em governo geral a Capitania de Mato Grosso e Cuiabá, vindo por seu primeiro governador e capitão-general, D. Antônio Rolim de Moura, que ao depois foi conde de Azambuja.

### 1749

Subiu a expedição que despachou da cidade do Pará o capitão-general Francisco Pedro de Mendonça Gurjão para o reconhecimento do rio da Madeira; expedição que foi comandada pelo sargento-mor Luís Fagundes Machado, a quem acompanharam o piloto Antônio Nunes de Souza, que foi o que fez as observações da derrota, e o secretário do Estado, José Gonçalves da Fonseca, que também foi o que pela sua curiosidade, levantou naquela navegação a carta que acompanhou as instruções relativas à demarcação do tratado preliminar dos limites do seguinte ano de 1750, quanto ao que pertencia aos distritos da parte do norte; sendo aquela derrota datada de 20 de dezembro do referido ano de 50, e tendo ela o seguinte título:

Por ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Pedro de Mendonça Gurjão, capitão-general do Estado do Maranhão.

Derrota desta cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará para as minas de Mato Grosso, arraial de São Francisco Xavier, de que foi o cabo o sargento-mor Luís Fagundes Machado. Feita por mim, Antônio Nunes de Souza, piloto e mestre aprovado. Feita em 14 de julho de 1749, que pode servir para outra qualquer monção, indo passar as cachoeiras; estando o rio da Madeira de meio barranco para cima, que tenham águas para passarem canoas.

<sup>14</sup> No manuscrito a frase “ aonde ele tem a sua própria foz “” Está como anotação.

<sup>15</sup> Está escrito no códice 21,1,36: “Mais claro, o Beni, que deságua abaixo do Mamoré, na distância de 45 léguas, segundo o curso do rio e de 33 em linha reta e o mesmo Mamoré, depois de receber as águas do rio Guaporé, são os que formam juntos o rio chamado da Madeira que sai ao das Amazonas pela sua margem austral.”

<sup>16</sup> O Rio Arinos se une a Rio Juruena, no Mato Grosso. Os manuscritos da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira trazem sempre esta palavra acentuada na última sílaba “Arinós”, o que parece mais coerente com a fonética da maior parte das línguas indígenas brasileiras.

1750

Convencionaram Suas Majestades Fidelíssima e Católica, em o artigo VII do Tratado Preliminar de Limites, de 13 de janeiro, quanto ao rio da Madeira:

Que desde o lugar que na margem austral do Guaporé fosse assinalado para termo da raia, baixasse a fronteira por todo o curso do rio Guaporé até mais abaixo da sua união com o rio Mamoré, que nasce na província de Santa Cruz de la Sierra e atravessa a missão dos moiros<sup>17</sup> e formam juntos o rio chamado da Madeira que entra no rio das Amazonas ou Maranhão pela sua margem austral.

E no artigo VIII se continuou:

Que baixasse pelo álveo destes rios já unidos até a paragem situada em igual distância do dito rio das Amazonas ou Maranhão, e da boca do rio Mamoré; e desde aquela paragem, continuasse por uma linha leste-oeste até encontrar a margem austral<sup>18</sup> do rio Javari.

O que foi anulado pelo outro tratado anulatório de 12 de fevereiro de 1761. Veja-se a segunda memória do ano de 1777.

1755

Pela carta régia de 3 de março, ordenou Sua Majestade ao governador e capitão-general do Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado

Que, devendo compreender-se a aldeia do Trocano, nos limites da nova capitania de São José do Rio Negro, a qual mandava criar pela outra carta régia da mesma data que esta; e, sendo a referida aldeia, pela sua situação, a mais própria para nela acharem descanso e refresco, os vassallos que freqüentando a navegação deste Estado para Mato Grosso, voltassem daquelas minas para o mesmo Estado; por todos estes motivos, aproveitando ele a ocasião de se achar por estas partes passasse logo a erigir a sobredita aldeia em uma nova vila, a que imporia o nome de Borba a Nova.

Veja-se o título 20

1756

Veio o próprio general ao rio da Madeira para erigir a vila de Borba a Nova, como realmente a erigiu pela provisão de 10 de janeiro. Atendendo S. Excia. aos serviços que havia feito a Sua Majestade João de Souza de Azevedo, em repetidas viagens a Mato Grosso, pelas quais havia adquirido uma reconhecida prática e experiência da navegação deste rio. E esperando dele que com maior zelo e fervor continuasse a servir em semelhante viagem, sempre que a ocasião pedisse. Por provisão de 27 de abril expedida ao provedor da fazenda, foi servido ordenar-lhe “que ao referido João de Souza de Azevedo<sup>19</sup>, abrisse logo matrícula de prático do rio da Madeira, com o vencimento anual de 420.000 réis.”

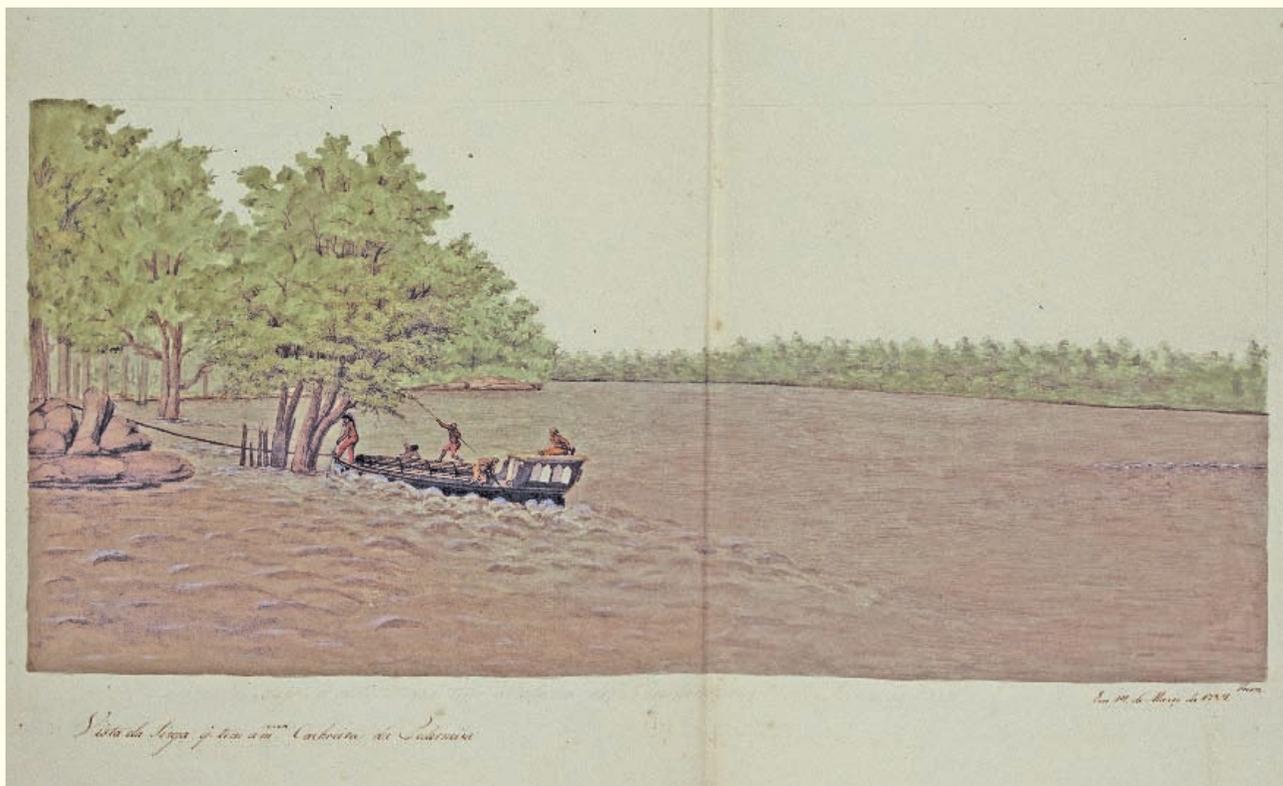
<sup>17</sup> Está escrito no códice 21,1,36: “mouxos.”

<sup>18</sup> No códice 21,1,36 está escrito: “oriental”

<sup>19</sup> Pelas quais havia adquirido uma reconhecida prática experiência da navegação deste rio; e, esperando dele que com maior zelo e fervor continuasse a servir em semelhante viagem sempre que a ocasião o pedisse... Confira-se à memória do ano de 1747.

Em participação de 22 de novembro, deu conta a Sua Majestade o general do Estado, da relação que lhe havia feito João Fortes de Aragão, de haver achado junto ao rio da Madeira e da nova aldeia, que intentava estabelecer naquela parte com uns 10 principais dos gentios marques<sup>20</sup>, a amostra de ouro e as pedras cristalinas que S. Excia. dirigiu à real presença do mesmo senhor, para ser servido de as mandar examinar; concluindo haver ouro nas serras que formam as cachoeiras do rio da Madeira. Veja-se a segunda memória do seguinte ano de 1758.

Tendo descido de Mato Grosso o bacharel Teotônio da Silva de Gusmão, com o projeto de à sua custa fundar na Cachoeira do Salto Grande uma povoação dos gentios pamas<sup>21</sup>; depois de já ali ter deixado algumas pessoas quando desceu para estas o esperarem, enquanto ele descia à cidade do Pará, a prover-se do que lhe era preciso para a execução do seu projeto em que realmente despendeu<sup>22</sup> com mão larga. Subiu, com efeito, a executá-lo. Porém, de um tão relevante serviço como este era, pelos reais interesses que dele podiam resultar à navegação e ao comércio de ambas as Capitânicas, não colheu aquele ministro o fruto que havia plantado o seu zelo; porque sem embargo das despesas que fez e da sua assistência pessoal, pelo espaço de 3 anos, não foi adiante semelhante estabelecimento. Diz-se que os muras foram os que o destruíram e aniquilaram, fazendo repetidas vezes mão baixa sobre os pama[s]. Porém, sendo certo que, para rebater os muras de nenhuma das duas Capitânicas, recebeu aquele ministro gênero algum de socorro, fica sendo verossímel a suspeita de que além dos muras, concorreram outras causas secretas, que me não importa debulhar. Veja-se a segunda memória do ano de 1768.



“Prospecto da Cachoeira dos Tres Irmãos, a 6ª do Rio da Madeira, tirado da margem occidental”. “Em 17 de Março de 1789”. “Freire”

<sup>20</sup> É “marques” mesmo?

<sup>21</sup> Grupo indígena hoje considerado extinto. Entre os índios bacairi, “pama” significa primo cruzado, cunhado em potencial (homem falando).

<sup>22</sup> Usava-se ainda a forma “dispender” por “despender”, por causa da analogia com “dispêndio”.

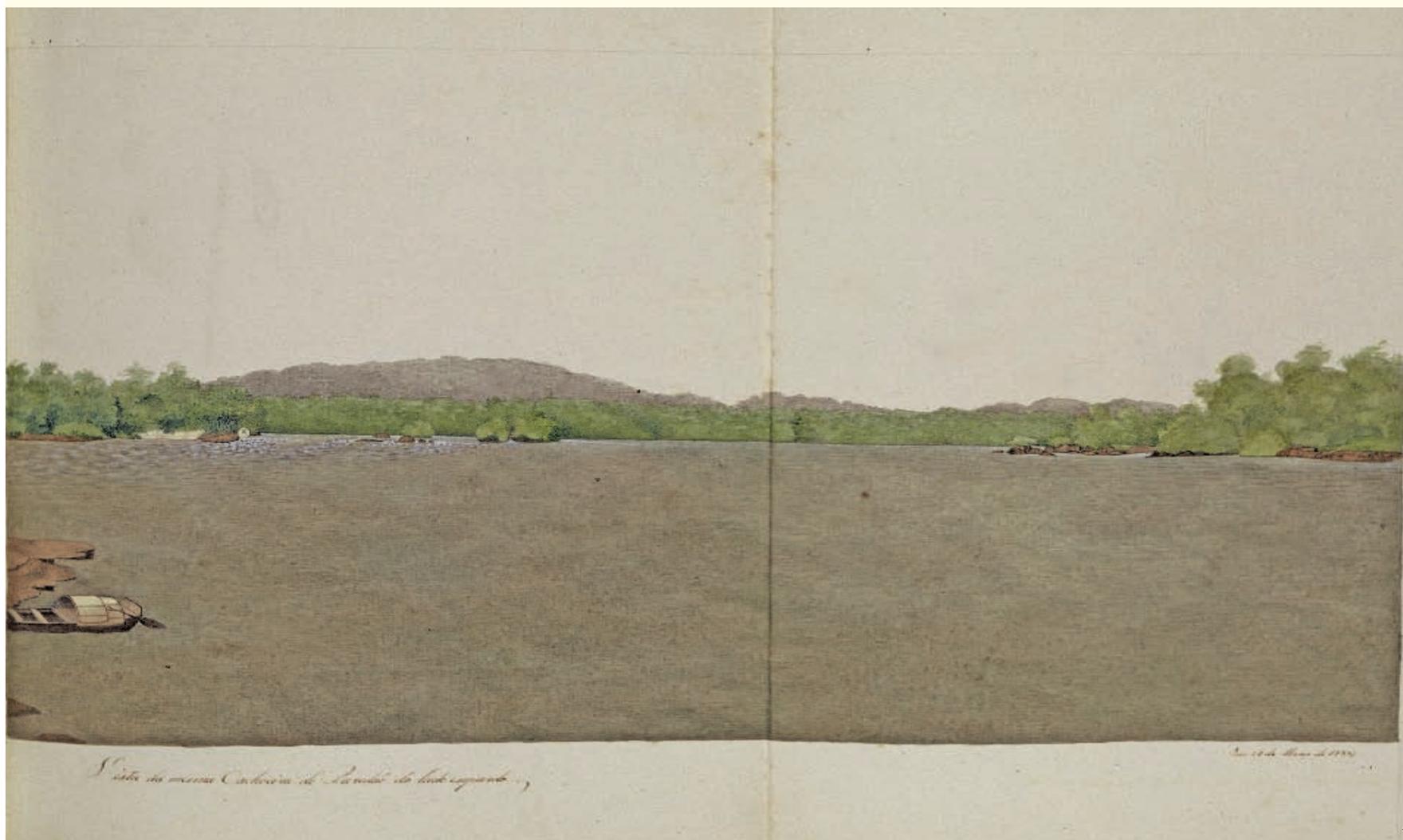


*Prospecto da Cachoeira do Salto do Girão, a 5ª do Rio da Madeira; tirado da margem direita.*

*Em 28 de Fevereiro de 1789*

“Prospecto da Cachoeira do Salto do Girão, a 5ª do Rio da Madeira; tirado da margem direita”. “Em 28 de Fevereiro de 1789”.

“Vista da mesma Cachoeira do Paredão do lado esquerdo”. “Em 21 de Março de 1789”



*Vista da mesma Cachoeira do Salto do Girão do lado esquerdo.*

*Em 21 de Março de 1789*

AQUI FOI OMITIDA UMA PARTE DO TEXTO QUE FOI PERDIDA  
CONTINUAÇÃO A PARTIR DA PÁGINA 73.

57

Irarua-capão (ou ilha das Abelhas) laçada no meio do rio 4 léguas acima da ilha n. 33: Tem pela terra firme da direita sua pedraria com correnteza.

58 e 59

Punean-capão (ou ilhas de Puneam<sup>23</sup>) que são duas imediatamente superiores ao Igarapé (ou riacho) do Puneam que fica uma légua acima da foz do pequeno rio Pauanema (Lago de [Macjeura]).

60

Tucunaré-capão, ou ilha do Tucunaré (certa espécie de peixe), por ficar defronte do Igarapé (ou riacho) do Tucunaré; tem uma légua de extensão e dista duas acima do sobredito Puneam (n. 56).

61

Mariuim-capão (ou ilha do Mosquito miúdo). Tem meia légua de comprimento, da distância de 3 acima da ilha (n. 57).

62

Guariba-capão (ou ilha das Guaribas) que é outra ilha pequena e diversa da do mesmo nome especificada (n.9), porém está situada na distância de pouco mais de légua, acima da ilha (n. 58).

63 e 64

Ditas do Mandí; que também são duas diversas da do mesmo nome (n. 13) e uma légua acima da Tapera do Trocano, e ambas compreendem duas léguas de extensão.

65, 66, 67

Entre as três pequenas ilhas da margem de leste que no título XI fica dito que formam a primeira cachoeira de S. Antônio etc.

NB. Que destas ilhas acima:

(a) umas de pouco mais de praias, que presentemente são como a do número 30<sup>o</sup>, daqui a poucos anos surgirão em grandes ilhas, como a do (n. 30)

(b) outras de ilhas que eram, há também poucos anos, hoje apenas aparecem desmanchadas em praias, como as ilhas (n. 38, 39)

(c) e quase todas elas abundam de cacau, ambaúba branca, cuaxinguá, uassacu, sumaumeira, sucuuba, mututi, siringueira, paus mulatos, muiratingas, uucuubas, além das mais árvores e palmeiras que constam do tit[tulo] X.

(d) também quase todas principiam e acabam em praias, além das que são costeadas delas.

<sup>23</sup> Lago de mau cheiro.

## XIV - PRAIAS

Falo tão somente das que estão isoladas, isto é, separadas das margens da terra firme ou das pontas e beiradas das ilhas porque dessas já se faz menção no tit[tulo] XIII, aonde se podem ver aquelas, para se ajuntarem a estas.

### 1<sup>a</sup>

Imediatamente superior à foz do rio, a qual é uma praia lançada no meio e ao longo dela; toda ela composta de areia branca e de ferro, mais misturada com o tijuco ou argilas vitrioláceas e de átomos de mica sutil e impalpável. Nelas pousam e pastam infinitos marrecos, marrecões, colhereiras, garças, gaivotas, mergulhões, maguaris, socós, patos e outras aves, além das tartarugas, iurarás e tracajá, entre os anfíbios répteis. Ela divide o rio com dois canais de leste e de oeste, sendo porém o segundo mais fundo do que o primeiro se bem que por este é inexplicavelmente maior a abundância de tartarugas e de peixes que descem; como são as arauanaãs, pirapitingas, tucunarés, surubins, piraras, piraucus, acarás, tambaquis, piraapeiuas, uacaris, iandiás, uacus, piracatingas, pirá-andiras e outros. É praia esta que já ao dia de hoje está bem povoada de arbustos, principalmente dos chamados iurará-ia e airana; de maneira que a não sobrevir algum outro obstáculo, não tardará muito em passar a ilha.

### 2<sup>a</sup>

Dita de Uricorituba, defronte da boca superior do lago de Roquepaua, uma légua acima da praia (n.1). Aqui se fazia algum dia bastante manteiga de tartaruga; porém hoje não desovam nela.

### 3<sup>a</sup>

É Catanhatuba, por ficar defronte da boca do Paranapucá, ou furo do Castanhal (tit[tulo] 16 n.), o qual divide da terra firme de oeste a segunda ilha (tit 13 n.2).

### 4<sup>a</sup>

Chamada de Guajará, por principiar a sua ponta inferior defronte da boca daquele lago [Guajará]<sup>24</sup> (tit[tulo] 17 n.): ou por outro nome, a praia do Panauari, por lhe ficar também fronteira à sua ponta superior a foz do outro lago assim chamado, duas léguas e meia acima da vila de Borba. É praia grande, em outro tempo abundante de ovos de tartarugas, porém já hoje estéril, depois que nela se arrancharam os muras novamente descidos.

### 5<sup>a</sup>

Defronte da ilha de Manicoré (tit[tulo] 13 n. 26).

### 6<sup>a</sup>

A em que se reduziu a ilha de Mojuí (tit[tulo] 13 n. 38 e 39).

### 7<sup>a</sup>

Na distância de duas léguas acima do Igarapé do Jacaré, aonde no ano de 1781 observaram os doutores astrônomos a latitude de 8° e 9’.

<sup>24</sup> “Guajará” está riscado no manuscrito.

8<sup>a</sup>

Defronte da foz do pequeno rio Pauanema (tit[tulo] 15 n.)

9<sup>a</sup>

Do Tamanduá-uacu, que é a maior, a mais alta e a mais notável de todas, porque tem mais de meia légua de extensão e está situada na distância de 173 acima da foz do rio e de 148 da vila de Borba. Ela se divide em duas por um canal que a intercepta dividindo-a em duas partes, superior e inferior. Na primeira é que desovam milhares de tartarugas, de maneira que aquela é a mais abundante feitoria de peixe seco e de manteigas que nela fazem alguns cabos de canoas de ambas as Capitânicas. Principia a descobrir-se pelos princípios de julho e dura descoberta até os fins de dezembro, conforme se adianta ou atrasa o repiquete da enchente. Desde o mês de agosto até o de outubro, dura a assiduidade de trabalho, ou na salga do peixe, ou da manufatura das manteigas.

NB. <sup>25</sup> Que destas praias acima e das que constam do tit[tulo] 13.

(a) Umas são todos os anos certas e constantes, como são a do Uricurituba, do Guajará, do Tamanduá etc.

(b) Outras são móveis e mudáveis ou em todo, ou em parte, como foi este ano a de defronte da vila de Borba.

(c) E todas elas não são de uma só e determinada espécie de areia tão solta e alva como das do rio Negro. Antes estas praias, por isso parecem mais pardas do que aquelas, porque além da referida<sup>26</sup> areia que tem, ou simples e de uma cor parda, ou mineralizada de ferro, e de uma cor preta, não somente abundam dos referidos átomos de mica (sutil), e impalpável, mas também de argila e de uma cor preta. Tit[tulo] IX. E esta é a razão por que em todas elas se me ofereceram a fazer as observações seguintes:<sup>27</sup>

I<sup>a</sup> Que em consequência de acharem uma área gorda e consistente, crescem por todas elas durante o tempo da vazante que ficam descobertas infinitos pés de beldroegas e de outras muitas plantas ou carnosas, ou não; e de todas elas viçosas e suculentas, como certamente não são as que se criam em área [...], e que não está saturada pelo lodo de infinitas partículas nutrientes, as quais da parte do céu lhe subministram os orvalhos e da terra, o referido lodo argiláceo que elas entretem e conservem.

II<sup>a</sup> Que pela solidez e consistência que lhes conciliam as raízes das plantas, das árvores e dos arbustos, entrelaçando-se umas com as outras e adubando-as de terra humosa em que, pelo decurso do tempo, se resolvem os troncos, os ramos e as folhas das árvores; se vão anualmente firmando cada vez mais os terrenos donde procedem as metamorfoses que vemos, de em bem poucos anos se converterem as praias em ilhas e estas de uns pequenos núcleos que são no seu princípio, passarem a enormes massas, de 2, 3, 4 léguas de excursão.

III<sup>a</sup> Que por isso elas indizivelmente abundantes de ninhadas de ovos de tartarugas, em benefício do comércio e das manufaturas do Estado, porque para as tartarugas desovarem, estas são das melhores praias. E a razão é, porque para elas o fazerem, cavam na areia umas covas de até dous palmos de altura. Ora em não havendo na área outra terra que a ligue e lhe dê um certo grau de consistência, por mais cavada que seja, nunca deixa de descer a ocupar o lugar donde a cavam, segundo a natureza dos corpos constituídos no estado da fluidez e da mobilidade. E como nestas se acha a ligação precisa para deixar abrir covas, ao contrário da maior parte das do rio Negro, podem as tartarugas cavar as suas covas, depor nelas os seus ovos e cobri-los como o fazem até ser tempo de saírem deles os seus filhos.

<sup>25</sup> Que tanto destas como das outras praias constam do tit[tulo] 13.

<sup>26</sup> Uma grande parte do manuscrito está riscada - segue anotação.

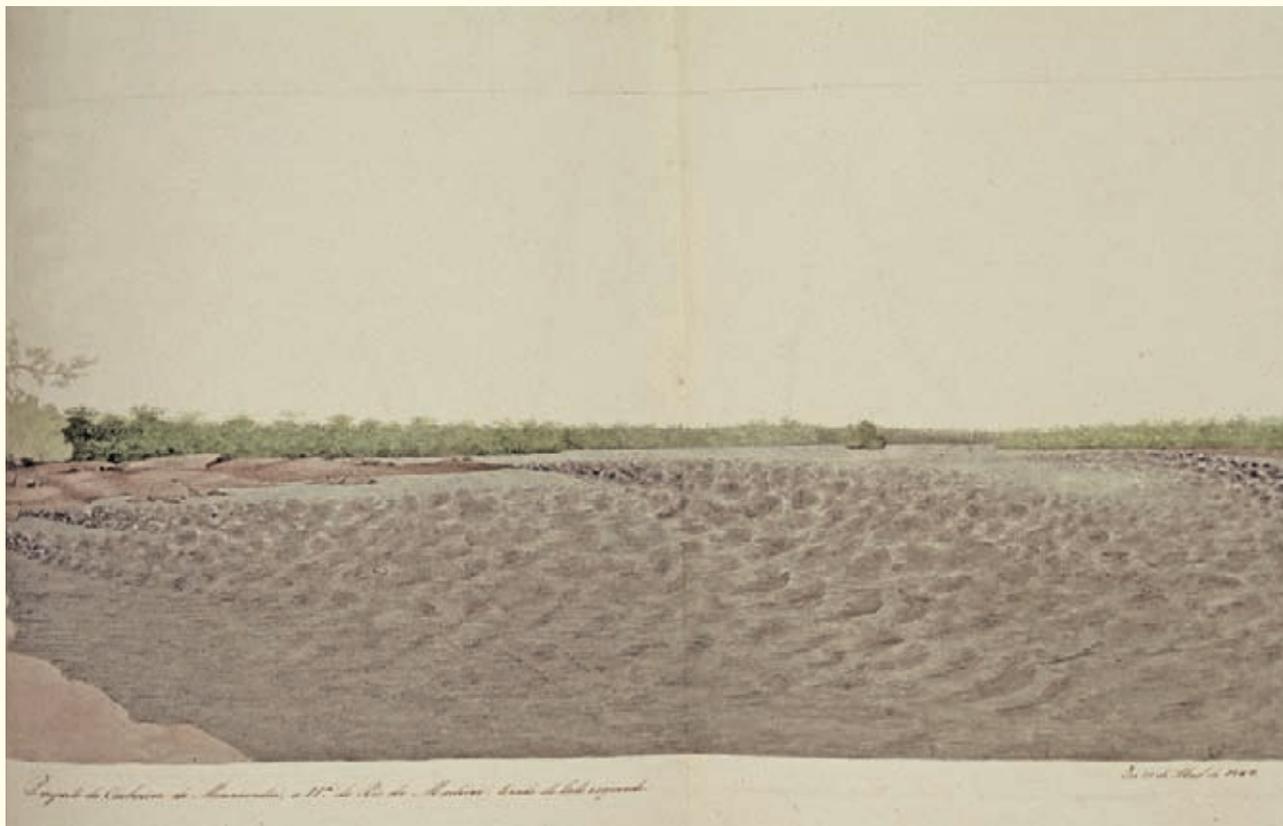
<sup>27</sup> Este trecho a seguir é um acréscimo.



“Vista da mesma Cachoeira das Araras: tirada de hũa praia da parte superior da Ilha grande, que fica da parte esquerda à subida”.



“Prospecto da entrada da Cachoeira do Ribeirão, a 10ª do Rio da Madeira”.



“Prospecto da Cachoeira da Misericórdia, a 11<sup>a</sup> do Rio da Madeira: tirado do lado esquerdo”. “Em 21 de Abril de 1789”



“Prospecto da mesma Cachoeira do Madeira” “Em 5 de Abr.”

I<sup>a</sup>  
[...RIOS...]  
RIOS QUE [DESÁGUAM...] DA MADEIRA

(a) PELA SUA MARGEM ORIENTAL ACIMA.

R. Aripuaná situado na distância de 24 léguas acima da vila de Borba, e de 49 da foz do Madeira, à leste da ilha (tít[tulo] 13<sup>o</sup> n.19). É rio de mediana largura, a qual medida na sua foz, mostrou de ser, 190 braços sobre mais 11 de altura que foi a maior que indicou a sonda pelo tempo da vazante. As suas águas são bastantemente verdes e tão cristalinas que se estão vendo no fundo os peixes. Dentro no espaço de 30 léguas que por ele se andaram, não saiu de Sudoeste, Leste, Sudeste e médio entre Sul e Sudeste um rio, como este que não é dos da primeira ordem, tem bastantes ilhas e extensas, as quais principiam e acabam em praias aonde desovam as tartarugas. Porém do segundo<sup>28</sup> dia de viagem por diante, já se estreita subir de canoas de grandes...<sup>29</sup>, pelos muitos baixos que principia a ter; o dá passagem a pequenas canoas, pelas beiradas das margens algumas pedras aparecem da mesma natureza que as do Madeira (tít[tulo] XI): as referidas margens são sombrias e altas; sem diferença, já digo, na ossada que as constitui. Diz-se que tem cachoeiras na sua parte superior. Delas estão expulsos os muras pelo gentio mondurucu, de que presentemente se acham infestados os rios da margem oriental do Madeira, e tanto esta como a ocidental do mesmo, com uma grossa partida do referido gentio, chegou às mãos uma montaria nossa que para o fim de os explorar navegava sempre adiantada. Abunda [...] das [...] árvores tarumari, marinari, arapari, iutahi-merim, sicaantá-ihua (ou pau de breu), castanheiro, mataumatá-ihua, tamaquaré-ihua, marapaíba, angelim, pequearanas e outras árvores e palmeiras já especificadas.<sup>30</sup>

2<sup>a</sup>

Rio das Araras cinco léguas acima do Aripuana (n.1), e quase defronte da ponta superior da ilha das Araras (tít[tulo] 13 n.20). É rio este tão estreito na sua foz, que não tem de largura mais de 20 braças, e uma e seis palmos de profundidade, quando vazio. Também as suas águas são verdes e cristalinas e a sua direção pelo espaço de 25 léguas, pouco difere da do primeiro, de duas ilhas somente se deu fé, pouco superiores a sua foz, ambas pequenas e ambas situadas no meio do rio. Por todo aquele referido espaço não mudou sensivelmente de largura. As suas margens são terras firmes, que se de alguma cousa abundam, é de taperas, ou habitações que foram dos gentios, aonde conservam algumas árvores frutíferas que por eles foram plantadas. Do terceiro dia de viagem por diante já o mato das margens principia a ser rente, o que indica principalmente [que] só as pequenas canoas dão passagem [riscado] ulterior.

3<sup>a</sup>

Rio Maturá; seis léguas e meia do das Araras (n.2). É rio de pequena largura na sua boca, porque não excede a mais de 37 braços sobre cinco e meia de altura. A sua água é de cor preta. Em exploração que por ele se fez, navegando-se água acima pelo espaço de 28 léguas se reconheceu que a sua direção é quase paralela à da 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> porém a largura, ainda que na foz é tão pequena como fica dito, aumenta para dentro, chegando a subir mais

<sup>28</sup> No códice 21,1,36: "... quinto dia ..."

<sup>29</sup> No códice 21,1,36 não se consegue identificar o que está escrito.

<sup>30</sup> Já não sobem canoas grandes pelos [...] baixos que principia a ter: de maneira que só as pequenas canoas dão passagem até a cachoeira que [...] [...] pela superior.

O fragmento "(o breu) [Tem salsa], o peixe seco, as manteigas de tartaruga e a salsa podem constituir [...] comércio: o cacau é pouco" está rasurado no manuscrito

do que por ele se pode conjecturar acima de 100 braços. Ambas as suas margens são terras firmes, povoadas pela maior parte de marapaúbas, narinari, caimberanas, bastante cacau nativo e alguns jutaís, cupaúbas e sicantamiúas ou paus de breu. Pelas pontas das referidas margens se viram algumas lajes de pedra mineralizada de ferro, e dela é formada uma pequena cachoeira rasa que atravessa o rio de uma e outra margem, na distância de bons dois dias de viagem. Cinco ilhas somente se lhe cortaram, acima da foz da [...] [...] de um lago da margem da direita. Até a referida cachoeira podem navegar as canoas grandes porque não há baixos sensíveis, que as impeçam; porém dali para cima só as montarias de pesca.<sup>31</sup> Tudo neste rio foram freqüentíssimos sinais de gentios muras e mondurucu porque tudo eram taperas ou sítios que haviam sido seus, aonde se observam na classe das árvores cultivadas os inganzeiros, pupunheiros, biribas, abieiros, pacoveira, laranjeiras e limoeiros de limões azedos, taperibás, araticus, ananaseiros etc. A diferença que tão somente se notou foi que as que pareceram taperas do mondurucu, além de não terem árvores frutíferas, estavam da margem oriental, como mais configura as terras de sua habitação. Deles se achou um cestinho de guardar a sua massa untuosa e tinta de urucu, a qual lhes serve para as suas unções. Faz-se notável pela mesma margem abaixo da mencionada cachoeira, uma campina rasa, povoada de grama diripiriora e dos arbustos mureci, murta, caimbé, além das palmeiras puouné, haraná, pupunharana, caraná, caraná etc.

#### 4<sup>a</sup>

Rio Anhangá-tinim; seis léguas acima do Maturá (n.3), e ainda mais estreito na sua boca do que o das Araras (n.2), porque não tem mais de 10 braças<sup>32</sup> de largura, além de duas de maior profundidade pela força da vazante. E suas águas são verdes e cristalinas, e até a distância de 28 léguas por ele acima se pode navegar de rio cheio em canoas maiores. Imediatamente depois da sua foz, alarga muito mais do que por ela se pode conjecturar, porém logo do segundo dia de viagem por diante se restitui a sua primeira estreiteza e ainda mais. Tem alguns pequenos ilhotes e lagos pelas margens abundantes de peixe. Por maior parte das referidas margens consta de terras alagadiças e só pelas pontas das que verdadeiramente são terras firmes, aparentemente terras mais altas, aonde algum dia estavam situados os muras, e hoje os mondurucus. Até 6 taperas deles lhe contaram na margem da esquerda, a 1<sup>a</sup> de 8; e a 2<sup>a</sup> de 7 malocas: em todas se viram árvores cultivadas e muitos frechais: e pelas terras firmes, bastantes castanheiros que bem carregados estavam, algumas capaúbas, guariúbas, jutaís e tauaris, tudo o mais eram árvores e arbustos que nascem pelos alagadiços, isto é uucuúbas, taxiurias, bastante molongo e grandes mututis, auiranas, castanharanas etc. e em uma das sobreditas malocas, bastante timbó de que faz uso o gentio para tauguejar o rio e os lagos. Foi este rio em que ambas as nossas montarias de exploração que navegam adiantadas atacou vigorosamente outra grossa partida de mondurucus; sucedendo então<sup>33</sup> [...] dado rio [...] [...] que havia [...] [...] índios, acompanhado ao outro [...] Feliciano da Costa em outra [...] porém o 1<sup>o</sup> encarregado da diligência de [...] se adianta [...] nós [...] outra [...] gentio pela [...] do rio, [...] [...] amparada na [...] do [...] conflito dei [...] exposto a última [...] da qual [...] louvado Deus escapou, mas [...] da [...] desertar dele, desertou realmente, levando consigo do que era da Fazenda Real, uma [...] maiores, 4 armas de fogo, com as munições de [...], [] ] chumbo competente, um [...], um machado, um facão, além de 59 índios que [...] [...] montaria, os quais [tanta] falta me fizeram.<sup>34</sup>

Rio Manicoré. Oito léguas acima do Anhangá-tinim, número 4<sup>o</sup>. É com pouca diferença tão largo na sua boca, como o Aripiraná, número 1<sup>o</sup>. As suas águas são pretas, porém cristalinas. Em reconhecimento que dele se fez com

<sup>31</sup> Já não sobem canoas grandes pelos [...] baixos que principia a ter; de maneira que só as pequenas canoas dão passagem até a cachoeira que [...] [...]pela superior.

<sup>32</sup> No códice 21,1,36: "... 16 braças."

<sup>33</sup> No códice 21,1,36: "o que consta da cópia, número 1<sup>o</sup>, que é a da participação que em ofício de 9 de novembro dirige da praia de Muraçutuba ao capitão general João Pereira Caldas."

<sup>34</sup> O parágrafo seguinte, de "Rio Manicoré" até "um bote equipado" é um acréscimo marginal ao códice 21,1,36.

12 dias de viagem, em um bote ligeiro e equipado, se viu que em 6 até 7 pode outro qualquer bote chegar à outra margem, e também consta de pedra mineralizada de ferro, além de algum cós e saxo mais simples. Três horas acima da primeira fica outra cachoeira maior que ela; de donde já então só se passa em canoa de pesca. Antes da primeira cachoeira, porém vizinhas dela, viram-se muitas e vistosas praias. Todas as suas margens são terras firmes e altas, povoadas de bastante cupaúbas pretas, cupiúbas, iutaís, guariúbas, seringueiras e tão somente nas que ficam imediatas à sua foz se viram alguns pés vagos de cacau. De duas ilhas se deu fé: a primeira que é pequena e redonda, situada defronte da boca de um furo da direita, pelo qual se passou ao princípio de segundo dia de viagem e dele se suspeitou que o comunicasse com o Madeira; a segunda 2 horas acima da primeira. Passados dous dias bons de viagem se encontra pela direita a boca de um igarapé de água verde, por onde se subiu pelo tempo de uma hora até chegar a um porto que serve de feitoria aos salsistas que extraem salsa deste rio. Daquele porto ao lugar da salsa se gastaram por terra 2 horas de caminho andando-se desembaraçadamente, e concluindo ele, se tratou de recolher a amostra e as sementes que se remetem para se verem. As tartarugas e o peixe, a cupaúba e a salsa constituem o seu ramo de comércio. Na sua boca foi que pela primeira vez que por ela entramos na manhã de 6 de novembro, nos achamos desamparados de ametade dos índios das tripulações das nossas canoas. Vendo-nos por essa razão obrigados a retroceder para a praia da ponta superior da ilha do Muiraçutuba. Donde para se aproveitar o tempo que decorreu entre 9 de novembro e 16 de dezembro que chegaram de Barcelos 30 índios de socorro, além de outras explorações que se fizeram pelas margens do Madeira, aonde achamos a árvore da casca preciosa, segunda vez se saiu e entrou por este rio um bote equipado.

#### 6<sup>o</sup>

Rio dos Marmelos, 18 léguas e meia acima do Manicoré (n.5) e pouco abaixo da ponta superior da ilha dos Marmelos (tit[tulo]13, n.34) e é rio de mediana largura pela que mostrou na sua foz<sup>35</sup>, [...] pouco [...] [...] dele foram [...] [...]. Algum [...] tem nas [...] [...]. Na distância de 3 dias de viagem fica a 1<sup>a</sup> cachoeira e até ela sobem as canoas grandes.

#### 7<sup>a</sup>

Rio Uruapiara, três léguas acima do rio dos Marmelos (n.6), entre as duas ilhas também chamadas de Uruapiara (tit[tulo] 13, n.n. 35 e 36), que são as que formam a sua boca. É [...] pequeno rio de água preta, pelo qual se consomem bons cinco dias de viagem para se chegar à sua primeira cachoeira.

#### 8<sup>a</sup>

Mahissi, situado na distância de 49 léguas acima do Uruapiara (n.7) e até agora se não sabe com a precisa certeza, se é rio ou igarapé, porque o temor do muito gentio que o habita tem feito substar semelhante diligência. A cor de sua água é preta, a largura da sua foz é a mesma que a de qualquer riacho.

#### 9<sup>a</sup>

Giparaná ou rio dos Machados, légua e meia acima da foz do Mahissi (n.8), defronte da ilha dos Machados (tit[tulo]13 n.56<sup>a</sup>). É rio largo, de águas cristalinas; e dos que verdadeiramente são rios colaterais do Madeira, habitado de inumeráveis gentios que<sup>36</sup> impedem o seu reconhecimento. Pelo paralelo da sua boca (assentaram os doutores astrônomos, que subiram no fim do de 1781 (tit[tulo]III<sup>a</sup>) que ficava <sup>37</sup> o ponto equidistante da foz [do

<sup>35</sup> No códice 21,1,36 está escrito "As suas águas são claras e cristalinas. Dele foram descidos pelos jesuítas da Missão do Trocano os gentios turás e matassaiús. Algum cacau tem nas suas margens imediatas a sua foz. Na distância..."

<sup>36</sup> a pequenas partidas de exploração.

<sup>37</sup> com pouco diferença na margem ocidental do madeira.

Madeira]<sup>38</sup>, do rio dos Amazonas, até a do referido Machado e deste até a do rio Mamoré: isto é, a paragem situada em igual distância da do dito rio dos Amazonas ou Maranhão, e da boca do dito Mamoré; como se acha transcrito para as memórias dos anos de 1750 e 1777, compilados no acusado (tít[tulo] 3<sup>a</sup>).

10

R. Iamari: 16 léguas acima da dos Machados (n.9) e 11<sup>a</sup> abaixo da primeira cachoeira. está escrito que é o maior dos que até este lugar deságuam no da Madeira. O que, portanto, se assim se escreve do seu curso não sei, porque o não explorei desde a sua foz até as suas cabeceiras; se da sua boca é a mesma que a dos [mesmos rios]<sup>39</sup> outros colaterais do Madeira. O que se vê é que é de águas cristalinas abundante de peixe e de gentios, além do que se sabe que abunda da cupaúba, por todo ele e de cacau até pouca distância.

DITA OCIDENTAL

11

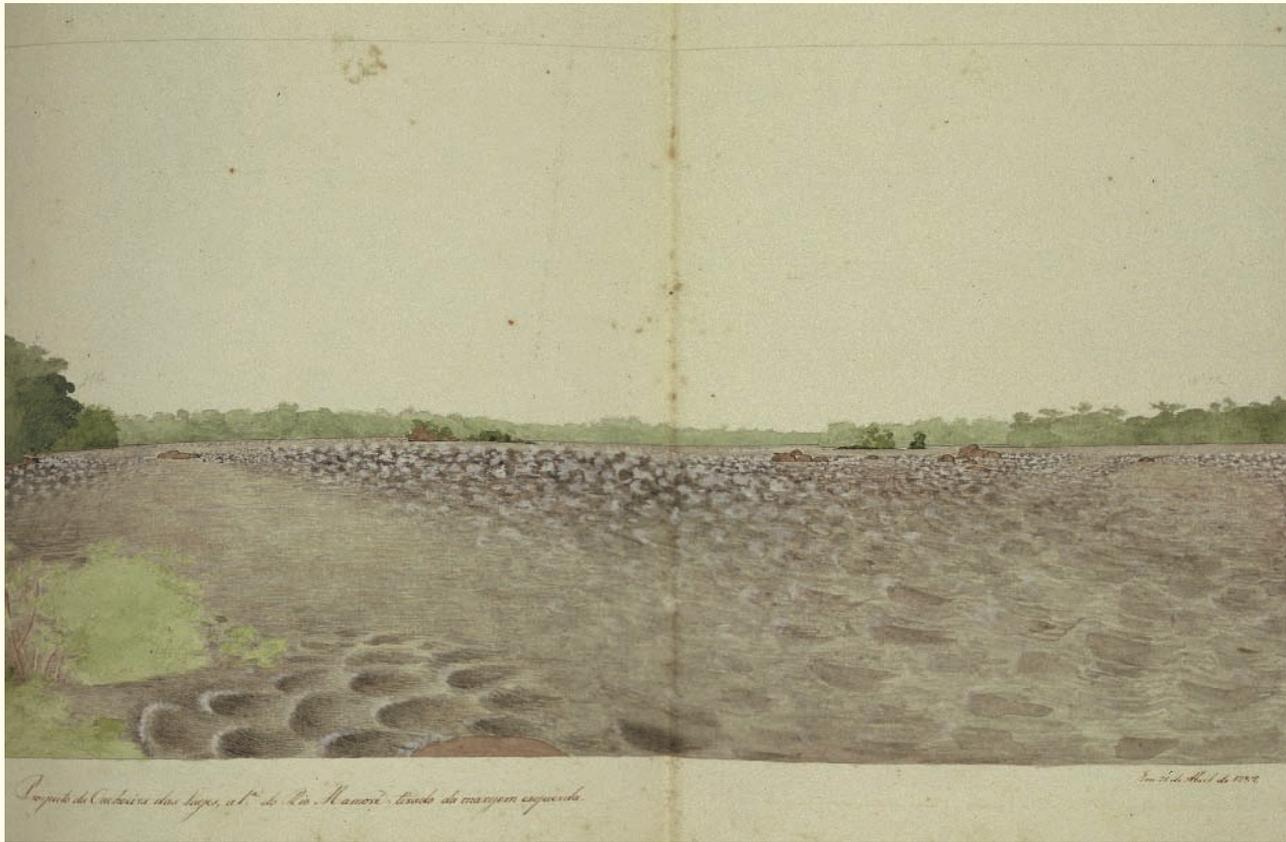
Rio Capaná, 8 léguas acima do Manicoré (n.5), antiga habitação de inumerável gentio mura; do qual se diz que em 10 dias de viagem se comunica com o dos Purus que deságua na margem meridional do dos Solimões. Alguns práticos sustentam que tudo para dentro são lagos.



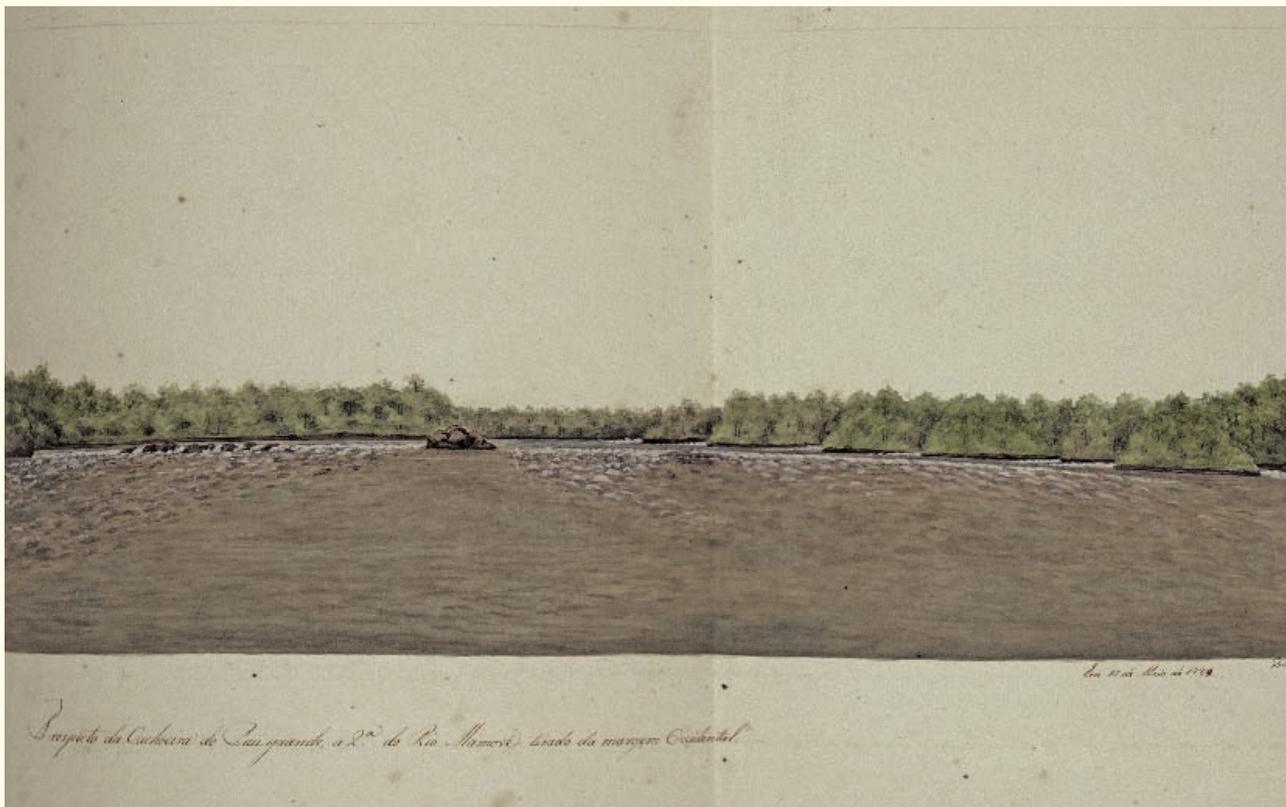
“Prospecto da Cachoeira do Guajará-merim, a 5<sup>a</sup>. do Rio Mamoré: tirado da Ilha da pte. esquerda hindo pa. cima”. “Em 30 de 8br<sup>o</sup>. de 1791”

<sup>38</sup> “do Madeira” está riscado no manuscrito.

<sup>39</sup> “mesmos rios” está riscado no manuscrito.



“Prospecto da Cachoeira das Lajes, a 1ª. do Rio Mamoré: tirado da margem esquerda”.



“Prospecto da Cachoeira do Pau-grande, a 2ª. do Rio Mamoré: tirado da margem Occidental”.

## RIO BENI<sup>1</sup>

Tem a sua foz situada na latitude de ... sobre a longitude de .... A sua largura é de .... A cor de suas águas é tão barrenta como a do Madeira. A areia do fundo é muito grossa. Na dita boca se ajuntam infinitos troncos de cedros que são arrancados pela violência das águas, quando fazem desabar as terras das margens. Ficam-lhe em distância de meio dia de viagem água acima, umas poucas correntezas por entre grandes e repetidas lagoas de pedra e na de dous dias acima da sua foz está uma grande cachoeira chamada do Salto, a qual em nenhum tempo oferece nem canal nem viradouro fácil de se freqüentar. Em 10 dias de viagem acima da referida cachoeira, fica situada na margem esquerda a primeira povoação que tem os espanhóis chamada dos Sonetos, preis<sup>2</sup> que constará de grande m<sup>as</sup> 100 almas. Pertence à província de moxos e oferece maior negócio, consiste em cacau nativo e plantado pelo lado direito e [acima destes]<sup>4</sup> ficam os povos isiamas que são administrados pelos religiosos franciscanos. Na distância de 20 dias acima do povo de Reis, fica na margem esquerda o outro povo de Tipuani aonde há muito ouro e todo ele em pevides, como as de melão. É de 23 quilates e muito doce e tratável, e em tirá-lo consiste a ocupação daqueles pereos.

## RIO MAMORÉ

Tem situada a sua foz na latitude de ..... sobre a longitude ..... A sua largura é .... A sua direção geral até 20 dias de viagem é a sul. Também as suas águas são barrentas como as do Beni. Quase todas as suas margens se alagam pela enchente. Nelas têm os espanhóis situadas quatro povoações, a saber: na distância de 6 dias de viagem, fica ao lado direito o povo da Exaltação. É povoado de índios cainabas que chegaram a 1500 almas, ocupam-se em cacau, [...], algodão. É dele que usam ótimos tecidos. O [...] dias acima Exaltação fica no lado esquerdo o povo de São Pedro, internado pela margem dentro uma légua da borda do rio.... É povoado de índios canissiani que [...] passam de 3.000 almas. Serve-se referência tanto ao vigário general da província como no governo político e militar [...] é o povo mais rico de todos os desta província nas suas fazendas de gado, beneficiam e [...] acima de 14.000 cabeças de gado. Todas as suas campinas estão habitadas de bois, cavalos, ovelhas, etc. A sua cultura é a do cacau, café, algodão, [cana].<sup>5</sup> A sua indústria é de vastos tecidos de algodão,<sup>6</sup> [...] de madeira torneada, fundem [...] canudos de órgão e já se fundiram artilharia. [...] o menos a que me chega e importa de sua [lavoura] e manufaturas é a 4.000 pesos, já chegou a 8.000. Tem uma [...] igreja, da qual se diz [...] ter em móveis para cima de 200 arrobas. Dous [dias] e meio acima deste, fica na margem, o outro povo de Trindade. É povoado de índios molos que chegaram a 3.000 almas. Plantam o mesmo as já referidas, ainda que a [...] se [...] estes os que fabricam o melhor chocolate [...] entre os espanhóis e modo de exportar das povoações o cacau é o feito chocolate que se [...] um peso, cada libra. Quatro dias acima, está na mesma margem, povo do Loreto. É habitado também de maltos que ali não passaram de 600 almas. É dos mais recuados em plantações, e em que porém abunda da cavalgadas que na 3 [...] 3.000 éguas, onze mil potros e 3.000 e tantos cavalos mansos, incluída também as bestas muares, burros etc. Neste povo é que dão entradas e saídas tanto os gêneros, como as suas representações, isto é, todas as povoações da província.

<sup>1</sup> Códice 21,2,2,4 da BNRJÇ

<sup>2</sup> É isto mesmo?

<sup>3</sup> O que é m<sup>as</sup>?

<sup>4</sup> A expressão “ e acima destes ” é um acréscimo marginal.

<sup>5</sup> “Cana” é acréscimo marginal.

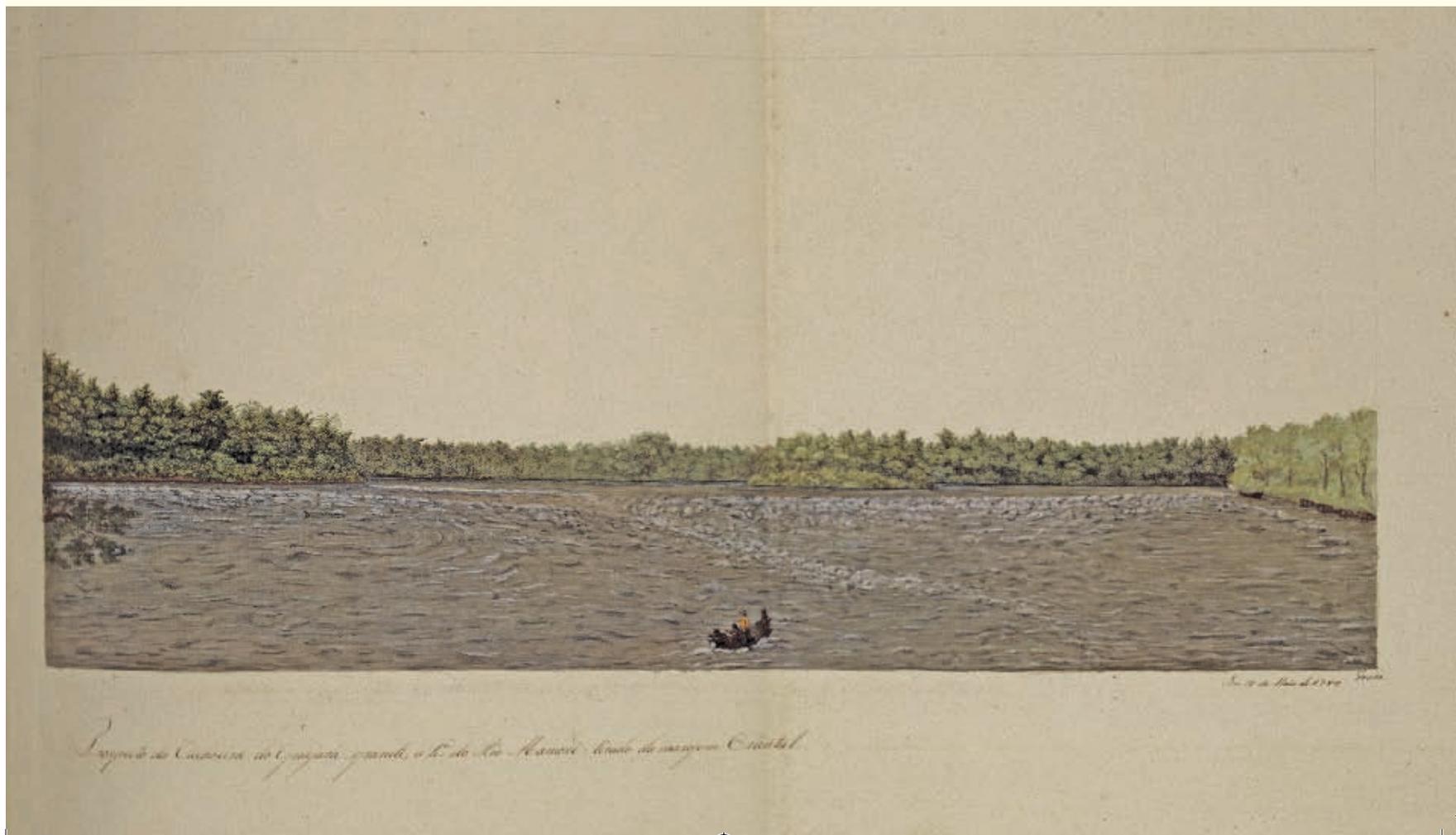
<sup>6</sup> Outra nota marginal de difícil leitura.



*Prospecto da Cachoeira da Bananeira do lado direito, e vista da boca do Varadouro; a 3ª. do Rio Mamoré.*

“Prospecto da Cachoeira da Bananeira do lado direito, e vista da boca do Varadouro; a 3ª. do Rio Mamoré”. “Em 14 de Maio de 1789”

“Prospecto da Cachoeira do Guajará-grande, a 4ª. do Rio Mamoré: tirado da margem Oriental”. “Em 25 de Maio de 1789”. “Freire”



*Prospecto da Cachoeira do Guajará-grande, a 4ª. do Rio Mamoré: tirado da margem Oriental.*

“Prospecto da Cachoeira de S<sup>ta</sup>. Roza do Rio Guapore: tirado da margem do Nascente”. “Em 25 de 8br<sup>o</sup>. de 1791”



“Prospecto da Povoação de Casal Vasco, situada no Rio dos Barbados, 8 legoas ao Sul de Villa Bella”



Ora, além destas povoações as que estão situadas nas margens do Mamoré, é de saber que nos rios seus colaterais, chamados Iacuma, Santo Inácio e [...] que faz barra com Iacumã, os que deságuam na margem direita do referido Mamoré, entre os 2 povos é a Exaltação e de São Pedro estão [fundados] outros 3 povos, a saber:

Na margem esquerda do Jacumã, e meio [dia] de viagem acima de sua foz, está o povoado de Santana. Habitado de índios movimas até 700 almas. No outro rio que faz barra com o Jacumã e na margem esquerda, a 3 dias acima de sua foz, está o povo de Borja, habitado de moxos que chegaram a 300 almas.

No outro rio Santo Inácio, pela sua margem direita, e dois dias e meio acima de sua foz, está o povo de Santo Inácio, habitado de moxos que chegaram a perto de 300 almas. Só esta, de todas as referidas povoações, é a que não está sujeita a inundações pelo inverno por estar situado em terra pantanosa<sup>1</sup>. Dias acima deste povo está principiado um estabelecimento de espanhóis que eles pretendem completar debaixo da invocação de São José.

### RIO ITUNAMAI

É rio de água preta. As suas margens são alagadiças. Abunda de figueiras, de que os índios despem a entre[casca] para fazerem as camisetas com que [...] remam. [E por elas estão trepadas [vesta e merandai] guaribas]<sup>2</sup>. Na distância de 5 dias de viagem do nosso forte do Príncipe, está na sua margem direita, a única povoação que os espanhóis têm neste rio, [denominada de Santa Maria Madalena]<sup>3</sup>. É habitada de índios iquenamas, que excedem de 7.000 almas. Ocupam-se nas mesmas lavouras [e] manufaturas que os das povoações do Mamoré. Foi situada em 1719. [Em 1788 subiu o efeito de todas as suas lavouras e manufaturas ou [...] como eles chamam a 18.000 pesos].<sup>4</sup> Contam-se nesta povoação muitos índios centenários. Não é rio que curse longe, mas antes acaba 2 dias acima do dito povo. A meio dia de viagem da sua foz, deságuam nele pela direita o rio Maxupó, pelo que de inverno se comunicam os povos de Itunamas e de Mamoré, sem lhes ser preciso descer pelo Guaporé<sup>5</sup> ao Mamoré, como sucede pela vazante.

### RIO BUARES

Também é de água preta e margem alagadiça; porém cursa mais [longe] do que o Itunamas. Nele [...] também não têm os espanhóis povoação alguma [...]; em 2 de seus colaterais têm duas em cada um [...], a saber: na distância de 6 dias de viagem, água acima, na foz do Buares, deságuam nele pelo lado direito, o rio Branco e, navegando e por este acima até 3 dias, torna desaguar no Branco pelo lado esquerdo o outro rio chamado da Conceição, e, subindo-se por este um dia de viagem na sua margem direita, povo da Conceição. É habitado de índios buares que chegaram a 3.000. Da mesma foz do Buares, 7 dias de viagem, deságuam nele pelo lado direito, o outro rio colateral chamado São Joaquim, e, subindo-se por este um dia de viagem, está na sua margem esquerda o povo de São Joaquim. É habitado de buares que chegaram a 800 almas<sup>6</sup>. Na dita cachoeira é que os ditos guaxumarás mataram 14 espanhóis com o sargento D. Juán Marques de la Capata que era um preto que foi comandante de Aaiá-caiá que

<sup>1</sup> Nota marginal: “Pelo [rio] Jacuma acima se vai ao povo de Beli, situado no Beni, ainda que com o trajeto de uma légua”.

<sup>2</sup> Acréscimo marginal: “E por elas [...] guaribas”.

<sup>3</sup> Acréscimo marginal: *denominada de Santa Maria Madalena*.

<sup>4</sup> Nota marginal: *Em 1788 subiu [...] 18.000 pesos*.

<sup>5</sup> Houve uma palavra rasurada substituída por *Guaporé*.

<sup>6</sup> O texto continua, mas corresponde ao título *Rios e lagos e gentios*, no códice 21,2,27,7/BN; ou seja, esta parte, do início do subtítulo *RIO BENI* até aqui, só consta no original.

os iam descer, havendo para lá descido pelo rio Maracá e feito um trajeto de terra de 10 dias de viagem saíram no Mucajaí. Dizem os índios que se comunica com o Canaburi.

### CANHAMÉ

Deságua na mesma margem. É rio estreito. A água é branca, não cursa muito longe. O soldado Duarte o tem subido até o porto dos gentios tapicaris; os outros chamados saporás habitam entre este e o rio Mucajaí, porém mais perto do Mucajaí. No principio do estabelecimento das povoações desceram todos para a povoação de Santa Isabel que foi situada na sua foz; desce-os o índio Alberto Parente, do lugar do carvoeiro; ausentaram-se por ocasião da deserção geral. Tudo são campos de uma e outra parte.

Daqui até a fortaleza não há mais rio algum, tudo são igarapés; o 1º é o Tacuru entre Canhame e Santa Barbara; o 2º é o da margem oriental chamado Igarapé do Gentio.

Pelas 6 horas da manhã de 11 de julho entrei pelo rio Uraricoera. Ele é a continuação do Branco, com a diferença somente do rumo que segue, que é o de noroeste e do nome que lhe dão os gentios. Pelo meio-dia chegamos à povoação ou lugar que foi da Povoação de Santo Antônio e Almas, na margem oriental; nele se pode criar gado. Na ilha pouco inferior a ele da parte do poente vi bastante madeira amarela, a situação do lugar era agradável. Pelas 2 horas segui viagem e pelas 3 dei fé do igarapé do Sereré que toma este nome da colina (?) que fica pouco superior e do rio se vê; corresponde-lhe da margem oposta a outra colina chamada Murupuari, que da fortaleza se avista. Pelas 5 1/2 passamos pelo outro igarapé do poente, chamado Curuari e já noite aportamos na boca do rio Parimá, depois de havermos passado por defronte do furo do dito rio.

Pelas 5 1/2 da manhã de 12 continuamos a subir e pelo sul deixamos o igarapé de Tapiaguiri e pelo poente lhe ficava superior um pequeno outeiro chamado Mui, nele há pederneiras. Até o meio-dia nada mais houve que ver. Saímos pelas 2 horas e pelas 4 dei fé de outro chamado Sauasau, na margem norte. Mais acima ficou o igarapé deste nome. As margens do norte se levantam em pequenas elevações e tesos. Já era noite quando deixamos pela terra dentro do norte, e bem se avista do rio, a ponta da serra de Torami, dela foram descidos em outro tempo para a Conceição Velha e agora reduzidos para Santa Maria os índios uapixunas, vassalos do principal Xaitá. Pelas 9 horas da noite pernoitamos na ponta da ilha da boca do rio Majari, que deságua no Uraricoera pelo norte, é rio estreito, a sua água é branca; o seu curso é dilatado, prolonga-se o U[r]aricoera e vai demandar a serra de Tipiqui superior a Caiá-caiá. O gentio que antigamente o habitava eram os irimicanas, foram algum dia descidos pelo defunto índio Pedro, do Lugar de Airão, o qual desertou com eles. Reduziu-os agora para a Conceição Nova o cabo de esquadra Miguel Arcanjo, mediante as práticas do principal Ornaimé que o acompanhou na dita diligência. É rio de muitas cachoeiras. Nele é que os peravilhanas, incorporados e induzidos pelos caripunas que haviam fugido aos barbadinhos espanhóis, sabendo que eles haviam contraído amizade com os peravilh[an]os para os reduzir a eles caripunas, com eles se incorporaram e os mataram abaixo da 1ª cachoeira.

Pelas 4 horas da manhã de 13 costeamos a margem do norte para onde atravessamos da ponta da ilha onde dormimos; pelas 5 1/2 ficou pela margem do sul o igarapé de Uarimé; pouco mais acima deságua na mesma margem o outro igarapé de Uami. Pelas 10 horas chegamos depois de passadas algumas correntezas ao lugar que foi da povoação da Conceição. Os peravilhanos chamavam a esta situação Arnanga; tinha sido fundada a povoação uma elevação que continua em forma de outeiro, continuando pela margem do sul; e ainda vi os esteios que foram das casas, muitos pés de anil e urucu que deixaram plantados. O tijuco e a tabatinga do terreno é entremeada de mica argêntea. Seguiu-se, passada a margem da povoação, a primeira correnteza que foi fácil de vencer a remo. Acima dela existe o lugar que se chama Aldeinha, onde residia o principal Aranacora, retirado da povoação; dele se avista

a cachoeira maior das duas que há de rio vazio, mas pouco sensíveis se fizerem então; a dita maior é bastante comprida e interpolada, entremeada de correntezas por entre as pedras e atravessa o rio de uma a outra margem; é rasa, e no saco que forma os seus saltos, distingue-se bem visivelmente a mica, a ocre de ferro e as pedras do mesmo metal mineralizadas. No pouco tempo da tarde que restou, depois de vencidas elas e as correntezas, passaram-se por defronte dos dois igarapés da margem do norte; o primeiro logo acima da cachoeira e o segundo pouco superior ao primeiro no dito 2º há um lago em que se pesca bastante peixe-boi. Pelas 6 horas pernoitamos. Daqui para cima estreita muito o rio.

Às 3 horas da madrugada de 14, seguimos viagem pela margem do norte e pelas 5 deixamos nela o igarapé de Aicumã, no qual se ajuntava algum dia o gentio para surpreender os espanhóis quando estavam em Caiá-caiá e desciam nas canoas a fazerem as suas caçadas; por este mesmo desceu agora por ocasião da redução, o principal Ornairáé, praticado pelo cabo de esquadra Miguel Arcanjo, quando veio ajustar com o comandante de descer. Seguiu-se pelas 7 3/4 o outro igarapé da mesma margem que dá entrada para um grande lago interior, abundante de peixes-boi em todo o tempo e de tartarugas durante o inverno. Dele se proveram para a sua viagem quando por ele passaram o doutor Antônio Pires Pontes e o capitão Ricardo. Pelas 8 chegamos à Laje que é uma alta elevação de pedra da margem do norte, cortada de uma correnteza pela beira do rio. Daqui destacou o capitão Filipe Sturn uma pequena escolta de observação para os castelhanos situados. Pouco superior à primeira correnteza da Laje, se acha outra e acima dela na margem do sul está a foz do rio Cambu. É tão estreito que mais parece um igarapé, cursa longe, a água é branca, habitado do gentio tapicarís, tem muitas cachoeiras que vencer nos primeiros dois dias de viagem. Pelas 3 horas passamos defronte da boca do rio Maracá. Deságua na margem do sul, a boca é larga; cursa longe; é habitado de gentios para as cabeceiras, o soldado Duarte navegou 3 dias por ele acima, viu muitas cachoeiras, principiava a 1ª acima da boca. Por um braço dele desceram os espanhóis a saírem à mar[gem] do rio; subiram rio acima, até o lugar em que fizeram o trajeto por terra em que gastaram 10 dias até saírem às margens superiores do rio Mucajáí. Pelas 6 horas aportamos no lugar que serviu de porto para o presídio de São João Batista de Caiá-caiá. Fica na pequena enseada da margem do nascente, entre dois igarapés; sobre a qual estava situada a casa forte ficava entre dois igarapés, de que o 1.º, rio acima, é o chamado Caiá-caiá; o rio aqui é muito estreito (veja se a descrição), e tem suas lajes e pedras que fazem sua correnteza, pouco acima está um igarapé que tem pedras de afiar. Na distância de dia e meio principiam as cachoeiras; duram 5 dias a passar.

### [RIO TACUTU]

O nome verdadeiro do Tacutu é Arauru; antigamente o habitavam os peravilhanos, hoje são os uapexanas. Os peravilhanos retiram-se para os holandeses, mediante a camaradagem que fazem com os caripunás. No Tacutu há 21 cachoeiras, o Tacutu até a foz do Maú, rio abaixo, se chama Irene, e daí até a sua foz Arauru.

### NAÇÕES DE GENTIO DO TACUTU

No rio Surumu: uapexanas, sucuris, iaricunas, carapis, uaicás.

No Maú, macuxis são os dominantes, os caripunás do Rupunuri são os agentes que empregam os holandeses para a negociação de escravos.

De zaravatanas e bracanga usam os iaricunas, tudo o mais são frechas ou armas e traçados que compram aos caripunás a troco de escravos.

## ORDENS SOBRE OS PRODUTOS NATURAIS DO RIO BRANCO

A respeito do ouro, aparece a ordem do governador defunto em carta de 28 junho de 1776, dirigida ao capitão Filipe da Costa Teixeira e dizia assim:

O Exmo. Senhor General me assevera que aos desertores que passaram à sua presença, ouvira falar com muita credulidade na existência do pretendido Lago Dourado e seu descobrimento não pouco causado, afirmando-lhe que tinham visto alguns índios com seus enfeites de folhetas de ouro que estes seguravam estar muito próximo a essa fortaleza ou daquela tropa espanhola que existia naquele sítio do pretendido Lago Dourado. E porque a ser certa a notícia dos ditos desertores, de verem os ditos enfeites bem é de persuadir que pelo menos possa daquelas partes haver minas de ouro que as tais folhetas facilitem e manifestem, sempre será conveniente que estas inverosímeis informações se não desprezem e que vossa mercê faça e recomende sobre elas toda a possível averiguação porque a descobrir-se algum motivo de fundamentar credulidade, se fará preciso tomar outras maiores medidas de cautela e de prevenção sobre a defesa e conservação de todo esse território.

### PERIQUITOS AMARELOS, ROUXINÓIS, PATOS.

É outra ordem pelo mesmo governador, expedida ao capitão Henrique José de Vasconcelos, em carta de 26 de setembro de 1778.

Tendo-me sido ordenado pelo Exmo. Senhor General e não pouco recomendado pela Secretaria de Estado os periquitos amarelos desse distrito para passarem às Reais Quintas de Belém; eu ordenei assim ao capitão Filipe Sturm para que todos fossem remetidos, o que fez e a vossa mercê ordena que assim o faça executar, sem que se permita a dissimulação de um só para pessoa alguma, sob pena de que pela primeira notícia procederé ao castigo, sendo certo que depois das Reais Majestades pertenderem esta curiosidade, ninguém se deve atrever a suspendê-la, e sim empregar todas as forças em embaraçar a quem atrevidamente os pertender com outro destino.

A mesma recomendação repetiu ao tenente Pedro Maciel Parente, em carta de 18 de maio de 1779, cuja recomendação repetiu o governo interino em carta de 31 de março de 1780, escrevendo-lhe no P.S. que mandasse fazer toda a diligência pelos periquitos da serra, à custa da Real Fazenda e que os remetesse por ser aquela uma recomendação de Vossa Excelência, quando general do estado. Por esta se não ter devidamente executado, a recomendou Vossa Excelência ao mesmo tenente, em carta de 13 de novembro de 1780, escrevendo assim:

Havendo grande recomendação da corte sobre os especiais periquitos que daí costumavam vir, e vendo que estas remessas se tem suspendido, sem alguma contrária ordem, lembro a vossa mercê de as fazer continuar com o maior empenho, desvelo e cuidado; também recomendo a vossa mercê de mandar rouxinóis que daí há e o que se poder adquirir de peles de uns patos que se assemelham a pelúcia ou plumas.

Na outra carta de 16 de janeiro de 1781, acusou V. Excia. recebidos 8 periquitos e 3 rouxinóis, avisando-lhe que se para adquirir os ditos pássaros e peles de patos que enviou tivesse feito alguma despesa, dela informasse a V. Excia. para ser prontamente satisfeita e que o mesmo entendesse para o diante o que outra vez recomendou em carta de 20 de fevereiro do mesmo ano, acusando recebidos 6 rouxinóis e remetendo pelo soldado José Pereira (?) os resgates que

conduziu<sup>7</sup> para os periquitos se comprarem ao gentio. Nem se esqueceu de na outra de 16 de abril do dito ano acusar-lhe recebidas as peles de patos, advertindo-lhe V. Excia. que as fizesse beneficiar pelo melhor modo dali\* se soubesse, para chegarem perfeitas e nada corruptas, para o que se poderia instruir na forma de se prepararem, com o doutor matemático Antonio Pires Pontes, porque ao grande merecimento de que se acompanhava na sua profissão, uma a qualidade de ter bastante conhecimento destas e de outras simples curiosidades, e conhecendo V. Excia. a dificuldade de se conservarem vivos os rouxinóis, assim o significou em carta de 14 de julho. Cujas (as) recomendações e ordens ampliou finalmente V. Excia. a todos os produtos dos 3 reinos da natureza, em carta de 5 de setembro do dito ano; e acusando entregues os 10 periquitos e 2 rouxinóis, passou a recomendar assim também os sagüis cinzentos e cor de pérola ou de outras cores que não sejam dos comuns; que tudo quanto for possível continuará vossa mercê com o maior cuidado em adquirir e remeter-me, visto que pelas reais ordens que agora acabo de receber, me manda Sua Majestade muito encarregar e recomendar as ditas remessas, não menos que amostras de todas as qualidades de madeiras que houverem nesta capitania e algumas outras curiosidades de plantas, pedras e minerais, e tudo mais que possa servir à História Natural e de ornamento ao museu da referida senhora. Vindo sempre tudo com muito resguardo e com muita cautela; e sendo as amostras das madeiras, em proporção que limpas e asseadas, possam pelo menos ficar no comprimento de 7 palmos, de 3/4 palmos de largo e de 2 polegadas de grosso, trazendo todas letreiros de seus verdadeiros nomes, como cada uma das sobreditas raridades ou curiosidades para umas e outras se não confundirem. E sendo a esse fim postos os letreiros de modo que se não apaguem e se dificulte o conhecimento de cada uma das cousas remetidas.

#### MADEIRAS DE COR ALARANJADA

Resultou da dita ordem averiguarem se as madeiras que fossem diferentes das que V. Excia. havia remetido da capitania do Pará, segundo V. Excia. recomendou no P.S. da dita carta, ainda que de<sup>8</sup> se tomou conhecimento. Averiguou-se que no Matapu haviam alguns grossos angelins, capazes para canoas grandes no tacutu; pau roxo e entre algumas outras se descobriu a nova madeira de que há bastante quantidade nas fraldas da serra do Carumã e em uma ponta da terra firme do poente que fica inferior a foz do rio Canamé, onde esteve situada a povoação de Santa Isabel e nas ilhas que ficam ao nascente da fortaleza e abaixo dela defronte, onde esteve situada a outra povoação de Santa Bárbara; na terra firme do rio U[r]aricoera, pouco abaixo donde esteve a de Santo Antonio e Almas etc.; da qual remeteu o comandante a amostra sobre a qual lhe ordenou V. Excia. em carta de 26 de abril de 1782 que dela lhe remetesse algumas amostras pelo comprimento avisado e em toda a maior largura dos mais grossos paus, que da mesma qualidade ali se descobrissem avisando a V. Excia. se havia muita ou pouca e que maior largura poderiam deitar as tábuas da referida madeira. Cuja (a) recomendação havendo ele cumprido, passou V. Excia. a dizer-lhe o seguinte em carta de 24 de janeiro de 1783:

Fico certo das 10 tábuas de madeira vermelha que maiores 5 e menores outras tantas vossa mercê remeteu ao diretor da povoação do Carmo, para dali me serem enviadas o que ele ainda não tem executado que por falta de oportuna ocasião etc.

Arbor sexaginta pedalis: trunco ereto, superni ramoso; ramis hinc inde sparsis; cortice ruse longitudinaliter rimoso. Signum recenter incisum flavum est. Siccum vubepit.

<sup>7</sup> *Que conduziu* acrescentado posteriormente pelo copista.

\* dali = de ali = que ali.

<sup>8</sup> Esse *de* foi acrescentado posteriormente pelo copista.

## EXAME DA SERRA DO CARAUMÃ

Mandou-a fazer em o ano de 1776 o capitão Filipe da Costa Teixeira sendo comandante da fortaleza, por ser informado das muitas curiosidades que se lhe dizia que haviam nela; e havendo do seu resultado dado parte ao governador, respondeu-lhe este em carta de 21 de outubro:

“Quanto ao exame que vossa mercê mandou fazer na serra do Caraumã, como se não encontrou coisa que possa servir de utilidade suste esta diligência porque à vista do que vossa mercê me pondera a este respeito, não me capacitou de que possa haver por aí coisa de utilidade, e sim que seria tudo desejos dos espanhóis; porém havendo de se fazer algum exame para satisfazer ao Excmo. Senhor General, deve ser tudo de conformidade que não possa perceber-se, estando as cousas em decisão, por afetar às Coroas Fidelíssima e Católica

## RECONHECIMENTO E DEMARCAÇÃO DO RIO

Para se efetuar expediu V. Excia. o capitão engenheiro Ricardo Franco de Almeida e o doutor matemático Antonio Pires Pontes, com o aviso de 26 de dezembro de 1780, dirigido ao comandante para a permissão da passagem e prontificação dos socorros. O doutor matemático, além do encargo da sua profissão, subiu com o outro que a todos havia V. Excia. antecipado de examinarem os produtos, como consta da carta ..... e com efeito achou mais agatar no rio Maú etc.

Toda a gente das povoações do rio Branco foi mandada praticar pelo capitão Filipe Sturm. No comando do capitão Filipe da Costa Teixeira desceram do rio Ananhá os paranauas e aturais com que foi fundada a povoação de Nossa Senhora do Carmo<sup>9</sup>; foi encarregado deles o índio Leandro<sup>10</sup> Portilho, hoje alferes do carvoeiro, em quanto pouco passou a dirigi-la o soldado Vitorino Rodrigues. Rende-o pela segunda vez do comando do Sturm, o soldado Manuel da Silva Cravo, presbítero do hábito de São Pedro (sic). Rendeu o por ordem do governador defunto em maio de 1779 o cabo de esquadra José Geraldo Torres, então anspeçada.

Na povoação de Santa Bárbara, já os gentios peravilhanos, debaixo dos principais Jarimé Guziani e Pararaime, tinham feito roças pela primeira vez que comandou, mas da segunda é que se vieram aldear; passou a dirigi-los o soldado Manuel Pinheiro Pinto, a quem rendeu o outro soldado Antonio Rodrigues Curto, e a este Manuel Antunes. Em São Filipe também foram praticados pela 1.<sup>a</sup> vez que comandou Sturm, eram peravilhanos e os principais Camabi, Curamari e Maranari; da 2.<sup>a</sup> se aldearam debaixo da direção do soldado Duarte José Miguéis (?), até o tempo da sua deserção.

## PESQUEIRO REAL (?)

Foi criado por ordem do governo interno. O furriel Nicolau de Sá Sarmento que para este fim saiu de Barcelos, e este foi o primeiro que deu principio. Por outra nova ordem de 18 de junho de 1780, ordenou o mesmo governo ao comandante que para a povoação do Carmo fizesse passar o soldado Prudente Gonçalves, por nele confiar a boa

<sup>9</sup> O copista acrescenta a seguinte nota de pé de página: “Parece que a ordem desta fundação é a que expediu o governador em carta de 31 de julho de 1776: Faço recolher o índio Leandro Portilho acompanhado de 2 principais da nação aturai, suas mulheres, filhos e vassallos, que por todos fazem 19 pessoas, tendo-se matriculado provedoria e sido premiados na forma do costume que todos se vão estabelecer nas margens desse rio, aonde eles próprios nomearam a vossa mercê o terreno para que sendo competente lho permita etc.”

<sup>10</sup> No manuscrito consta “Leando”.

disposição para o estabelecimento de um pesqueiro real nos distritos da dita povoação; foi removido em 1.º de janeiro de 1783 e rendeu-o o cabo de esquadra Manuel Martins da Trindade.

O pesqueiro da guarnição foi no seu principio criado acima da cachoeira, na ilha que tem o nome de Pesqueiro Velho; como não correspondeu bem, mudou-se para onde existe, que é outra ilha na margem do poente etc. Administraram[-no] o soldado Prudente Gonçalves com 4 camaradas e 7 índios; uns anos pelos outros dá 400 e tantas tartarugas, sendo infinitas as que morrem, particularmente as de viração; não se tira peixe, porque se não dá sal para salgar; tem 2 machados, 2 foices, 2 ferros de cova, 2 ditos de canoa, 2 ixós, 1 serra de mão, 1 martelo, 1 compasso, 1 goiva, 1 formão, fora os bicos de frecha e 3 dúzias de sararacas que continuamente se reformam, assim como 4 arpões de tartarugas, sendo atualmente precisas frechas, curanhas, cerol etc.; tem 3 montarias.

Por três modos podem ser úteis os estabelecimentos que se fizerem no rio Branco, como..... adverti em carta de 28 de novembro pelas pescas que se fizeram, pelos gados que se introduzirem, pelos gêneros que se colherem em mato e se cultivarem nas terras que lhes forem próprias. As fazendas de gado, quanto mais se espalharem pelas campinas, servirão de espreitas, segurar e precaver<sup>11</sup> os imprevistos aproches dos espanhóis e holandeses confinantes.

#### Nome dos soldados diretores

De Santa Maria: João Antônio de Sampaio que ao porta-bandeira rendeu em 26 de junho.

De São Filipe: Antônio Eduardo que ao soldado Adrião da Silva rendeu em 23 de maio.

De Nossa Senhora da Conceição: Manuel Vicente Ferreira que a João Antônio Francisco rendeu em 20 de março de 1784.

#### Inventário das povoações

Carmo: 5 machados, 3 ferros de canoa, 3 enxadas, 2 formões, 2 goivas, 1 serrote, 1 serra de mão; isto é o que tem pertencente à fortaleza.

Santa Maria: 10 machados, 10 foices, 10 ferros de cova, 4 ferros de abrir canoas, 1 arma de fogo, 4 inchas de canoa, 1 dita de fuzil, 1 formão, 1 goiva, 1 compasso já quebrado, 1 martelo, 1 ferro de calafetar, 1 serra de mão, 3 verrumas, 4 enxadas, 2 canoas entre a mediana que tem a montaria.

São Filipe: 15 machados, 15 foices, 15 ferros de cova, 6 enxadas, 3 ferros de canoa, 3 ixós de canoas, 1 dita de fuzil, 1 serra de mão, 1 formão, 1 goiva, 1 plaina, 1 junteira, 1 martelo, 1 montaria.

Conceição: 20 machados, 20 foices, 20 ferros de cova, 4 ditos de abrir canoas, 6 enxadas, 2 armas de fogo, 3 ixós tortas, 1 dita de fuzil, 1 serra de mão, 1 ferro de calafetar, 1 formão, 1 goiva, 1 martelo, 1 canoa mediana e 1 montaria, além das 3 que se fizeram para os P.D.

Em todas devem haver pregos porque todos os levaram.

Projetado Lugar: 6 machados, 4 foices, 4 enxadas, 4 ferros de cova, 1 ixó torta, 1 canoa mediana. Floriano Pereira Pinto encarregado do novo lugar em 27 de junho do corrente.

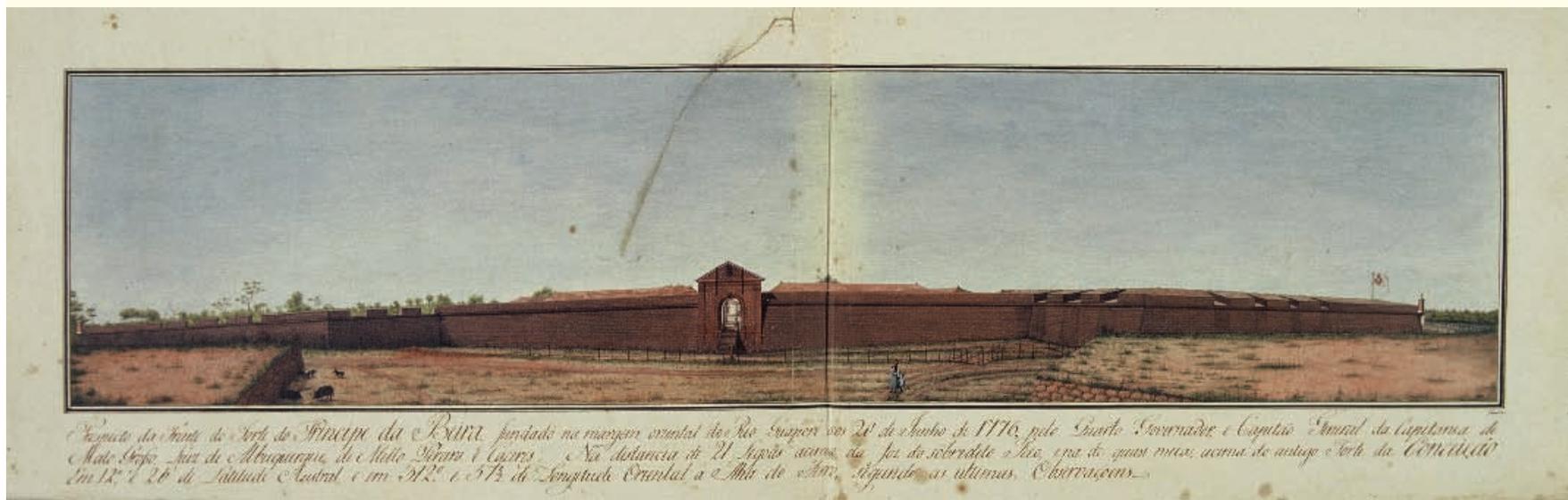
<sup>11</sup> É o mesmo que precaver?



“Prospecto da Villa do Bom Jesus de Cuyabá, situada em 15 e 19 de latitude austral, e em 322 e 5 de longitude, contados da Ilha do Ferro”



“Prospecto da Serra de S.º Antonio dos Guarujus”



“Prospecto da Frente do Forte do Principe da Beira, fundado na margem oriental do Rio Guaporé aos 20 de junho de 1776, pelo Quarto Governador, e Capitão General da Capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres: Na distancia de 21 Leguas acima da foz do sobredito Rio, e na de quasi meia acima do antigo Forte da Conceição: Em 12° e 26’ de Latitude Austral, e em 312° e 57’ de Longitude Oriental á Ilha do Ferro, segundo as ultimas Observações”.  
 “Freire”

LETRA A<sup>1</sup>  
RIO VERDE<sup>2</sup>

As suas mais entra(la)das<sup>3</sup> explorações, antes da diligência da demarcação, se não haviam remontado além do principio da sua 1<sup>a</sup> cachoeira [que ao depois se chamou de São João]<sup>4</sup> e nelas faziam alto os pescadores que o navegaram. Pensava-se que a 4 dias de viagem para cima da referida cachoeira, se via o fim ao rio Verde; e quanto a sua origem noticiaram os mesmos autores do diário do rio Guaporé que a trazia de poente para nascente e a tinha na serra das Torres. Veja-se porém o que a este respeito escreveu o doutor astrônomo Antônio Pires da Silva Poente depois as em diligência da demarcação entrou pelo referido rio para o reconhecer de ordem de Sua Excelência o senhor L. A. M. P e C, datada de 26 de março de 1789. A grande queda (foi ele falando de uma grande cachoeira, [de 1 hora, 4<sup>o</sup> de extensão, de mais de 60 palmos desde o...]<sup>5</sup>, pela qual passou aos 14 dias de viagem) e diferença de nível que faz o rio desde o principio da cachoeira até ao fim dela<sup>6</sup> fazia bem conhecer que estávamos quase chegando às fontes e origens do rio, pois que evidentemente desce dos montes, e tomando para cima da cachoeira, se observavam outras e outras amiudadas, subindo-se como por uma escada ao lado da corrente. Aqui víamos a impossibilidade de imaginar-se que dos campos adjacentes a serra da vila de Mato Grosso e em que nos achamos, possam vir águas para o rio Verde; pois que neste, desde a cachoeira de São João (que é a 1<sup>a</sup> aonde o autor chegou longe pelas 5 horas da tarde do 1<sup>o</sup> dia de viagem) temos vindo sempre ganhando o alto das serras por tantos degraus como são a infinidade de cachoeiras de que temos feito menção e de correntezas amiudadas; e quanto mais nos chegamos à origem mais se levanta o manancial do rio que a cada passo vemos descer do alto da serra...

No dia 7 de junho (isto é, aos 15 dias de viagem) já estávamos persuadidos que nos achávamos no plano superior da serra de onde o nosso rio tem o seu nobre principio e que nada se podia adotar das idéias em que nutria o tenente-coronel Antônio Filipe da Cunha e Pontes as suas vistas de que fossem cabeceiras do rio Verde alguma corrente de água que se acham na falda da serra da vila com andamento para oeste e oes-sudoeste; pois que aquelas águas circulam a tromba ou ponta mais austral desta serra; e devendo ir ao rio turvo que recebe águas dos alagados em que terminam as bases do promontório de serras que se estendem por aquelas faces de sul e de poente e de noroeste em roças e precipícios cortados a prume a que chamam neste país itambis e são escravados sem matos nem ervas etc.

Tem a sua foz situada na latitude austral de 14<sup>o</sup> 0' sobre 317<sup>o</sup> 6' de longitude e ainda que por ele acima andou o sobredito dr. astrônomo pelo espaço de 16 dias a maior parte de todos aquele tempo a consumiu em picadas que lhe foi preciso fazer pelos matos de suas margens e não em navegar livremente pela madre do rio porque ele de andamento seu não tem mais de 30 léguas e 1/2 e desde a cachoeira de São João para cima continua o seu andamento no rumo grande leste, sul, sueste “fazendo o rio muitas voltas, ora mais ora menos caprichosos ais”.<sup>7</sup> A cor de suas águas nos grandes pegos e poços é graciosamente verde, porém fora deste é hialina, de maneira que distintamente se percebem as qualidades de peixes que por ele nadam. O seu leito onde não é lajeado de pedras soltas e pequenas, consta de areia branca. Da referida cachoeira de São João para cima, pelos fins de junho já se não pode navegar

<sup>1</sup> Parece-me que estes textos se destinam a complementar a sua *História dos Rios* ou a viagem pelo rio da Madeira.

<sup>2</sup> Códice 21,2,2,6 da BNRJ.

<sup>3</sup> Talvez a palavra “entralada” seja um erro de cópia. Por isto, estamos conjecturando que se trata da palavra “entrada”.

<sup>4</sup> O trecho *que depois se chamou de São João* é um acréscimo.

<sup>5</sup> O trecho *“de 1 hora, 4<sup>o</sup> de extensão, de mais de 60 palmos desde o...”* é um acréscimo marginal.

<sup>6</sup> Um pequeno trecho foi rasurado aqui.

<sup>7</sup> O trecho *“fazendo o rio... caprichosos ais”* é um acréscimo marginal.

em canoas, mas tão somente se conduziu como as mãos uma pequena montaria de pesca. Contaram-se lhe 61 cachoeiras desde a sua foz até as suas cabeceiras. Pela sua margem de poente recebe três rios que são Itacoatiara, o rio de Jenipapo e dos Macacos, fora muitos ribeirões que também nele deságuam por uma por outra margem. Elas não deixam de serem habitados de muitos macacos de pregos e os monos chamados coatás, alguns veados pardos, porcos do mato, antas, pacas e outras caças; assim como o rio em si abundam de barbos, surubins, raias, piabas e matrioxãs que chegam a haver de 2 palmos e meio e outros peixes e anfíbios como são as tartarugas taracaias etc., o único indício que [ao 7º dia de viagem]<sup>8</sup> se lhe descobriu de ter sido algum dia habitado de gentios consistiu em alguns pedaços de barro cozido como fragmentos de potes e em uma certa<sup>9</sup> descida que havia de barranco para o rio que estava argüindo algum preterido estabelecimento. Em diferentes lugares de suas margens acham-se vic[...] de pederneiras com revestimento calcáreo e abaixo da última cachoeira grande (que toda é composta de uma só pedra avermelhada, como louça bem cozida e duríssimo granito arenáceo) se observou [que] a formação do terreno nenhu[m]a diferentemente tem daí que no sítio das Lavrinhas se vê que formam as terras auríferas daquele distrito. Quanto as suas utilidades conclui o autor do mencionado diário, não pode o observador deixar de traçar naquele país que descobre da parte de leste da maior cabeceira do rio um estabelecimento em que se desfrutem várias comodidades para a vida nos campos favoráveis aos valos da serra, se figuram pascendo as manadas de gado vacum e miúdo. Nas matas, as lavouras mais fecundas de milho, arroz e cana; e nas altas vertentes de copiosas águas, a facilidade de transferir aquele móvel de todas as máquinas úteis a um e outro lugar; e enfim, se o descoberto do ouro se ajuntar as outras facilidades da vida, é sem dúvida que o rio Verde com as suas vertentes a[s] dependências, é um terreno desta capitania pela circunvalação em que está todo aquele terreno fechado por altos paredões de alturas inacessíveis e por cachoeiras e portas angustiadas etc.

## B. RIO SÃO SIMÃO

Tendo sido mandados a reconhecê-lo o cabo de esquadra João Almeida e alguns pedestres que por ele entraram no ano de 1781, dele voltaram e se recolheram a Vossa [ ] a 16 de maio dizendo que subindo por ele a pouco mais de légua não era já rio, mas sim um pantanal acompanhado por algumas léguas de uma língua de terra firme a rumo de oes-sudeste e que adiante lhe ficava uma morraria, correndo para o noroeste e que finalmente a 20 léguas da barra do rio Guaporé com pouca diferença lhe ficará a serra dos Garajus correndo para nor-noroeste.

## C. RIO GALERA

Deu lhe este nome o primeiro sertanista que por ele navegou a tempo considerável, chamado Brás Domingues Galera. Seguiu-se lhe a partida que para ali expediu o capitão-mor Diogo José Pereira em diligência de ouro. Por ocasião do descoberto das minas de São Vicente, intentaram alguns interessados descobrir portos nas margens do Galera para naquele descoberto meterem os vív[e]res por lhe ficar sendo mais curto o caminho para a importação do que era da vossa capital. O mineiro Gregório Dias de Madureira foi o primeiro que [ao norte]<sup>10</sup> da ponta do morro

<sup>8</sup> *Ao 7º dia de viagem* é um acréscimo marginal.

<sup>9</sup> Uma palavra foi rasurada neste trecho.

<sup>10</sup> *Ao norte* é um acréscimo marginal.

do Cacubé, pelo lado direito de quem sobe lhe descobriu [2]<sup>11</sup> portos e de ambos<sup>12</sup> eles se entrou desde então a fazer uso para a importação dos gêneros provisionais. Continuaram todos a navegá-lo, não tão somente em razão do comércio interno como também da caça e da pesca.

Sobe de poente para nascente com andamento de 20-25 léguas (que não serão de 15<sup>13</sup> em linha reta) e na distancia de 2 dias de viagem água acima pouco abaixo do morro que fica pela direita chamado do Caçube, se divide em 2 braços que ambos vão terminar na serra dos Parecis. O primeiro, que é o do lado esquerdo, conserva o nome de Galera até as suas fontes. O segundo é o do Mucavaré, assim dito por receber as águas daquele rio que desce do alto das serras de São Vicente na altura do ouro fino, além das que também recebe do ribeirão do Pancas e outros que deságuam neles, [gastam-se 6 dias de viagem à<sup>14</sup> foz [do rio]<sup>15</sup> até as suas cabeceiras].<sup>16</sup>

As suas águas tão claras e cristalinas as margens baixas e todo o ano alagadas [que por isso há neles bastantes muritizais].<sup>17</sup> Elas povoadas de muitas espécies de quadrúpedes e aves, além de m[uitas] árvores que dão diversas qualidades de madeiras e o rio abundante de peixe. Pela sua margem direita estão situadas várias [...].<sup>18</sup>

## Y.

De ordem de Sua Excelência o senhor Luís Pinto de Souza saiu de Vila Bela para o rio Alegre aos 4 de fevereiro de 1771 uma canoa em que foram Gabriel Antunes, o cabo de esquadra João Almeida e alguns pedestres para efeito de reconhecerem se achavam capacidade de se poder fazer caminho do Alegre para o Aguapeí.<sup>19</sup> A mesma diligência de examinar as comunicações destes 2 rios pelas suas cabeceiras se repetiu em abril de 1773 de ordenado senhor L. A. M. L. e C., sendo o seu intento comunicar entre si os 2 grandes rios Amazonas e Paraguai, pelos outros rios que entram neles Jauru, Guaporé, Mamoré, Madeira. Mas não teve efeito desejado.

## D.

### RIO ABUNÁ

De ordem de Sua Excelência o senhor Luis Pinto de Souza Coutinho, entrou neste rio em janeiro de 1772<sup>20</sup>, o cabo de esquadra de dragões (hoje alferes de cavalaria auxiliar) Francisco Garcia Velho Paes de Camargo, indo embarcado em uma igarité remada de 3 pretos e 5 pedestres e sendo<sup>21</sup> encarregado de<sup>22</sup> em todo o sentido reconhecer os sertões daquele rio. Não subiu mais do que três dias, porque na cachoeira grande que ao fim do 3º dia encontrou

<sup>11</sup> Esse 2 foi acrescentado posteriormente.

<sup>12</sup> No manuscrito consta “*des ambos*”.

<sup>13</sup> Esse 15 estava ligeiramente borrado, sendo confirmado marginalmente.

<sup>14</sup> Sua foi rasurado neste ponto.

<sup>15</sup> Do rio foi acrescentado posteriormente.

<sup>16</sup> O trecho “*gastam-se... suas cabeceiras*” é um acréscimo marginal.

<sup>17</sup> O trecho “*que por isso há neles bastantes muritizais*” é um acréscimo.

<sup>18</sup> O texto acrescenta a seguinte nota marginal, só que sem indicação de onde se encaixa: “*o efeito [...] em outras ou [...] ou pedregosos ou largura ordinária de 15 braças, o fundo de 15-20 palmos*”.

<sup>19</sup> O copista acrescenta a seguinte nota de pé de página “*outra vez de ordem sua embarcaram em Vila Bela para o rio Alegre em 6 de julho 45 homens entre brancos, mulatos e pretos aonde se foram o ajudante Francisco Xavier Dortalejo (por comandante) o capitão João Raposo da Fonseca Góis e o alferes Francisco Xavier de Barros os que navegaram rio acima até certa altura, donde fizeram suas averiguações, se por terra nos poderiam por aquela parte invadir os espanhóis*”.

<sup>20</sup> Constava “1782” sendo rasurado para “1772” e confirmado marginalmente.

<sup>21</sup> “*E sendo*” substitui “*vindo*”.

<sup>22</sup> O trecho “[*manimar*] as fontes, o curso, os haveres e o gentio do dito rio” foi rasurado neste ponto.

a qual pôs o nome de cachoeira do Sucuri, perdeu o bote em que navegava. Era cachoeira do salto [se bem]<sup>23</sup> que atravessava o rio e fazia um ilhote para a margem de poente. [Porém por detrás da ilha, entre ela e a margem, podia cirgar a canoa e surgir como lhe não sucedeu por falta de cautela nos que a cirgaram.]<sup>24</sup> Já pelo meio-dia do segundo de viagem tinha passado outra cachoeira que por ser então a força da enchente deu fácil passagem. As suas águas viu ele que eram claras e cristalinas, a sua largura de 60 até 70 braças, as correntezas mui rápidas, a direção de nordeste para<sup>25</sup> sudoeste, as margens ora enchentes ora alagadas. Sem ilhas até onde subiu.

## E.

### RIO IASSI-PARANÁ

Neste rio entrou o mesmo alferes pelo mês de setembro de 1771 de orde[m] do mesmo general. Entrou nele com 2 pedestres e 3 negros, e subiu por ele 22 dias de viagem. Viu que a[s] suas águas eram claras. A largura de 25, 30 até 30 e tantas braças. Descia de oes-sudeste, as suas margens eram baixas e povoadas de árvores e arbustos aquáticos, o rio farto de pesca e de aves, e tudo içado de trilhas de muito gentio. Pelas 11 horas da manhã do vigésimo segundo dia de viagem chegou a uma cachoeira grande, toda talhada de pedra viva, entre dois grandes paredões de ambas as margens com a diferença que o paredão da esquerda era composto de enormes massas da pedra, postas umas sobre as outras. Como estava o rio vazio, viu experiências de ouro, porém nenhum achou. Ainda que a cachoeira dava cirga, não ousou passar a vara pelo receio do gentio que não podia ser repellido pela pouca força que levava.

## F

### RIO MUTUM-PARANÁ

Entrou nele o mesmo alferes de ordem do mesmo general em outubro de 1771. Subiu com a mesma gente e andou por ele acima de 8 dias em diligência de ouro que diziam os índios que o havia nele. Viu que as suas águas eram claras, a largura do rio de 8 até 10 braças, as margens baixas e a direção paralela a do Iaci-Paraná. Ao quarto dia de viagem deixaram pela direita um braço maior e seguiram o esquerdo que era menor até que entrou a canoa encalhar e não pode navegar. Até onde navegou não encontrou cachoeira. O ouro que achou era malacacheta aurata. Não concede com esta diligência por ser o rio vazio tornou a entrar nele em dezembro do mesmo ano e havendo subido 10 dias mais para cima do lugar aonde da primeira vez havia chegado com 8 dias de viagem confirmou o mesmo achado de malacacheta e nada mais.

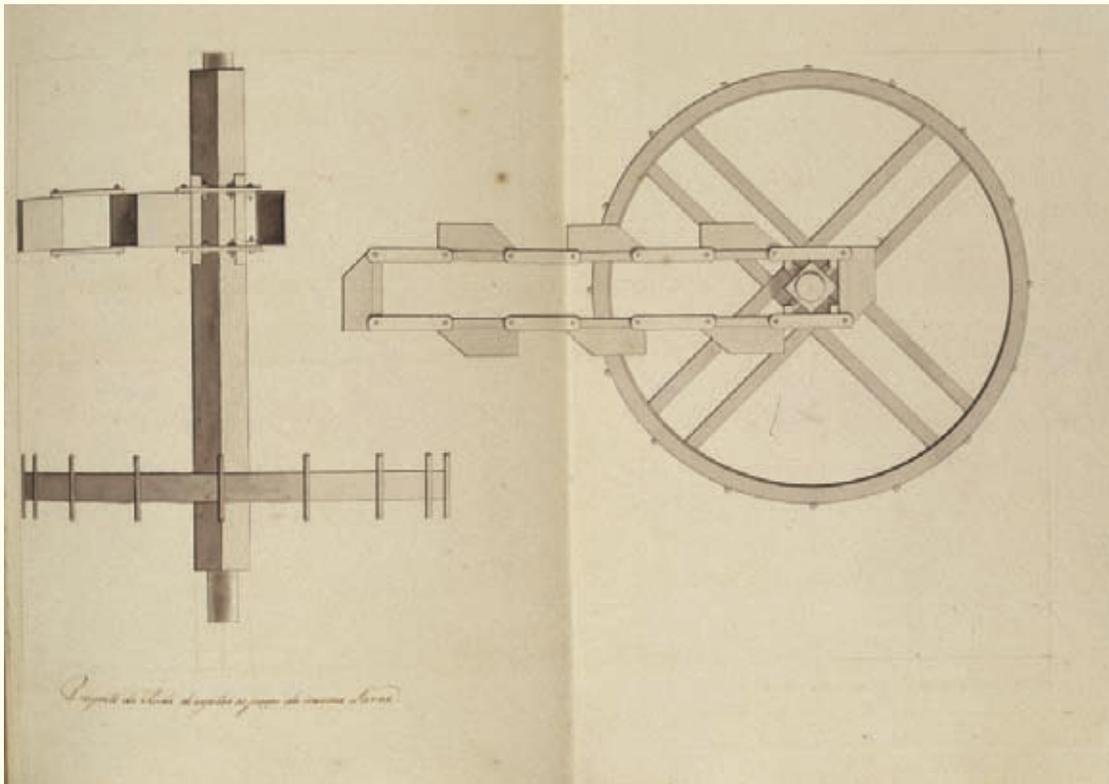
<sup>23</sup> “*Se bem*” foi um acréscimo.

<sup>24</sup> O trecho “*porém por detrás... que a cirgaram*” é um acréscimo marginal.

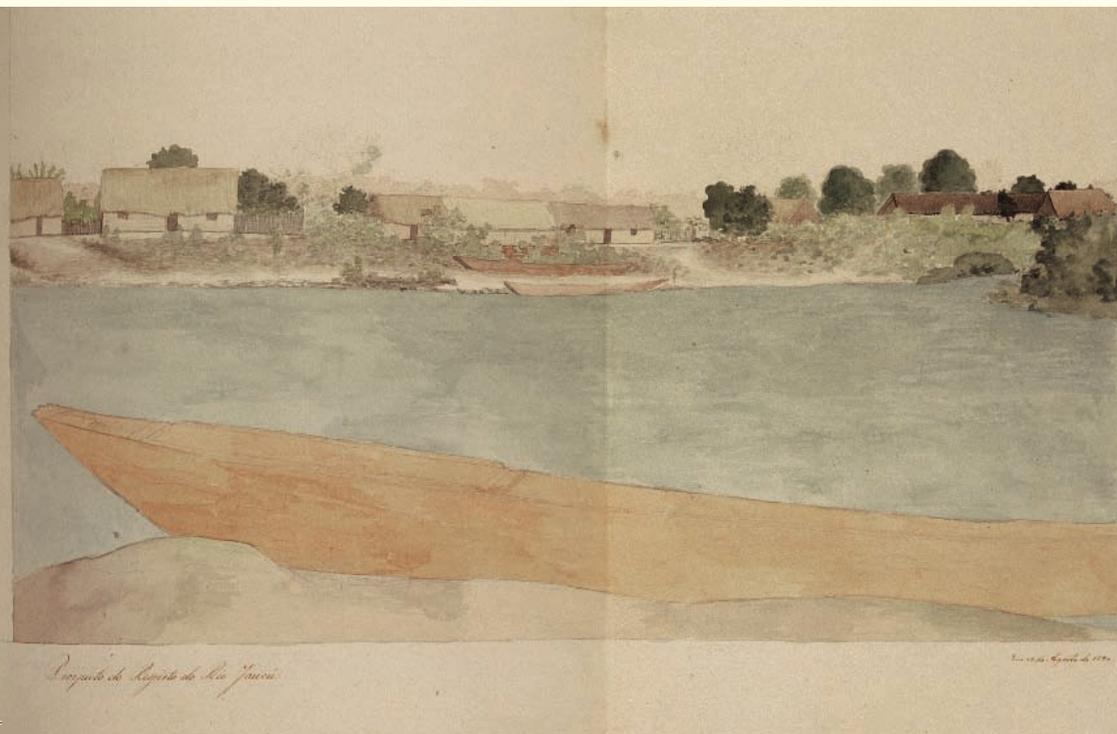
<sup>25</sup> O copista rasurou “*S. E.*” que constava neste ponto do manuscrito.



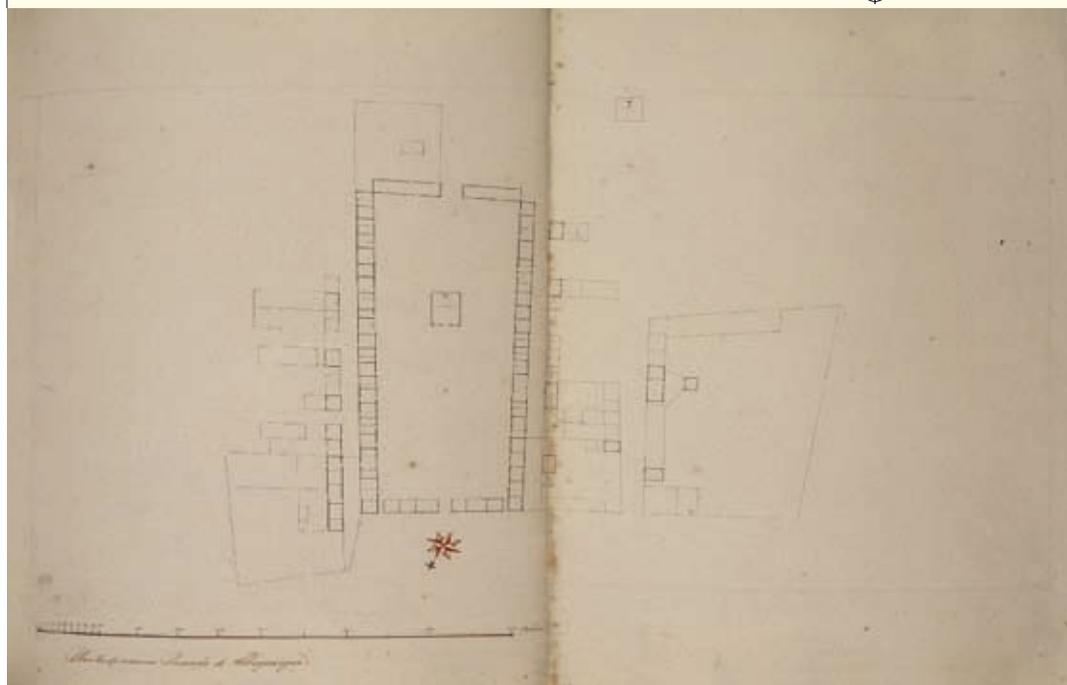
“Prospecto do desmorte de terra da Lavra de Ouro do Sargento Mor Jose Paes Falcão das Neves no Arrayal de S. Jose dos Coacães da Villa de Cuyabá”



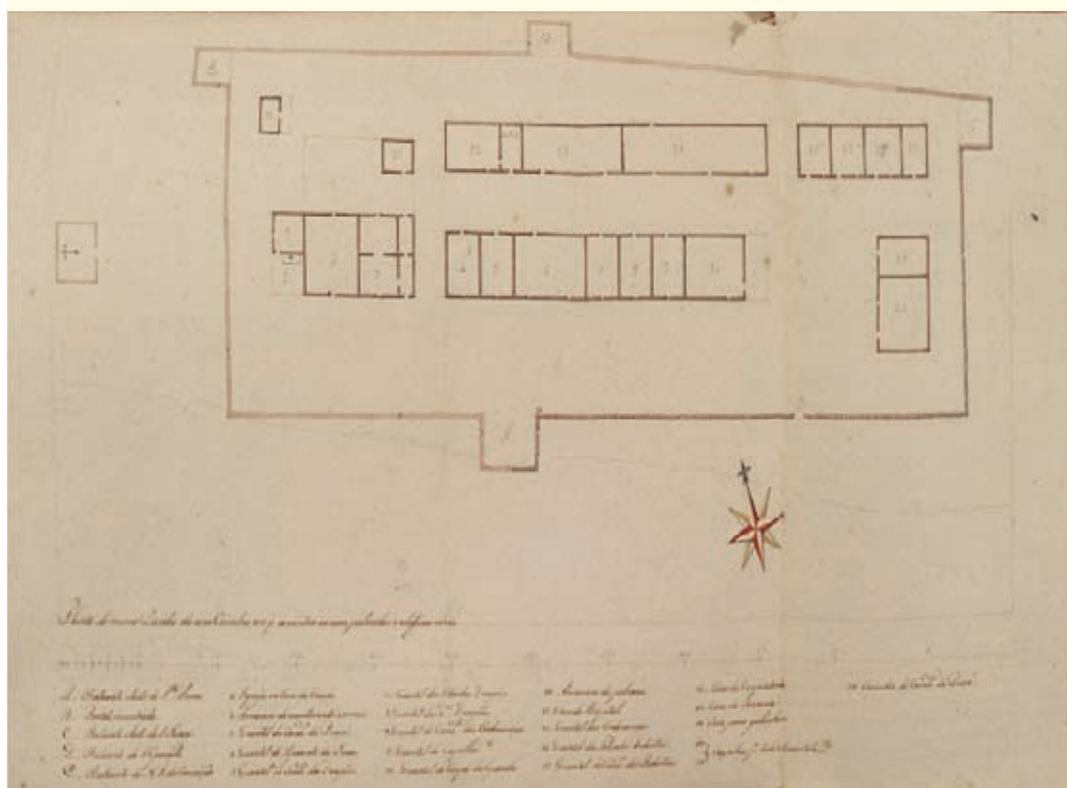
“Prospecto da Roda de Esgotar os poços da mesma Lavra”



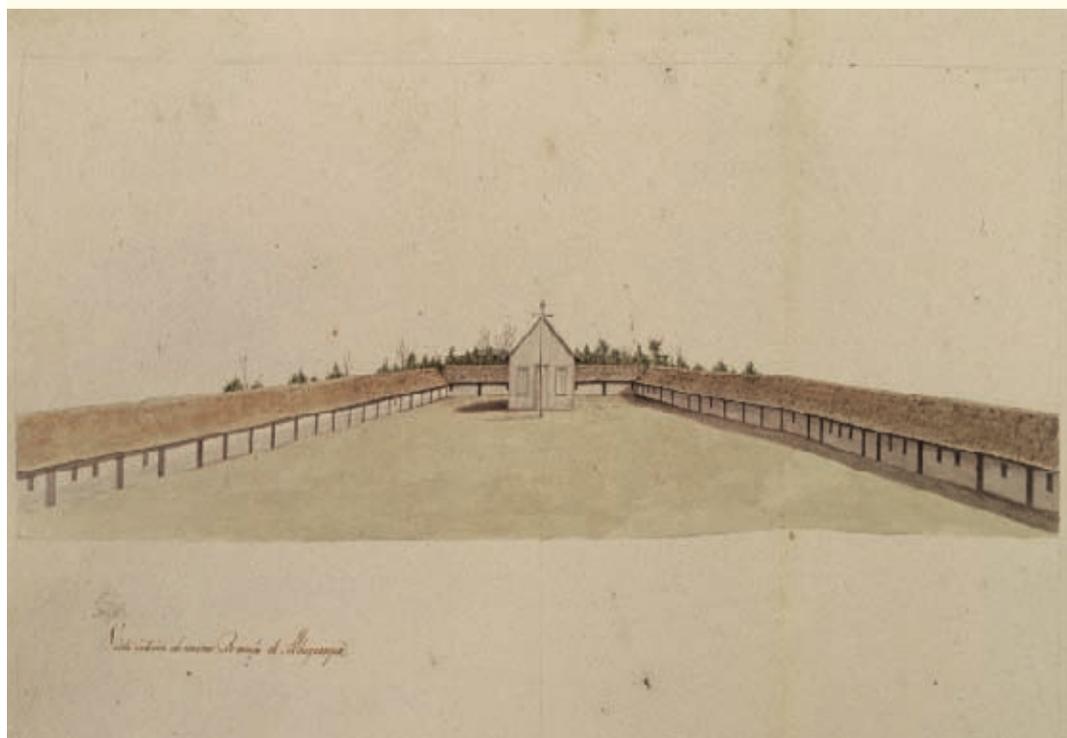
“Prospecto do Registro do Rio Juarú”



“Planta da mesma Povoação de Albuquerque”



“Planta do Presidio de Nova Coimbra, em q<sup>a</sup>. se mostra as suas plantas e edificios civis.”



“Vista interior da mesma Povoação de Albuquerque”

## G

### DILIGÊNCIA DE ENTRADA POR TERRA DA FORTALEZA PARA VILA BELA.

De ordem de Sua Excelência o senhor Luis Pinto de Souza Coutinho foi encarregado desta diligência [o sertanista]<sup>26</sup> João Leone do Prado, levando em sua companhia 82 homens ao todo e 22 bestas. [Sendo 8 dragões, 18 pedestres, 3 sertanistas, 37 índios, 15 escravos.]<sup>27</sup> Saíram da fortaleza a 18 de julho de 1769<sup>28</sup> e chegaram ao arraial de Santa Ana na serra de São Vicente a 22<sup>29</sup> de julho de 1770<sup>30</sup>. Donde se vê que em semelhante diligência andaram um ano e 6 dias na qual faleceram 22 pessoas ora de moléstia ora dos muitos encontros a que tiveram com muitas nações de gentios.

## H

### DILIGÊNCIA POR TERRA, DESDE AS CABECEIRAS DOS BÁRBAROS ATÉ AO<sup>31</sup> RIO DE SÃO SIMÃO

De ordem de Sua Excelência o senhor Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, foram encarregados desta diligência por 1º comandante o tenente de cavalaria auxiliar Manuel Veloso Rebelo e Vasconcelos, por segundo o sargento do mesmo corpo Francisco Garcia Velho, por terceiro o cabo de esquadra Francisco Pedro de Melo, além da mais gente. Saíram a 26 de setembro de 1780 e tendo chegado às cabeceiras do rio Paraguai, desceram e costeando por margem ocidental, levando o rio pela direita até onde pousaram dia de natal, donde tendo o 1º comandante visto pela direita um morro ao longe e tendo assentado ser a serra dos Garajus assentou em se dirigir a ele como fizeram, passando 4 vertentes até chegarem a ele, e reconhecido que foi, como não era a tal serra<sup>32</sup> nem por isso deixou de assentar que o rio era de São Simão para tirar o engano. Segunda vez voltou a 4 de abril de 1781 o sargento Garcia e tendo subido pelo Paraguai, desceu com desengano da verdade que dizia. Em 20 de abril de 1779 partiram de Vila Bela 5 mineiros como segunda vez examinarem o descoberto de Santo Antônio dos Garajus. Chegaram de volta a 26 de junho, informando que haviam achado 43 datas partíveis, além de outras de boa faisqueira e que tinham reconhecido por uma grande distância boas formações de ouro.<sup>33</sup>

## J

A 23 de fevereiro de 1779 mandou Sua Excelência examinar o rio dos Bárbaros e todas as suas cabeceiras por cabo de pedestres e 5 praças de seu corpo; o qual voltou e chegou a Vila Bela a 9 de março. Aos 27 de junho de 1780 foi Sua Excelência mesmo reconhecer as cabeceiras deste rio, donde se recolheu a 10 de julho. Com o recolhimento do tenente de cavalaria auxiliar Manuel Veloso Rabelo de Vasconcelos que aos 23 de agosto de 80 se recolheu de diligência que fez pelas cabeceiras do dito rio, se veio a saber que a 8 léguas de distância do curral de Custódio

<sup>26</sup> “O sertanista” é um acréscimo.

<sup>27</sup> O trecho “sendo 8 dragões... 15 escravos” é um acréscimo marginal.

<sup>28</sup> 1769 foi rasurado, sendo substituído por 1779, que por sua vez foi substituído novamente por 1769.

<sup>29</sup> Esse 22 foi rasurado, sendo confirmado marginalmente.

<sup>30</sup> 1770 foi rasurado, sendo confirmado marginalmente.

<sup>31</sup> Consta no manuscrito *aos*.

<sup>32</sup> Um trecho foi rasurado neste ponto.

<sup>33</sup> O copista pula 3 páginas para recomençar.

José da Silva haviam terras salinas dilatadas que davam quantidade de sal e trouxeram amostras dele. A 13 de fevereiro de 1783 foram examiná-lo o capitão engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra com o porta-estandarte Manuel Rebelo e a 25 se recolheram tendo visto as suas cabeceiras e curso de sudeste para oeste e dizendo que do Capão da Égua para diante tudo estava inundado de águas e que formavam largos pantanais, sendo as terras baixas e planas. Que algumas vezes por esta razão haviam caminhado por dentro de capões de mato que rompiam e outras para lagoas e baías ora mais ora menos fundas e cobertas de ervas aquáticas tão tecidas que custavam mais a romper. E por esta dificuldade não haviam subido mais de 6 léguas de distância e que correspondia pouco mais ao sul e sudoeste da lagoa da cinza e salinas etc.

## L RIO GUAPORÉ ACIMA

Em diligência de o reconhecer, configurar e fazer as suas observações astronômicas, saiu de Vila Bela o doutor Antônio Pires da Silva Pontes aos 13 de janeiro de 1783. Recolheu-se a 12 de março, informando que afastando-se ou separando-se o Guaporé 1/2 légua acima desta vila da confluência do rio Alegre pelas primeiras 8 léguas é na maior parte de margens baixas e alagadas, cheio de palmeiras de buriti e de ervas flutuantes e tão tecidas que é necessário cortá-las para a navegação como também os buritis que atravessam o rio e que em algumas pontas de terra pela parte do norte há sítios dos moradores desta vila.

Que nas 8 seguintes não tem sítios e que no fim delas tem uma correnteza como cachoeira chamada Vira Saia, formada por um cordão de pedras que atravessa o rio tendo ele a margem do sul o nome de Cágado por uns alagadiços formados de um ribeirão que tem esse nome.

Que pouco acima está a ponte para os arraiais da Lavrinha e Cuiabá, e que dela para cima já não há buritis, sendo as margens de mataria altas e terra firme com pedraria e por consequência é maior a correnteza e só se pode romper com varas que batem no leito do rio, como em lajedo com [ou] sem ruidoso e sonoro.

Que na distância de 7 léguas e meia até ao ribeirão das pedras de amolar havia(m) 22 saltos ou cachoeiras.

Que dali para cima trazia o Guaporé a sua direção do norte e que havia uma cachoeira tão áspera e extensa que deu grande trabalho o passá-la a cirga.

Que na distância de uma légua tinha um cordão de pedra que se deixava vadear por cima do rio, com água a meia perna.

Que dali para cima é demasiada a correnteza e tão estreita que não permite navegar-se, sendo cada vez maior a sua subida e maiores as cachoeiras até elevar-se sobre as serranias que atravessam os campos dos Parecis, aonde tem seu nascimento, a pouca distância do de Sauru etc.



“Prospecto da entrada da Gruta das Onças, situada na distancia de 11 p. 12 legoas do Porto do Rio Guaporé”



# PROSPECTO<sup>1</sup> FILOSÓFICO E POLÍTICO DA SERRA DE SÃO VICENTE

E SEUS ESTABELECIMENTOS  
POR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA<sup>2</sup>  
1790

Ilmo. e Exmo. Senhor

Sollicitae tempore facta viae.

*A* relação inclusa é das amostras de ouro que remeto para o Real Gabinete de História Natural; na conformidade das ordens de Sua Majestade de 31 de outubro de 1787. Nela se mencionam primeiramente as terras ou pedras auríferas e matrizes do ouro recolhidas das lavras dos mais hábeis e mais abastados mineiros, que se acham domiciliados em os diferentes arraiais e distritos da serra de São Vicente. Em segundo lugar, as amostras de ouro em pó, separadas pela lavagem das sobreditas terras ou pedras matrizes. Em terceiro e último lugar, ditas do ouro fundido em barras, com a declaração dos quilates que em cada uma delas mostrou o seu ensaio.

Dou primeiro que tudo um prospecto filosófico e político da sobredita serra de São Vicente e seus estabelecimentos, conforme os observei em fevereiro e março do presente ano. Possam as minhas observações merecer a V. Excia. alguns instantes de reflexão sobre o estado presente destas minas, que eu com isso me lisongearei de não ter pensado nem escrito de balde.

Deus guarde a V. Excia. pelos anos que havemos mister.

Vila Bela, em 16 de abril de 1790.

Ilmo. e Exmo. Senhor Martinho de Melo e Castro.

Alexandre Rodrigues Ferreira

1 Este documento está rubricado por Drummond no canto superior esquerdo da folha de rosto deste, depois da indicação numérica “N° 5”.

2 Códice 21,1,37 da BNRJ.

## SERRA DE SÃO VICENTE

Está situada no nascente de Vila Bela, entre outras duas serras que são a dos Parecis pelo nascente, e a do Morro do Grão-Pará pelo poente: ficando todas três quase equidistantes entre si.

Estende-se norte-sul pelo comprimento de 32 léguas desde a sua ponta Boreal, imediatamente inferior ao antigo arraial, que foi Santana da Tromba do Morro até as cabeceiras dos rios Alegre e Aguapeí, principiando por 14° 24' até 16° de latitude austral, no lugar onde se fizeram as últimas observações.

Tem ordinária largura [de] 3 léguas, se bem que atravessando-se do arraial da capela de Santana para o engenho da Conceição contam-se-lhe proximamente 4, que é a maior.

A sua altura perpendicular é de 1/3 de légua; pouco maior que a do Morro do Grão-Pará.

Dista 7 léguas da margem oriental do rio Guaporé, contando-se da barra do Alegre para baixo. É cortada pelo sobredito Guaporé na paragem que por aqui chamam o Cágado, pela semelhança que ela aqui tem com aquele anfíbio, tendo a cabeça para o sul, e a cauda para o norte.

Consta a sua ossada de diferentes leitos de xisto, de “cos”<sup>3</sup> e de seixo; além do quartzo vago, ou rupestre: umas e outras pedras ou simplices, ou mineralizadas de ouro, de ferro e de enxofre; entremeadas de diferentes ordens de terras humosas, argilosa, arenatas e ocráceas; e estas de diferentes cores; amarela, encarnada, roxa etc. Por ambas as suas faces, e principalmente pela de nascente que é a que mais ouro tem, e que por essa razão, eu mais examinei, se está vendo que quase toda superfície da terra das suas fraldas, lapidosa; os lápilos grossos e angulados; de natureza cotácea, seixosa, quartzosa ou saibrosa, e que bem mostram que eles nenhuma outra cousa são, senão miúdos fragmentos em que se foram quebrando ao rolares pelos precipícios dos morros, consideráveis porções de:

- seixo cotáceo, quartzoso e saibroso.
- dito composto de quartzo e mica ou dourada ou prateada.
- “cos glarioso”, quartzoso, ou também saibrosa.
- tapaiúno-acanga como lhe chamam os naturais; e que o que parece ser é uma concreção tofácea de mina de ferro subaquosa, interiormente e exteriormente, ou obscura, ou flavescente, ou subente, frágil enquanto se não endurece; cavernosa, obsoleta, como se fora corroída, e quase semelhante às escórias daquele metal.

De quartzo lácteo, ou corado; o qual servindo de cicatrizar as rupturas dos montes, vai roçando, e quebrando a figura de seus cristais, pelo movimento que traz ao rolar pelos córregos, ou pelos declives das colinas, [...] de maneira que o acham para quem não está costumado a pisá-lo, dificultosamente o pisa sem ressentimento. Mas por essa mesma razão aquela é a terra mais própria para a arquitetura do país; aonde as paredes que mais duram são feitas de taipa de pilão, ou terra batida. Porque servindo a argila principalmente se congutina, entre si os referidos lapilos, vêm aquelas paredes a adquirir pela compressão uma consistência lapídea, a qual lhes assegura uma duração de muitos séculos.

Comumente a argila é, como lhes chamam os mineiros, a cama do ouro, e por outro nome a pisará. Ele para baixo dela não costuma profundar-se, senão quando também se profunda o cascalho que o anuncia. Chamam-se cascalho aquele pedregulho, para assim dizer de calhaus, principalmente quartzos vagos que não estando eles quebrados, ou são ovais ou redondos ou romboidais ou de outras figuras; porém com a superfície lisa, e todos eles mais ou menos soltos de argilas, o tijuco e a tabatinga de ocre de ferro de diferentes cores e de diversas castas de areia ou propriamente tal ou micácea ou férrea ou piriticosa, cujo cascalho aparece em maior ou menor profundidade, depois de desmontada a testa da superfície das lavras. Chamam-lhe cascalho solto, quando na terra, de que ela é entremeadada,

<sup>3</sup> Trata-se de um provençalismo, proveniente de “cors”, correspondente ao latim “corpus, corporis”. Veja também “cos cotaria” e “cos glarioso”

<sup>4</sup> O manuscrito dá este espaço de uma linha e meia.

predomina a areia, deixando-a livre e fácil de se escavar, e de se lavar. Pelo contrário se diz que é engomado quando o prende uma argila demasiadamente viscosa e tenaz que pensiona muito a operação de lavagem.

De entre todas as pedras a em que mais comumente se apresenta o ouro é a do quartzo lácteo. Também o contém alguns seixos; e não poucas vezes se extrai das piteiras de ferro da mencionada mina do mesmo, que eu disse que era frágil na sua formação, e que se lhe dava o nome de tapaiúno-acanga e de outras espécies daquele metal. Além destas pedras, o ouro se acha nas areias transportado dos montes circunvizinhos e em outras gangas de natureza argilácea, margácea, humosa, ocrácea etc.

A figura do ouro, como se ele tira de suas matrizes, não é sempre uniforme. Ora se apresenta na de um pó tenuíssimo (os mineiros chamam poagem) a qual nada, e se estende pela tona da água, à maneira de folha de ouro batido, e merece o nome que tem de ouro voador. Tal é o que se extrai das pedreiras, em forma de um polme tão leve, que custa muito a assentar. Ora aparece facejado à maneira de pequenos cristais de ouro, verdadeiramente tais, como me dizem que é todo o das lavras da Conceição, na Vila do Cuiabá. Das mesmas pedreiras que lhe servem de matrizes algumas amostras se tiram de ouro dendrítico, isto é, mineralmente ramificado, à maneira de uma ramificação vegetal. Outras vezes toma ele a forma de ouro granulado em maiores ou menores partículas angulares de diferentes cores, em diferentes sítios; esbranquiçada, pálida, esverdeada, vermelha, cinzenta, negra etc. Além destas também toma outras formas de palhetas, filamentos, lâminas, e ultimamente o vemos em maiores, e menores sólidos (os mineiros chamam folhetas) e algumas se apresentam com o aspecto de fundidas, e separadas de substâncias heterogêneas; outras, ou íntima ou externamente incorporadas com o quartzo, a mina de ferro e os cristais. Das referida folhetas algumas se têm descoberto de meio, um, dois até quase dezenove marcos de peso, que é a maior que há poucos anos a esta parte se tem tirada destas minas. Do rio Maranhão (entre as capitânicas de Cuiabá e Goiás) é tradição constante, que ao tempo de seu descoberto, se tirara uma folheta de quarenta e sete libras de peso.

Que a direção geral do ouro de pedreira é constantemente a mesma que a de toda a serra, assim o mostram as diligências feitas em seguimento dele. Porém de ouro solto alguns vieiros se encontram que profundamente a terra, como são os das lavras do sargento-mor José Manuel Cardoso da Cunha; o primeiro situado na tromba do morro, ou ponta boreal da serra; e o segundo vulgarmente chamado do Palmeiro no arraial da Chapada. Bem no alto dela estão outros de Antônio Gonçalves de Oliveira. Outros atravessam as colinas, como é na mesma chapada o das lavras do capitão-mor João Pereira da Cruz; e como são outros em outros lugares. Ultimamente o ouro corrido segue as direções dos córregos e dos declives das colinas, por ambas as suas faces de nascente e de poente, por onde se espalha e constitui ou os veios de água ou as guapiaras.

Chama-se lavra de veio de água aquela que tem o cascalho mais ou menos profundado abaixo de diferentes camadas de terras, as quais servem de leitões aos ribeiros, que baixam das sumidades dos morros. Nos veios de água é de notar que o seu ouro costuma ser 1º mais abundante, 2º mais geral, 3º mais fino, 4º mais plano e de partículas chatas. Por lavra de Guapiara se entende aquela que desde a flor da terra, principia logo a mostrar o seu cascalho; o qual vai descendo pelos lançantes dos morros ou declives que ficam aos lados dos veios de água. Onde também é de notar que o seu ouro é o 1º mais graúdo<sup>5</sup>, 2º mais incerto. Ou sejam os veios de água, ou as guapiaras, quanto mais se afastam dos morros, tanto mais miúdo é o ouro que dão; e tanto mais graúdo, quanto mais se aproximam a eles. As suas trombas e rochas talhadas a pique, também<sup>6</sup> por estes sítios bem pouco ou nenhum ouro mostram.

A operação de lavagem que praticam estes e todos os outros mineiros do Brasil, quanto ao ouro solto e corrido, se ele não é foliáceo, voador ou consta de uma poagem sutilíssima, supre suficientemente sem maior desperdício nem

<sup>5</sup> Neste códice, a palavra “graúdo” está sempre grafada como “garauo”, mas foi corrigida, supondo-se que seja simplesmente uma idiosincrasia do copista..

<sup>6</sup> “também” está como acréscimo marginal.

considerável despesa ou trabalho. Quanto porém ao ouro de pedreira, onde comumente concorrem as circunstâncias acima é sem dúvida que o não aproveita todo. Por mais moída que seja a pedra ou à força de braços (o que requer muito escravo, muito tempo e muita despesa) ou de engenhos de mós e de pilões movidos pela ação dos ventos ou das águas ou de animais (o que por aqui se não pratica) nunca se pulverizam tanto as suas partículas, que com a parte mais grossa delas, não fique intimamente misturada considerável porção daquele metal. Disto que digo, tão convencidos estão os mineiros das outras capitânicas, que a toda a pedra moída e lavada de ouro a primeira vez, eles a remoem e lavam três, até quatro vezes e de todas elas confessam que tiram ouro. Porém com que extraordinário número de braços, se fazem e repetem estas operações? Com que enormíssima despesa, principalmente de ferro e de aço? E com a demora de tempo? Geralmente falando para se apurar o ouro fino, ou ele seja solto ou de pedreira, aproveita muito amalgamação de mercúrio; e é certo que por este método bem pouco ouro se perde, como estão experimentando os mineiros europeus. A fusão finalmente parece que deveria prevalecer, ao menos naqueles sítios, onde não há falta de lenha para o carvão.

Porém perto dos arraiais é de reear, que cedo não haja lenha, e o que mais é, nem a madeira precisa para as fábricas e para os prédios rústicos e urbanos, se também aqui não tiver lugar a polícia das matas, e do corte das madeiras, cada um corta a que quer, sem providência para o restabelecimento das matas úteis particularmente daquelas que mais perto ficam dos povoados. As que se acham remotas pouco importa que as hajam ou não; porque não valem a despesa do corte e da condução.

Os mineiros de Mato Grosso, digamos assim, não têm feito mais que desflorar a terra do ouro virgem que tem. O que existe mineralizado ou misturado com as outras minas, não somente não o aproveitam, porque o não conhecem, particularmente mudando ele de cor; mas também ainda que queiram aproveitá-lo não podem porque ignoram a química e os seus processos. Estas mesmas terras, que eles têm lavrado, não se pode dizer que não têm absolutamente ouro algum. Porque as lavras velhas têm seus faiscadores, e estes, algumas vezes, chegam a tirar delas os seus jornais. A necessidade por toda a parte tem sido a mestra da indústria; e como nestas minas a natureza caprichou de rica, é também esta uma das muitas causas para os trabalhos não passarem de superficiais. Do brigadeiro Antônio de Almeida Lara conta-se com toda a satisfação, que da flor da terra do descoberto da chapada tirara logo ao princípio muitas arrobas de ouro em folhetas grandes como pedras, de maneira que fizera transportar em macas para sua casa. Tudo o que não são montes de ouro, não parece digno de minerar-se. Para esta casta de mineiros ou há de ser muito ou nada. De outavas de ouro, dizem eles, não necessitamos nós, mas tão somente de arrobas. A mesma abundância do ouro por si somente não basta, é preciso que seja muito e fácil de se extrair. Porém a verdade é que, além desta profusão da natureza, outras muitas causas concorrem para não prosperarem estas minas e são:

#### PRIMEIRA CAUSA

Não se efetua anualmente uma numerosa introdução de escravos proporcionada ao consumo que eles costumam ter. Assim dos que entre ambos os sexos, entraram em Mato Grosso, exportados das capitânicas do Pará, Bahia e Rio de Janeiro, em os quatro últimos anos antecedentes foram:

em 1786	143
em 1787	182
em 1788	143
em 1789	253
Todos	721

Ora para se eles introduzirem todos quantos são precisos e introduzidos se conservarem nas fábricas que os necessitam, obstem os motivos seguintes:

Primeiro motivo:

As despesas dos comboieiros, incluídos os direitos e despachos que pagam nos registros dos portos de mar e do sertão. Para cada escravo exportado da cidade da Bahia, para as minas de Mato Grosso, pagam-se naquela cidade entre

direitos e despachos	9600
no registro de Goiás	3000
dito no rio Jauru	3000
	15600

1º. Ajuntem-se a esta soma os 18\$ até 20\$000 réis em que monta o sustento e o vestuário de cada escravo. E ver-se-á que custando naquela cidade em 1788 cada negro-mina à razão de 130\$000 réis, sendo enlotado, não chega a Mato Grosso por menos custo de 165\$000 réis. Isto é na suposição de não ter havido morte, nem outro algum descaminho. É verdade que mais cômodos são os preços dos angolas e benguelas; porém estes para os trabalhos das minas aturam menos e fogem mais. Pelo Rio de Janeiro mais em conta sai a sua introdução; tanto porque todos eles são angolas e benguelas; como por se não estenderem os direitos da saída a mais de 5000 réis; além de não ser tão morosa aquela jornada. Pelo Pará, que ela em todo o sentido, principalmente pela navegação, sai a mais cômoda que pode ser, bem pouca ou nenhuma se faz; pelo menos nos dois últimos anos antecedentes. Donde se segue, que em Mato Grosso bom escravo não custa menos de 170\$000 réis. Vendem-se a 190\$, 200\$ e 220\$ réis; assim porque a menor preço os não podem vender os negociantes aos quais jamais pagam à vista; como porque também já hoje são poucos os que desembarcam nos portos do mar, onde ficam fazendo falta para as lavouras. Em nenhum deles presentemente se introduzem por ano os vinte e cinco negros, que escreveu Mr. de La Barbinais, que anualmente se introduziam na cidade da Bahia, onde se ele achava em 1718. Muitas são as razões disto; e uma delas é a do tabaco, que sendo nosso, contra nós mesmos o revoltam os estrangeiros. Para a cidade de Lisboa se importa todo o que é bom; dali a exportam eles e o beneficiam aos termos de merecer preferênciam entre os negros. Ora concorrendo este com o refugio que da Bahia sai para as costas de África, o que devem fazer os negros, se não preferir o bom, e rejeitar o mau?

Segundo motivo:

2º. De escravos comprados a tão exorbitantes preços raros são tratados por seus senhores com o pão, e o pano preciso, para desempenharem as pesadas tarefas que se lhes impõem.

Por outra parte o necessário somente para a subsistência de uma grande fábrica, a bem poucos mineiros deixa de absorver a maior parte do que eles tiram; e por conseguinte, ao comum deles transcende as suas possibilidades. Em um país tão morboso, o que lhes val é não adoecerem os negros, tanto como os brancos.

Terceiro motivo:

3º. Dos que desertam ou para os centros dos matos, ou para a fronteira de Espanha, raros são apreendidos e voltam ao cativo.

Nem a estas fugas podem absolutamente obstar ou as rondas espalhadas pela sobredita fronteira, ou as diligências em seguimento dele pelo interior dos sertões. Por qualquer parte da capitania se lhes franqueia uma porta para semelhantes fugas.

Quarto motivo:

4º. Os que constituem os fundos dos mais ricos inventários, pelos falecimentos dos donos de grandes fábricas; se ainda se devem aos negociantes, que os importaram e venderam são imediatamente desmembrados, postos em praça e vendidos aos lotes ou por cabeça.

Assim ficam mancas de operários umas fábricas que, aliás, estavam no pé de venderem. Quando a deixarem-nas subsistir inteiras, em poder de hábeis e afeiçoados arrematantes, à falta de herdeiros com iguais circunstâncias, não somente teriam os credores mais certo o embolso das suas dívidas, mas também para utilidade pública, perpetuar-se-iam aqueles estabelecimentos.

Quinto motivo:

5º. Para se comprarem estas grandes fábricas assim nuas e desprovidas dos escravos que já estavam acostumados a servi-las, são difíceis de remover outros obstáculos e são.

O valor de

Para se pagar à vista uma grande fábrica, ou em todo, ou em parte, bem raras vezes pára nas mãos dos mineiros algum fundo morto; o recebido a fundos ordinariamente é mordente. Faz-se logo preciso todo o grande trem, de que depende a laboração da fábrica. Faz-se precisa a laboração a reposição de outros tantos escravos, quantos ele requer em ordem a continuar logo a render-lhe o mesmo que aos primeiros donos, ou falecidos ou executados. Dois casos:

No primeiro caso de falecidos, deles se pode dizer o que de outros dizia um observador experimentado:

Vereis logo infinitos sobre o miserável, a despedaçá-lo e a comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-nos os testamenteiros; comem-no os credores, comem-no os oficiais dos órfãos e dos defuntos e ausentes; come-o o médico que o curou, ou ajudou a morrer; come-o o sangrador, que lhe tirou o sangue; come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que cantando o levam a enterrar. Enfim ainda ao pobre defunto não comesse a terra e já o tem comido toda a terra. No segundo caso de executado, come-o o meirinho, come-o o escrivão, come-o o solicitador; come-o o advogado; come-o o inquiridor; come-o a testemunha; come-o o julgador. Enfim, ainda não está sentenciado e já está comido.

[3]. A letra do privilégio da trintada para uns tem interpretação extensiva, e para outros restritiva. Algumas vezes da parte do magistrado, preponderam sobre a razão, a autoridade, o amor, ou o ódio. Debalde lhes recomenda cessar em valustio, que para julgarem como devem, resistam ao império das paixões. Mas um ministro absolutamente despido de erros de entendimentos e de afetos do coração *Quis est hic? et laudabimus eum?*

## SEGUNDA CAUSA

Não se substituiu a falta de escravos com as máquinas vivas que tanto servem na Europa, para em menos tempo e com menos número de braços se fazerem outros serviços, tanto ou mais pesados que estes. Todo o mundo sabe quanto mais expedito se faz as costas de bestas o transporte das terras desmontadas, a quantidade de terra ou de pedra que cada vez se transporta em carros, padiolas etc.; sem ser preciso ocupar gente em semelhante trabalho nem prodigalizar vidas de escravos. Para se pulverizar pedra se a mina é de pedreira, certamente que muito mais que eles, e em muito menos tempo a pulverizam as mós, ou os engenhos de pilões movidos, ou à força da água, ou do vento, ou dos animais. Tudo ao contrário do que por aqui se pratica; aonde quanto se faz; ,é tão somente a força de braços e não de outra sorte. É assim, que destas minas em particular se pode dizer o que se diz “que no Brasil não se tira ouro, se não à força de ouro.”

### TERCEIRA CAUSA

Não se removem os obstáculos que encontra o uso das máquinas mortas; principalmente as que dependem do ferro e do aço. Do ferro são feitas as enxadas, as foices, os machados, os marrões, as alavancas, a cunhas e os almocafres; e por um gênero tão essencialmente preciso para os trabalhos das minas, são demasiados os direitos que se pagam. Por cada arroba de ferro, sendo importada por terra, paga o negociante 2250 réis, e ao mineiro não lhe custa menos de 7200 até 9600 réis. Com o aço se calçam as ferramentas e com a pólvora se abalam as pedreiras; porém cada arroba de aço não custa menos de 9600 até 12000 réis e de pólvora à 30.000 réis.

Com a verruma da terra não somente se descobrem as minas, mas descobertas elas se lhes sonda a sua profundidade, e pelo que pintam as amostras, se calcula pouco mais ou menos a sua receita e despesa, para se não arriscar o mineiros a despender e trabalhar de balde. Eu a trouxe de Lisboa para servir-me dela nas minhas explorações e para a fazer empregar pelos mais hábeis mineiros destas minas. Porém tendo-a apresentado ao capitão guarda-mor Manoel Veloso Rebelo de Vasconcelos, e ao padre Fernando Vieira, a nenhum deles tem a verruma parecido uma peça digna de servir-se dela.

### QUARTA CAUSA

Não se antecipam as despesas que pedem as fábricas, quando são daquelas que para renderem o que devem necessitam de adiantado desembolso. Acontece ser um morro bem rico, mas pela sua elevação não se fazer acessível à água precisa para o minerar a extração da sua riqueza depende de se lhe facilitar a subida da água, de se lhe construírem bombas, especialmente as de fogo, de se lhe abrirem poços; de se alargarem canais, disporem-se as galerias interiores; tudo debaixo de preceito, isto é, das regras práticas da arquitetura subterrânea etc.; no que é preciso adiantar as despesas por um, dois e três anos que se passam, não em tirar ouro, mas em despender-lo com preparativos para isso. Eis que<sup>7</sup> ao tempo de se lhe tirar o proveito ou morre o dono, ou o executam os credores; e nestes casos nada mais se olha que a utilidade particular e não a pública. Por isso estão por minerar alguns morros de desconhecida riqueza, porque para antecipar uma despesa destas, todo o mineiro receia aquelas [vexações]; e, no entanto, cada um se contenta (e com razão) de recolher desde o princípio o pouco que recolhe.

### QUINTA CAUSA

Concedida na forma de regimento uma data de terra mineral, não pertence exclusivamente a seu dono, a ocorrente fortuna de maior riqueza que a ordinária que se lhe supõem. Acontece, por exemplo, ter-se o primeiro esgotado em despesas que fez para desmontar em de água, de que lhe coube uma data. Acontece ter disposto os serviços que viu que ele necessitava para render. E acontece ultimamente entr[et]er o veio a mostrar pintas ricas, que o esperanças, não só do desempenho a que aspira, mas também de estabilidade de fortuna. Segunda vez se reparte esta data pelos contentados com preferência e pelo povo. Conseqüentemente, não há um só mineiro que não receie encontrar o mesmo, porque suspira. Suspira por descobrir uma mina que depois de lhe comprovar a despesa e o trabalho, o ponha em termos de enriquecer. Receia, descoberta ela, vê-la repartida por todos, tendo sido a despesa de um

<sup>7</sup> “Que” substituiu uma palavra rasurada.

só. Tal a razão<sup>8</sup> do desfalecimento de ânimo em que todos eles<sup>9</sup> caem, para nas minas descobertas diligenciarem a extração de algum ouro mais, que o que comumente se tira, quanto mais para fazerem novos descobertos!

#### SEXTA CAUSA

Para que são novos descobertos? Descobertos velhos são todas as terras diamantinas, as quais bem se sabe aonde estão e que ouro tem. E contudo não o tiramos delas, por isso que são diamantinas. Não põem a natureza dificuldade alguma em mostrar-nos ouro, onde nos mostra os diamantes. E pomo-la nós em tirarmos este donde existem aqueles. Descobrimos dois tesouros juntos, e por não arriscarmos em perdermos ambos, o mineiro que leva à casa da fundição o ouro em pó das suas lavras, não pode ele mesmo levar à casa da intendência os diamantes das mesmas lavras? Assim estamos vendo estreitar o Estado por suas próprias mãos os limites, que ele devia franquear da riqueza pública e particular; e por não arriscar riquezas de menor opinião, perder outras de opinião maior e mais constante. E pode o Estado lisonjear-se que se não ilude a vigilância de uma semelhante administração? Ainda mal que não; os fiéis são infieis, e os seus guardas são os seus ladrões. É desta sorte que são precisos novos descobertos. Mas neste caso,

#### SÉTIMA CAUSA

Não se fazem novos descobertos, porque as enormes despesas que com eles fazem os descobridores não corresponde o insignificante prêmio de duas datas de preferência. Despende-se em tudo quanto comem e vestem os empregados naqueles descobrimentos; consumindo neles o tempo de três e seis meses; um e dois anos; pelo espaço de cem, duzentas e quatrocentas léguas de sertão; e este infestado de gentios, de moléstias e de todo o gênero de incômodos, de perigos e de necessidade. Despende-se em ferramentas, munições de guerra, bestas ou canoas de transporte, pagamento de jornais etc. E para compensação de um desembolso tal, não se lhes concede mais que as duas datas de preferência.

Tudo são extremos nestas minas. Entre a dureza da lei e a brandura da execução, não um meio proporcional ao direito ou a favor das partes. Aos descobridores já disse o que dava a lei. A outros muitos mineiros que nem um passo dão para semelhantes descobrimentos, permite o favor do juiz mais sortes do que eles podem minerar. De três mineiros, não destas, mas das outras minas do Cuiabá, ouço eu dizer que só eles entre si possuem quase mil datas das melhores; ali mesmo já se concedeu uma a um homem que não possuía um só escravo. Enquanto estão virgens estas datas que por serem muitas não podem seus donos minerá-los, andam outros faiscando em lavras velhas ou em terras menos ricas.

#### OUTAVA CAUSA

Os senhores de grandes fábricas de lotação com escravos para cima, não podem absolutamente moderar as despesas do sustento e vestuário dos escravos; do tratamento médico das enfermidades; e até do mesmo funeral, quando morrem. Para se isto bem é preciso entrar no detalhe das suas despesas necessárias. O sal, que tem um

<sup>8</sup> “A razão” é um acréscimo do copista feito posteriormente.

<sup>9</sup> “Todos eles” é um acréscimo marginal.

grande consumo, assim na dieta ordinária, como para todo o gênero de gados, as quais serve de preservativo contra a peste; o sal, digo eu, quando está barato, custa 8400 até 9600 réis o alqueire. Presentemente está ele custando 50000 réis e já tem chagado a 40.000 réis. O alqueire de milho, que é o pão da terra, custa 480 e 600 réis. A farinha de mandioca, 1500 e 1800 réis. O arroz, 3000 até 3600 réis. O feijão, 1800 até 2400 réis. Uma arroba de açúcar feito no país 4800 réis; e o mesmo o de aguardente de uva, de azeite de oliveira, de vinagre etc. Uma garrafa de água de Inglaterra, 4800 réis.

Na classe das fazendas secas para vestuário dos escravos, a vara de pano de algodão custa 600 réis e o côvado de baeta, 900 réis. Na da ferramenta precisa a qualquer mineiro, uma enxada custa 1200 réis, uma foice 1500 réis, um machado 1500 réis, um almojarife 900 réis; e cada libra de cobre em obra 900 réis.

Pela conhecida da desobriga de cada escravo, se ele vai desobrigar-se à igreja matriz da vila capital, paga o senhor 300 réis; se nas capelas filiais que estão sitas nos arraiais, 600 réis. Com o funeral de um escravo não se despende menos que 6600 réis. Se a todas estas despesas se ajuntarem os soldados<sup>10</sup> dos feitores; o quinto e o dízimo; o tratamento pessoal do mineiro e sua família, segundo a ordem em que o constitui ou a sua qualidade, ou a sua fortuna. Ver-se-á que ele não é verdadeiramente senão um feitor de fazenda alheia, um escravo posto a ganhar para o público; um homem que sendo tudo para todos, é nada para si mesmo.

#### NONA CAUSA

Das providências que Sua Majestade tem dado para favorecer estas minas e derramar no seu seio a abundância e a comodidade dos gêneros necessários, bem raras são as que se não têm frustrado. Sendo uma delas a navegação que mandou promover entre esta e a capitania do Pará, para recíproca utilidade de ambas elas; infelizmente acontece que há poucos anos a esta parte, bem pouca ou nenhuma se faz. Ora sendo certo que da felicidade daquela navegação, deve resultar a freqüência das carregações; e desta a abundância dos efeitos; e destes a comodidade dos preços. Sendo certo que os referidos efeitos consistem em sal, ferro, aço, cobres em obra, alanvancas, machados, foices e todo o gênero de ferramentas; estanho, pregos e todo o gênero de ferragem; bretanhas, panos de algodão, baetas, chitas, quinquilharias e todo o gênero de fazenda seca. É, por outra parte, certo que semelhantes efeitos, só pela via do Pará, é que podem vir a preços cômodos, pois pela do Rio de Janeiro com seis meses de marcha por terra, e em bestas nem por triplicado preço se podem eles vender. Os mesmos gêneros que se carregam em São Paulo e entram na vila de Cuiabá, navegados pelo rio deste nome, porque não entram eles em Mato Grosso por via do rio Jauru?

Não é assim, que do aumento da navegação, seguir-se-ia o aumento do comércio interior das colônias entre si? Não é assim que aumentado o comércio interior, poder-se-ia talvez realizar o interessante plano de comércio exterior com os espanhóis; entendendo-se entre si os generais dos portos do mar e o desta Capitania; e sabendo este, sem comprometer o ministério, ajuntar ao ouro destas minas a prata das do Peru?

#### DÉCIMA CAUSA

Entretanto que aos mineiros desta Capitania se dificultam os meios de o serem; vão alguns deles tratando de mudar de ofício; transformando-se de mineiros que eram em lavradores e fabricantes que são. Uma razão lhes acho, e é que o produto do seu trabalho vem a ser desta sorte menos precário e incerto.

<sup>10</sup> “Soldados” substitui “pagamentos”.

Por isso algumas lavras de ouro estão presentemente trocadas em canaviais e algodoais; muitos mineiros transformados em senhores de engenho de açúcar, e aguarde[n]te de cana; outros empregando seus escravos em fiar e tecer o algodão. De aguardente e de açúcar juntamente, conto eu no distrito de Mato Grosso treze engenhos, e de açúcar infelizmente três. Por mais repetidas que têm sido e mais terminantes as ordens se Sua Majestade, contra os engenhos de aguardente, tantos são os meios, não digo de evadir as sanções penais, mas sim de conservar cada um, e amplificar os engenhos que tem, que é quase impossível extinguir estas oficinas do vício, das turbulências e dos roubos. Os mineiros que entendem que fazem melhor fazendo um pouco de tudo, como a pouca gente que têm a distribuem<sup>11</sup> por cinco ou seis ocupações diversas, não fazem pouco, se de cada uma delas chegam a recolher amostras insignificantes. É assim que cada um desampara o seu posto, e contraindo a si só as suas vistas, não adverte que em minas tão ricas, mas tão remotas como estas excetuados os braços precisos para agricultarem o necessário sustento do país, ninguém, mas mais especialmente o mineiro, não deve ser senão mineiro.

### UNDÉCIMA CAUSA

Até neste sertão se introduziu o luxo; e ele tem acabado de derrotar os seus habitantes. Há vinte anos a esta parte que em ambos os sexos, e em quase todas as classes tudo são taças da Índia, lisas e lavradas; bretanhas de França e de Hamburgo; esquiões, cambraias, chitas, sedas e galões. De sessenta escravos que possui um mineiro que se trata, dois servem de pajens para acompanhá-lo; um é barbeiro; outro alfaiate, outro sapateiro; dois são cozinheiros; um é moço do gado, dois tratam da cavalaria. De oito até dez raparigas escravas, duas são moças da costeira; outra é tia de algum menino; as mais delas vivem no estado de uma perfeita ociosidade; porém todas comem e vestem com luxo desproporcionado à sua condição. Sustentar e vestir um grande número de escravos ociosos é a vaidade favorita dos ricos homens destas minas. Não é que não haja leis que reprimam tais excessos; é que não há da parte dos magistrados, aquela firmeza e constância que devem fazer honra ao seu caráter.

Inutilmente a polícia tem sido mais de uma vez objeto da legislação. Ela não consente que raparigas escravas andem vagando pelas lavras de tabuleiro à cabeça, como dizem; desinquietando os negros empregados nos serviços. Pela disposição do capítulo 17 do atual regimento, em conformidade do § 51 do [ano] de 1603 não devem os guarda-mores consentir nos seus distritos pessoa alguma liberta, vadia, ociosa e inútil; e para evitarem os roubos e distúrbios que causam nas lavras, nas roças e escravaturas dos mineiros, devem fazê-las despejar dos distritos das suas competências, para as capitais aonde existem os governos e as justiças que só podem reprimir esta gentalha; não consentindo demora se neles tod[o] aquele indivíduo que se não empregar em minar ou roçar ou trabalhar por algum ofício mecânico, ou não estiver assalariado. É assim que degradando-se a ociosidade, se degrada a mãe de todos os vícios; e favorecendo-se a indústria se socorre a necessidade que é inimiga da virtude. Esta não sendo carcomida pelo insidioso dente da imoralidade popular, conserva a consistência precisa para ser o mais firme e permanente estágio da felicidade social; porque têm observado os estadistas que a corrupção dos costumes, é o caruncho dos Estados.

### DUODÉCIMA CAUSA

A legislação primitiva e constitucional do governo dos mineiros tem sido obra da infância em que estava a ciência de minar; não admira que ela tenha formado um código incompleto, e em muitos casos inadequado ao tempo e às

<sup>11</sup> O trecho “a pouca gente que tem a distribuem” substitui “distribuem os escravos que tem”.

circunstâncias presentes. Vejam-se os primeiros regimentos; e bastava uma simples intuição para fazer compreender que sendo eles ordenados ao fim de regular principalmente a administração civil e econômica das mesmas minas. Quanto à ciência de minerar não se encontra neles um sistema regular de operações práticas, deduzidas de princípios certos, claros, simples e literais, e estes fundados tão somente na razão e na experiência. Então só se tratava de minas de veiero ou betas, como se deduzidos dos alvarás de 15 de agosto de 1603, 8 de agosto de 1618; passando-se depois a tratar de novos descobertos e pintas ricas em ribeiros e lugares partíveis pelo povo, como se deduz do alvará de 19 de abril de 1702; sem nenhum deles trazer as necessárias providências para se lavrarem as terras com serviços de rebaixe e talhe aberto, com a necessidade e a experiência foram inventando, e hoje se usam.

E ainda que esta falta se providenciou depois pelas provisões de 24 de junho de 1720, de 19 de junho de 1732, e pelo adiantamento ao regimento feito de ordem de Sua Majestade pelo governador e capitão general Gomes Freire de Andrade, em 24 de março de 1736. A experiência tem feito ver, que daquelas mesmas providências foram nascendo outros abusos; e que para ocorrer a eles, estão de tal modo confundidas as disposições dos ditos regimentos, provisões e ordens régias, com os arbítrios dos ministros, e com as providências interinas de governos diferentes que para se pôr tudo isto na luz precisa para o remediar, é necessário um trabalho ímprobo.

Por outra parte há muito tempo que se reconhece a necessidade de fixar por uma vez os verdadeiros limites da administração civil destas minas, entre os superintendentes e guarda-mores delas. As disposições do antigo regimento de 1702, deixaram tão confundidas as jurisdições de ambos que umas vezes parecem elas [com umas] a um, e outro; outras vezes a jurisdição do superintendente se representa muito superior. Eis aqui o pomo da discórdia; causa original das rivalidades e contestações de competência, em que se têm deslizado uns e outros, sem ter havido até agora providência alguma nesta parte. Em provisão de 17 de janeiro de 1735, sim reconheceu Sua Majestade a necessidade dela, e ordenou ao desembargador Rafael Pires Pardiniho que fizesse um novo regimento. Porém este até agora não apareceu. Pelas Reais ordens de Sua Majestade de 9 de dezembro de 1778, determinou a mesma senhora que se ouvissem os pareceres dos superintendentes e guarda[s]-mores, a fim de se emendar ou formar a este, e outros regimentos um novo regimento, que fixasse os limites da jurisdição civil no ponto importantíssimo da administração das minas do ouro etc. Sei que se pediram e que se deram os pareceres dos guarda-mores destas, onde se me entregaram as cópias de dois dos ditos pareceres; e o que neles acho de útil e interessante é o que apresento substanciado no extrato nº 1º.

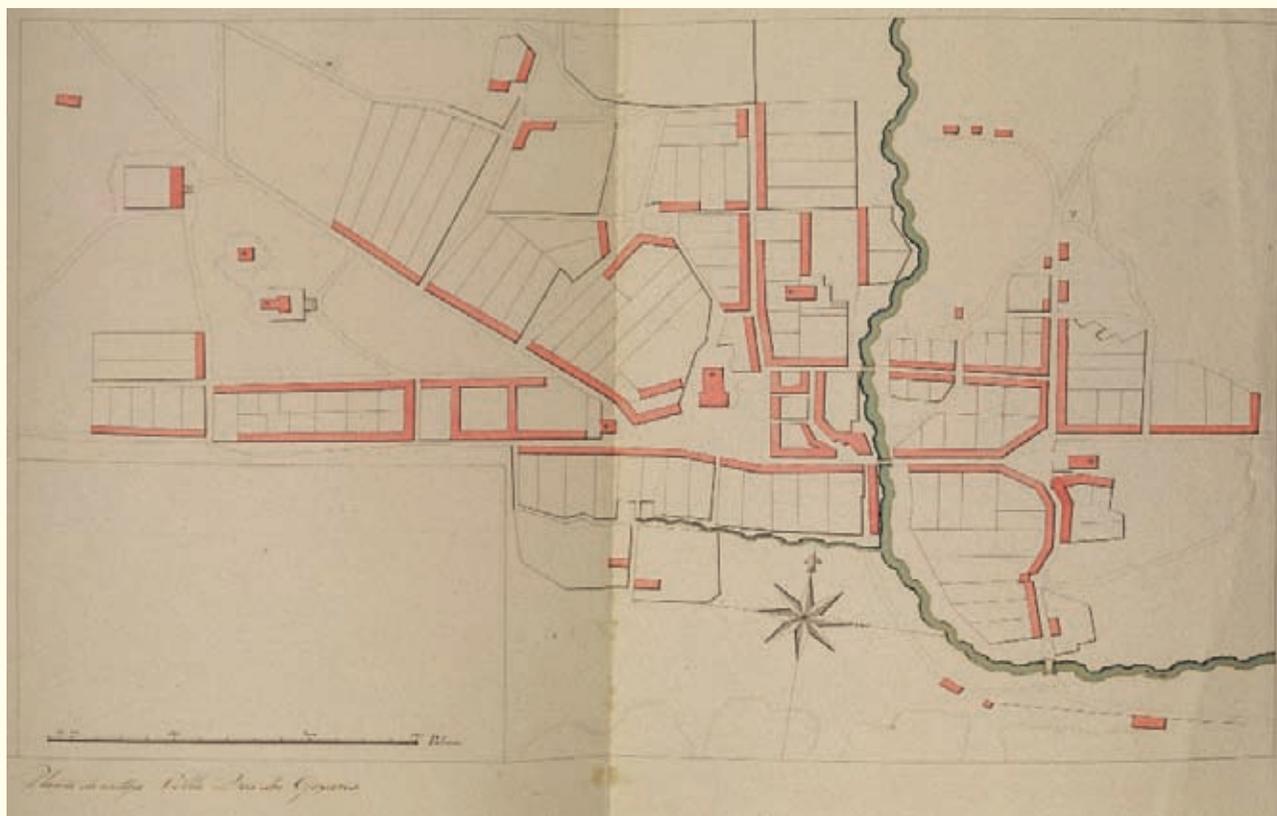
Enfim quando não houvessem outras causas, como as que tenho relatado, não bastava esta do defeito da legislação para atrasar estas minas? Concluamos a enumeração de todas e acabemos de dizer tudo de uma vez. Despotismo militar, insaciabilidade eclesiástica, peso do trabalho, multiplicidade dos dias feriados, ignorância dos métodos, falta de intendentés hábeis, nulidade de moeda etc. Eis aqui outras tantas causas físicas e morais da decadência que represento.

Por que fatalidade acontece, que os lavradores do ouro em pó, são por isso mesmo privados do terceiro valor, isto é, do uso e do cômodo do ouro amoedado? Que tenebrosa política tem degradado estes povos da dignidade de povos civilizados, pondo-os a par dos selvagens do mundo conhecido que são os únicos que conhecendo os seus reis, tão somente de vista, ou de ouvida, não conhecem pela sua moeda? Para se fundir nestas minas o ouro em pó das suas lavras, não se põe dificuldade alguma; para cunhá-lo porém, manda-se daqui seiscentas, ou setecentas léguas a amoedar-se ou no Rio de Janeiro, ou na Bahia? Mas este sistema de governo tem achado em si mesmo o seu castigo.

Para a moderação das despesas que fazem os gêneros necessários, para se poder efetuar anualmente uma mais numerosa introdução de escravos, para se fiarem estes aos mineiros de crédito, que os necessitam mas receiam uma eminente vexação e para em todo de o sentido lhes saírem mais cômodos os fornecimentos de ferramentas, e tudo quanto indispensavelmente requerem as lavras, e as fábricas destas minas, supondo que delas, e tão somente delas



“Prospecto do Marco de pedra da Demarcação da Linha divisoria entre os Dominios de Portugal, e Hespanha, collocado hum pouco inferior á foz do Rio Jaurú em hum lugar baixo, e pantanoso”. “Remeça Barra 17 de Abril de 1787”. “Anno de 1785”. “Codina”



“Planta da antiga Villa Boa dos Goyazes”



“Prospecto da Lavagem de Ouro na Fábrica de Minerar da M<sup>ma</sup>. Lavra”

se deve tratar em tão remota fronteira; não está faltando aos olhos a necessidade de uma companhia que conservando do pé, em que devidamente se estabelecer, ressuscita o cadáver de semelhante estabelecimento?

Eu tenho escrito o que basta a respeito do ouro daquela serra.

Também nela se acham, de que dou fé, ao tempo em que escrevo esta memória, diversas espécies de ferro hematites, especular, piriticoso e micáceo. As pirites figurada e cristalina. Na classe das pedras o xisto comum e argiláceo, o “cos cotaria” lameloso e friável. A mica aurata e argêntea.

O quartzo pingue, hialino e granuloso. O sílex rubricator e diversas espécies de granites; o cristal de roca, o pingo de água e o topázio branco. Entre os sais, o salitre, a pedra ume, o sal comum das lagoas e terras inundadas e a caparrosa. Entre as terras, o tijuco ou argila vitriolácea, a tabatinga ou argila branca, a ocre de ferro amarela, vermelha e roxa, dita de cobre ou verde, ou azulada; além das mais pedras e terras que deixo referidas e de que remeto as amostras.

A saúde que gozam os habitantes é a que lhes permitem da parte da terra, as inundações das campanhas adjacentes, durante o inverno; e da do céu, em todo o tempo as variações da atmosfera, ora quente, ora fria, ora seca e ora úmida. Ordinariamente o termômetro de Reaumur dentro de casa de telha vã, que pouca diferença faz do ar da tarde, por 24° acima da congelação. O maior frio que aqui se tem observado nos dias de friagens tem sido de 9°. O comum nestes dias é de 11 1/2°, 12° e 13°. As suas águas sim são cristalinas; mas pela maior parte férreas, e tão frias e cruas que delas procedem os bócios ou brombreles (os naturais chamam papos e outros hérnia guturais) e os padece uma grande parte dos habitantes; porém os negros mais do que os brancos, e os de um sítio, mais que os de outros. Também estes se apresentam nas formas de um bolso, uma bexiga, um cabaço, e são formados pela acumulação dos sucos nutritivos que acumulados engrossam a túnica externa da áspera artéria, os músculos do pescoço, a membrana adiposa e a mesma pele. Eles são perigosos, porque ameaçam sufocações, as faltas de deglutição e a debilidade dos sentidos.

Principia a chover em novembro, e acaba em março, porém são chuvas interpoladas; e os verdadeiros meses chuvosos são janeiro e fevereiro. Com as primeiras águas repontam nos rios os primeiros repiquetes da enchente, e as febres que então aparecem são as catarrais e as intermitentes; mas sem aquela malignidade que trazem as do estio. Em se avançando a sua estação que com o calor do sol se têm exaltado e espalhado pela atmosfera as exalações podres das margens dos rios, as carneiradas. Constam da pior qualidade de febres podres, malignas e intermitentes; de corrupções, vulgarmente bicho, garrotinhos, pontadas, disenteria e outras moléstias que triunfam das constituições mais robustas e das condutas mais regulares. Das referidas epidemias e da do contágio do sarampo, que então pela primeira vez se difundiu por Mato-Grosso, constou a peste do estio de 1789. Desde o mês de agosto até ao de dezembro do dito ano que ela [grassou] na capital e nos arraiais de Ouro Fino, Santana e Pilar, faleceram homens 154, mulheres 47, todas 201. Pelos mesmos matos morreram antas, porcos e veados. Algumas vacas e bestas muars desertaram do campo e se refugiaram nos arraiais, trazendo as faces prodigiosamente inchadas. É desta sorte que anualmente se vai devastando a povoação desta capitania, onde apenas se contam 6465 almas, incluídas 2733 que povoam a capital. A obstrução, a hidropisia, o escorbuto, o espasmo, as hemerróidas, a sarna etc. são próprias de todo o tempo; e também elas vão por seu turno sepultando este punhado de homens, neste cemitério do Brasil, a que se dá o nome de Mato-Grosso.

Aqui não há nem um hospital, nem uma botica provida desses remédios caseiros, nem um professor que os aplique, ou seja médico ou cirurgião de partido. O único cirurgião que há pertence à terceira partida da diligência da demarcação de limites, a qual ele deve acompanhar, sem deixar outro que substitua a sua falta. Um boticário que para aqui passou da capitania de São Paulo, é quem fica arvorado em cirurgião da capital; não sendo ele senão um aventureiro que creio que entende tanto da cirurgia como da farmácia. Termos em que, não obstante as ordenações e leis de Sua Majestade e regimentos da junta do protomedicato de Lisboa, são inocentes os curiosos que aplicam o que sabem ou têm lido em algum receituário particular, por não ser neles voluntária nem filha de dolo mau a sua

charlatanaria médica. Em circunstâncias tais, também<sup>12</sup> eu sou obrigado a fazer algumas observações médicas, e a história das enfermidades endêmicas, e epidêmicas do país, eu as reservo para outra memória à parte. (Cf. *Enfermidades Endêmicas*. pp. 76 e seguintes.)

O terreno é tão fértil, como se não houvera ele servir para mais que para as lavouras. Dão-se excelentemente o milho,<sup>13</sup> o feijão, a mandioca, o arroz, as batatas, o café, a cana-de-açúcar, o algodão e o tabaco. Comumente o milho não rende menos de 80 por 1, e o feijão 25 até 30. Contudo no arraial do Ouro Fino o feijão rende 40 e o milho 200. O referido basta, para se pronunciar sem leveza sobre a fecundidade do terreno; sendo aliás a sua agricultura conduzida sem plano nem direção. Não menos se dão as árvores de espinho, pois ali vi grandes e excelentes cidras, laranjas, limas e limões azedos; além de todos os frutos originários do país. As hortaliças não deixam de recompensar o cuidado com que se tratam. Crescem para os gados excelentes pastos, com que se nutrem e engordam os bois, os cavalos, os porcos e as cabras. Criam-se outras plantas oficinais como são na classe dos amargos febrífugos, a casca do arbusto a que se dá por aqui o nome de quina peruviana, que o parece ser no nome e na realidade a raiz da quina da terra, a pajamarioba do Pará, que aqui se chama fedegoso, a abutua ou parreira brava, o caapiá, o cuguacu-aia ou fumo bravo. Na dos eméticos, a ipecacuanha que aqui chamam poia<sup>14</sup>. Na dos purgantes, o tamarindus, a batata, o capim de purgas ou ruibarbo da terra, a raiz de lagarto e o pinhão. Fora outras muitas plantas de outras virtudes medicinais, como são o sambre-guaçu do Pará ou jaborandi em Mato-Grosso, a macela e a salva da terra; o alcaçuz, o malvaíscio, a douradinha, o cipó de chumbo etc. Entre as muitas plantas de usos econômicos, é prodigiosa a quantidade de anil que por aqui se cria. Porém suposta a distância, em que estão estes estabelecimentos, supostas as despesas e os perigos que é preciso vencer para se entrar ou sair deles e suposta finalmente a imperiosa necessidade de tirar deles o metal precioso, dever-se-á consentir que por aqui se cultive mais que o que for indispensavelmente preciso para o sustento dos habitantes?

Está toda a serra dividida em oito arraiais, compreendidos em duas guarda-mari[nh]as. A primeira chamada de São Vicente, a qual compreende os arraiais da chapada, (antigamente o de Santana da Troba do Morro) dito das Lavrinhas e o Aguapeí. Excetuando somente o da chapada, todos os mais estão situados nas fraldas da serra, pela sua face que olha para o nascente e são pela ordem de sua direção norte-sul os seguintes:

#### GUARDA-MARI[NH]A DE SÃO VICENTE CHAPADA DE SÃO FRANCISCO XAVIER

Foi este arraial o único que se estabeleceu no alto da face ocidental da serra. Governava a capitania de São Paulo o conde de Sarzedas Antônio Luís de Távora, e regia as minas de Cuiabá o brigadeiro Antônio de Almeida Lara quando em 1736, descobriu o ouro da chapada o sargento-mor Antônio Fernandes de Abreu. No mesmo ano se repartiram as suas minas e se lhes deu a invocação de São Francisco Xavier, a quem se erigiu capela no seguinte ano de 1737. Desde que elas repartiram pelo decurso de oito meses, pouco mais ou menos, saíram os jornais a razão de 3/8 e 1/2 até 4/8<sup>as</sup>. Foram descendo a 2, 1 e 1/2 e assim se passou causa de dois anos. É verdade que também então custava o alqueire de milho 6/8 <sup>as</sup>; o de feijão 10/8 <sup>as</sup>; e pouco depois 20 e 30, o arrátel

<sup>12</sup> “Também” foi acrescentado posteriormente.

<sup>13</sup> No manuscrito consta “minho”.

<sup>14</sup> O manuscrito registra “poalha” que é um hiperurbanismo do copista,

de carne de porco 2; o frasco de aguardente de cana 15; prato de sal 4; um arrâtel de açúcar 6 até 7, porém, para tudo isto rendiam as minas descobertas, e mais para os fundos que se entesouravam. Tem-se tirado delas muitas arrobas de ouro, porém já hoje se não tira o muito que ainda tem pela falta que há de grandes fábricas. Apenas existem alguns insignificantes lotes ou de pretos libertos ou de escravos empregados em faisqueiras. Não deixam, portanto, de haver bons serviços; como são o do referido palmeiro que acima disse, que pertencia ao sargento-mor José Manuel Cardoso da Cunha; os dos defuntos Manuel Telo de Castro e Antônio Gonçalves de Oliveira e outros. Tem nas suas vizinhanças dos engenhos de açúcar e aguardente e outras tantas fábricas de farinha. Consta de 400 pessoas de ambos os sexos; não incluindo os menores que é o como daqui para diante, se deverá entender da povoação dos outros arraiais.

### SANTANA DA TROMBA DO MORRO

Era em outro tempo, quanto a sua posição, o primeiro, contando da ponta boreal da serra, pela sua face Oriental. Estava encostado a ela, na distância de meia légua acima da referida ponta e na de duas, abaixo do arraial de São Vicente. Foi o seu ouro descoberto em julho de 1768, por Manuel Dias de Figueiredo. Ali se situaram logo alguns mineiros que erigiram as suas fábricas, de entre as quais, presentemente só existe a do sobredito sargento-mor José Manuel Cardoso; e nada mais.

### SÃO VICENTE FERREIRA

Em outubro de 1767, descobriu as suas minas o capitão-mor Bento Dias Botelho. Está o arraial situado em uma grande planície, distante em quarto de légua do morro, também chamado de São Vicente, ficando a dita planície entre uns dois córregos que são o da Invocação do arraial e do Palmital. Neste foi que se fez o descoberto, chegando a prosperar de tal modo que para ali concorreu governada pelo segundo governador e capitão-general João Pedro da Câmara. Das muitas fábricas que se estabeleceram, hoje tão somente se conserva a memória. Apenas se poderá dar aquele nome a da viúva Isabel Maria de Ataíde. Tudo o mais não passa de alguns poucos brancos, mulatos e pretos libertos ou ainda escravos, que se ocupam em faiscar o ouro mais oitavas de peso. Pastam nas suas imediações, acima de mil cabeças de gado vacum. O alferes José de Godói Moreira possui um engenho de açúcar e aguardente. Consta a povoação do arraial de 706 pessoas, incluídos a 32 brancos que existem.

### BOA VISTA

Veio-se a ter notícia deste descoberto no lugar aonde está o arraial de São Vicente [quando] iam fazer alguns pretos, com amostras de ouro que ali era desconhecido. Está situado nas abas da ponta de um morro que ali faz a serra, em distância de duas léguas ao sul de São Vicente. As suas lavras logo ao principio, não mostraram que eram ricas. Pelo decurso do tempo é que foram manifestando várias folhetas de peso. A maior que delas se tirou foi a que já disse que pesara quase dezenove marcos. As principais fábricas que tem são as do padre João Nicolau Rodrigues, a de Gabriel Antunes Maciel e a do capitão Joaquim de Almeida Sanches. Consta de 102 pessoas, incluídos nelas 3 brancos.

## OURO FINO

A história de seu descobrimento é a mesma, que a do arraial da capela de Santana. Está situado em uma vistosa planície, distante 1/4 de légua da base da serra e 5 acima do sobredito arraial da Boa Vista. Nele se estabeleceram o padre José de Barros Penteado, Manuel Dias Penteado e Bento Rodrigues da Silva. As maiores fábricas que teve foram a do referido padre e a do guarda-mor Diogo Feliz de Carvalho. De todas presentemente conserva, são a do capitão José da Silva Terra e a de João Manuel Rodrigues Vilarinho. Tem acima de 500 cabeças de gado, para a qual abunda de excelentes pastos naturais e barreiros salinos, aonde se [ceva] e a caça. Gaspar de Godóis possui no seu distrito um engenho de açúcar e aguardente. Da sua povoação se dá conta juntamente com o arraial que se segue.

## CAPELA DE SANTANA

Das imediações deste arraial foi que se extraíram as primeiras amostras de ouro que se remeteram para o Cuiabá. Em 1734 descobriram e manifestaram o achado de 3/4 de ouro em um braço do ribeirão do Mucabaré, os dois irmãos Fernando Paes de Barros e Artur Paes. Em 1735 acharam os mesmos descobridores e o sargento-mor Antônio Fernandes de Abreu 3/8 de ouro no ribeirão que chamaram de Santana, ao nascente do arraial da chapada. Então se erigiu a capela de Santana no sítio a que deu o nome, sendo o seu fundador, o padre André dos Santos, a quem em 1737 sucedeu na capelania e na reedificação da capela, que então se cobriu de telha, o padre Manuel Antunes de Araujo; ambos nomeados capelães pelo vigário da igreja e da vara da vila do Cuiabá, o padre João Caetano Leite César. Este foi o primeiro arraial de toda esta serra, e a ele se dirigiam os negociantes, em viagem do Cuiabá para Mato-Grosso. Dista légua e meia ao sul do arraial do Ouro Fino. Tem uma pequena fábrica pertencente ao capitão guarda-mor José Ferreira de Araujo. Dele também é um engenho de açúcar e aguardente. Os negros que aqui se acham estabelecidos manufaturam a louça precisa para o consumo interno e externo. Consta de 350 pessoas, incluídas nesta a povoação de Ouro Fino.

## NOSSA SENHORA DO PILAR

Chegaram a este sítio no ano de 1735, e nele se arrancharam, e fizeram as suas explorações, o padre José Leite Penteado, seu irmão o sargento-mor Francisco de Sales Xavier e João Pereira da Cruz; se bem que o primeiro foi o que em 1749 erigiu uma capela em honra de Nossa Senhora do Pilar e lhe deu este nome. De suas minas ainda hoje se continuaria a tirar muito ouro, se se não tivessem desmantelado as grandes fábricas. Fica este arraial contornado de pequenas colinas sobranceiras, e dista uma légua ao sul do da capela de Santana. Nem todos os descobertos deste distrito se têm lavrado; por falta de água, quase estão intactos os morros da Melgueira, do Membeca e do Pilar. As maiores fábricas que existem são a do capitão-mor João Raposo da Fonseca Góis, a do capitão José Correa de Ataíde, a de Silvestre Teixeira de Vila, a dos sócios Vicente da Silva Martins, e Antônio Carneiro da Silva Rangel e a do alferes Francisco Garcia Velho. A de Antônio José Feliz de Avelar, ainda agora não emprega mais de 20 escravos. Pertencem a este arraial acima de 150 cabeças de gado. Tem dois engenhos de açúcar e aguardente que são o do capitão-mor e o de Tomais Jerônimo Tavares. Consta de 580 pessoas.

## GUARDA-MARI[NH]A DAS LAVRINHAS DO GUAPORÉ

Descobriu-as o sobredito Fernando Pais de Barros logo depois do descoberto da chapada. Porém porque então pareceu que não faziam conta; desprezaram-nas bastante tempo os mineiros, até que se tentou a experimentá-los o negociante João de Souza de Azevedo. Também este as desprezou; se bem que por inculcas suas, se resolveu a examiná-las Antônio Francisco da Silveira; o qual as mandou reconhecer por Sebastião José e Domingos Machado; e reconhecidas que foram, imediatamente passou a estabelecer-se nelas. Por falecimento seu substitui-lhe seu sobrinho Antônio Silveira Fagundes Borges e pelo decurso do tempo se estabeleceram outros mineiros. O que do livro 1º desta guarda-mari[nh]a se faz manifesto, é que em 29 de setembro de 1741, se concedera o Heitor Mendes Leite provisão da água do córrego do Brumado. Que em 14 de outubro do mesmo ano, se concedera outra de outro córrego vizinho ao vizinho ao primeiro, ao referido Fernando Pais de Barros, que em 30 do dito mês e ano, se concedeu outra do mesmo Brumado, socavado por Antônio Antunes Maciel a Paulo da Costa Delgado, para fazer serviço de rebaixe. É dos arraiais ao presente, mais bem estabelecidos com muitas e grandes fábricas. Dista duas léguas e meia ao sul do Guaporé e 12 1/2 de andamento ao sul do campo do Pilar, pelo caminho da Picada que hoje se freqüenta. As maiores fábricas que tem são a do capitão guarda-mor Manuel Veloso e Vasconcelos, a do padre Fernando Vieira da Silva, a de Francisco de Paula Correa e a de Inácio Pinto. A primeira e a segunda constam de 100 escravos para cima; a terceira e a quarta de 50. Além destas e outras menos significantes<sup>15</sup>, também a alguns pretos forros pertencem alguns pequenos serviços de 3 até 20 escravos cada um. Ao sobredito padre pertence um grande engenho; donde em razão do consumo, é muita mais a aguardente que sai do que o açúcar. Consta a povoação do arraial de 546 pessoas, incluídas nelas 15 brancos. Possui 700 cabeças de gado vacum.

## SANTA BÁRBARA DO AGUAPEÍ

Foram estas lavras pela primeira vez descobertas por Domingos Machado que se dirigiu a elas, de ordem e à custa do primeiro secretário desta capitania Bartolomeu Delcalça e Barros. Pelo que se chamaram as Lavras do Secretário. Abandonou-as de ordem do primeiro governador e capitão general D. Antônio Rolim de Moura até que em 1767 se deliberou a examiná-las o guarda-mor Francisco Aranha de Godói (que então era comerciante) e para ali fora conduzido por Manuel Ferreira da Costa, e querendo estabelecer-se nelas o não fez por nesse mesmo ano se fazer o descoberto de São Vicente. Ultimamente em 1777 ou 78, as foi ver José Pereira da Silva, e logo nelas ficou. Socavaram-se em fins de 81, e princípios de 82, e aos 20 de fevereiro se repartiram. Não tem uma só fábrica de minerar. Possui 300 cabeças de gado. Consta a sua povoação de 120 pessoas, incluídos 3 brancos.

Vila Bela em 16 de abril de 1790  
Alexandre Rodrigues Ferreira

## EXTRATO Nº 1º

Dos pareceres que deram os guardas-mores das minas de Mato-Grosso; sendo consultados sobre os artigos em que era preciso emendar o antigo regimento ou formar outro novo para a administração civil e econômica das mes-

<sup>15</sup> O prefixo “in” foi rasurado nesta palavra.

mas minas. Datados os referidos pareceres, o primeiro do capitão José Ferreira de Araujo, guarda-mor do distrito de São Vicente, em 14 de maio de 1789, e o segundo do capitão Manuel Veloso Rabelo de Vasconcelos, guarda-mor do distrito das Lavrinhas, em 20 de junho do mesmo ano.

Para V. Excia. ver:

Comparando-se os antigos regimentos, provisões e ordens de Sua Majestade com o atual Estado destas minas, não padece dúvida que a decadência universal em que elas se acham clama instantemente por uma nova legislação, a qual seja mais ampliada e favorável aos interesses dos mineiros.

Na classe dos pareceres, entre os muitos que se têm dado por parte de diferentes ministros, que tem sido encarregados da administração das minas de ouro, o parecer mais digno da Real Aprovação de Sua Majestade é o do guarda-mor geral das Minas Gerais Garcia Rodrigues Paes. Ajuntem-se lhe alguns parágrafos do alvará de 1618 e do regimento de 1702, além dos que vêm indicados no dito parecer, e ter-se-á o novo regimento que se precisa.

As disposições dos parágrafos 3º, 5º e 6º são desnecessárias nestas minas. Todas as mais devem se observar inteira e inviolavelmente, excetuadas aquelas em que são precisas as declarações, amplificações ou restrições seguintes:

Declare-se o sentido literal do parágrafo 1º, capítulo 9º do dito parecer. Porque não se deve descoberto novo nem dar se nele data alguma de preferência, o que se achar nos ribeiros, lagrimais ou morros e chapadas de entre minas já descobertas ou que atualmente se estão lavrando; o que bem se conforma com o § 45 do alvará de 1605.

O § 3º de referido capítulo 9º deve ter restrição neste caso, se o novo descoberto se fizer nas vizinhanças das povoações até 5 léguas de distância; porque então só terá o de 1702. Sendo, porém, até a distância de 15 léguas, dar-se-lhes-á o que se diz no dito parecer, ampliando o proporcionalmente nas distâncias de 25, 40, 60, 80 e 100 léguas.

Aquelas datas de preferência que Sua Majestade houver por bem de estabelecer de novo, em prêmio ao descobri[ment]o, nunca deverão ter menos de 30 braças em quadro; ainda que para as outras preferências e sortes não haja terra para tanto, exceto se o manifesto que se houver de repartir não chegar ao número de 20 datas com pinta rica, porque nesse caso as preferências do descobridor serão iguais às outras sortes com umas para o povo.

O manifesto que sendo examinado, não exceder o número de 20 datas e ao mesmo tempo não permitir maior jornal que o de 1/2 de outava de ouro, parece justo que dê tudo<sup>16</sup> ao descobridor e aos sócios que o acompanharem e ajudarem, em prêmio de seu trabalho e despesa.

Devem-se limitar terrenos, em que se não proceda a partilhas, como por exemplo nos lavrados antigos e nos intervalos de faisqueiras com (umas e de) lavras existentes no circuito das antigas povoações, cousa de 1/2 légua. Desta providência depende a conservação das grandes fábricas.

Não é tão útil como parece a disposição do § 3º do parecer, onde se diz que a data que Sua Majestade mandar tirar para a Real Fazenda, fique sempre no meio das datas do descobridor. A experiência tem mostrado que nestas minas nem sempre as melhores datas são contíguas. Basta que nesta parte se observe o capítulo 5º do regimento, isto é, que se tire a data para a Real Fazenda no lugar que os socavadores e o guarda-mor reconhecerem mais rico, depois de tirada a primeira data do descobridor.

A providência do capítulo 19 sendo útil e convincente, deve-se reduzir contudo a uma expressão mais clara, não deixando lugar de se entender talvez que nos morros se pode assinalar buracos ou laborar em minas, sem licença do guarda-mor do distrito.

Todos os mais capítulos contêm providências úteis e interessantes ao serviço de Sua Majestade e ao bem público. Mas é preciso acrescentar-lhes o capítulo 11 do regimento que proíbe vender e comprar terras minerais sem ter

<sup>16</sup> No manuscrito consta "todo".

feito ou aberto serviços; no que se conforma com o § 14 do alvará de 1603. Sendo intolerável que hajam pessoas que peçam terras para negócio e como efeito entrem em particular com os mineiros, não para as minerarem, como eles mas sim para as traficarem e venderem.

O capítulo 17 do atual regimento deve ter sempre o seu inteiro vigor; e o guarda-mor não deve consentir no seu distrito pessoa alguma liberta, vadia, ociosa e inútil, na conformidade deste capítulo e do § 51 do alvará de 1603.

Diz um adágio destas minas, que descobridor de ouro nunca rico. Uma das razões é porque o prêmio de duas datas de preferência, e ainda estas proporcionadas à sorte com uma do povo, é prêmio sim para remunerar um manifesto dado no círculo das povoações, ou na sua imediata vizinhança, mas não para compensar as perdas de tempo, riscos de vida e enormidade das despesas que fazem os descobridores, aventurando-se a penetrar sertões remotos e doentios. Mas quantas datas será preciso arbitrar aos descobridores?

Uns dirão que dez outros que vinte; e afinal serão tantas as cabeças quantas as sentenças. É verdade que no arquivo da câmara da Vila do Cuiabá existe o livro 1º dos capítulos de correção, e nele o § 3º, donde conta que em auto de audiência geral do ano de 1753 se ajuntaram aqueles povos e não só requereram ao corregedor da comarca que se estabelecesse com força da lei municipal, a porção de 20 datas de preferência em prêmio ao descobridor, de minas ricas, abundantes e tensas. Mas também se propuseram concorrer para os novos descobertos com as ajudas de custo necessárias. Porém estes arbítrios são próprios de Sua Majestade; e seja qual for a porção de datas que a mesma senhora haja por bem de estabelecer, nós o que dizemos é que a referida porção deve ser determinada não pela regra geral do regimento mas pela de um cálculo proporcionado ao risco, ao trabalho e ao custo de cada descoberto.

Entre os abusos da jurisdição, nenhum é tão intolerável como o que estão praticando os superintendentes destas minas quando os mineiros encontram algum ar de fortuna nas terras que cultivam. Sem lhes valer a fé pública nem a legitimidade dos títulos são logo despojados delas e a riqueza que acham, repartida por todo o povo, e que povo? Uma multidão de vadios, oficiais mecânicos, taberneiros, roceiros, negociantes e negras libertas que nunca mineravam; mas que naquelas ocasiões é que se constituem mineiros para pedirem sortes e terem terras que venderem.

Pede a boa ordem da justiça e o mesmo interesse público que nenhum mineiro haja de ser despojado das terras que legitimamente possuir; por maior que seja a riqueza que apareça nelas. O que se deve atribuir a sua louvável diligência em ordem a excitar-se em todos a emulação no trabalho e na indústria que é a mãe da Boa Ventura. O primitivo regimento não preveniu nada neste ponto, e ainda que da provisão de 19 de junho de 1732, expedida a favor de José Alves de Azevedo, bem se colige a benigna intenção de Sua Majestade a respeito da posse legítima de cada um. Contudo é precisa neste ponto uma positiva determinação régia que ponha a propriedade do mineiro a salvo destes e de outros abusos sempre praticados debaixo do pretexto do bem comum.

A lei não tem outro fim senão o bem público, donde secundariamente resulta o bem particular. Por outra parte ninguém é obrigado por força a fiar fazenda a qualquer mineiro. Isto suposto devem-se observar inteiramente as disposições do § 50 do regimento de 1603, e § 12 do de 1618 que proíbem toda a execução em mantimento, ferramenta e escravos com que se minera, ainda em dívida contraída a títulos de os possuir e só sim pode a justiça obrigá-lo, pelo que extrair da sua fábrica, sem exclusão daquelas que tiverem menos de 30 escravos. De maneira que todo o indivíduo que não tendo escravo algum trabalhar em minas e pagar o real quinto, seja por isso mesmo contemplado como deve, em razão do seu ofício, entendendo-se desta sorte, não a letra mas o espírito do privilégio da trintada.

Quanto ao ponto de jurisdição entre os superintendentes e guarda-mores, é certo que depois que a jurisdição dos primeiros se fez cumulativa aos ouvidores das comarcas; e depois que os segundos começaram a ser nomeados pelo governo da capitania, têm os referidos ouvidores arrogados a si quase toda a jurisdição dos guarda[s]-mores e de semelhante arrogância é que resultam os embaraços em que se têm visto alguns particulares.

Porém sendo os guarda[s]-mores tirados da classe dos mineiros, na forma do regimento tem a seu favor por uma parte a presunção de direito que os supõem instruídos na prática de minerar e por outra parte as positivas determinações do regimento que estão em uso. Porque nos capítulos 3º e 4º do regimento de 1702 se manda que havendo dúvida entre os mineiros sobre as medições de terras; ou havendo algum poderoso esbulhado as terras de algum pobre e miserável, recorra o queixoso ao superintendente ou guarda-mor, aquele que mais pronto estiver.

Pelo capítulo 5 e 24 do dito regimento de 1702, pelas provisões de 8 de outubro de 1718, de 24 de fevereiro ou de junho de 1720 e de 19 de junho de 1732, é inquestionável que ao guarda-mor é que pertence privativamente a repartição das terras e águas minerais, e que eles não exercitam estas funções por via de jurisdição delegada, mas sim privatiza que lhes concede Sua Majestade, [ex] vi da qual lhes competem todos os salários e emolumentos que lhes são adjudicados pelas cartas de datas, caminhos e diligências que fazem de vistorias e outras funções que todas têm arrogado a ambição dos ditos superintendentes; dando e tirando terras, levando de assinatura de uma carta outava e meia de ouro, quando os guardas-mores pelo regimento só levam meia outava. E como a maior parte das terras de alguns distritos se acha concedida pelos mesmos superintendentes, daqui tem resultado achar-se uma e a mesma terra concedida a dois sujeitos diferentes; pedir-se e conceder-se outra terra em um lugar, e seu dono achar-se demarcando e apossado de outra em outro lugar etc.

Sendo pois privativo do guarda-mor repartir terras e águas minerais, demarcá-las e meter de posse delas. Pode-se resolver a questão se lhe compete ou não, em causas desta natureza, o direito de as julgar sumariamente em primeira instancia, dando apelação e agravo para o superintendente, e esta para a relação do Estado? Parece que sim; pelas razões seguintes: 1º porque se lhes não compete este direito, desnecessário é recorrerem a ele as partes, sobre as medições das terras ou o esbulho delas, como se manda nos §§ 3º e 4º do regimento de 1702; não tendo jurisdição de decidir e fazer a cada um conter-se nos limites de seu dever. 2º Porque sendo ele mineiro e domiciliado entre mineiros, além de ter a prática das matérias sobre as quais deve julgar, evita deste modo às partes os inconvenientes das custas, e das demoras que procedem da distância em que fica o superintendente que é ouvidor do comarca, residente na capital donde distam as guarda-marinhas 10, 15, 20 e 80 léguas. 3º Porque versado as contendas dos mineiros ou sobre a identidade dos sítios, ou sobre a qualidade dos serviços ou sobre a prioridade das posses. De tudo isto tem o guarda-mor noções claras e intuitivas, por morar entre eles e conhecer as suas fábricas; sem que obste o dizer-se que às vistorias vão louvados inteligentes. 4º Porque se o guarda-mor, por malícia ou ignorância, julga em primeira instancia contra a lei; tem a parte o seu recurso no superintendente; não o tendo tão pronto contra as sentenças dele, nestes distritos distantes 600 léguas da relação do Estado etc.

RELAÇÃO DAS AMOSTRAS DE OURO E TERRAS MINERAIS  
QUE SE REMETEM PARA O REAL GABINETE DE HISTÓRIA NATURAL;  
NA CONFORMIDADE DAS ORDENS DE SUA MAJESTADE  
DE 31 DE OUTUBRO DE 1787.

Para V. Excia. ver

Números 1, 2, 3, 4

Serras auríferas das lavras do sargento-mor José Manuel Cardoso da Cunha, em Santana da Tromba do Morro.

5- Amostra de ouro em pó das ditas lavras. Pesa um marco.

6- Dita de dito fundido. Pesa 3 onças, 7 outavas, 12 gramas.

7- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos, 1 grama e 1/4.

É lavra de veio de água, onde trabalham 72 escravos. Tem o cascalho solto e profundado 12 pés abaixo da superfície da terra. A bateada mais rica pinta 10 [ ] de ouro ou 18 [ ] e 3/4 de prata;

8, 9, 10, 11

Terras auríferas das lavras de Manuel Joaquim Leite Penteadado no morro de São Vicente.

12- Amostras de ouro das ditas lavras. Pesa 1 [m].

13- Dita de dito fundido. Pesa 4 onças e 9 gramas.

14- Dita de dito ensaiado. Tocou a 22 quilos, 3 gramas e 1/8.

É lavra de Guapiara, onde trabalham acima de 50 faiscaidores, entre negros escravos e libertos. O seu ouro é graúdo e requeimado. Abateada mais rica, pinta 1/4 de outava de ouro ou 300 [ ] de prata.

15, 16, 17, 18

Terras auríferas das lavras de Isabel Maria de Ataide, no Córrego do Palmital.

N<sup>os</sup>

19- Amostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1 m.

20- Dita de dito fundido. Pesa 4 onças, 3 gramas.

21- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos, 3/8.

É lavra de veio de água, onde trabalham 42 escravos. Tem o cascalho engomado e profundado 16 pés

abaixo da superfície da terra. Abateada mais rica, pinta 80 [ ] de ouro ou 150 [ ] de prata.

22, 23, 24, 25

Terras auríferas das lavras do padre João Nicolau Rodrigues, no arraial da Boa Vista.

26- Amostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1 m.

27- Dita de dito fundido. Pesa 4 onças, 2 gramas.

28- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos e 1/2.

É lavra de Guapiara, onde trabalham 42 escravos. Tem 7 até 8 pés de altura de cascalho engomado. O seu ouro é graúdo; e tiram-se grandes e pequenas folhetas. As bateadas ordinárias pintam 18 [ ] e 3/4 de prata.

29, 30, 31, 32

Terras auríferas das lavras do capitão Joaquim de Almeida Sanches.

33- Amostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1 m.

34- Dita de dito fundido. Pesa 2 onças, 3 outavas, 27 gramas.

35- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos e 3/8.

Também é lavra de Guapiara, onde trabalham 23 escravos. Tem o cascalho solto e profundado 3 até 4 pés. Dele se tem tirado folhetas de 24 e 6 onças de peso, sendo a maior que se tem achado de 5 marcos, 3 onças e 6 outavas. As bateadas ordinárias pintam 10 [ ] de ouro.

N<sup>os</sup> 36, 37, 38, 39

Terras auríferas das lavras de Gabriel Antunes Maciel

40- Amostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1 m.

41- Dita de dito fundido. Pesa 3 onças, 7 outavas, 33 gramas.

42- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos e 1/8.  
É lavra de Guapiara, onde trabalham 30 escravos.  
Tem o cascalho solto e profunda de 3 até 4 pés, sobre  
a grossura de 4, 6 até 13 que é a que tem no lugar  
aonde se trabalha. As bateadas mais ricas, pintam  
80 [ ] de ouro. Também aqui se acham algumas  
folhetas.

43, 44, 45, 46

Terras auríferas das lavras do capitão José da Silva  
Terra, no arraial do Ouro Fino.

47- A mostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1 m.

48- Dita de dito fundido. Pesa 3 onças, 5 outavas e  
69 gramas.

49- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos, 1 grama e  
1/4.  
É lavra de veio de água, onde trabalham 50 escravos.  
Tem o cascalho na profundi[da]de de braças e 8 pal-  
mos. As bateadas mais ricas, pintam 40 [ ] de ouro  
ou 75 [ ] de prata.

50, 51, 52, 53

Terras auríferas das lavras de João Manuel Rodrigues  
Vilarinho.

54- Amostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1 m.

55- Dita de dito fundido. Pesa 3 onças, 6 outavas, 56  
gramas.

56- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos, 2 gra-  
mas 1/4.  
Também é lavra de veio de água, onde trabalham 48  
escravos. Tem o seu cascalho na profundidade de 8  
pés. As bateadas mais ricas, pintam 20 [ ] de ouro  
ou 37 1/2 de prata.

N<sup>OS</sup> 57, 58, 59, 60

Terras auríferas das das lavras de Vicente da Silva  
Martins, no arraial de Nossa Senhora do Pilar.

61- Amostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1 m.

62- Dita do dito fundido. Pesa 3 onças, 7 outavas, 60  
gramas.

63- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos, 7/8.  
É lavra de Guaporé, onde trabalham 40 escravos. Tem  
cascalho engomado e de altura de 13 até 14 pés.

64, 65, 66, 67

Terras auríferas das lavras do capitão-mor João Raposo  
da Fonseca Góis na margem do Ribeiro do Muriti.

68- Amostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1 m.

69- Dita de dito fundido. Pesa 3 onças, 7 outavas, 70  
gramas.

70- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos, 1 grama, 5/4.  
É lavra de Guapiara, onde trabalham 60 escravos.

71, 72, 73, 74

Terras auríferas das lavras de Silvestre Teixeira de  
Ávila, nas margens do córrego da Membeca.

75- Amostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1m.

76- Dita de dito fundido. Pesa 3 onças, 7 outavas, 68  
gramas.

77- Dita de dito ensaiado. Tocou a 22 quilos, 1 grama  
e 1/2.

Também é lavra de Guapiara, onde trabalham 30  
escravos.

78, 79, 80, 81

Terras auríferas da lavras do capitão Correa de Ata-  
íde.

82- Amostra de ouro das ditas lavras. Pesa 1 m.

83- Dita de dito fundido. Pesa 4 onças, 3 gramas.

84- Dita de dito ensaiado. Tocou a 23 quilos, 1 grama  
1/4.  
É lavra de Guapiara, onde trabalham 25 escravos.

85- Folhetas de ouro das lavras de Francisco de Paula  
Correa nas Lavrinhas do Guaporé. Pesa 3 onças, 7  
outavas.

Vila Bela, em 16 de abril de 1790

Alexandre Rodrigues Ferreira

# ENFERMIDADES ENDÊMICAS

DA CAPITANIA DE MATO GROSSO  
POR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA<sup>1</sup>

De Vila Bela<sup>2</sup> a Casalvasco<sup>3</sup> 8 léguas  
De Casalvasco à Missão de Santana<sup>4</sup> 32,  
e a Santo Inácio 36, indo por Santana.

Está a missão de Santana a s[ul]<sup>5</sup> da de Casalvasco; dista da de Santo Inácio em travessia 6 léguas; consta de 500 almas e a de Santo Inácio de 1000.<sup>6</sup>

**D**epois de eu ter observado, pelo espaço de dous anos<sup>7</sup>, quais eram as *enfermidades endêmicas*<sup>8</sup> da capitania de Mato Grosso<sup>9</sup> e de ter ao mesmo tempo reconhecido que a maior parte delas se não remediava, como poderia ser, em se vulgarizando os necessários conhecimentos médicos, para com eles se suprir a falta [de livros e]<sup>10</sup> de professores<sup>11</sup>, assentei comigo de vulgarizar os que possuía, ou sofrem<sup>12</sup> próprios ou<sup>13</sup> alheios, e, concluído que fosse este opúsculo, franqueado aos que o quisessem ler e tirar dele o proveito que se lhes pode seguir.

Empreendi pois a execução deste plano e, depois<sup>14</sup> de empregadas nele as minhas horas de descanso, saiu ultimamente este pequeno sinal do meu zelo e não do meu instituto.<sup>15</sup> Entendo que a estes habitantes nenhum outro

<sup>1</sup> Códice número 21,2,5 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com anotações marginais e interlineares de próprio punho do autor. Traz no canto superior esquerdo da primeira folha a anotação a lápis “17 DRUMOND”, que o identifica como parte do acervo trazido de Portugal em 1842 pelo Barão de Drumond (Cf. ALMAÇA, 1993).

<sup>2</sup> Vila Bela, atual cidade de Mato Grosso, foi criada na metade do século XVIII (19/03/1752), por Antônio Rolim de Moura, por ordem da metrópole, para funcionar como sede administrativa da capitania. Inicialmente se chamou Vila Bela da Santíssima Trindade. Até a época em que Alexandre Rodrigues Ferreira esteve no Mato Grosso só havia três vilas em seu roteiro: Vila Bela, Vila de Cuiabá e Vila Maria. Vide ilustração em FERREIRA, [2002]: II, 101.

<sup>3</sup> Construída pelo capitão general Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, entre 1783 e 1785, a povoação de Casalvasco localizava-se às margens do córrego do Barbado, afluente da margem esquerda do Guaporé. Ver as ilustrações em FERREIRA, [2002]: II, 107 e 109.

<sup>4</sup> As palavras “Santo Inácio” foram rasuradas e substituídas por “Santana”.

<sup>5</sup> Os textos que constituem acréscimos ou hipóteses de leitura vão registrados entre colchetes e os ilegíveis são denunciados por colchetes vazios.

<sup>6</sup> Estas informações sobre distâncias “De Vila Bela a” até “Santo Inácio de 1000” são anotações de próprio punho por Alexandre Rodrigues Ferreira sobre a cópia preparada pelo seu amanuense. Há várias outras anotações do autor no corpo do texto.

<sup>7</sup> A expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira permaneceu na capitania de Mato Grosso de 1789 a 1791, tendo regressado ao Pará no início de 1792, onde aguardou nove meses para regressar a Portugal.

<sup>8</sup> Enfermidades endêmicas são as doenças infecciosas que ocorrem habitualmente e com incidência significativa em dada população e/ou região.

<sup>9</sup> “Ferreira considerou ‘próprias do país’ as seguintes ‘febres’: a obstrução, a hidropisia, o escorbuto, a catarral, o pleuriz, a constipação, o tenesmo, as hemorróidas, a disenteria, a corrupção, a sarna, a impingem e o bócio” (ANZAI, 2004: 173)

<sup>10</sup> “de livros e” - é um acréscimo na letra de Alexandre Rodrigues Ferreira.

<sup>11</sup> A palavra “professor” é utilizada por Alexandre para indicar profissional habilitado ou perito em alguma coisa, como seriam os médicos, neste caso.

<sup>12</sup> “ou sofrem” - substituiu a palavra “tanto”.

<sup>13</sup> “ou” - substituiu a palavra “como”.

<sup>14</sup> Depois é variante de “depois”, de origem controversa, em que é tido etimologicamente como composto da preposição latina *de* ‘de’ + advérbio latino *post* ‘atrás’, o que dá margem a várias restrições, em virtude de flutuações românicas e em fase histórica portuguesa do elemento inicial *de-*/*des-*, além da dificuldade de explicar o *-i-* em *-pois* (por *pós*) etc.; donde as var. *depós*, diretamente ligada à etimologia acima proposta.

<sup>15</sup> Esta informação é importante por indicar que o autor preparou o texto de forma definitiva para ser divulgado, que é também a interpretação de CORREIA FILHO, 1929, p. 146.

presente posso eu fazer, que mais digno seja da sua aceitação do que o de lhes dar a ler, de um modo que entendam todos, a arte de se conhecerem a si mesmos, quando enfermos, e de se tratarem em algumas de suas enfermidades,<sup>16</sup> segundo o que tenho lido ou sabido por experiência própria. Ou eles assim o entendam ou não, fiquem certos que nenhuma paga lhes peço pelo meu trabalho.

Assaz recompensado fico com a satisfação que tenho de trabalhar para ser lhes útil.<sup>17</sup>

Para melhor se entenderem as causas próximas e remotas de que procedem as *enfermidades* de toda esta capitania, principiarei este opúsculo por uma breve *noção física* do país,<sup>18</sup> de maneira que, à vista dela, possam os seus habitantes ajuizar sobre as qualidades do *céu* e do *terreno* onde vivem. Em outra parte<sup>(a)</sup><sup>19</sup> tenho mais circunstanciadamente dado as suas noções *políticas, geográficas hidrográficas* etc. Conseqüentemente o que pertencia a esta era o exame particular da natureza da terra, do ar, das águas etc. Contudo, algumas noções daquelas repetirei, quanto baste para inteligência destas.

Pelo caráter dos naturais (dizia eu a respeito dos habitantes da capitania do rio Negro, em participação de 28 de outubro de 1787, dirigida ao governador e capitão geral João Pereira Caldas<sup>20</sup>), pela sua cor e fisionomia, pelas suas vozes e outros visíveis efeitos da influência do clima<sup>21</sup>, pode-se logo ajuizar das qualidades do *céu* e do *terreno* em que vivem. A cor, em quase todos os filhos dos brancos, ou sejam tais ou *mamelucos*<sup>22</sup>, é macilenta; as vozes, débeis e desentoadas, e todos eles ociosos e negligentes.<sup>23</sup> O que faz concluir que este nenhuma diferença tem para menos, do que se experimenta nos climas das outras colônias portuguesas, que estando situadas entre os trópicos são cortadas por caudalosos rios, cobertos de altíssimos arvoredos.<sup>24</sup>

<sup>16</sup> “Os profissionais considerados habilitados para a cura eram poucos, mas havia muitos ‘curiosos’. O desejo de contribuir para o conhecimento das doenças foi comum ao setecentos. (ANZAI, 2004: 174)

<sup>17</sup> “Ferreira seguia os autores da época que, nos prólogos de suas obras, em geral, manifestavam o mesmo desejo de servir sem receber recompensa”. (ANZAI, 2004: 174)

<sup>18</sup> “Quando tratou das noções físicas, políticas, geográficas e hidrográficas do país, fica visível a obediência às instruções de Vandelli, no parágrafo ‘Do conhecimento físico e moral dos povos’ e seguintes”. (Cf. VANDELLI, 1779, citado por ANZAI, 2004: 174)

<sup>19</sup> “<sup>(a)</sup> Relação circunstanciada dos três rios da Madeira, Mamoré e Guaporé até a Capital de Mato Grosso”. Esta nota pertence ao manuscrito.

<sup>20</sup> João Pereira Caldas (1720 - ?), político e magistrado português radicado no Brasil. Foi nomeado governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará em 1772, foi governador da capitania do Rio Negro até 1780, sendo, então nomeado capitão-general de Mato Grosso, plenipotenciário e comandante-em-chefe da expedição encarregada das demarcações dos limites das possessões portuguesas e espanholas, no Norte e Oeste do Brasil (1780), tendo publicado vários trabalhos sobre essa expedição.

<sup>21</sup> O fragmento “outros visíveis efeitos da influência do clima” está sublinhado e seguido de um outro fragmento ilegível.

<sup>22</sup> Mameluco é o filho de pai europeu e mãe negra, segundo Bluteau (2000).

<sup>23</sup> “Essas características indicam doença provocada pelo parasita *anchilostomo*, origem do amarelão. Essa doença também era conhecida por ‘frialdade’. Ver a respeito: FREITAS, 1936, p. 100, citado por ANZAI, 2004: 174)

<sup>24</sup> O seguinte trecho foi rasurado e, portanto, recusado pelo autor, razão pela qual, como os outros que se encontrarem em situação idêntica, ficará em nota de pé de página e não no corpo do texto, nesta edição.

“Entra nos domínios de Portugal na América (diz o autor do tratado da *Conservação da saúde dos povos* [SANCHES, 1757], citando a *Brasília Médica* de Guilherme Pison<sup>(b)</sup>, Lib. 1º Cap. 1º “*De Acre, Aquis, et Locis Brasiliae*”) um dilatado e considerável ramo da Serra Cordilheira, na altura de 22 graus, Latitude Austral. Continua sudeste, até quase a capitania do Espírito Santo. Nascerem de uma e outra parte dilatadíssimos rios, dos quais os mais famosos conhecidos são o rio da Madeira e dos Tocantins; o primeiro vai cair no dilatado rio das Amazonas e o segundo no de Guanapu, nos Estados de Maranhão. Os dous rios, que nascem no Brasil, de uma e outra parte desta será um e o de São Francisco, que corre quase do sul ao norte, e outro da parte oposta chamado Paraná, levando o curso do norte a sul e entra no rio da Prata”.

Trata-se de um critério filológico favorecido pela mais simples lógica. Infelizmente, esta percepção não é suficientemente aguçada em alguns editores de textos históricos, científicos ou literários. A professora Leny, apesar de ter recebido uma transcrição deste texto (Cf. ANZAI, 2004: 14, nota 15) anotado de acordo com tais critérios, priorizou a edição diplomática de Glória Marly Fontes, feita algumas décadas antes, quando o original manuscrito ainda estava em melhor estado de conservação. E é por isto principalmente que, em alguns pontos, esta edição discordará da sua brilhante tese.

[Em os principais rios nomeados da América (diz o autor do *Tratado da Conservação da saúde dos povos* [SANCHES, 1757], citando a *Brasília Medica* de Guilherme Pison<sup>25</sup> [Cf. PISON, 1957]) entra por todos os lados infinidade de outros rios menores<sup>(b)</sup>.]<sup>26</sup>

Com as continuadas chuvas, depois do mês de março, todos saem do seu álveo, inundam muitas terras à roda, à distância vezes de três e quatro léguas. Além destas continuadas chuvas, o clima é inconstante. Por todo o ano chove, mesmo no dia mais sereno; o céu tempestuoso, com trovões, relâmpagos e raios. Mas estas inundações não são simplesmente de água; como todas levam consigo imensidades de árvores, ficam nos bordos, juntamente com imensidade de peixes e animais terrestres. Quando as águas entram no álveo dos rios, os campos ficam cheios de charcos; com o calor apodrecem, morrem neles os peixes com os corpos dos mais animais e vegetais. Gera-se então imensidade de insetos, que todos vêm a apodrecer. E como o calor é cotidiano, mais se sutilizam cada dia, até que tudo convertido em vapores e exalações podres se desvanece na atmosfera.

Desta podridão provêm aquelas febres pestilentes<sup>27</sup>, que chamam *carneiradas*, nas minas de Mato Grosso, Cuiabá e Goiás. Da mesma origem vêm outros males, tão comuns a todo o Brasil, como são os insetos mais nocivos à saúde e outras moléstias vulgares... [Cf. SANCHES, 1957: 39]<sup>28</sup>.

No tempo dos calores, as diarréias e as disenterias aparecem e são mortais; e quanto mais a sezão dos calores estiver avançada, maiores estragos fazem aquelas doenças, porque os ardores do sol têm apodrecido já aquelas matérias das enxurradas e estão já todas tão sutilizadas e espalhadas pela atmosfera, que ninguém se pode preservar da sua violência; reinam febres intermitentes, mas de natureza tão maligna, que se terminam ordinariamente por hidropisias<sup>29</sup>, e estas, com a morte. Muitas vezes se convertem em febres ardentes com delírios, e morrem por parótides<sup>30</sup>, pintas<sup>31</sup> e carbúnculos.

<sup>25</sup> O médico Guilherme Pison, ou Pison (cf. ANZAI, 2004: 174), durante a ocupação holandesa do nordeste do Brasil, descreveu as doenças endêmicas da região na obra *Brasília medica*. Veja-se PISON (1957).

<sup>26</sup> O trecho de “Em os principais rios” até “menores<sup>(b)</sup>” é uma correção marginal de próprio punho do autor, e “Lib. 1º Cap. 1º De Acre, Aquis, et Locis Brasiliae” está como nota de pé de página. A Profa. Leny Anzai fez a seguinte leitura: “Mas, infinidade de rios menores entre por todos os lados nestes principais nomeados” e não informou que se trata de um acréscimo.

<sup>27</sup> “Febre epidêmica pernicioso em uma região ou cidade, no mesmo tempo com sua má qualidade destruidora de muitos por infecção do ar” (ROSA, 1694: 2). Rosa, citando Nicolau Massa, especificou a sintomatologia de alguns tipos de ‘febres pestilenciais’, dentre as quais o tipo exantemático, o sarampo, a varíola e a peste bubônica, p. 269”. (Cf. ANZAI, 2004: 175)

<sup>28</sup> É de suma importância histórico-bibliográfica a informação adicional da Professora Leny, de que Ferreira não acrescentou a seguinte nota que há na obra de Sanches: “*Guilherme Pisonis. De utrius que Indiae lib. IV. Amstelodami, fol. Lib I. De aere, aquis & locis brasiliae, cap. I*”.

<sup>29</sup> Hidropisia, informa BLUTEAU (1720), citado por ANZAI (2004), É UMA “Inchação ou tumor preternatural do ventre ou das pernas ou do corpo todo, causada de uma água intercutânea, quando não há boa sanguificação no fígado. Além das três sortes de hidropisias, chamadas ascítica, timpanítica e anasarca, há mais sete, a saber: a hidropisia do cérebro, que se conhece pela inchação da cabeça e peso nela e em todo o corpo; a do bofe ou peito, com que o doente tem tosse, inchação de pés e pernas e falta de respiração; a do coração, que se manifesta por uma total fraqueza, molidão, preguiça e diminuição de carnes, e uma inchação assim sobre a teta e lado esquerdo, como inchação dos pés e joelhos; a do fel, que se dá a conhecer pela cor citrina e amarela dos olhos, pelos vômitos amargos, respiração áspera e apressada e consumpção em todo o corpo; a do fígado, que se conhece pelas cisuras da língua e dos beiços, pela inchação do pé da parte direita; a do baço, com que o doente sente dores e picadas na dita parte e tem inchação no pé esquerdo; a dos rins, que não só causa grande sede, mas juntamente apetites sensuais e inchação nos pés, com picadas no espinhaço. Heráclito, filósofo, feito hidrópico, não se quis valer de outro remédio que de bostas de boi, com que barrava o corpo. Júlio Viator, cavalheiro romano, curou a sua hidropisia com a constante abstinência de todo gênero de bebida. [...] No sentido moral, é um grande desejo e sede de alguma coisa. [...] hidropisia das honras, [...] hidropisia de riquezas [...]”.

<sup>30</sup> Parótide “é um tumor que se faz detrás das orelhas em umas glândulas esponjosas, em que se embebem as umidades do cérebro, e que também se chamam parótidas. [...] (É mui ordinário nas febres, principalmente nas malignas, terminarem-se por abscessos e tumores detrás das orelhas, a que chamam parótida)”. (BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI).

<sup>31</sup> “Termo médico. É o veneno de uma febre maligna ou pestilente que a modo de grãos de milho ou bexigas miúdas, ou com nódoas a modo de mordeduras ou picadas de mosquitos ou percevejos, e estas de várias cores, porque algumas são vermelhas, outras citrinas ou aleonadas ou azuis, roxas, lívidas e

Tanto em Portugal, em todos os lugares, que borda o Tejo, em Angola, aonde<sup>32</sup> tantos rios inundam aquele Reino, como em toda a América, depois das inundações, logo que as matérias das enxurradas começam a apodrecer, o ar se infeta e produz semelhante podridão nos corpos; manifesta-se por toda a sorte de febres podres e sobretudo, por disenterias etc.<sup>(c)33</sup>

As enxurradas das águas, que escorrem das serras das cabeceiras dos rios (diz o licenciado Antônio José de Araújo Braga, cirurgião<sup>34</sup> da quarta partida da diligência da demarcação de limites<sup>(e)</sup><sup>35</sup> arrastam consigo<sup>36</sup> diversas substâncias térreas, salinas, [sulfúreas]<sup>37</sup> e metálicas, de que abundam as mesmas serras. Os rios então correm turvos<sup>38</sup>; ainda mais turvos se fazem com as inumeráveis terras caídas que consigo levam as correntezas; e os que por costume bebem daquelas águas, logo que as tiram dos rios, sem esperarem que assentem nos potes de um para outro dia, depõem no ventrículo<sup>39</sup>, de cada vez que as bebem, um sedimento térreo, o qual obstruindo os orifícios dos pequenos vasos, anuncia pela *colorosis*,<sup>40</sup> a obstrução que todo o mundo sabe que é um<sup>41</sup> seminário de outras queixas, em que degenera, como são as palpitações do coração, as cardialgias<sup>42</sup>, a icterícia, a hidropisia, a caque-xia<sup>43</sup> etc.

Se ao que tenho dito, se ajuntar que os moradores das povoações situadas sobre as margens dos rios, com as imundícies, que neles despejam, e com as nenhuma cautelas, que neles praticam relativamente as diversas preparações de seu uso, concorrem pela sua parte, quanto podem, por infeccionarem cada vez mais a água, que bebem,

---

negras, saem à superfície da pele e segundo a qualidade do veneno ou se estendem muito a modo de erisipela pela região cutânea, ou com atividade volátil passam de uma parte para outra. Quando são muitas é bom sinal. Também as coradas são menos perigosas, contanto que não tornem a entrar no corpo. [...] Tabardilho”. (BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI).

<sup>32</sup> O uso de “aonde” por “onde” era corrente no século XVIII.

<sup>33</sup> “(c) Cap. 7, pág. 30, 31, 45 e 46”. (Nota do manuscrito). Anzai informa com segurança, relativamente a esta remissão: “O assunto nos remete a Ribeiro Sanches e ao Tratado da conservação da saúde dos povos, cujo capítulo VII apresenta o título ‘Dos efeitos da atmosfera alterada, ou podre, o corpo humano’, que inicia na página 44 da edição que utilizamos. Nessa mesma edição, o autor, na página 30, trata do ar e dos ventos tropicais; na página 31 trata dos efeitos dos ventos; na página 45, dos efeitos da atmosfera no corpo humano; na página 46, sobre os efeitos da falta de ar puro no organismo humano. Na nota escrita por Ferreira faltou o número da página 59 do livro de Ribeiro Sanches, na qual Sanches analisou, no terceiro parágrafo, os efeitos das inundações em Portugal, na África e no Brasil. Cf. SANCHES, 1758” (Cf. ANZAI, 2004: 176).

<sup>34</sup> Cirurgião é o profissional em cuja especialidade se dedica ao tratamento de doenças e traumatismos por meio de processos operatórios manuais e instrumentais. Antônio José de Araújo Braga não era médico, mas uma espécie de enfermeiro credenciado a assumir também esta atividade e atender como tal, inclusive, o próprio governador.

<sup>35</sup> “(e) Em resposta ao Doutor Alexandre Ferreira, de 15 de março de 1787”, Antônio José de Araújo Braga apresenta o seu Tratado sobre as doenças da capitania do Rio Negro” [Nota do autor; no original]. Observe-se que não consta a nota <sup>(d)</sup>.

<sup>36</sup> Após a palavra “consigo”, foi rasurada uma outra.

<sup>37</sup> “sulfúreas” - é um acréscimo marginal do autor. Em regra, toda vez que o acréscimo é feito em nota marginal, marca-se no texto com uma cruz (+) o lugar em que deverá ser inserido tal acréscimo, ao contrário das notas de pé de página, que são numeradas com letras minúsculas do alfabeto latino, entre parênteses.

<sup>38</sup> A expressão “As águas dos rios então são turvas” foi substituída por “Os rios então correm turvos”.

<sup>39</sup> A palavra “ventrículo” já não é usada hoje com o sentido de “estômago”, que também utilizada pelo autor neste texto.

<sup>40</sup> Trata-se, seguramente da “clorose”, que é uma anemia que ataca freqüentemente as mulheres jovens, caracterizada pelo tom amarelo-esverdeado da pele do rosto e associada a perturbações menstruais e fraqueza geral; anemia clorótica, cloranemia, cloremia. Fitopatologicamente, é um amarelamento ou branqueamento de tecidos clorofilados, freqüentemente causado por parasitas (bactérias, vírus, fungos, insetos etc.) ou por deficiência mineral, especialmente de ferro, mas que também pode ocorrer devido a outros fatores como, por exemplo, o frio, a poluição do ar ou a compactação do solo.

<sup>41</sup> Após a palavra “um”, foi rasurada uma outra.

<sup>42</sup> “A ‘boca do estômago’ é o ‘cárdia’, abertura que comunica o esôfago e a víscera. À dor aí localizada dá-se o nome de ‘cardialgia’”. (Cf. ROSA, 1694: 1720, citado por ANZAI, 2004: 177)

<sup>43</sup> “Mau hábito do corpo dizemos que têm as pessoas que estão opadas ou inchadas do rosto e do corpo, e que têm ruins cores, e lhe chamam balofos e por outro nome lhe chamamos caquéticos. Esta doença procede de opilação das veias e do mesentério. Devemos acudir-lhe com cuidado, aconselhando-lhes que façam exercício e bebam pouquíssima água”. (Cf. BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI, 2004: 177).

de nenhum modo se estranhará, que tanto perigo corram as suas vidas. Sirva de exemplo o que [por]<sup>44</sup> aqui estamos vendo a respeito da *mandioca*. Vemos, que cada morador a põe de molho no porto da sua roça. O suco cru daquela raiz é um mortal veneno para a maior parte dos animais que o bebem.

O ar pela sua parte, com os efeitos do seu calor, causa diversas enfermidades. A porção mais espirituosa do sangue, todos os dias se dissipa, sai pela transpiração pelo suor e pela urina<sup>45</sup>. O que fica no corpo é um sangue seco, térreo e espesso; donde procedem as melencolias<sup>46</sup>, as lepras<sup>47</sup>, os vômitos pretos, as câmaras de sangue<sup>48</sup>, as febres ardentes etc.

Apliquem-se a capitania de Mato Grosso as observações que acima transcrevi<sup>49</sup>; e ver-se-á como de sua constituição física, naturalmente procedem as enfermidades de seus habitantes.

Subindo-se da capital de Grão-Pará, pelo grande rio das Amazonas, e deixando-se este, para se entrar no da Madeira, que deságua naquele, pela sua margem austral, em 3<sup>o</sup> e 23' de latitude ao sul, e em 318<sup>o</sup> e 52' de longitude oriental à Ilha do Ferro<sup>50</sup>, vê-se que a capitania de Mato Grosso, pelo lado do norte, principia na latitude austral de 8<sup>o</sup> e 52', aonde (*sic*) está situada a Cachoeira Grande do Salto, que é água acima, a segunda do rio da Madeira. Passadas mais dez cachoeiras, até meia légua acima da última, que está situada na distância de até 236 léguas acima da sua foz inferior, deixa-se o rio da Madeira, para se entrar pelo do Mamoré, que com ele conflui em 10<sup>o</sup>, 22' e 30" de latitude, e em 312<sup>o</sup>, 15' e 27" de longitude. Também neste se passam cinco cachoeiras e subidas 45 léguas de andamento do rio, deixa-se ao lado ocidental a sua verdadeira foz e entra-se pela do Guaporé, que confluem, ambas na latitude austral de 11<sup>o</sup>, 54' e 46" sobre a longitude de 312<sup>o</sup> e 28' 1/2.

Navega-se por ele acima o dilatado espaço de boas 250 léguas, que são as que se sobem desde a sua foz, até as suas cabeceiras. Estão situadas no cume da alta serraria dos Parecis, em 14<sup>o</sup> e 35' de latitude e em 318<sup>o</sup> e 43' de longitude. Por ambas as suas margens, até meia légua acima da capital de Vila Bela, deságuam nele segundo minha lembrança, vinte e dous rios, que são pela margem *oriental*, o Cautários Grande, o Cautarinhos e o Cautários, São Miguel, São Simão, São José ou rio dos Miquéns, o Corumbiara, o Piolho, o Cabixi e Guariteré, o Galera e o Sararé.

<sup>44</sup> "por" - é um acréscimo interlinear.

<sup>45</sup> Urina é o mesmo que urina, por influência da etimologia do grego *oûron,ou*, de onde passou para o latim *urina,ae*.

<sup>46</sup> Melancolia, melancolia ou merencoria é um estado mórbido caracterizado pelo abatimento mental e físico que pode ser manifestação de vários problemas psiquiátricos, tendendo hoje a ser considerado mais como uma das fases da psicose maníaco-depressiva. Melancolia natural é, no corpo, "um dos quatro humores a que a medicina chama primários. Este humor é frio e seco e a parte mais grosseira do quilo, e como borra e fezes do sangue. O seu officio é alimentar as partes que têm o mesmo temperamento que ela, o baço, os ossos, os quais ainda que com a última cocção se fazem brancos, como pesados e térreos, são do mesmo temperamento que a melancolia. Este humor faz os homens tímidos, tristes, ásperos de condição e de cor tirante a negro. [...] Tem várias espécies. Uma é delírio com grande tristeza, mas sem febre, e nisso difere de mania e de frenesi, porque por sua natureza a mania não tem tristeza, e a febre não é da essência do frenesi. [...] Tristeza que de ordinário procede de humor melancólico. Para os que têm este humor são sementeiras de penas. Tudo o que eles vêem os molesta. Quando lhes falta motivo de sentimento a imaginação lhes ministra". (BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI)

<sup>47</sup> Lepra é "mal contagioso e afeto venenoso originado de uma depravada significação que corrompe o estado natural do corpo. Avicena lhe chama doença universal e canero universal. Na segunda parte da sua obra, p. 20, col. 2, prova Duarte Madeira que a lepra convém com o *morbo gallico* em grau genérico, e na p. 99 que a lepra se pode passar em *gallico*, e o gallico nela. [...] Muitos confundem lepra com elefantíase, supondo que uma e outra é uma só doença. Mas no capítulo 32 do livro *De Vitiis Sermonis*, diz Vofflio que são males muito diversos e que elefantíase é o que os latinos chamam vitiligo, que são umas nódoas brancas com desigualdade e aspereza na pele, como na do elefante, e por esta razão os gregos a chamaram elefantíase. [...] Outros médicos chamarão à lepra leontíase, como quem dissera doença do leão, porque faz os olhos cintilantes e a testa cheia de rugas, como a deste animal quando está rugindo, outros lhe chamam satíriase, por causa do priapismo que causa. [...] outros finalmente pela dificuldade que acha a medicina em domar e vencer este mal lhe chamam *morbus herculeus*". (BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI).

<sup>48</sup> "Fluxo de ventre. *Profluvium sanguinis. Plin.*". (BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI)

<sup>49</sup> Depois desta palavra havia um pequeno trecho que foi rasurado, ficando absolutamente ilegível.

<sup>50</sup> As longitudes eram medidas, até 1884, a partir da Ilha do Ferro (a mais ocidental das ilhas do arquipélago das Canárias) e somente na direção oeste-leste. Por isto, ia de 0° a 360°. Hoje, o ponto zero (meridiano inicial ou meridiano de origem) da escala das longitudes geográficas e de fusos horários fica no Museu Nacional da Marinha, em Greenwich (subúrbio de Londres), e a medida é feita nas duas direções, ou seja, até 180° a leste e até 180° a oeste, onde fica, hoje, a "linha internacional de mudança de data".

Pela *ocidental*, o Itunamas, o Baures, São Martinho, São Simãozinho, o Rio das Tanguinhas, o Caturiri, o Paraguaú, Rio Verde, Capivari e Rio Alegre; sem falar de inumeráveis lagos e Ribeiros, que engrossam as águas do Guaporé.

É na sua margem oriental, que estão situados os atuais estabelecimentos que temos neste rio: a saber, o Forte do *Príncipe da Beira*, (cf. FERNANDES, 2003)<sup>51</sup> do qual já em outra parte se disse que estava fundado na distância de 21 léguas acima da foz do rio e na de quase meia acima do lugar aonde (*sic*) esteve a antiga Fortaleza da *Conceição*, em 12<sup>o</sup> e 26' de latitude e 312<sup>o</sup> e 57' 1/2, de longitude. Seguem-se os dous lugarejos de *Lamego*, e *Leomil*, o Destacamento das Pedras, por outro nome *Palmela*, na latitude austral de 12<sup>o</sup> 52' 35", sobre a longitude de 314<sup>o</sup> 37' 30", e ultimamente a capital de Vila Bela, na situação que abaixo se dirá. No lado oposto o que atualmente existe sobre a margem do rio, na latitude de 13<sup>o</sup> 29' 40", são umas pequenas relíquias do estabelecimento que em outro tempo tivemos na Serra de Santo Antônio dos Guarujus.<sup>52</sup>

Ora sendo certo, que umas e outras margens, tanto as do Guaporé<sup>53</sup>, como as dos seus colaterais, são pela maior parte baixas; necessariamente por todas elas se hão de derramar os rios, quando cheios. Conseqüentemente é então que recebem inumeráveis cadáveres de quadrúpedes, aves, anfíbios, [peixes]<sup>54</sup>, insetos e vermes; os quais misturados com as raízes, troncos, ramos, folhas e frutos das árvores que caem e apodrecem, ali ficam encarcerados em fossos e lagos, donde os não levam as correntezas, até que o calor do sol lhes volatiliza as partes mais sutis e as espalha pela atmosfera. Enquanto se não espalham, fica o ar demasiadamente denso, privado da sua elasticidade e incapaz de entrar nos pulmões, o que causa diversas enfermidades.

Mesmo no tempo da vazante, estão vendo os que viajam, que pelas suas margens onde[i]am dilatados prados de diferentes plantas aquáticas, principalmente o aguapé, a canarana, o capim de água, a aninga e outras, que em algumas partes atravessam a largura total dos rios e embarçam a sua navegação. Grandes lagoas se encontram nestes territórios, que não são mais que uns vastos arrozais.

As margens dos rios que tenho navegado, todas são bordadas de inumeráveis árvores e arbustos aquáticos, o morototó<sup>55</sup>, o molongó<sup>56</sup>, o mututi<sup>57</sup>, o mucucu, a ambaúba<sup>58</sup>, a bicuíba<sup>59</sup>, o nari-nari, a taxiúva<sup>60</sup>, a sumaumeira e

<sup>51</sup> Vide ilustrações em FERREIRA, [2002]: II, 89, 91 e 93.

<sup>52</sup> Vide Ilustração em FERREIRA, [2002]: II, 99.

<sup>53</sup> Este rio deu nome, até a segunda metade do século XX, ao território que hoje corresponde ao Estado de Rondônia, quando recebeu este nome em homenagem ao Marechal Rondon.

<sup>54</sup> “peixe” - é um acréscimo marginal.

<sup>55</sup> Morototó é uma árvore de até 30 m (*Schefflera morototoni*) da famanha das araliáceas, que ocorre da Amazônia ao Sul do Brasil, de madeira leve, com vários usos, folhas digitadas, pequenas flores amarelas, em panículas, e frutos drupáceos.

<sup>56</sup> Molongó é designação comum a algumas plantas de diferentes gêneros da família das apocináceas. Entre eles, o arbusto (*Ambelania grandiflora*) nativo da Amazônia, de folhas ovadolanceoladas, flores brancas e frutos elípticos e a árvore (*Lacmellea guyanensis*) de tronco espinhoso, folhas coriáceas e inflorescências brancas.

<sup>57</sup> Mututi é designação comum a algumas árvores do gênero *Pterocarpus*, da família das leguminosas, subfamília papilionóidea, nativas da Amazônia e de madeira branca, entre elas a árvore (*Pterocarpus draco*) de folíolos brilhantes, flores pequenas, em panículas terminais, e legumes suborbiculares e coriáceos. A escarificação da sua casca faz gotejar uma resina líquida, vermelha e adstringente, que logo coagula, conhecida como sangue-de-drago.

<sup>58</sup> Ambaúba, imbaúba ou embaúba é designação comum às árvores do gênero *Cecropia*, da família das cecropiáceas, com troncos fistulosos, grandes folhas peltadas, geralmente palmatífidas, ásperas e discolors, flores em espigas e pequenos frutos nuciformes. Ocorrem nas regiões tropicais americanas, várias no Brasil; as folhas são us. como lixas, os brotos e frutos são especialmente procurados por preguiças, e dos troncos, freqüentemente habitados por formigas, extraem-se polpa para papel e fibras e fazem-se calhas e pequenos objetos. Entre elas, destaca-se a árvore (*Cecropia peltata*) nativa de regiões tropicais das Américas, que nasce em lugares sombrios, com folhas especialmente ásperas, cultivada para extração de polpa e como ornamental.

<sup>59</sup> Bicoíba ou bicuíba é designação comum às árvores do gênero *Bicuiba*, da família das miristicáceas, com apenas uma sp., nativa do Sudeste do Brasil, que é a árvore de até 25 m (*Bicuiba oleifera*), de folhas estreitas, flores apétalas, com três sépalas, e frutos globosos, verdes e alaranjados. As sementes, o óleo que delas se extrai, a casca e a seiva têm inúmeras propriedades medicinais; o óleo é cor de abóbora, combustível e usado no fabrico de velas e de sabão.

<sup>60</sup> “Taxiúva” (de taxi + -uva). No Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi, de Antônio Geraldo da Cunha (4<sup>a</sup> ed., São Paulo: Melhoramentos; Brasília: UnB, 1998) encontramos a palavra tupi ta'xi ‘nome genérico de plantas da família das leguminosas, gencianáceas e outras’;

outras. Servem-lhes de guias, que as equilibram, infinitos cipós, [“cipó mucunã; cipó de rego: catinga; cipó de alho; cipó açu; cipó iauti, mutá mutá, cipó piririca, pananá imbó, cipó titica e outros. [Uns] depois de cortados lançam [leite], outros água, outros [mostram] nas [cicatrices diversas gomas] [ ] tiram das gomas e resinas de [diversas] cores e [servem ] para peneiras, cestos [atilhos<sup>61</sup> e vencilhos<sup>62</sup>] etc.]<sup>63</sup> que se entrelaçam uns com os outros, parecendo todos, quando estão floridos, outros tantos festões pendentes, que aos olhos do espectador atento oferecem perspectivas mui pitorescas.

“Há nestes países” (continua o L[icenciad]o Braga, a respeito do Rio Negro) algumas plantas, e árvores tão venenosas, que instantaneamente morre quem usa delas. Tais são o assacu, a erva de rato e o timbó, com que os índios matam o peixe, além de outras muitas, ainda hoje pouco conhecidas pelos domésticos. Dos gentios, é certo, porque o estamos vendo, que dos sucos das plantas venenosas preparam as suas ervaduras<sup>64</sup>. Nem as ditas plantas se criam somente pelo centro do mato, mas também pelas margens dos rios, como é o dito assacu de que os mesmos índios até a sombra receiam.

Sei, que sem embargo disto e que ainda sem serem as razões da comodidade econômica, que oferecem as margens dos rios, outras muitas razões obrigam algumas vezes a fundar povoações em semelhantes sítios. Porém o que delas sente a boa física, ao mesmo passo que trata de emendar com a arte os defeitos da natureza, é o que agora se lerá, para se confrontar depois, com o que se ler de Mato Grosso.

Raras vezes (diz o apaixonado da saúde dos povos<sup>65</sup>) se vêem vales dilatados, sem que sejam regados e inundados por rios, que em certos tempos tudo alagam. Ficam as terras cobertas de águas turvas, podres e que por último vem a apodrecer, ou nas adegas, ou em todos os lugares desiguais que bordam aquelas torrentes. Raras vezes os ventos são puros; ordinariamente trazem consigo ou as partículas da neve do alto das serras ou os vapores dos lagos e terras alagadas. No inverno estes sítios são frios e úmidos, no estio, ardentes, pelo reflexo do sol que vier de uma e da outra parte dos montes. Daqui mesmo nascerá o ar sufocado, os bichornos e outras doenças mortais. Se nestes sítios houver bosques espessos, arvoredos altos a umidade e o frio será [*sic*] maior. Por experiência sei que semelhantes lugares são infestados cada ano com febres intermitentes de pior<sup>66</sup> sorte, com febres ardentes e pestilenciais.

As povoações plantadas nas vastas campinas, sem vizinhança nem de montes, nem de arvoredos, têm também muitas incomodidades. Quanto mais úmido for o terreno, tanto mais dificilmente se dissiparão os vapores dele porque faltando os montes e os bosques, os ventos regulares são raros, também as águas serão de má qualidade. Aonde (*sic*) não há montes, nem outeiros, as fontes são raras e se alguma existe, não é de propriedades louváveis: mas as águas da chuva, não tendo corrente, ficarão encharcadas e apodrecerão, e não sendo ventiladas pelos ventos a atmosfera será sempre úmida e podre.

---

acepção de entrada talvez por cruzamento com taci (< tupi ita'siwa ou ta'siwa 'formiga') ou por metonímia, porque as formigas se alojam na planta; para Nascentes, o tupi ta'xi 'cavado' (provavelmente reduzida do tupi taxi'íwa 'árvore de taxi) designaria uma variedade de formiga que cava a madeira de árvores, nelas morando, alojadas nos pedúnculos das folhas, daí, por extensão, passa a designar a árvore ou planta em que essas formigas costumam alojar-se. (Cf. HOUAISS, 2001, s.v. taxi).

<sup>61</sup> Atilhos são tiras de pano, fitas, barbantes, palhas ou coisas semelhantes, que sirvam para atar ou amarrar.

<sup>62</sup> Vencilhos, vencilhos ou vincilhos são atilhos de vime ou palha com que amarram-se feixes de qualquer coisa.

<sup>63</sup> O trecho que vai de “cipó mucunã” até “e vencilhos ] etc.” é um acréscimo marginal do autor.

<sup>64</sup> Ervadura ou envenenamento por meio de ervas, como o “curare”, cujo veneno de ação paralisante, de tom marrom-escuro ao negro, resinoso e aromático, extraído de plantas da família das estricnáceas e das menispermáceas, usado pelos indígenas, na Amazônia, geralmente em pontas de flechas.

<sup>65</sup> Referência a Antônio Nunes Ribeiro Sanches.

<sup>66</sup> Pior é variante arcaica de “pior”, proveniente do latim *peior,us*, genitivo *peioris*, forma comparativa de superioridade de *malus,a,um* ‘mau, ruim’.

Está a populosíssima cidade de Pequim plantada em uma vastíssima campina<sup>67</sup>: todas as casas são térreas, o terreno é úmido; e o que preserva esta Nação de muitos males é dormirem sempre sobre o fogão, ou cheminé<sup>68</sup> onde cozinham<sup>(g)</sup><sup>69</sup> ... Em Rússia o terreno coberto de neve por 8 meses e de dilatadíssimos bosques é sumamente úmido; todos os seus habitantes vivem em casas térreas ou muito baixas; raríssimos são os montes e contra a umidade exorbitante do terreno, defendem-se somente dormindo de verão e de inverno, sobre as cheminés feitas como os nossos fornos. Poderia ser útil esta introdução na América, principalmente naquelas povoações situadas junto dos grandes rios e terras baixas mostrando-lhes já os tapuias o exemplo de dormirem nas [hamacas<sup>70</sup>], sempre com fogo debaixo. Isto suposto examine cada qual se são tais os estabelecimentos desta capitania, e no entretanto sirva de exemplo o da capital de Vila Bela.

Está esta vila situada, como já disse, sobre a margem oriental do rio Guaporé, na distância de boas 200 léguas acima da sua foz, em 15° 0' de latitude austral e em 317° e 42' de longitude. Estende-se de poente para o nascente por uma campanha de terreno alagadiço, entre duas Serras que são pelo poente a *Serra da Vila*, ou do *Morro do Grão-Pará* e fica da outra parte do Guaporé, com distância de uma légua contada, até a base de um pequeno morro redondo e mais avançado sobre a frente, ao qual pela sua figura se dá o nome de *Chapéu do Sol*, porém desde a borda do rio até ao cume da verdadeira serraria são 2 léguas.

Pelo nascente corre norte-sul a serra de *São Vicente*, que dista 7 léguas. Toda esta campanha, a que se chama da vila, é um terreno alagadiço, de estéreis are[i]as, [finas, glareosas, extremamente movediças, quando secas, a que por essa causa dão os naturais o nome de areia manteiga]<sup>71</sup>, [e]<sup>72</sup> se alguma ligação tem, é a que lhes comunica uma menor porção de argila misturada com terra humosa<sup>73</sup> e são as que o fazem produzir uma grama das menos favoráveis ao pasto dos animais, exceto nos primeiros meses da sua vegetação, quando depois das ordinárias queimadas, por setembro e outubro, rebentam de novo. A inundação desta campanha pelas águas das chuvas e dos rios que se demoram nela, a resfria e endurece. Pela mesma causa é o inseto *copi*<sup>74</sup> obrigado a levantar os planos de suas casas, que são feitas de terra, parecendo elas de inverno, outros tantos ilhotes de 5 e 6 palmos de diâmetro aonde nascem diferentes árvores e arbustos que povoam o campo.

A vila em si é regular; as ruas direitas, porém pouco largas e por calçar; donde vem que com as invernadas se encharcam e a todo o tempo facilmente as escavam os porcos que vagam por elas, fossando o terreno e abrindo nele fossos e charcos para se deitarem. As casas sim estão alinhadas, porém são térreas<sup>75</sup> cobertas de telha vã, e todas elas, ou simplesmente aterradas, ou ladrilhadas<sup>76</sup> de tijolo. As janelas pouco rasgadas e comumente defendidas

<sup>67</sup> Ribeiro Sanches registrou que russos e chineses dormiam sobre uma fonte de calor: “por esta precaução se livram de muitas queixas, e na China, da peste, como por carta do ilustríssimo bispo Policarpo de Sousa fui instruído, porque naquele dilatado império nunca se observou este tremendo flagelo”. (Cf. SANCHES, 1957: 52, citado por ANZAI)

<sup>68</sup> A forma “cheminé” se justifica pela etimologia da palavra, que provém do francês *cheminée*.

<sup>69</sup> “(g) Põem a aquecer a água, o vinho e geralmente todos os licores de que usam... Não sei se hei de atribuir a este costume de beberem quente, a saúde que tem; gota e pedra, são moléstias que lá se não conhecem – Reflexões de um viajante na China.” (Nota do autor). Observe-se que não se encontra a nota (f), assim como não se encontrou a nota (d).

<sup>70</sup> Hamaca é um espanholismo correspondente ao português “maca”, uma cama de rede grossa, suspensa por suas extremidades.

<sup>71</sup> O trecho “de finas, glareosas” até “areia manteiga” é um acréscimo.

<sup>72</sup> Conectivo inserido por Ferreira, na revisão do manuscrito.

<sup>73</sup> Terra humosa é aquela que possui grande quantidade de matérias de origem orgânica, predominantemente vegetal, decompostas ou em decomposição.

<sup>74</sup> O mesmo que “cupim”.

<sup>75</sup> “térreas” substitui uma palavra que foi rasurada, na letra do autor.

<sup>76</sup> “ladrilhadas” substitui uma palavra que começava por “la”, da qual se aproveitou apenas a sílaba inicial.

por gelosias<sup>77</sup>, ou empanadas, ou esses tecidos de esteira, a que chamam gurupemas<sup>78</sup> que fazem das casas outras tantas câmeras escuras e tristes e impedem o livre acesso do ar.

Em qualquer parte que se cave a terra, no rigor mesmo do verão se apresenta água para os lagos e poços artificiais. (Porém desta ninguém bebe, porque a do rio, por aquele tempo)<sup>79</sup>, convida a gente a bebê-la, por ser clara, fria e cristalina. Ela nem cheiro tem, nem sabor mau. O abuso que dela se faz consiste em banhos intempestivos que se tomam no rio, ao pino do meio-dia; [e] quando [se bebe fria]<sup>80</sup>, ou se entra nele com o corpo fatigado e suado<sup>81</sup>. Durante a enchente do rio, com as chuvas de janeiro, fevereiro e março, que engrossam não só o Guaporé, mas também o Sararé, o Galera e, com eles, muitos ribeirões, fica a vila rodeada de água e ela mesma dentro em si toda encharcada.

Lembra-me que recolhendo-me eu da Serra de São Vicente, aos 16 de março de 1790 (que não foi ano aquele de grande cheia) e passando pela campanha da vila, todas aquelas sete léguas andou a minha besta ordinariamente com água sobre os artelhos<sup>82</sup>, porém algumas vezes, até quase aos joelhos.

De uns por outros anos, se alaga a vila baixa. O templo de Santo Antônio, que em Vila Bela é o único que assim se pode chamar, e algumas moradas de casas, que com ele estão situadas sobre a margem do rio, alguns anos ficam todo aquele tempo ilhadas, de maneira que não havendo barco, interrompe-se a sua comunicação. Se não fossem os altos baldrames<sup>83</sup> de pedra tapaiunacanga<sup>84</sup>, sobre que estão edificadas, a muito já que se teriam demolido como sucedeu a outras que estavam muito mais afastadas do rio. Quando são cheias extraordinárias, como foi a do ano de 1783, sobe a inundação até ao meio da vila. Veja-se a relação daquela cheia, segundo a vi escrita nos *Anais Históricos da Câmara de Vila Bela*:

Tendo o rio enchido e vazando nos meses de janeiro e fevereiro, no dia 3 de março encheu com grande corrente, até as bocas das ruas, observando-se que no decurso de 24 horas, enchia de 4 até 8 linhas. Continuando a enchente, no dia 7 entrou por algumas ruas e casas. No dia 10 principiaram a cair algumas casas da vila baixa e no dia 11 foi grande a ruína de muitas, e a enchente crescendo de 8 até 15 linhas subiu à altura de 2 e 3 palmos, sobre os alicerces das casas. No dia 12 parou a enchente, mas não os seus estragos pelas casas e paredes dos quintais; e só na rua de Santo Antônio caíram mais de 20 moradas. Julgou-se haver-se arruinado quase uma terça parte das casas das mais ruas. Sua Excelência com os seus ajudantes de ordens e oficiais das Demarcações, por muitas vezes andou embarcado, não só pelos campos, mas pelas ruas inundadas da vila baixa.

Principia a chover pelos fins de novembro e continua até março; porém, são chuvas interpoladas; e os verdadeiros meses chuvosos são os de janeiro e fevereiro. Com as primeiras águas repontam os primeiros repiquetes<sup>85</sup> da enchente e já pelo meado de março se declaram os da vazante. Na margem onde está situada a capital, a enchente sobe ordinariamente 14 [até 15]<sup>86</sup> palmos, sobre o nível<sup>87</sup> da maior vazante. As enfermidades que então

<sup>77</sup> Gelosia é uma grade de ripas, de malha pouco aberta, que guarnece algumas janelas e portas a fim de impedir que a luz e o calor excessivos penetrem no interior da casa, e que este seja devassado da rua.

<sup>78</sup> “gurupemas” substituiu outra palavra; e depois foi rasurada a palavra “mas”.

<sup>79</sup> Apesar de rasurado o trecho: “Porém desta ninguém bebe, porque a do rio, por aquele tempo,” preferi mantê-lo no texto por torná-lo mais coerente.

<sup>80</sup> A palavra “quando” foi substituída por “[e] quando [se bebe fria]”, na letra do autor.

<sup>81</sup> Após a palavra suado um trecho foi rasurado.

<sup>82</sup> Artelhos são as juntas que ligam as pernas aos pés; são os tornozelos.

<sup>83</sup> Baldrame é nome genérico dos alicerces de alvenaria, que pode ser constituído também por uma simples peça de madeira que arremata os alicerces, sobre o qual se constroem as paredes.

<sup>84</sup> Tapaiunacanga ou tapanhunacanga é rocha rica em ferro, dura, bem consolidada, composta de fragmentos derivados de itabirito, hematita e de outros materiais ferruginosos.

<sup>85</sup> Repiquetes são as águas que descem das cabeceiras dos rios em razão das primeiras chuvas que ali caem.

<sup>86</sup> “até 15” é acréscimo interlinear do autor.

<sup>87</sup> Arcaísmo equivalente a “nível”, ainda corrente (na carpintaria) como regionalismo pernambucano com o sentido de “contranível”, que é a “barra horizontal da tesoura do telhado, que liga transversalmente os meios das empenas”.

aparecem, são principalmente muitas febres intermitentes e catarrais<sup>88</sup>, porém sem aquela malignidade<sup>89</sup>, que trazem as do estio.

De [março]<sup>90</sup> por diante até os fins de julho, e algumas vezes até setembro reinam de quando em quando as friagens, que traz o sul e são grandes os estragos que fazem. Com estas súbitas variações da atmosfera, muito se altera a saúde dos habitantes. Por aquele tempo, o ordinário calor do clima, a todos eles traz lânguidos porque lhes promove uma mais copiosa transpiração. Conseqüentemente nenhum anda apercebido contra estes frios irregulares. Eis que entra a toldar-se o céu, ventando sul, e por toda a parte se difunde o frio, que dura 2, 4 até 8 dias, ou com chuva, ou sem ela.

Como todas as casas são térreas, [com as paredes de adobes dobrados]<sup>91</sup> e cobertas de telha vã, maior é o desabrigo que se experimenta. Acodem logo as constipações, as pontadas, as defluxões<sup>92</sup> catarrais etc. Das incursões destes frios participam não só os habitantes das povoações de água abaixo, dentro do rio Guaporé, mas também os navegantes do Mamoré e Madeira, até a cachoeira de Santo Antônio<sup>93</sup>. Por ele subia eu, aos 10 de março de 1789, quando pela primeira vez experimentei semelhante friagem que, aliás, foi pequena. Também o foi a segunda que me sobreveio na cachoeira do Ribeirão<sup>94</sup>, se bem que esta durou de 6 até 11 de abril. Ao romper do dia 31 de maio, foi ela tão grande no rio Mamoré, que me obrigou a aportar quase onde tinha pernoitado e todo aquele dia passamos rodeados de fogueiras, porque os índios não podiam remar. A maior de todas foi sem dúvida a que se declarou no Forte do Príncipe, aos 28 de junho; sendo que o seu maior rigor principiou logo a declinar a 2 de julho. A que experimentei com a minha chegada ao Porto dos Guarujus onde desembarquei a 11 de agosto, não passou de um dia arrepinado. Das que passei por todo o seguinte ano de 1790, a mais considerável foi a dos primeiros dias do mês de julho, achando-me eu no Arraial das Lavrinhas, de viagem para a vila de Cuiabá<sup>95</sup>.

Em se avançando mais a sezão do estio, (que com o calor do sol, se [tem]<sup>96</sup> exaltado e espalhado pela atmosfera os vapores podres das margens dos rios, dos lagos e das terras inundadas) são infalíveis as *carneiradas*. Constan da pior sorte de febres podres, malignas e intermitentes, de corrupções, garrotinhos, pontadas, disenterias e outras moléstias que triunfam das disposição mais robusta e da vida mais regulada de todas elas e, juntamente do contágio do sarampo que então pela primeira vez se difundiu por Mato Grosso<sup>97</sup>, constou a peste do estio de 1789. Desde os fins de agosto, até os princípios de janeiro de 1790, que ela grassou na vila e nos arraiais da serra de São Vicente, faleceram que se souberam dos livros dos assentos dos óbitos, homens 154, mulheres 47 todos 201 [Cf. JESUS, 2001]. Por toda aquela campanha morreram muitas bestas muares. Nos mesmos matos apareceram mortos alguns porcos silvestres, antas e veados. [Não poucas bestas e vacas deixaram o campo e procuraram os arraiais, algumas delas com as fauces prodigiosamente inchadas.]<sup>98</sup> Da catarral, que grassou por<sup>99</sup> setembro e outubro de 1790, [em

<sup>88</sup> “Doenças em que há dor de cabeça ou fluxo catarral”. (BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI).

<sup>89</sup> Malignidade é o caráter grave, insidioso, de algumas enfermidades.

<sup>90</sup> “março” foi acréscimo marginal do autor.

<sup>91</sup> De “com as paredes até dobrados” é um acréscimo marginal do autor.

<sup>92</sup> Defluxão ou defluxo é a inflamação da mucosa nasal ou o corrimento nasal decorrente dessa inflamação.

<sup>93</sup> Vide ilustrações em FERREIRA, [2002]: II, 11 e 13.

<sup>94</sup> Vide ilustrações em FERREIRA, [2002]: II, 51, 53 e 55.

<sup>95</sup> A Vila do Bom Jesus de Cuiabá foi criada em 1727 pelo capitão-general Rodrigo César de Meneses, governador de São Paulo, para funcionar como sede dos serviços de fisco dos produtos das suas minas. Vide ilustrações em FERREIRA, [2002]: II, 120-1 e 123.

<sup>96</sup> “tem” foi um acréscimo.

<sup>97</sup> A capitania do Mato Grosso incluía os atuais estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e se desenvolveu principalmente no período das descobertas de suas numerosas minas de ouro, no século XVIII, quando também foram definidos seus limites com os domínios espanhóis.

<sup>98</sup> De “não poucas bestas” até “inchadas” é acréscimo marginal.

<sup>99</sup> Após a palavra “por”, havia a palavra “agosto” que foi rasurada.

que a população total da capitania de Mato Grosso contava de 6.465 almas]<sup>100</sup>, faleceram homens 113, mulheres 56 todos 169. [Abatam-se desta soma 55 mortos que couberam a todos os arraiais do distrito e ver-se-á que constando a população da capital de 2.733 pessoas. [Tão somente ela] ela pede [ ] dentro em um mês e meio, perdeu 114 vidas não tendo em todo o ano nascido mais de 63 pessoas.]<sup>101</sup> As mesmas bestas muares se empestam e o mais eficaz remédio que tem mostrado a experiência é o de se lhes dar sal a comer, da mesma sorte que em Friburgo na Suíça se pratica com o gado vacum e lanígero para o preservar de moléstias contagiosas.

Comumente o termômetro de Réaumur<sup>102</sup>, dentro em uma casa de telha vã que pouca diferença faz do ar aberto anda por [23° 1/2 até 24°]<sup>103</sup> do meio dia para a uma hora da tarde. O menor calor que se tem observado é de 9°. Ordinariamente nos dias de friagem, anda por 11° 1/2, 12° e 13°. A variação da magnete, em março de 1790, foi maior do que havia sido 6 anos atrás, porque então era de 9° 55' e em março foi de 10° de nordeste.<sup>104</sup>



René-Antoine Ferchault de Réaumur (1683-1757)

As mesmas enfermidades acima declaradas perseguem os habitantes das povoações vizinhas. Na margem do rio dos Barbados, confluyente do rio Alegre, em distância de 8 léguas por terra [e 10 pelo rio]<sup>105</sup> ao sul de Vila Bela, está situada a povoação de Casalvasco, na latitude austral de 15° 20' e na longitude de 317° 40'. Também toda ela se

<sup>100</sup> O trecho de “em que a população” até “6465 almas” foi um acréscimo marginal.

<sup>101</sup> O trecho que vai de “abatam-se desta soma” até “63 pessoas” - é um acréscimo marginal.

<sup>102</sup> “René-Antoine Ferchault de Réaumur (1683-1757), físico e naturalista francês, foi o criador da escala de temperaturas Réaumur, que assinala zero (0) para o ponto do gelo e 80 para o ponto do vapor (0-80). (Fahrenheit: 32212). (ANZAI, 2004: 184)

<sup>103</sup> “23° 1/2 até 24°” é um acréscimo marginal.

<sup>104</sup> Parece confusa a redação desta frase, pois “magnete” parece ser referência a agulha magnética, assem como a expressão 10° de nordeste”. Trata-se de medida de temperatura ou de direção longitudinal e latitudinal?

<sup>105</sup> O trecho “e 10 pelo rio” é um acréscimo marginal.

alaga com as invernadas que engrossam o rio e formam largos pantanais, sendo as terras baixas e planas. Por esta razão é algumas vezes preciso, quando se sai ao campo, caminhar por dentro de capões de mato, e outras vezes, não há mais remédio que passar por lagoas e baías, mais e menos fundas, cobertas de ervas aquáticas e tão tecidas umas com as outras que dificultosamente se rompem.

Com o recolhimento do tenente de cavalaria auxiliar Manoel Veloso Rebelo de Vasconcelos, que aos 23 de agosto de 1780, se recolheu da diligência a que foi mandado de explorar aquele rio, se soube que a 8 léguas de distância do curral de Custódio José da Silva, haviam<sup>106</sup> dilatadas terras salinas que davam grande quantidade de sal, e apresentou amostras dele. Na *Coleção das observações astronômicas e físicas* praticadas pelos doutores astrônomos e oficiais engenheiros que, de ordem de sua Excelência o senhor Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, reconheceram o território limítrofe desde os suburbanos de Vila Bela, se lê a observação seguinte:

Na campanha que fica entre poente e sul, do curso geral do rio Jauru do registro para baixo e a nascente da serra do Aguapeí, se observaram doze léguas quadradas do país salitroso, aonde se encontram repetidas efflorescências de sal gema, umas mais e outras menos ricas. Todo o terreno é alagado na estação das chuvas; mas com pequena despesa e benefício se poderia conseguir uma feitoria de sal culinar que provesse todo este continente interior. Há mais de 25 anos que o velho João de Almeida conhece aquelas salinas e, por meio de decoadas<sup>107</sup> e de lixívias extraiu da terra o sal de que se servia e a sua numerosa família, e com ele beneficiava carnes secas. Mas três ou quatro léguas mais para a serra, contando da feitoria do dito velho, é que encontramos a maior abundância de salinas, aonde só de uma tomamos, mais de 2 alqueires da medida de Portugal, todo puro em pó branquíssimo, semelhante ao de escuma, que fabrica nas marinhas do rio maior Comarca de Santarém etc.

Deste mesmo sal das salinas do Jauru extraiu, no verão de 1790, e purificou muitos alqueires, o escrivão da câmara Luiz Ferreira Diniz. Também eu, quando [por ali]<sup>108</sup> passei<sup>109</sup>, em agosto do mesmo ano, dali fiz recolher boas três quartas para as repartir pelos negros que me acompanhavam e pelas bestas do transporte das cargas, além das amostras dele e de salitre<sup>110</sup> que fiz recolher para o Real Museu de Sua Majestade<sup>(a)</sup><sup>111</sup>

Porém, o que tenho dito dela não deve entender somente os territórios adjacentes aos referidos rios da Madeira, Mamoré e Guaporé, até a capital de Mato Grosso, mas também de todo o seu sertão interior como em qualquer parte dele estão vendo os que o penetram. Sirva de exemplo essa parte de Sertão que se anda desde Vila Bela, até a do Cuiabá, que está ao nascente dela.

É certo que, em semelhante jornada, nem por isso observará o viajante essas grandes matas, onde perpetuamente se conserva a umidade dos rios e dos lagos; porque principalmente desde o Jauru até ao Cuiabá, tudo são campinas ventiladas, ainda que igualmente interceptadas de amiadados ribeirões e lagos. Contudo logo a quem sai de Vila Bela e anda por aquela campanha 3/4 de légua, ao rumo de [Lés-Sueste] se oferece a entrada do mato do *Cravari* que, até a sua saída para a outra parte do campo, tem uma légua e 1/4 de caminho. Dista nove léguas e meia, da mesma capital, a outra grande mata, que deu àquela capitania o nome de *Mato Grosso* a qual principia na bocaina<sup>112</sup> da serra de São

<sup>106</sup> Importante registrar o uso freqüente, em documentos dessa época, a flexão do verbo “haver” no sentido de “existir”.

<sup>107</sup> “Cinza fervida em água com que se alimpa estanho, prata, e todo o serviço de madeira. *Cinis lixivius*”. (BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI).

<sup>108</sup> “por ali” foi acréscimo do autor.

<sup>109</sup> Foi rasurada uma palavra após “passei”.

<sup>110</sup> Conforme ANZAI, 2004: 191, “O salitre era produto importante para a fabricação de materiais explosivos, como a pólvora. Havia pouco salitre em Portugal e, por isso, as orientações dos governantes portugueses a seus representantes nas colônias destacavam a necessidade do levantamento e descrição das salitreiras que pudessem ser exploradas. Com a reforma da Universidade de Coimbra e a introdução formal do estudo das ciências naturais, essa atitude se intensificou. Cf. FERRAZ, 2000”.

<sup>111</sup> Foi rasurado um trecho depois de “Majestade<sup>(a)</sup>”. Ao pé da página, acrescenta-se: “<sup>(a)</sup> Veja-se “Nota B”.

<sup>112</sup> Bocaina é o mesmo que desfiladeiro ou passagem apertada entre os contrafortes de uma serra ou cadeia de montanhas.

Vicente, e com 13 léguas de extensão, acaba na *estiva*, em 15° e 28' ao sul. Todos os rios e ribeiros que se atravessam, continuando a jornada até o Cuiabá, são mais ou menos bordados de palmares, tabocais e diversos arvoredos, assim como as lagoas e as várzeas, sementeas de arroz vermelho e outras gramas.

Os rios que atravessei, seguindo aquela derrota, foram quatro, a saber, na distância de 13 léguas e 1/2 da vila capital: o mesmo Guaporé, que ali tem uma ponte pela qual se atravessa a largura de 15<sup>113</sup> braças. Na de 34<sup>114</sup> léguas o rio Jauru, que ali tem situado um registo<sup>115</sup> (*sic*) em 15° e 45' de latitude, e até ali se difundem as sezões de Mato Grosso. Na de 54<sup>116</sup> léguas, o Paraguai, que também ali tem situada da outra parte do rio a povoação da Vila Maria<sup>117</sup>, na latitude de 16° e 4'. Ultimamente na de 92<sup>118</sup> léguas, o rio Cuiabá, [que] em cuja margem oriental está fundada a vila deste nome em 15° e 36' de latitude em 321° e 35' de longitude.

Dos 71 ribeiros que contei, entre grandes e pequenos, abaixo indico pela sua ordem, os nomes que me disseram<sup>(h)119</sup> e o asterístico\* denota os maiores. Também aí vão indicados os das 11 lagoas de que dei fé<sup>(i) 120</sup>, seguindo estrada direita, sem me desviar para qualquer de seus lados. Várgeas<sup>121</sup> (*sic*) inundadas pelo inverno são inumeráveis. Alguns as confundem com as lagoas e, por isso, contam muitas mais.

<p><sup>(h)</sup> DE VILA BELA ATÉ LAVRINHAS</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Corgo<sup>(1)</sup> do Pé do Morro</li> <li>2. Do Barreiro*</li> <li>3. Do Buriti*</li> <li>4. Do Sítio do Padre Fernando</li> <li>5. Do Barreiro*</li> <li>6. Do Brumado*</li> </ol> <p>DAS LAVRINHAS ATÉ O JAURU</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>7. Corgo das Pitas</li> <li>8. Da Estiva*</li> <li>9. Da Tapera*</li> <li>10. Dos Bagres*</li> <li>11. Sem nome</li> <li>12. Corgo fundo*</li> <li>13. Da Laje Grande</li> <li>14. Das Areias*</li> <li>15. Das Lajinhas</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>16. Ribeirão do Santíssimo*</li> <li>17. Do Tombadouro</li> </ol> <p>DO JAURU ATÉ O PARAGUAI</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>18. Do Anandi*</li> <li>19. Das Pitas*</li> <li>20. Sem nome</li> <li>21. Do Caité*</li> <li>22. Do Pé do Morro do Caité</li> <li>23. Olho de Água</li> <li>24. Sangradouro do Pe. Ignácio*</li> </ol> <p>DO PARAGUAI ATÉ O CUIABÁ</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>25. Corgo do Facão*</li> <li>26. Do Barreiro*</li> <li>27. Corgo Seco</li> <li>28. Jacobina*</li> <li>29. Ribeirão das Pedras</li> </ol>
--	---

<sup>113</sup> Foi rasurado o n° 45 e substituído pelo 15.

<sup>114</sup> Foi rasurado o n° 36 e substituído pelo 34.

<sup>115</sup> Registo e rezisto são variantes de “registro”.

<sup>116</sup> Foi rasurado o n° 56 e substituído pelo 54.

<sup>117</sup> Atual Cáceres. Sobre o papel representado por Vila Maria do Paraguai no Mato Grosso colonial, ver MORAES, 2003. (Cf. ANZAI, 2004: 186). Vide ilustração em FERREIRA, [2002]: II, 119.

<sup>118</sup> Foi rasurado o n° 94 e substituído pelo 92.

<sup>119</sup> Apesar de receber a remissão como nota, esta relação de córregos, riachos e rios não aparece como nota de pé de página.

<sup>120</sup> No códice, as cinco últimas lagoas: “(7) Do Ibauçu; (8). Da Chapada do Cachorro; (9) Lagoa Seca; (10) Dita do Tenente Gregório e (11) Do Uacorizal)”, constam somente na nota de pé de página.

<sup>121</sup> Várgea e varge são variantes de “várzea”.

<sup>(1)</sup> Corgo é variante popular de “córrego”.

30. Taquaral*	53. Dos Lambaris
31 e 32. Dous corgos juntos do curral das éguas, um tem água doce e outro salobra*	54. Do Anandi
33 até 39. Corgos pequenos e sem nome, até a fazenda das Frechas	55. Sem nome
40. Ribeirão das Frechas <sup>(2)*</sup>	56. Corgo do Cacunda*
41. Sem nome	57, 58 e 59. Sem nome
42. Corgo da Encruzilhada Velha	60. Corgo de Bento Gomes*
43. Do Curral dos Veados	61. Do Ibauaçu ou do Palmeiro <sup>(4)*</sup>
44. Sem nome	62. Dos Mutuns*
45. Tacoaral <sup>(3)</sup>	63. Ribeirão de S. Ana*
46. Corgo Paratudo	64. Do Buriti
47 e 48. Dous sangradouros pequenos	65. Da Contage
49. Sangradouro grande de Melo*	66. Dos Cocais*
50. Corgo dos Macacos*	67. Do Barreiro
51. Da Figueira*	68. Tarumã
52. Do Limoeiro	69. Boa Vista
	70. Sem nome
	71. Antônio Alves
<sup>(i)</sup> LAGOAS	6. Do Buruti <sup>(5)</sup>
1. Da Saída do Mato do Cravari.	7. Do Ibauaçu
2. Do Chapéu do Sol.	8. Da Chapada do Cachorro
3. Do Xavierzinho.	9. Lagoa Seca
4. Da Couceira	10. Dita do Tenente Gregório
5. Defronte da quarta por nome Tapaiunacanga	11. Do Uacorizal

Conclui-se do que tenho dito, que da perigosa alternativa do calor e da umidade que se experimenta nas terras baixas da capitania de Mato Grosso é que principalmente procedem as enfermidades de seus habitantes. Elas são as mesmas que as das outras partes do Globo, aonde se verificam as mesmas circunstâncias, conseqüentemente serão próprias do país as febres, que ao diante se expõe: a obstrução, a hidropisia, o escorbuto, a catarral, o pleuris, a constipação, o tenesmo, as hemorróidas, a disenteria, a corrupção<sup>122</sup>, a sarna, a impigem, o bócio e outras.

Destas somente é que se trata, como endêmicas que são destes rios e seus territórios. Para que as entendam todos e todas, à falta de professores, sejam suficientemente capazes de as remediar, expõem-se as suas naturezas, quais são

<sup>(2)</sup> Frecha é variante de “flecha”

<sup>(3)</sup> Tacoaral é variante de “taquaral”, que é o lugar em que há grande quantidade de taquara, que é designação comum a diversas plantas da família das gramíneas, cujo caule é geralmente oco.

<sup>(4)</sup> Palmeiro é uma palmeira acaule de até 4 m (*Attalea humilis*), de folhas penadas, usada como cobertura de casas, e frutos pardos, comestíveis, de que se extrai óleo de qualidade, nativa do Brasil.

<sup>(5)</sup> Buriti é designação comum a plantas dos gênero *Mauritia*, *Mauritiella*, *Trithrinax* e *Astrocaryum*, da família das palmas, de folhas geralmente penatífidas e flabeliformes, coletadas para coberturas de casas rústicas e especialmente para extração de fibras, usada em inúmeras obras trançada.

<sup>122</sup> “Corrupção do bicho não é outra coisa senão uma largueza e relaxação do intestino reto e seus músculos, ou por outro nome se chama o sesso [as nádegas] mais ou menos largo, e segundo a maior ou menor largueza, assim será a maior ou menor corrupção”. (FERREIRA, 1735: 419, citado por ANZAI, 2004: 187)

as suas causas, sintomas e prognósticos. E ultimamente se conclui com o curativo médico de cada uma delas, especificando-se ambos os seus métodos, o europeu, e o americano.

Nota B<sup>123</sup>

Está o referido sítio da *Tapera do Almeida* em 16<sup>o</sup> e 19' de latitude A [e em 13 léguas de distância do registo do Jauru]<sup>124</sup>. Há mais dous lugares donde se tira sal, que estão uma légua distantes um do outro, vindo o primeiro a distar duas ao sul da dita tapera. E passando-se outra légua adiante, aonde está um pantanal, ou a *vereda das Pitas*, dali se volta a poente, para se encontrar outras minas de sal ainda mais copiosas que as antecedentes.

Outras muitas salinas, além destas, se encontram nas várzeas mais ou menos remotas da estrada, que presentemente freqüentam os que passam a Vila do Cuiabá. Por ela tinha antes de mim passado o Doutor Antônio Pires da Silva Pontes, o qual prevenindo-me a respeito da minha viagem filosófica, que me propunha fazer à dita vila, em uma memória *físico-geográfica*, de 29 de maio de 1790, me disse o mesmo, que eu ao depois presenciei em agosto do mesmo ano – esta grossa serra (diz ele, falando da serra do Paraguai, que em distância de légua e 1/2 da povoação de vila Maria ao rumo de Leste e Lés-Sudeste se vai cortar por uma bocaina ou aberta favorável), em cada vertente sua, oferece águas salobras e lapidíficas<sup>125</sup>, vendo-se na ribeira da Jacobina – (4 léguas depois que se entra na serra pela parte de leste) as árvores, que estão na vizinhança do rio e da que faz moer o Engenho de Leonardo Soares de Souza, com perfeitas incrustações, e dali até a fazenda de gado do mesmo Leonardo, que são outras 5 léguas, tudo é serra, e tudo calcário e salobro, e as várzeas assistidas de sal, a que os indígenas chamam *lambedores*, e se estende esta faculdade salina até ao sangrador do Melo. Passado o grande ribeirão do Sangrador, onde entram os salgados da fazenda do Marques e outros muitos, se vai por alagadiços até ao Coutinho etc.

De ordem de sua excelência o Senhor Luiz Pinto de Souza Coutinho, quando governava esta capitania, se mandou em setembro de 1769 fazer experiência para se descobrir sal mineral junto da Fazenda do Cunha, donde com efeito se extraiu, porém, ainda ficou por fazer uma verdadeira análise sobre a utilidade que daria o descobrimento do dito sal. Não deixei de procurar a este respeito mais positivas notícias que as que me dava o sobredito Luiz Ferreira Diniz, que também ali [bem a sua custa],<sup>126</sup> ajudou a trabalhar a um certo Luís Antônio [de Noronha (homem de nome mudado) por ser o seu próprio nome, como ao depois se soube, Leonardo Lopes da Cunha]<sup>127</sup> e, folheando as *Memórias da Câmara, na Anal de 1770*, achei a seguinte:

Pelo mês de agosto chegou a esta Vila a sempre aplaudida notícia certa do novo descobrimento do sal da terra fabricado nas campanhas dos cocais da Vila do Cuiabá<sup>128</sup>, perto da fazenda de Manoel da Cunha de Abreu, e com tal certeza, que já naquela vila, tinham entrado dez cargas dele, tendo cada uma três quartas, e se venderam estas por serem as primeiras, a cinco oitavas.

Este sal, pelo que se viu das suas amostras, é tão puro, que na alvura compete com o das marinhas e animada a fábrica, pode exceder na grandeza e quantidade as salinas do Pilão Arcado, sitas no Sertão Geral dos Currais da Bahia

<sup>123</sup> Esta nota discute questões relacionadas à localização e produção de sal e de salitre, constituindo-se um estudo paralelo ao das doenças.

Vão publicados também neste volume os “Comentários relativos à ocorrência de sal comum e de salitre no “País Salitre”, na área do rio Jauru, Mato Grosso, suscitados pelo manuscrito *Enfermidades Endêmicas da Capitania de Mato Grosso*, de Alexandre Rodrigues Ferreira”, preparado por Manuel Serrano Pinto, da Universidade de Aveiro.

<sup>124</sup> O trecho “e em 13 léguas de distância do registo do Jauru” é um acréscimo marginal.

<sup>125</sup> Águas lapidíficas são aquelas que são próprias para formar pedras.

<sup>126</sup> O trecho, “bem a sua custa”, é um acréscimo.

<sup>127</sup> O trecho, “de Noronha” até “da Cunha” é um acréscimo.

<sup>128</sup> Vide ilustração em FERREIRA, [2002], II, 125.

nas margens do rio de São Francisco que assim como estas dão sal para todo aquele sertão e para todo o distrito das Minas Gerais e Goiás, também estouras o podem dar para toda esta capitania etc.

É certo que, examinando pessoalmente esta salina o Excelentíssimo Senhor Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, quando da Vila do Cuiabá passou a tomar posse do governo na capital de Mato Grosso, reconheceu bem o encarecimento que dela se havia feito a seu Excelentíssimo antecessor, porém, também é certo que ao princípio de seu descobrimento se fabricaram bastantes alqueires de sal e ainda hoje, anualmente, quando estão enxutas as campanhas, o fabricam os donos da fazenda grande de gado, que está no caminho de baixo, saindo-se da vila do Cuiabá, para o arraial de São Pedro de El-Rei<sup>129</sup>, aonde me eu achei a 11 de janeiro de 1791. [Está a referida fazenda duas léguas acima da mencionada salina; e era por esse tempo do Alferes Félix Gonçalves Neto; e hoje de dous filhos seus, os quais me disseram que, descendo pelo ribeirão de Bento Gomes até a dada distância pela mão esquerda do dito ribeirão ficava a salina que eu queria ver, e eles todos os anos dali ]<sup>130</sup> tiravam 40 até 50 alqueires de sal e que poderiam tirar 100, se não tivessem outros embarços. É uma formosa e dilatada várzea, pela qual estão espalhadas umas palmeiras, a que os naturais chamam carandás<sup>131</sup>, e vegetação bem por todas as campanhas baixas e salinas, em cuja várzea se acham dispersas várias reboladas de sal comum e salitre que, pelo tempo do verão, se recolhe e purifica, para ser aplicável aos usos culinários. Tantas e tão diversas são as causas da umidade do país.<sup>132</sup> A purificação do sal comum, que se tira da terra, ou o método de o expurgar tanto dela como do salitre e outras substâncias heterogêneas, que alteram a sua pureza, supõem certos conhecimentos de que depende o acerto e a felicidade da mão de obra: Pelo que, antes de se entrar nela, deve-se prenotar<sup>133</sup>:

**Primo**<sup>134</sup>: Que a natureza ordinariamente se não cansa a formar de cada vez uma só espécie de sal.

Os materiais, que são próprios para a composição do sal comum, igualmente o são para a de outros sais. Estas diferentes combinações todas se fazem ao mesmo tempo. O salitre, nas terras salitrosas, sempre anda acompanhado<sup>135</sup> de sal comum, de base térrea ou de alcalifixo. Ora, para que as mesmas substâncias e as mesmas circunstâncias, possam formar diferentes sais, duas cousas são indispensavelmente precisas. Primeira: que os princípios do sal comum, por exemplo, se disponham por diferente modo que os do salitre. Segunda: que as moléculas, que compõem ambos estes sais, tenham a propriedade de se atraírem mutuamente, sem se confundirem, isto é, que as moléculas próprias para a composição do sal comum, se unam e formem este sal: as do salitre, o salitre etc.

**Secundo**: Que todas as substâncias salinas se formam em veículos que lhes são apropriados. Na água do mar se compõem muitos sais. O salitre, pelo contrário, nem no mar nem no interior da terra. Porque se o mar produzisse salitre, achar-se-ia nas terras, donde se ele tem retirado, alguma mina de semelhante sal, assim como se acham muitas de sal comum. Porém mina de salitre ainda até agora se não descobriu nos lugares, donde se retirou o mar. No interior da terra, também não. Porque por mais abundantes que sejam as salinas de salitre, nunca passam de certa profundidade e da superfície da terra, com mais ou menos polegadas de altura, é que se tira o que nos vem do Egito e das Índias Orientais.

<sup>129</sup> Sua elevação à categoria de arraial se deu em 21 de janeiro de 1781, com a denominação de São Pedro d'El Rey, em homenagem a Dom Pedro III, rei de Portugal, nome que conservou até 25 de outubro de 1831, quando se transformou no município de Poconé, o quarto município da província de Mato Grosso, tendo seu território desmembrado do município de Cuiabá.

<sup>130</sup> No começo desta frase havia um trecho que foi rasurado e substituído por “Está a referida” até “os anos dali”.

<sup>131</sup> Carandá é uma palmeira solitária de até 30 m (*Copernicia alba*), nativa da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil (MT, MS), de folhas em leque, forrageiras e madeira muito durável.

<sup>132</sup> O amanuense pulou uma página.

<sup>133</sup> Seria “prenotar” mesmo? Fazer anotações prévias? O contexto parece sugerir a palavra “prenoitar”.

<sup>134</sup> “Primo”, “Secundo”, “Tercio”, “Quarto”, “Quinto” e “Sexto” abaixo são latinismos justificáveis para o século XVIII, mas absolutamente estranhos num texto de hoje, que significam literalmente “em primeiro lugar”, “em segundo lugar”, “em terceiro lugar”, “em quarto lugar”, “em quinto lugar” e “em sexto lugar”.

<sup>135</sup> Em cima do trecho, sempre anda acompanhado, constam respectivamente os números 2, 1, 3.

**Tertio:** Que o concurso da umidade é absolutamente necessário para a formação do salitre.

E a prova disso é porque nas situações baixas e úmidas sempre há mais deste sal que nas elevadas e secas. Por isso os mais favoráveis lugares para a sua produção são as margens dos rios e as várzeas, quando não estão inundadas ou lavadas das chuvas; os entulhos de edifícios velhos e arruinados; os currais, as estrebarias, as adegas, as cozinhas, as latrinas e outros desta espécie que têm as circunstâncias seguintes.

(a) de estarem sempre impregnados de materiais vegetais e animais que apodrecem.

(b) de habitualmente possuírem um grau de umidade favorável a putrefação.

(c) de estarem abrigados das chuvas que, encontrando este sal, o dissolvem e o entranham pela terra ou o levam consigo, juntamente com as matérias que são próprias para o fornecerem.

**Quarto:** Que o concurso do ar, não é menos necessário, ou ele seja renovado, ou não.

Tanto se forma o salitre nos lugares ventilados, como nos que o não são. Ultimamente as matérias vegetais e animais que estão suficientemente úmidas para poderem experimentar o movimento da putrefação são as que acabam de completar as circunstâncias necessárias para a formação deste sal.

**Quinto:** Que o sal comum é muito abundante na natureza; o salitre, pouco, em comparação daquele. Estes dous sais, se acham sempre reunidos nas terras salitrosas como já disse, porém em diferentes proporções. Umam abundam mais de salitre; outras, de sal comum. Além disto, cada um deles de per si se acha em diferentes estados de salitre de base térrea; salitre de base de alcalifixo, que é o ordinário, salitre de base de álcali mineral e salitre amoniacal. Semelhantemente há sal comum de base térrea, de base de álcali vegetal, de base de álcali mineral, que é o verdadeiro etc.

**Sexto:** Que o sal comum perfeitamente puro é o que mais invariavelmente conserva a figura regular de seus cristais.<sup>136</sup> São uns perfeitos cubos de um sabor agradável e mediocrementemente forte. Sendo que os do salitre são uns sólidos alongados em prismas hexaedros (ou de seis faces) com as pirâmides também hexaedras de um sabor frio e amargo. Isto suposto, purificar o sal comum que se tira da terra é separá-lo dela e do salitre com que anda reunido. A terra de que se ele deve separar ou é uma terra solta, isto é, a que com ele foi recolhida e com ele anda misturada, ou uma terra combinada, isto é, a que lhe serve de base.

O método de o separar da terra solta ou purificá-lo dela consiste em o fazer dissolver em suficiente quantidade de água pura ou da fonte ou de rio, e em coar o liquor<sup>137</sup>. Para o fazer dissolver, se lança a terra salina dentro de uma ou mais caldeiras de cobre, ou de ferro, contanto que estejam limpas de zinabre, de caparrosa etc. que, aliás, comunicarão ao sal a sua cor e veneno. Postas ao fogo as caldeiras, cada uma em sua fornalha, logo o primeiro movimento da ebulição ou fervura, toda a terra, que a água tem em dissolução se separa e sobe a superfície, formando escumas, as quais se devem separar o mais exatamente que for possível. Isto se faz, ajuntando-se lhe sangue de boi, que substitui bem a clara de ovo.

Quando a dissolução está feita, filtra-se toda aquela água por um pano tapado ou outro qualquer filtro, que não deixe escapar o menor átomo<sup>138</sup> de terra, de maneira que se veja que a água coada saia clara e cristalina. Ela se recebe dentro de um recipiente, que para esse fim se põem debaixo do filtro. Então o que nele fica é a terra solta, que estava misturada com o sal. E quantas mais vezes se repete a operação de o filtrar, até não aparecer no filtro o menor sinal de terra, tanto mais purificado dela sairá o sal.

É certo que a dissolução que ficou dentro do recipiente depois de ter sido escrupulosamente filtrada, o que em si contém é o sal, ou simples, ou misturado com o salitre. E para bem dizer, uma decoada de sal ou de sais, a qual se deve lançar nas caldeiras, aonde possa ferver e evaporar, até dar lugar a cristalização dos referidos sais.

<sup>136</sup> Após a palavra “cristais”, a palavra “Eles” foi rasurada..

<sup>137</sup> Liquor é uma designação dada a diversas soluções químicas ou farmacêuticas, especialmente as que contêm álcool.

<sup>138</sup> A palavra foi usada indevidamente por “átomo”, no sentido de partícula minúscula.

Se a dissolução é de sal comum, misturado com o salitre, assim mesmo se passa para as caldeiras e ali ferve e evapora, havendo sempre o cuidado de a escumar e de lhe substituir<sup>139</sup> nova água, à proporção, que diminui a primeira. Ora, como os dous sais cristalizáveis que contém esta dissolução, são o sal comum e o salitre; e o primeiro destes sais não se cristaliza, senão pela evaporação; e o segundo somente pelo resfriamento. Vem o sal comum, a ser o primeiro que se cristaliza, durante a evaporação a<sup>140</sup> fogo lento e assim se vai depondo em pequenos cristais cúbicos, que procuram o fundo da caldeira.

À proporção que se ele vai formando, também se vai recolhendo, com uma grande escumadeira e passando-se para algum cesto tapado, que se dependura ao ar do fumo para escorrer a água do sal e o secar. Assim se continua a tirá-lo até mostrar a dissolução, que já está em termos de se cristalizar o salitre se a deixarem esfriar. Conhece-se que está nesses termos, tirando-se de quando em quando da caldeira uma pouca daquela dissolução e deixando-a esfriar até ver-se que principia a cristalizar-se o salitre.

Eis, para o uso ordinário suficientemente separado o sal comum, tanto da terra solta como do salitre. Da terra solta se separou pelo filtro, e do salitre pela evaporação. Contudo, para a perfeição que requer ou um gesto ou uma manipulação delicada, ele ainda não está tão perfeitamente purificado que lhe não reste parte de terra combinada, a qual serve de base a uma porção deste sal para inteiramente separar o bom sal comum de uma porção do mesmo sal de base térrea, que com ele anda misturado, não basta somente a cristalização. Por outra parte, o verdadeiro sal comum resulta da combinação do ácido marino com o álcali mineral. Conseqüentemente a última perfeição do método de o purificar da terra consiste em decompor aquele sal, separando-o da sua base térrea e recompô-lo, substituindo-lhe outra base de alcalino mineral.

Para a substituir, como deve ser, outra vez se dissolve em água pura e se filtra todo quanto sal comum se recolheu do fundo da caldeira. Tem-se já dissolvido à parte em outra água, uma porção de cristais de soda, cuja dissolução se vai lançando aos poucos dentro da primeira. Imediatamente ao primeiro golpe da dissolução da soda, se vê difundir-se pela do sal comum uma névoa branca, que é base térrea que se separa dele e se precipita. Repete-se a dissolução da soda, até não aparecer mais a sobredita névoa. Filtra-se de novo<sup>141</sup> a dissolução do sal comum, antes de a fazer evaporar e evapora-se docemente, isto é, [retirando-se a maior força de lenha ou de carvão e entretendo-se com poucas brasas tão somente um moderado calor que não seja forte e acelerado],<sup>142</sup> porque [nesse]<sup>143</sup> caso, saem os cristais graúdos; [aliás saíram]<sup>144</sup> pequenos, como sal moído, por ter sido feita a cristalização mui confusa e precipitadamente.

De todo o salitre, que se purifica, se separa porção de sal comum. Conseqüentemente a purificação de um supõe a separação de outro. Toda a arte de o purificar consiste em lhe fornecer uma base de alcalino fixo e desembarcá-lo, inteiramente da terra e de outras impuridades. Ora o método de o conseguir é o seguinte:

Recolhida a terra salitrosa, mistura-se com quase outro tanto de boa cinza, cirandando-a primeiramente, para não levar nem carvão nem outra impureza térrea. Lança-se esta mistura em barris ou em tonéis, (conforme a quantidade de sal, que se pretende<sup>145</sup>) os quais estão postos em fileira e verticalmente assentados sobre seus fundos, ficando levantados do chão até cousa de três palmos. Faz-se no fundo de cada barril um buraco, que se guarnece de capim ou de palha, precisamente como praticam os saboeiros para fazerem escorrer uma

<sup>139</sup> Elimina-se o segundo pronome de “lhe substituir-lhe” porque é erro evidente.

<sup>140</sup> A palavra “hum” foi rasurada.

<sup>141</sup> Após a palavra “novo”, foi rasurada a palavra “toda”.

<sup>142</sup> O trecho, de “retirando-se a maior até acelerado”, substituiu outro que foi rasurado.

<sup>143</sup> Esta palavra “nesse” substituiu uma outra, que foi rasurada.

<sup>144</sup> O trecho “aliás saíram” substituiu um outro, que foi rasurado.

<sup>145</sup> Variante arcaica de “pretende”.

decoada. Lança-se água sobre a mistura do primeiro barril. Ela sai carregada de todo quanto sal<sup>146</sup> pode dissolver e assim cai dentro de algum recipiente, que para esse fim se acomoda debaixo dele. Derrama-se esta mesma água do primeiro, sucessivamente por cada um dos outros barris, que estão igualmente cheios da sobredita mistura de cinza e de terra filtrosa. E assim se vai aquela água saturando cada vez mais de matérias salinas, até que fica nos termos de uma decoada forte.

Então vai às caldeiras a ferver e evaporar, que é quando se precipita uma grande quantidade de sal comum, como já se disse, o qual se separa com uma escumadeira. Continua a evaporação do salitre, até que a decoada mostre que está nos termos de cristalizar-se. Também já se disse que isto se conhecia, tirando-se de quando em quando uma pouca de decoada e deixando-a esfriar, até ver-se que se cristaliza o salitre. E nesse caso, o de que se trata é de a despejar para outra caldeira, aonde se deixa esfriar e cristalizar pelo espaço de até quatro dias.

Nem toda a porção que se despeja se cristaliza inteiramente. Antes, depois da cristalização, sempre fica um licor grosso da consistência de xarope ao qual se dá impropriamente o nome de “água mãe do salitre”. Despeja-se esta água mãe sobre outro barril de cinza para se lhe aproveitar o que resta de salitre, e assim se abrevia a mão de obra.

O salitre desta primeira cozida, ainda é um salitre bruto e necessita de ser purificado. Chama-se salitre da primeira cozida; e na Europa, quase a quarta parte de seu peso consta de sal comum, que pode ser aproveitado. Serve para fazer água forte ordinária, porém nem para a medicina, nem para a fábrica da pólvora se pode ainda aplicar com acerto.

Para haver de entrar na composição da pólvora, deve ainda passar por mais duras purificações, a que se chama “cozidas”. Ambas consistem em dissolvê-[las]<sup>147</sup> [se]gunda, e terceira vez<sup>148</sup>, em escumá-lo o mais exatamente que for possível, mediante uma boa dissolução de cola de peixe em água, a qual se lança dentro da caldeira agitando a água que ferve para se incorporar à cola com ela. Em separar-lhe todo o sal comum que se precipita durante a evaporação etc. E isto assim feito duas vezes, produz o salitre, a que se dá o nome de “salitre de três cozidas”.<sup>149</sup>

### *Nec temere, nec timide*<sup>150</sup>

#### Febres

Sendo por todo o Brasil, e principalmente pelos seus sertões, a maior parte dos enfermos ou índios, ou mulatos, ou negros, os quais não sabem informar nem como, nem quando lhes principiam as febres e muito menos guardar os preceitos da arte, vem este a ser um dos primeiros obstáculos que encontra o seu pronto curativo, se é que da parte do assistente não supre a experiência e o critério médico. Pelo que importa muito aprender a distinguir umas

<sup>146</sup> A expressão “de todo quanto sal” corresponde a “de todo o sal que”.

<sup>147</sup> O “las” foi acrescido.

<sup>148</sup> Foi rasurado um trecho após a palavra “vez”.

<sup>149</sup> O amanuense pulou quatro páginas. Ou seja: deixou quatro páginas em branco.

<sup>150</sup> “Nem temer, nem ficar tímido”. Foi rasurado no original o subtítulo “Enfermidades Internas”, que Anzai preserva no corpo do texto de sua tese (ANZAI, 2004: 194), informando apenas em nota de pé de página que, “de um modo geral, os autores de obras médicas subdividiam as causas das doenças em internas e externas. As ‘internas’ seriam as alterações humorais e as ‘externas’ seriam as agressões do meio físico, através de suas qualidades manifestas ou ocultas. O calor produzido pelo fogo era uma qualidade manifesta; o poder de atração do ímã era uma qualidade oculta. A esse respeito, vale a pena ver DUARTE, 1956: 249”.

Na verdade, não se justifica este subtítulo porque o autor não viria a falar em qualquer ponto do trabalho, das chamadas “enfermidades externas” que lhe seriam opostas.

de outras febres, examinando o que elas são, os sinais que dão de si, os efeitos que produzem e combinar estas com as outras observações e experiências adquiridas, do lugar aonde se está, o tempo, o gênio endêmico ou epidêmico<sup>151</sup> reinante etc.

[Pela velocidade do pulso conferido com a respiração, o calor, as urinas, se conhece que o enfermo tem febre. Um infalível meio de a conhecer é o da aplicação do termômetro ao corpo do humano<sup>152</sup>, detendo-o nele por pouco mais um quarto de hora. O que é certo e constantemente observado é que o pulso nas febres sempre excede de setenta e cinco pulsações por minuto, segundo o termômetro de Fahrenheit, e o calor sempre passa de oitenta graus necessários para a putrefação.<sup>(a)</sup>]<sup>153</sup> Das febres<sup>154</sup> sintomáticas, só então me parece que se deverá tratar, quando se tratar das enfermidades a que elas servem de sintomas. Eu das essenciais é que particularmente trato neste artigo. Elas são contínuas, intermitentes, remittentes etc.

#### Contínuas

Supõem-se consistir o seu caráter na duração de um calor igualmente sensível, por todo o tempo que duram. Porém desta suposição se não segue, que as febres desta classe, deixam de ter, como as outras: princípio, aumento, estado e declinação. É que os seus extremos, quero dizer<sup>155</sup>, o princípio e a declinação são brevíssimos, comparados com o largo tempo que duram o seu aumento e estado. Outra suposição deixarei passar livremente e vem a ser, que não é quimérica<sup>156</sup> a maior parte das febres de que nesta classe tratam os antigos; vendo-se a cada passo determinadas tantas espécies de contínuas quantas há de enfermidades. Quanto a mim, que nem expendo a matéria *ex professo* nem a tenho praticado, se não à falta de professor, contento-me de me conformar com o plano de alguns práticos que não reconhecem mais que quatro, a saber: contínua simples, podre, ardente e maligna. Talvez que nem estas mesmas difiram essencialmente entre si, como parece ao ilustre Boerhaave<sup>157</sup> e que todas elas não sejam mais que diferentes graus de uma só e a mesma enfermidade. Porém pede a clareza e a ordem do(s) curativo médico que cada uma delas se trate praticamente, como de uma febre distinta e separada.

#### Contínua simples

Também se lhe chama continente, deduzido este nome da idéia em que estavam os antigos que era febre esta, que não tinha remissão, nem exacerbação. Distingue-se essencialmente das outras febres:

- (a) em não ser precedida de fastio, nem frio ou horror considerável.
- (b) em se não apresentar acompanhada de sintomas graves.
- (c) em darem pouco ou nenhum cuidado tanto as suas remissões como as exacerbações. E isto basta para se não confundir esta com as outras febres. Assim, fora igualmente fácil a um simples curioso, o distinguir uma contínua

<sup>151</sup> O gênio epidêmico é aquele relativo a doenças geralmente infecciosas e de caráter transitório que atacam simultaneamente grande número de indivíduos em uma determinada localidade.

<sup>152</sup> Conforme registra Anzai (2004: 195), João Severiano da Fonseca, em fins do século XIX, considerou surpreendente, para a época de Alexandre, esta referência ao termômetro.

<sup>153</sup> O trecho de “Pela velocidade do pulso” até “para putrefação” é acréscimo marginal do autor, seguido da referência bibliográfica “(a) Trat. das calenturas”, em nota de pé de página. A Professora Leni Caselli Anzai, apesar de não ter conseguido identificar o autor dessa obra, informa que João Severiano da Fonseca, em fins do século XIX, considerou surpreendente esta referência ao termômetro naquela época.

<sup>154</sup> A palavra “febres” substituiu uma outra, que foi rasurada.

<sup>155</sup> A expressão “quero dizer” é mais comunicativa porque integra emissor e receptor mais que a atual “quer dizer”.

<sup>156</sup> Ou seja, não é fruto da imaginação, da fantasia; fantástico, fictício, utópico, que confunde realidade com fantasia.

<sup>157</sup> “Hermannus Boerhaave (1668-1738), médico, botânico e químico holandês, famoso no mundo europeu do século XVIII, foi professor de Antônio Nunes Ribeiro Sanches”, segundo ANZAI, foi quem introduziu a classificação das plantas pelos caracteres das flores, segundo os estames e o pistilo. É considerado como fundador dos métodos modernos de ensino da medicina.

essencial de uma febre sintomática, como por exemplo a que acompanha a erisipela; e outras erupções cutâneas a disenteria, as defluxões etc. a que depende da pletora<sup>158</sup>, da caquexia, do calor do sangue etc.

### *Suas causas*

(a) Imoderação no trabalho, ou seja *espiritual*, como são a meditação assídua e as paixões, principalmente a saudade, o temor e a tristeza; ou *corporal*, como todo o gênero de movimento, em que se empenham as forcas, os exercícios ginásticos etc.

(b) Exposição ao sol ardente durante os calores de verão e ao frio excessivo durante os dias de friagem.

(c) Repleção de estômago ou abstinência prolongada.

(d) Mudança de alimento: sua qualidade, quantidade, estado, modo e ocasião de o tomar etc.

### *Sintomas ordinários*

(a) Dores de cabeça, com inclinação a dormir.

(b) Lassidão acompanhada de dores lombares ou vagas.

(c) O pulso grande, veloz e freqüente.

(d) A urina ou natural, ou pouco incendida<sup>159</sup>.

(e) Dura 8, 15, 24, 48 horas e mais, e muitas vezes termina ou por suor, ou por hemorragia.

### *Prognóstico*

Se se não faz caso dela, ou se a tratam mal, então uma de duas: ou se aumenta o pulso com dureza e a febre passa a inflamatória ou se abate e contrai e passa a podre.

### *Curativo médico*

(a) \_\_\_\_\_ EUROPEU

Para não passar a inflamatória, basta ordinariamente a dieta que se reduz a caldos de miolo de pão adoçados com açúcar ou mel [de abelhas]<sup>160</sup>, fazendo-se o devido uso das tisanas<sup>161</sup>, os cremores<sup>162</sup> e leite e as emulsões<sup>163</sup>. Quando isto não basta, ajuda-se a natureza com os pedilúvios<sup>164</sup>, as sangrias, os cristéis<sup>165</sup> laxantes e as tisanas nitradas, se não há disposição para suar. Semelhantemente para se prevenir a podridão, faz-se preceder algum ligeiro emético<sup>166</sup>,

<sup>158</sup> Pletora é o aumento de volume de sangue no organismo, que provoca inturgescência vascular; ou, segundo Bluteau (1720), “uma redundância de sangue e carga de humores que dificulta a circulação”

<sup>159</sup> A palavra “incendida” pode indicar a sensação de ardor ou queimação, assim como a cor avermelhada como fogo.

<sup>160</sup> O autor acrescentou “de abelhas” em nota marginal.

<sup>161</sup> Citando ROSA (1694: 350), Anzai (2004: 197) informa que “A receita de tisana mais conhecida era preparada com o cozimento de cevada e alcauz em partes iguais. A essa base podia-se acrescentar marmelos, ameixas, tâmaras, figos etc.”

<sup>162</sup> Cremor é o cozimento que se faz com o sumo de uma planta. Segundo Anzai (2004), citando Bluteau (1720) “Cremor, cremor de cevada é um cozimento de cevada mundada feito com proporcionada quantidade de água. Chamam-lhe cremor, que em latim é nata ou suco espremido de algum legume ou raiz, porque a parte que vem acima é a substância mais sutil da cevada. Ela é deterativa, laxativa, e refrigerante. Cura-se a febre diária com mantimento frio e úmido, como é o cremor da cevada”.

<sup>163</sup> A palavra “emulações” - foi substituída por “emulsões”.

<sup>164</sup> Pedilúvio é o banho dos pés com fins terapêuticos.

<sup>165</sup> Cristel ou clistel é a lavagem intestinal ou a introdução de água e medicamentos líquidos no organismo por via retal.

<sup>166</sup> “Medicamento emético é aquele que tomado por boca por ela expelle os maus humores do estômago. Alguns remédios eméticos excitam o vômito, nadando no estômago, outros relaxando o orifício superior do dito vaso. Este mesmo efeito fazem a água morna tomando muita, como também azeite com água e manteiga.

seguido de algum minorativo<sup>167</sup>; sobre que assentam os antisépticos, os amargos e os balsâmicos, especialmente a quina<sup>168</sup> e o alcanfor.

(b) \_\_\_\_\_ AMERICANO

[Reconhecendo-se que há]<sup>169</sup> corrupção<sup>170</sup> [por haver largueza na via ou por outro qualquer sintoma indicado no capítulo desta queixa],<sup>171</sup> logo o primeiro objeto de que se trata, preveni-[la]<sup>172</sup> mediante um cristel [preparado]<sup>173</sup> de cozimento [ou de erva do bicho ou de três]<sup>174</sup> até quatro limões azedos dos [galegos]<sup>175</sup> a que se ajuntam oito até dez pimentas comaris<sup>176</sup>, uma colher de açúcar mascavado ou de rapadura em pó e uma pitada de sal [moído]<sup>177</sup>. Passa-se a algum diaforético<sup>178</sup>, cujo efeito se promove por meio ou de um pedilúvio<sup>179</sup>, em água simples, porém quente, ou de algum banho de vapores, do cozimento de folhas de laranja, ou de lima, ou de cidra: para o que também servem de mentrasto, a salva da terra e a artemija<sup>180</sup>; e sobre ele assenta a bebida, de algum chá de violas ou da índia, substituindo-se a sua falta com outra qualquer tintura, ou de folhas de [orgevão por outro nome verberna<sup>181</sup> e, por outro, erva sacra]<sup>182</sup>, ou de bassourinha<sup>183</sup>, ou de congonha<sup>184</sup>, que é o mate dos espanhóis americanos.

---

Vinho emético é aquele em que se põem antimônio de molho para provocar o vômito. vinho emético comum chamam os alveitares certa ajuda purgativa de ervas laxativas, mel violado em que entra um quartilho de vinho de infusão de *crocus metallorum*, a que chamam emético”. (BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI).

<sup>167</sup> Minorativo é o mesmo que laxante de efeito suave.

<sup>168</sup> “Originária da ‘árvore da quina’, planta de cuja casca se extraem diversos alcalóides, sendo o principal deles o quinino. Comprovadamente febrífugas, somente no século XVII passaram a ser observadas de modo sistemático pelos médicos.” (Cf. CARVALHO, 1987: 22): “A quina foi usada para todos os tipos de febre, mas só funciona contra a febre malária.” (Cf. CAMARGO, 1995, citado por ANZAI).

<sup>169</sup> “Reconhecendo-se que na” é um acréscimo.

<sup>170</sup> Por ser a corrupção uma das doenças mais temidas à época, todo exame médico iniciava pela observação de seus sintomas principais.

<sup>171</sup> De “por haver” até “queixa” é um acréscimo marginal, depois de rasurar a palavra “é”.

<sup>172</sup> Foi acrescido o “la” de “preveni-la”, rasurando-se a palavra que a seguia..

<sup>173</sup> “Preparado” substitui “que se prepara”.

<sup>174</sup> Acréscimo marginal de “ou de erva do bicho ou de três”.

<sup>175</sup> A palavra “galegos” substitui “pequenos”, que foi rasurada.

<sup>176</sup> Pimenta comaris, pimenta cumari, pimenta de cumari ou pimenta malagueta é um arbusto pequeno (*Capsicum frutescens*) da família das solanáceas, nativo de regiões tropicais da América, muito cultivado no Brasil, de folhas ovais, acuminadas, flores alvas e bagas fusiformes, vermelhas, bastante picantes, usada como condimento e excitantes do aparelho digestivo.

<sup>177</sup> A palavra “moído” é um acréscimo marginal do autor.

<sup>178</sup> Diaforético é o mesmo que suadouro. Segundo Bluteau (1720), citado por ANZAI (2004), “medicamentos diaforéticos são os que com o calor mais ativo que os dos remédios rarefactivos dissipa insensivelmente o humor impacto na parte convertendo a matéria em vapor, e exalando-a por transpiração. Há diaforéticos simples e compostos. Também há diaforético antimonial que faz com antimônio preparado”.

<sup>179</sup> Pedilúvio é banho dos pés com fins terapêuticos.

<sup>180</sup> Artemija ou artemísia é designação comum aos arbustos e ervas do gênero *Artemisia*, da família das compostas, com cerca de 350 espécies, algumas cultivadas para tempero culinário, para infusões estimulantes, medicinais ou apenas tomadas como chá.

<sup>181</sup> Verbena é designação comum às ervas do gênero *Verbena*, da família das verbenáceas, que reúne 200 espécies, muitas altamente perfumadas. A *Verbena officinalis*, com folhas serreadas ou penatífidas e flores azuladas ou lilacíneas, em espigas paniculada, é nativa do hemisfério norte e usada como febrífuga, anti-reumática e, outrora, contra doenças oculares, pelo fato de as flores lembrarem olhos brilhantes. É também chamada de erva-de-ferro, erva-ferro, ferrária, gerbão, girbão, jarvão, orgevão, orgivão, planta-da-sorta, urgebão, urgevão, verberão etc;

<sup>182</sup> Acréscimo marginal do autor de “orgevão” até “erva sacra”. Erva sacra é uma planta medicinal da família das verbenáceas (*Verbena officinalis*, L.), conhecida como diaforética. (ANZAI, 2004: 198)

<sup>183</sup> Bassourinha ou vassourinha é erva ou arbusto (*Sida acuta*) da família das malváceas, nativos do Brasil, de folhas alternas, flores amarelo-pálidas, solitárias ou em cachos, e cápsulas pequenas; guaxuma, malva-brasileira, malva-de-marajó, malva-reloginho, relógio-de-vaqueiro, relógio-vassoura, tupitixa, tupixá, vassoura-preta. Esta planta apresenta propriedades emolientes, tônicas, febrífugas e anti-hemorroidais.

<sup>184</sup> Trata-se de uma palavra proveniente do tupi, provavelmente do tema cong ‘engolido, deglutido’, donde conclui Batista Caetano que “talvez desse tema cong provenha congô ‘o que se bebe, se engole’...” Congonha é designação comum a plantas de várias famílias, por suas folhas prestarem-se a infusões medicinais, por substituírem as do mate ou por a elas se assemelharem.

Abstém-se de todo outro alimento que não sejam caldos de tapioca,<sup>185</sup> carimã<sup>186</sup>, água de arroz ou de milho cozido sem sal, a que se chama canjica.

Purgam-se com o tártaro<sup>187</sup> emético que é o mais ordinário nestas minas, na dose de cinco até oito grãos<sup>188</sup>. Raros são os que usam do xarope, ou do vinho emético, na dose de meia até uma onça e ainda da mesma ipecacuanha<sup>189</sup> [a que os naturais chamam boalha<sup>190</sup> e a que tomam na dose de]<sup>191</sup> 48 grãos até uma oitava. Ignoram até os inconvenientes do tártaro e por isso se familiarizam tanto com ele. Segue-se algum purgante de quintfílio, de ialapa<sup>192</sup>, de ruibarbo<sup>193</sup>, sal catártico<sup>194</sup> etc. e, sem razão [algumas vezes preferem os mais fortes]<sup>195</sup>, preferem os minorativos, havendo aliás nas oficinas o maná e o sene<sup>196</sup>, e dando-se bem no país o *tamarindus*<sup>197</sup>. Bebe-se durante a febre o cozimento das folhas do cugaçuaiá, do caapiá, da raiz de fedegoso, (que é a pajamarioba<sup>198</sup> do Pará) e se é tempo de frutos, refrigeram-se com os sucos do cacau, do murucujá,<sup>199</sup> do acaju<sup>200</sup>, do acajá<sup>201</sup> etc.

<sup>185</sup> Tapioca é variante de tapioca, como se pode ver pelas seguintes anotações extraídas de HOUAISS (2001: *s.v. tapioca*): “Nascentes registra o tupi *tĩpĩ’og* ‘sedimento, coágulo da mandioca crua coalhada’; A.G. Cunha (1998) registra *tĩpĩ’oka* ‘fécula alimentícia da mandioca’;...”

<sup>186</sup> Carimã é a farinha de mandioca seca e fina, ou o bolo feito de farinha de mandioca ou da massa azeda de mandioca mole, seco ao sol, ou, ainda, uma espécie de mingau de farinha de mandioca dissolvida em água e açucarada que se dá às crianças

<sup>187</sup> “A borra ou parte térrea do vinho que evaporada e separada se endurece e chega a petrificar-se pegada aos lados da vasilha. Do vinho branco se forma tártaro branco, e do vinho tinto tártaro tinto, tártaro vermelho. Cristal de tártaro é tártaro branco purificado, fervido, evaporado, cristalizado, cremor de tártaro”. (BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI)

<sup>188</sup> Considerando-se a facilidade de cálculos que nos fornecem nossos sistemas decimais de medidas atuais, é bom que se registre aqui o sistema vigente na época de Alexandre Rodrigues Ferreira, para o que utilizaremos a nota que preparou a já tantas vezes citada Leny Caselli Anzai, nota 578, da página 198, que ali está duplicada:

[Onça] é a duodécima parte de uma libra romana. Nas boticas de Portugal a onça tem oito dramas, a drama três escrúpulos, o escrúpulo vinte e quatro grãos, e assim a onça portuguesa tem quinhentos e setenta e seis grãos. Na casa da moeda é dividida a onça de outro modo. A onça é a oitava parte de um marco, e cada onça tem oito oitavas, e cada oitava tem de grãos grandes quatro e meio, e de pequenos, setenta e dois. Cada onça tem 8 oitavas, e cada oitava tem três escrúpulos, e cada escrúpulo 24 grãos, e vem a ter cada oitava setenta e dois grãos. (BLUTEAU, 2000, *s.v. onça*).

<sup>189</sup> Raiz emética, antiespasmódica, expectorante, diaforética e antídoto do ópio, utilizada no tratamento das disenterias.

<sup>190</sup> Trata-se de uma variante com pronúncia hiperurbana de “poaia”, que pode ser a ipecacuanha e/ou a ipecacuanha-branca.

<sup>191</sup> Acréscimo marginal de “a que os” até “dose de”.

<sup>192</sup> Ialapa ou jalapa é designação comum a diversas plantas, especialmente do gênero *Ipomoea*, da família das convolvuláceas, e Mandevilla (incluindo o gênero *Dipladenia*), da família das apocináceas, geralmente trepadeiras com tubérculos usados como purgativos. (Cf. MARQUES, 1999: 105).

<sup>193</sup> Designação comum às plantas do gênero *Rheum*, da família das poligonáceas, várias com rizomas e raízes de usos medicinais. Entre estas o ruibarbo ou ruibarbo-da-china (*Rheum officinale*), com folhas palmatilobadas, flores nas axilas das brácteas, em cachos cilíndricos, e aquênios triangulares, nativo da Ásia, cultivado como medicinal e também como ornamental. Segundo LIMA (1949: 12, citado por ANZAI, 2004: 198), é utilizado como tônico, eupéptico, adstringente (pequenas doses), laxativo (doses médias), e purgante (doses fortes).

<sup>194</sup> Purgativo cujo efeito fica entre os laxantes médios e os drásticos (ANZAI, 2004: 198)

<sup>195</sup> Acréscimo marginal do autor, de “algumas vezes” até “fortes”.

<sup>196</sup> Sene é designação comum a diversas plantas da família das leguminosas, especialmente a algumas dos gêneros *Senna* e *Chamaecrista*, da subfamília *cesalpinoídea*, anteriormente descritas no gêneros *Cassia*, com propriedades purgativas.

<sup>197</sup> Tamarindus é um latinismo correspondente a “tamarindo”, que é designação comum às árvores do gênero Tamarindus, da família das leguminosas, subfamília *cesalpinoídea*, que compreende uma única espécie. A árvore (Tamarindus indica), proveniente da África tropical, é largamente cultivada como ornamental e pelos frutos de polpa comestível, de folhas penadas, flores amarelas, vagens oblongas e indeiscentes, madeira difícil de trabalhar e cujas folhas e frutos apresentam propriedades medicinais. O fruto dessa planta, cuja polpa escura, quase negra, é ácida, adstringente, refrigerante e laxativa, usada em farmácia e na confecção de sorvetes, doces, refrescos e molhos picantes

<sup>198</sup> Pajamarioba é aportuguesamento da palavra tupi *payemari’ova* ‘fedegoso’. O primeiro elemento parece ser *pa’ye* ‘pajé, pai espiritual entre os indígenas’; o segundo se apresenta sob as formas marioba/mariova e merioba/meriova ‘fedegoso’. Portanto, pajamarioba é o fedegoso-verdadeiro.

<sup>199</sup> Murucujá ou maracujá (do tupi *moroku’ya*) é designação comum a diversas plantas do gênero *Passiflora*, da família das passifloráceas, trepadeiras de frutos comestíveis e com propriedades calmantes.

<sup>200</sup> Acaju ou caju (do tupi *aka’yu’caju*, por influência do francês *acajou*) é fruto complexo do cajueiro (*Anacardium occidentale*), com um pedúnculo piriforme, amarelo, rosado ou vermelho, geralmente carnoso, suculento e rico em vitamina C (que é o pseudofruto, nomeado simplesmente como caju), e o fruto propriamente dito, duro e oleaginoso (que é a castanha-de-caju).

<sup>201</sup> Cajá ou acajá (do tupi *aka’ya* que, segundo Teodoro Sampaio, significa ‘fruto de caroço cheio, fruto que é todo caroço’) é o fruto da cajazeira (*Spondias mombin*) da família das anacardiáceas, de casca adstringente e emética, madeira branca, folhas imparipenadas, flores aromáticas, em grandes panículas, e drupas alaranjadas, de polpa resinosa, ácida, comestível e saudável. As raízes, folhas, flores, frutos e sementes têm inúmeros usos medicinais. É

### *Febre podre*

Tem o seu princípio na depravação dos humores, que tendem a alcalescência<sup>202</sup> e se termina por uma depuração, que na frase de Sydenham<sup>203</sup>, lhe dá o nome de *febre depuratória*. Não é logo uma verdadeira putrefação, a que se pertende significar pela palavra podre, como entendem muitos e principalmente o vulgo. É, sim, uma disposição para ela. A mortificação que dão ao olfato as ourinas, os suores e o hálito daqueles que a padecem, a alteração que experimenta o seu sangue, logo depois que se tira pela sangria a gangrena que acompanha esta febre, a infecção que imediatamente difundem os cadáveres e outros pertendidos sinais de uma verdadeira corrupção são comuns a outras muitas enfermidades, aonde ela se não supõe. É contudo para quem a entende, uma febre sempre perigosa. Também só quem a entende é capaz de a distinguir algumas vezes da maligna, com que a equivoca a maior parte de seus sintomas, porém a afecção<sup>204</sup> dos nervos e do cérebro, que é inseparável daquela, é transitória na podre.

### *Causas*

(a) certo grau de calor e de umidade

(1) *No fogo*: que em certo grau excita, em outro resolve a putrefação.

(2) *No ar*: quando encarcerado e se não renova e comunica com toda a atmosfera.

(3) *Na água*: em não sendo movida, agitada.

(4) *Na terra*: por suas diferentes qualidades e substâncias heterogêneas, que contém os alcalinos fixos e outros sais.

(b) Disposição de temperamento sanguíneo.

(c) Vida dissoluta.

(d) Digestão perturbada pelo trabalho, imediatamente depois que se come.

(e) Habitação de lugares impuros.

(f) Alimentos corruptos.

### *Sintomas*

(a) Abatimento do corpo e do espírito.

(b) Dor e peso na cabeça, nas entranhas, nos lombos, nas extremidades.

(c) Sono inquieto, sobressaltos, ânsias, delírio.

(d) Extremidades convulsas, principalmente as mãos.

(e) Vômitos e náuseas ao princípio, que também a língua está úmida, branca e saburenta, porém ao depois se faz árida, como toda a pele do corpo, e toma a cor preta.

(f) Pulso remisso e frouxo, que com o calor acre do corpo se faz forte e veloz.

---

também conhecido como acaiá, acaiaba, acajá, acajãba, ambaló, ambareira, ambareiro, ambaró, cajá, cajaeiro, cajá-mirim, cajá-pequeno, cajazeiro, cajazeiro-miúdo, cajazinha, catona, guegue, ibametara, imbuzeiro, minguengue, moxubiá, muguenga, muguengue, taperebá e taperibá

<sup>202</sup> Alcalescência é a passagem de uma substância para o estado alcalino, ou seja, que tem caráter de base.

<sup>203</sup> Conforme Anzai (2004: 199): “Sydenham reavivou e sistematizou a teoria hipocrática das constituições epidêmicas ou pestilenciais no século XVII. Foi um dos primeiros a admitir que as doenças poderiam ser distribuídas em grupos. Dizia que, assim como há espécies zoológicas e botânicas, há também espécies *morbí*. O médico inglês pretendia descrever todas as enfermidades, partindo da observação de enfermos concretos, dos quais recolhia dados. Pregava Sydenham que o médico deveria distinguir os sintomas constantes e peculiares daqueles acidentais e comuns, tentando reduzir cada caso à ‘espécie morbosa’ à qual correspondia. O conceito de ‘espécie morbosa’, entendido como ‘modo de enfermar que se repete quase invariavelmente em grande número de indivíduos doentes’, foi uma de suas criações mais importantes (Cf. ARQUIOLA e MONTIEL, 1993: 14-15). Sydenham tentou classificar as doenças, considerando as características do doente, as circunstâncias nas quais a doença havia surgido e os sintomas, segundo sua ordem de surgimento e duração. (Ver também: HEGENBERG, 1998).

<sup>204</sup> Afecção é qualquer alteração patológica do corpo.

- (g) Hálito fétido.
- (h) O ventre e os hipocôndrios intumescidos.
- (i)<sup>205</sup> As urinas poucas e variadas na cor e na consistência.
- (l) As dejeções também fétidas e meteorizadas<sup>206</sup>.

### *Prognóstico*

Se a não tratam como convém, degenera em maligna, e dos 14 até 30 dias se decide a sua sorte. As dejeções serosas, durante a febre, ameaçam perigo. As boas crises se fazem pelas ourinas e suores que sobrevêm dos 12 dias por diante.

### *Curativo*

#### (a) \_\_\_\_\_ EUROPEU

Veja-se o como o prescreve o autor do *Tratado Completo de Calenturas*<sup>207</sup> principiando pela *dieta* seja, diz ele:

§ 196. líquida vegetal y acescente; pues quando la machina de un febricitante, está con fuertes y repetidos movimientos, procurando expeler y corregir la putrefacción, no debe distraer-se de estos esfuerzos, para emplearlos en vencer alimentos sólidos ó animales que están dispuestos a podrir-se y aumentar las fuerzas de los enemigos de la vida

§ 197. Los caldos de carnes son la gelatina y suero de los animales, pero la gelatina es lo pútrido encubierto, es la que se inflama y la que se convierte en pus: luego su uso es dañoso, ni su prescripción puede tolerar-se

§ 198. Aunque los caldos sean de carnes cocidas con vegetales, en el puchero español, ni por eso quedan inocentes, porque los ácidos en poca cantidad, aceleran la putrefacción de los animales

§ 201. Los caldos de pan, agua y azúcar ó miel, los de potajes, los de yerbas ó frutos maduros y aun los mismos frutos cocidos ó levemente asados y los muy jugosos, crudos, las tisanas, crémores, y emulsiones de farináceos tienen todas las cualidades, para ser alimento propio de las calenturas

§ 193. La agua de limón generalmente, es la mejor bebida antifebril, por diluyente y antiséptica

§ 192. El vino también es acescente y antiséptico, mezclado con la agua, atendiendo al temperamento, a la costumbre y al clima, puede tener uso. La renovación y purificación da machina interior y exteriormente es sobre todo sumamente necesaria e importante, en este caso.

### *Exteriormente*

§ 181. Múdense, ó renuévese muchas veces al día, el aire de la pieza, en que asiste el enfermo por medio de las ventanas, del fuego, de los sahumerios, de masica, de los vegetales frescos, de las flores etc.

<sup>205</sup> No sistema de numeração alfabética da época, a letra “i” correspondia, às vezes, ao “i” e ao “j”, pois ambos correspondiam à representação gráfica dos mesmos fonemas no alfabeto latino, saltando-se do “i” para o “l”. São chamadas letras ou consoantes ramistas o “j” e o “v” por terem originalmente sido distinguidas do “i” e do “u” por Petrus Ramus, filósofo e humanista francês (1515-1572)

<sup>206</sup> Acompanhadas de flatulência, por serem resultantes da inchação do ventre por acumulação de gases no aparelho digestivo,

<sup>207</sup> Transcrevem-se aqui as informações da nota 589 da tese de Leny Anzai (p. 201), lamentando-se a desinformação que ainda persiste sobre o autor deste *Tratado*:

Não foi possível identificar o autor desta obra. No entanto, um autor pouco conhecido, o filósofo e médico Gómez Pereira (século XVI), que alguns consideram galego, e outros, português, teve uma obra sua publicada em espanhol em 1749, a *Antoniana Margarita*, na qual discutiu o mecanicismo animal. O capítulo IX da primeira parte de sua obra intitula-se “Sobre la esfera ignea – generación y corrupción”. Ver sobre o assunto em PEREIRA (2000) e em VILLARIÑO, [s/d.].

§ 182. Húyase, quanto se pueda, de que la atmósfera del febricitante, se mezcle con la dos sonos, especialmente de animales, de niños, de mujeres y de muchos hombres

§ 183. Renuévase la atmósfera propia del febricitante haciendo lo salir de la cama algunas horas al día: como esto no se haga, en tiempo de alguna crisis, con el abrigo necesario, no se debe temer el peligro de la constipación

§ 184. Renuévase todos los días la ropa y la cama del febricitante, con otra limpia e seca, siendo colchones y cubiertas, todas de vegetales, no de animales y limpios los servicios de orines, curso y excretos

§ 185. Aféitese el enfermo, lávese, péínese, para excitar sus músculos, abrir la secreción cutánea y renovar su atmósfera, podrida, en otra sana

§ 186. Excítensele las pasiones de la alegría y de la esperanza algunas veces la ira, nunca el temor.

### *Interiormente*

§ 187. Renuévase-le la atmósfera intestinal por medio de las lavativas<sup>208</sup> emolientes

§ 188. Renuévase el aire del ventrículo y esófago, y el pulmonar, por medio del continuo riego y bebidas frescas y aun ácidas, y de sahumeros, aun pipados de yerbas aromáticas, frescas y ácidas

§ 441. Últimamente el método de curar esta enfermedad, consiste en variar y proporcionar los remedios según prevalezca el estado inflamatorio ó el podre: cuando prevalece-lo inflamatorio, conviene alguna sangría, las tisanas acescentes, con bastante crémor de tártaro y lavativas: Cuando lo inflamatorio no supera, conviene la ipecacuana y el rabárbaro, con el crémor de tártaro, epicraticamente usado, interpolando las tisanas, y en estado y declinación, las emulsiones canforadas.

Pode-se agora acrescentar: que a quina-quina, no fim da febre, fortifica os órgãos enfraquecidos: que os cordiais e os diaforéticos também têm lugar, no caso de ser preciso<sup>209</sup> ajudar a natureza lânguida ao tempo da cocção: que, em estando tomada a cabeça, são de um grande auxílio para a aliviarem os sinapismos nas solas dos pés, os cáusticos, as ventosas<sup>210</sup>.

### (b) AMERICANO

Consiste principalmente em uma rigorosa abstinência de carnes, por via de dieta; e em copiosas bebidas de cordiais<sup>211</sup> e xaropes ácidos e refrigerantes e murucujá<sup>212</sup>, a que chamam vinho de cacau, do acaju, do ananás, de limão, de laranja e de cidra. [Bebe-se a água de coco e os sucos a que chamam vinhos de cacau, de acaju, de ananás, e come-se o mesmo coco mole com igual proveito ao com que se comem diferentes frutas:]<sup>213</sup> a romã, a pitanga, a mangaba, o araçá, o [i]amacaru,<sup>214</sup> o mamão, o [i]aracatiá,<sup>215</sup> o jenipapo, o marmelo, o araticu, a fruta-de-conde,

<sup>208</sup> Medicamentos que aliviavam os doentes por seus efeitos laxativos ou abstergentes.

<sup>209</sup> Preciso é variante de “preciso”.

<sup>210</sup> Segundo Anzai (2004), “o emprego de ventosas no tratamento médico já era utilizado na antiguidade por hindus, egípcios e gregos”.

<sup>211</sup> Bebida alcoólica ou medicamento que ativa a circulação sanguínea e restaura as forças.

<sup>212</sup> O trecho, “a que chamam vinhos de cacau do acaju, de ananás”, é um acréscimo.

<sup>213</sup> O trecho “bebe-se a água” até “diferentes frutas” substituiu o trecho “dão se a comer diferentes frutas”, que foi rasurado.

<sup>214</sup> Jamacaru é planta robusta (*Cereus hildmannianus*) da família das cactáceas, de caule verde-acinzentado com aréolas lanosas e flores brancas. A jaramacaru (*Cereus triangularis*), com numerosas raízes aéreas, possui flores grandes de que se extrai tintura diurética e cardiotônica, e frutos vermelhos comestíveis, com grandes escamas persistentes e suco antiescorbútico.

<sup>215</sup> Jaracatiá é árvore (*Jacaratia spinosa*) da família das caricáceas, de tronco e ramos armados, folhas compostas, flores unissexuais esverdeadas, frutos amarelos comestíveis e látex com propriedades vermífugas. É também chamado barriguda, jaracatiá, mamura, mamoeirinho, mamoeiro-bravo, mamoeiro-de-espinho, mamoeiro-do-mato.

a sorva, a banana-de-são-tomé e a abóbora, ou cruas, algumas destas frutas e pulverizadas de açúcar, ou cozidas, as que o podem ser, e até os mesmos melões se dão e melancia. Colhem-se todas elas depois de bem maduras e nunca antes de o sol as expurgar da umidade da noite e do sereno da manhã; porém não para se comerem quentes do sol. São úteis comidas em jejum e excetuadas as que são adstringentes<sup>216</sup>, aproveitam mais antes de comida do que depois dela, por sobremesa. De outras muitas frutas se permitem ao enfermo as conservas que se fazem de acaju, de limão e de guaiaba<sup>217</sup>, a marmelada, a [i]alea<sup>218</sup> de cacau e outras. Purgam-se com o maná, o tamarindus, a batata da terra e outros minorativos. Há sobretudo, um especial cuidado em prevenir o acesso da corrupção. Veja-se o artigo da corrupção.<sup>219</sup>

### *Febre ardente*

Distingue-se da podre

- (a) pela maior gravidade dos sintomas
- (b) pela grande parte que nela tem a bÍlis, donde vem que também se lhe dá o nome de - *podre biliosa*.
- (c) pela concentração do calor, que é mais interno do que externo.
- (d) pela menor duração, pois que a ardente raras vezes se estende do septeno<sup>220</sup> ao quatorzeno ou mais.

### *Causas*

- (a) Paixões veementes
- (b) Trabalhos excessivos.
- (c) Abuso de alimentos picantes, como a carne e o peixe adubados com demasiada pimenta, o vinho e os licores espirituosos.
- (d) A estação, o lugar, a idade e o temperamento.

### *Sintomas*

- (a) Exacerbações precedidas de maiores ou menores<sup>221</sup> frios.
- (b) Violentas dores de cabeça, insônios<sup>222</sup> (*sic*), delÍrio e algumas vezes ânsias, cardialgias, convulsões.
- (c) O pulso de duro que é, e freqüente, passa a fraco e irregular.
- (d) Sede implacável e rebelde a todos os refrigerantes com um extraordinário calor interno e amargura de boca. Os lábios e a língua secos e negros.
- (e) Vômitos de uma bÍlis eruginosa<sup>223</sup>, em alguns enfermos tão acre e urente que lhes estimula o esôfago e desbota os dentes.
- (f) As ourinas incendidas e tanto elas, como as dejeções, algumas vezes biliosas, como as dos ictéricos.

<sup>216</sup> Adstringentes são quaisquer substâncias que provoquem constrição ou suspensão dos fluxos.

<sup>217</sup> Guaiaba é variante de “goiaba” e de “guaiava”.

<sup>218</sup> “ialea”, “jaléa” ou “jaléia” são formas arcaicas de geléia, entrou no português através do francês *geleé*.

<sup>219</sup> Alexandre Rodrigues Ferreira deve referir-se, a um artigo que intencionava escrever ou que faz parte de outro trabalho seu.

<sup>220</sup> Septeno, na história da medicina, é o sétimo dia, especial o sétimo dia crítico de algumas doenças, no qual elas costumam recrudescer, assim como o quatorzeno é o décimo quarto dia ou o décimo quarto dia crítico de algumas doenças, no qual elas costumam recrudescer.

<sup>221</sup> Após a palavras “menores” foi rasurado uma palavra.

<sup>222</sup> Insônio é variante de insônia.

<sup>223</sup> Eruginoso é o que tem uma cor verde como o zinabre que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar.

### *Prognóstico*

Tira[m]-se as boas crises do vômito e do curso do ventre que aparece ao quarto ou sétimo dia: sendo que o mesmo curso é quase sempre mortal quando é prematuro, assim como o são o suor da face, as hemorragias<sup>224</sup> ou o soluço, o escarro de sangue, as ânsias do coração, as urinas pretas e sanguinolentas. Assegura-se que morrem desta febre mais velhos do que moços; o que lhes sucede ao terceiro, ao quarto e ao sétimo dia. Degenera algumas vezes em maligna; outras em intermitente, lenta, ou em langores rebeldes aos remédios da arte.

### *Curativo*

#### (a) \_\_\_\_\_ EUROPEU

Quando se sangra, felizmente, é ao primeiro dia do acesso e não mais, se não sobrevém flogose<sup>225</sup>. Os eméticos mais brandos e prudentemente subministrados, como é a ipecacuanha em bastante líquido por veículo, são os que mais aproveitam. O mesmo se pratica com os purgantes, preferindo-se o maná e a polpa de tamarindus em soro de leite. Os absorventes são muito próprios para reprimirem os estragos da bÍlis. Do mesmo leite e de óleo de amêndoas doces se preparam os melhores laxativos. O sobredito soro, as emulsões nitradas, os [i]ulepes<sup>226</sup> ácidos e as limonadas são as melhores bebidas.

#### (b) \_\_\_\_\_ AMERICANO

Trata-se da mesma sorte que a podre; acrescentando que os empíricos<sup>227</sup> atribuem uma particular virtude a um cálculo<sup>228</sup> que se tira do ventrículo do lagarto senembi<sup>229</sup> e o administram em pó ou em caapiá<sup>230</sup>, na dose de meia até uma oitava.

### *Maligna*<sup>231</sup>

Pelo que tenho alcançado, vejo que não são tão somente os empíricos os que menos a conhecem e a distinguem: mas também os mesmos professores, algumas vezes encontram dificuldades a montes para formarem dela uma justa idéia, por ser o seu caráter sempre variado e cheio de obscuridades. Contudo, ela se distingue da antecedente e de outras febres pelas circunstâncias seguintes:

(a) de ser mais prolongada e nunca se terminar antes de 20 dias e mais.

<sup>224</sup> A palavra “ou” foi acrescida.

<sup>225</sup> Flogose é um processo patológico fundamental, caracterizado por dor, calor, rubor e edema, que se desenvolve como resposta a dano ou estímulo patológico causado por agente físico, químico e/ou biológico.

<sup>226</sup> Iulepes, julepes ou julepos são quaisquer bebidas de efeito calmante, que têm por base uma mistura de água destilada com algum xarope.

<sup>227</sup> Empírico é o mesmo que prático, aquele que exerce profissão liberal sem ser diplomado.

<sup>228</sup> “O uso, na prática médica, de concreções formadas nos estômagos, intestinos e outras partes dos corpos de animais é milenar. Era considerada antídoto a picadas de animais venenosos. O bezoar legítimo seria aquele que se encontrava no bucho da cabra selvagem da Pérsia, de uma outra semelhante, da Índia, e aquele que se encontra na cabeça de certos anfílopes, próximo aos olhos. O bezoar era ministrado em pó, misturado à água, vinho ou chá, e se esperava que promovesse forte sudorese. Com o descobrimento da América, novas contribuições foram dadas à bezoarterapia, com as pedras retiradas de caprinos e lhamas dos Andes, de macacos, lagartos, peixe boi, e camaleão.” (Cf. DUARTE, 1956: 103, citado por ANZAI, 2004: 205).

<sup>229</sup> Senembi é o lagarto diurno e arborícola, da família dos iguanídeos (*Iguana iguana*), encontrado do México ao Brasil central; de corpo verde, com cerca de 30 cm de comprimento, cauda muito longa e com anéis escuros, saco gular dilatável e crista dorsal que se estende da nuca à cauda.

<sup>230</sup> Caapiá é a designação comum às ervas que ocorrem no Brasil do gênero *Dorstenia*, da família das moráceas, com raízes tuberosas e caules curtos ou com rizomas geralmente cilíndricos, folhas com longos pecíolos e flores em receptáculos.

<sup>231</sup> Febre semelhante ao tifo, que é uma doença infectocontagiosa causada por várias espécies de microrganismos do gênero *Rickettsia*.

(b) de ser comumente epidêmica e contagiosa, como a peste<sup>232</sup>. De maneira que parecem uma e a mesma enfermidade.

(c) de essencialmente, desde o seu princípio e por todo o seu curso e progresso, apresentar-se sempre acompanhada de afecções dos nervos e do cérebro: como manifestam os letargos<sup>233</sup>, os delírios, os esquecimentos e as vertigens, as quais nas outras febres, quando as acompanham são comumente transitórias e não permanentes, como na maligna.

NB.

Que algumas epidemias há, aonde ela se anuncia por algum acesso de terça. No que importa muito reparar, principalmente em Mato Grosso, observando bem o assistente se os acessos da referida terça são longos; as repetições irregulares e as intermissões<sup>234</sup> circunstanciadas de dores de cabeça, ânsias, abatimento de forças etc.

Causas

(a) Adversidades da vida, dissabores, aflições de espírito; e sobretudo o *terror*;

(b) Impropriedade ou falta de asseio e de outras comodidades. Que é tudo quanto experimenta um viajante, um soldado, um preso e nas viagens pelos rios do Brasil, particularmente o experimentam índios remeiros e os pretos escravos, sendo funestas para todos;

(c) a indigência extrema em que vivem;

(d) a vida irregular que passam;

(e) a intemperança em todo o sentido;

(f) os alimentos podres que comem;

(g) o ar corrupto que respiram, principalmente o que dos porões das canoas<sup>235</sup> exalam os alimentos já podres;

(h) a água estagnada que bebem, ou recheada de miasmas pestíferos de animais e de vegetais apodrecidos, o que logo se experimenta ao menor repiquete dos rios, menos no dia da enchente que no da vazante.

<sup>232</sup> É possível que seja a peste bubônica. Em BLUTEAU (1720) consta que a peste é “mal epidêmico cuja essência, no meio dos estragos que causa, ainda se ignora. O comum dos médicos diz que a peste é uma febre agudíssima, maligna, contagiosa, venenosa, a qual se manifesta com bubões, nódos, antrazes, e que acomete e mata a muitos. Outros dizem que a peste é uma podridão animada, inimiga e destruidora de todas as forças e ações da vida. Dizem outros que a peste é um levedo e fermento contagioso ou (como outros declaram) um corpúsculo venenoso, cujas causas remotas são ou malignos influxos celestes ou indigestas e cruas exalações da terra, que de ordinário acompanham os terremotos, e da terra se comunicam aos mais elementos, infeccionando os ares e as águas. Os sinais do contágio da terra se vêem nos insetos e animais subterrâneos, como formigas, minhocas, coelhos, toupeiras etc., que desamparam a sua natural habitação e fogem dos lugares em que se criaram. Com a peste do ar se turvam as águas das fontes e se toldam as correntes dos rios, e morrem os peixes. Manifestam a peste do ar as árvores, ervas, searas e todas as criaturas vegetativas, que antes do tempo se murcham, caem as aves mortas, corrompe-se a carne fresca, o pão mole se enche de bolor e, saindo os homens de suas casas com boa saúde, caem de repente, mortos. Não só pelo contato corporal se comunica a peste, mas pega-se aos panos, vestidos, roupas, cartas, papéis, e envolta nas mercancias, se leva de um reino para outro, e causa diferentes sintomas segundo o diferente temperamento e disposição dos corpos, que infesta. Os mais ordinários são carbúnculos, ou antrazes, tumores debaixo dos braços, detrás das orelhas, nas virilhas e em partes glandulosas, suores frios, intercadências de pulsos, desmaios, modorras, urinas negras, câmaras colicativas, frenesis, palpitações do coração etc. Contra esse cruelíssimo mal, inventou a medicina infinitos remédios, o mais certo de todos é, ao primeiro rumor da peste, fugir depressa e voltar devagar, e, podendo ser, escapar primeiro e tornar o último, porque nas paredes, ferros e paus das terras em que houve peste, persevera a qualidade pestilencial anos inteiros, e com muito maior tenacidade na roupa, panos, cordas etc., tanto assim que Alexandre Benedito, no seu livro de peste, cap. 3, afirma que em Veneza se renovara uma peste de uma almofadinha que havia sete anos servira de encosto a um apestado.” (ANZAI, 2004: 205-6). Veja mais adiante, numa outra nota, a descrição da peste bubônica.

<sup>233</sup> Letargo ou letargia é um estado de profunda e prolongada inconsciência, semelhante ao sono profundo, do qual a pessoa pode ser despertada, mas ao qual retorna logo a seguir.

<sup>234</sup> Intermissão é o mesmo que “interrupção”.

<sup>235</sup> Vide ilustração em FERREIRA, [2002]: II, 153 e 155.

### Sintomas

- (a) Pusilanimidade de espírito e abatimento de corpo;
- (b) Mudança de fisionomia, particularmente nos olhos, que os febricitantes abrem, como espantados, quando os despertam da modorra em que jazem;
- (c) Alternativas<sup>236</sup> de frio e de calor;
- (d) Dor e peso na cabeça e, além desta, outra dor que ou é fixa no ventre, no ventrículo, etc., ou vaga por todo o corpo;
- (e) Extremidades convulsas;
- (f) Sopitação<sup>237</sup> de alguns ou de todos os sentidos; comumente o de ver, ouvir e gostar. A fala suspensa;
- (g) O pulso lânguido, freqüente e irregular;
- (h) A língua ao princípio úmida e saburra, ao depois árida como queimada, esgretada e trêmula. Tem-se visto ou natural ou saburra, ora seca e ora úmida;
- (i) Hálito fétido;
- (l) Suores também fétidos e viscosos;
- (m) O ventre as mais das vezes doloroso, intumescido e meteorizado;
- (n) As dejeções fétidas, verminosas e também muitas vezes involuntárias;

NB.

Que de outros muitos sinais é esta febre caracterizada na Europa, aonde segundo a diversidade de seus efeitos, assim toma diferentes nomes de *sudor anglicus*, *plica polonica*<sup>238</sup> etc. quando é circunstanciada de alguma hemorragia ou transpiração podre.

Febre *miliar*, *petequial*<sup>239</sup> etc. quando trás consigo diversas manchas pelo corpo ou erupções cutâneas;

*Maligna nervosa* quando ataca principalmente os nervos;

*Castrense*, *hospitalícia*, *carcerária*, *náutica* etc. quando imediatamente que<sup>240</sup> ataca, ou seja, nos acampamentos, ou nos hospitais, os cárceres, as embarcações, logo sobrevém a gangrena. Da náutica se experimentam os efeitos, em sendo extemporâneas e morosas as viagens, que se fazem por muitos rios do Brasil.

<sup>236</sup> Foi rasurada a palavra “vicissitudes” e substituída por “alternativas”.

<sup>237</sup> Perda temporária dos sentidos ou de alguns deles, como se estivesse dormindo ou anestesiado.

<sup>238</sup> Anzai (2004: 207-8) informa: “Estas doenças já haviam sido estudadas por Thomas Sydenham. Sua natureza nunca foi suficientemente esclarecida, mas pode ter sido um tipo de influenza [gripe], um tifo atípico ou uma infecção viral. A doença dos suores matou milhares de pessoas na Europa do século XVI, e seus sintomas principais eram febre alta com calafrios, câimbras nas extremidades dos membros, dores por todo o corpo, angústia, dificuldade de respirar e pulso irregular (Cf. ROSEN, 1980: 79). Os sintomas que Ferreira listou para a febre maligna, que ele relacionou ao ‘sudor anglicus’ e a ‘plica polonica’ são muito parecidos com o tifo. Um dicionário de medicina informa que a febre matava em 3 ou 4 horas”... [Cf. *DICIONNAIRE*...].

<sup>239</sup> Febre petequial é o mesmo que tifo exantemático ou pode ser entendido como tal, conforme se pode ler na *Revista de Saúde Pública*, 2003, 37 (6): 817-20, citada por ANZAI, 2004: 208): “Conjunto de doenças provocadas pelas bactérias do gênero *Rickettsias*. Conhecido também por *febre dos cárceres*, *febre dos barcos*, *febre do campo* e *febre dos piolhos*. Comum às situações nas quais há aglomeração de pessoas sem as mínimas condições de higiene, aliada à fome e à miséria. O tifo exantemático apresenta dois tipos: o *clássico*, transmitido pelo piolho (epidêmico), e o *murino* (endêmico), propagado pela pulga. A diferença entre eles consiste na intensidade dos sintomas e no índice de mortalidade. No Brasil, o tifo exantemático mais comum é a “febre maculosa”, transmitida por carrapatos. A manifestação mais geral é a febre alta, associada a outros sintomas inespecíficos, como cefaléia, mialgia, dor abdominal, náusea e vômito. A característica principal da doença, a exantema, ocorre geralmente entre o 3º e 5º dias após o início dos sintomas, e acomete punhos e tornozelos, progredindo para outras regiões até formar petéquias. Nos casos graves, as lesões levam a derrames sanguíneos sob a pele, necrose e gangrena, insuficiência renal e respiratória e meningoencefalite, que pode evoluir por coma, hepatite, manifestações hemorrágicas diversas, hipotensão e choque. O primeiro cientista a isolar a bactéria causadora do tifo foi o brasileiro Henrique da Rocha Lima, em 1916, na Alemanha. A bactéria acabou por se chamar *Rickettsia prowasekii* em homenagem a dois pesquisadores (Howard Ricketts e S. von Prowasek) que morreram por causa da doença. O nome “tifo” vem do grego “typhus”, que significa “estupor”, já descrito por Hipócrates”.

<sup>240</sup> “Quando imediatamente que” está usada por “logo imediatamente que” ou por “quando imediatamente”, sendo uma construção inadequada atualmente.

*Peste*<sup>241</sup>, quando é contagiosa, precedida de erupções carbunculosas<sup>242</sup>, bubões, antrazes é seguida de uma grande mortandade. Alguns vomitam umas fezes negras ou verdes. O hálito em quase todos é insuportável. A maior parte se queixa de uma sede implacável e um fogo interno que os abrasa. O pulso, ou natural, ou lânguido, veemente, irregular. Os suores tão pestíferos que na própria Câmara do empestado se não pode entrar sem um grande ressentimento do olfato. Ultimamente, o que mostra o exame dos cadáveres são os mesmos estragos que faz o veneno mais refinado.

### *Prognóstico*

Pelo que respeita a maligna, o tremor da língua, a erupção prematurada de malhas lívidas cutâneas, as hemorragias e, sobretudo, as dejeções negras ou sanguinolentas e com um fétido cadavérico são quase sempre mortais. Morre-se ao 7º, 8º, 12º, 14º dia e algumas vezes aos 40 até 50. A enfermidade nem dura menos de 20, nem mais de 60<sup>243</sup>. A salivação, o suor, o moderado curso do ventre se reputam de bom agouro. A convalescença é longa e pensionada<sup>244</sup>, as recaídas fáceis e perigosas. Muda-se algumas vezes em intermitente, terça simples ou dobre etc.

### *Curativo*

#### (a) \_\_\_\_\_ EUROPEU

Ainda que geralmente se escreva que não convém a sangria, parece que não é tão geral esta regra, que não tenha sua exceção, como por exemplo nos casos de inflamação<sup>245</sup>, alguma dor violenta, opressão etc. O autor do *Tratado das Calenturas*<sup>246</sup> prefere as escarificações<sup>247</sup>. “A principal parte do tratamento desta febre (diz ele) consiste em renovar a roupa do febricitante, os lençóis e o ar do seu aposento. A dieta é a mesma, que a da febre podre.” O vomitório da ipecacuanha tem provado bem<sup>248</sup> ao princípio da enfermidade, e tanto ele, como o ruibarbo, o tamarindus e o cremor de tártaro; porém, estes, depois do sétimo dia, são indispensáveis, no caso de os não contra-indicarem, ou a nímia debilidade, ou alguma grande evacuação.

O espírito de mendereri<sup>249</sup>, o vinagre *sacharo-camphoratum* de Wan-Swieten, a limonada quinada e as emulsões canforadas são ótimos corretivos. Os vesicatórios<sup>250</sup>, no caso de não haver inflamação ou coliquação<sup>251</sup>, servem de aliviar a cabeça, aplicados detrás das orelhas, nas espáduas e nas pernas, assim como a aliviam os pedilúvios, os

<sup>241</sup> “Peste bubônica, também conhecida como ‘peste negra’, cuja causa é a bactéria *Yersinia pestis*. Apesar de ser comum entre roedores, como ratos e esquilos, pode ser transmitida ao homem pelas pulgas destes animais (*Xenopsylla cheopis*). A doença leva de dois a cinco dias para se estabelecer, após o que surgem os primeiros sintomas, caracterizados por inflamação dos gânglios linfáticos e um leve tremor. Segue-se, então, dor de cabeça, solonência, intolerância à luz, apatia, vertigem, dores nos membros e nas costas, febre de 40° C e delírios. O quadro pode se tornar mais grave com o surgimento da diarreia, e pode matar em 60% dos casos não tratados”. (ANZAI, 2004: 208).

<sup>242</sup> Erupção carbunculosa é infecção extensa e profunda da pele e dos tecidos subjacentes, geralmente estafilocócica e freqüentemente localizada na nuca ou nas costas, com numerosos abscessos irregulares, intercomunicantes e coalescentes, alguns dos quais vazam através de múltiplas e extensas aberturas.

<sup>243</sup> Há incoerência absurda nesta frase em relação ao que se informou na frase anterior.

<sup>244</sup> A palavra “pensionada” significa “cronometrada”, “medida” ou “pesada”, como se percebe na expressão “pensão lunar das mulheres”.

<sup>245</sup> Inflamação é o processo patológico fundamental, caracterizado por dor, calor, rubor e edema, que se desenvolve como resposta a dano ou estímulo patológico causado por agente físico, químico e/ou biológico. No século XVIII, conforme se lê em Bluteau (2000), é um “tumor preternatural causado pelo sangue com vermelhidão e calor. A inflamação é de diversas espécies, segundo os lugares que ocupa”.

<sup>246</sup> É quase certo que Alexandre Rodrigues Ferreira tenha utilizado uma cópia (ou edição) desprovida da folha de rosto para que a citação fosse feita com a indicação do nome do autor, tantas vezes citado neste trabalho.

<sup>247</sup> Escarificação é o conjunto de leves incisões ou arranhaduras superficiais feitas, por exemplo, na pele, para aplicação de uma vacina, ou num osso, para coleta de material.

<sup>248</sup> A expressão “provar bem”, neste contexto, equivale à expressão “cair bem” no contexto de moda. Por exemplo, “Esta roupa caiu bem em você!...”

<sup>249</sup> Trata-se do acetato de amoníaco, segundo ROSA (1694: 310), referido por Anzai (2004: 209). “Espírito”, nesta expressão, significa líquido obtido pela destilação. Portanto, “espírito de mendereri” é o álcool ou produto do mendereri fermentado.

<sup>250</sup> Vesicatórios são medicamentos que causam vesículas ou erupções cutâneas de pequena dimensão.

<sup>251</sup> Dissolução orgânica que se manifestam por excreções abundantes.

sinapismos, as escarificações. Para coadjuvarem os remédios acima a todo o tempo convém os cristéis emolientes. Sem embargo do exposto, como estas febres são ao princípio muito equívocas de conhecer, principalmente em sendo epidêmicas, ordinariamente sucede que a morte dos primeiros é a que ensina o curativo dos últimos.

Quanto à peste, de muito boa vontade me conformo com o parecer de alguns práticos, que é mais fácil preservar dela do que corrigi-la. Preservam dela a longanimidade e asseio, a sobriedade, o exercício, a purificação do ar pelos perfumes do enxofre, da pólvora, do tabaco, o alcatrão<sup>252</sup>, os frontis molhados em vinagre aromático, a arruda<sup>253</sup>, o rosmaninho<sup>254</sup>, a salva e o uso interno da quina<sup>255</sup>, do limão e da laranja. Todos os remédios internos que se aplicam para a corrigirem são os temperantes, antipútridos, absorventes, cordiais<sup>256</sup> e os alexitérios<sup>257</sup>, misturados com os ácidos, ou vegetais, ou minerais. Os externos se reduzem ao que fica dito da renovação interior e exterior da maquina, às ventosas, aos cáusticos etc.

Porém de nenhum destes medicamentos faz o bom assistente uma aplicação vaga e arbitraria. Quando o calor é o que promove a putrefação, convém os ácidos e refrigerantes, a laranja, o limão, a cidra, a romã, a pêra, a maçã, a uva, o vinagre, o nitro<sup>258</sup> etc.

Quando procede da umidade, convém o alho<sup>259</sup>, a cebola, a pimenta, a canela, o cravo, o puxiri<sup>260</sup>, o gengibre, o tabaco e outros estimulantes.

(b)<sup>261</sup> \_\_\_\_\_ AMERICANO

Vejam-se as febres antecedentes.

#### *Intermitentes ou sezões e maleitas*

Eis aqui um dos tributos que pagam as margens destes rios, e principalmente as do Guaporé, quase todas as idades, todas as constituições, todos os temperamentos. O seu caráter consiste na sua intermissão<sup>262</sup>, ficando os febricitantes livres de febre, por algumas horas ou dias, segundo é o gênero, a que ela pertence, porque ou é *cotidiana, ou terça, ou quarta*.<sup>263</sup>

<sup>252</sup> Fração pesada da destilação do carvão vegetal ou mineral que se compõe de vários hidrocarbonetos aromáticos, usada como desinfetante, insumo para inseticidas, corantes, fármacos etc.

<sup>253</sup> *Ruta graveolens* Lin. Mastigar e manter seu sumo na boca era preservativo da peste. Com folhas de arruda faziam-se defumações nos aposentos dos atingidos pela peste, e também nos quartos das puérperas. Acreditava-se também que protegia de mau olhado. “Toda casta de arruda é atenuante incisiva; boa contra venenos e mordeduras de cães danados; abate os vapores e fortifica o cérebro”. (Cf. BLUTEAU, 1720, citado por ANZAI, 2004: 210).

<sup>254</sup> Rosmaninho ou alfazema é o subarbusto (*Lavandula stoechas*) da família das labiadas, com folhas tormentosas, flores brancas ou violáceas, em espigas, e frutos aquênicos. Também o alecrim (*Rosmarinus officinalis*) é outra espécie de rosmaninho cultivada como melífero, pelo óleo das sementes, usado como cicatrizante, estimulante e também em cosméticos, e pelas folhas, com várias propriedades medicinais e especialmente usado como condimento.

<sup>255</sup> Também conhecida como “pó dos jesuítas”, segundo Anzai (2004: 210).

<sup>256</sup> Cordial é o medicamento ou porção que ativa a circulação sangüínea, que restaura as forças, que robustece.

<sup>257</sup> Alexitério, alexetério ou antídoto é o que combate os efeitos de uma toxina ou veneno.

<sup>258</sup> Segundo Anzai (2004: 210), trata-se do nitrato de potássio, utilizado no tratamento de pedras na bexiga e nos rins, e como antipirético, diurético, hipotensor e antiasmático. (Cf. LIMA, 1949)

<sup>259</sup> O alho, também chamado “triaga dos rústicos”, era aconselhado na prevenção da peste, sugerindo-se que, logo pela manhã, deveriam esfregar os dentes com alho, caso não pudessem adquirir a triaga magna, mais aconselhada para os ricos. (Cf. ROSA, 1694: 270)

<sup>260</sup> Puxiri é designação comum a algumas árvores da família das lauráceas, com sementes oleaginosas de uso medicinal.

<sup>261</sup> O amanuense escreveu “(d)”, evidentemente por engano.

<sup>262</sup> Intermissão é o ato ou efeito de intermitir, interrupção, intervalo.

<sup>263</sup> Trata-se da malária, conforme anotações de Anzai (2004: 210-11), cujas características clínicas são inconfundíveis: intensos calafrios precedem a febre intermitente, que pode se repetir todos os dias ou a intervalos de um ou dois dias, e aumento do baço. Essas características permitiram sua identificação há 3000 anos a.C. na China, há 2000 a.C. na Mesopotâmia e 1800 anos a.C. na Índia. Hipócrates a descreveu com detalhes, e, em todas as referências

Chamam-se *símplices*<sup>264</sup>, quando têm um único acesso, dentro no termo de sua repetição; *dobles*, quando dous; *benignas*, quando não envolvem perigo; *perniciosas*, quando sim; *erráticas*, quando erram a hora de seu acesso, repetindo nos dias costumados; *vagas*, quando nem dia têm nem hora certa de repetição.

### *Cotidiana*

É a que todos os dias acomete e todos os dias deixa livre ao enfermo, se bem que não raras vezes engana, por alguma larga remissão<sup>265</sup> que faz. Parece ter o seu assento nas primeiras vias, ou nas entranhas, de que depende o exercício de suas funções. Todo o ponto está em a saber distinguir de alguma cotidiana sintomática, como é por exemplo, a catarral, a febre histórica, a que depende de obstrução, supuração interna e outras muitas, que sendo aliás de bem diferente caráter e natureza, imitam as cotidianas essenciais e se apresentam com o mesmo aspecto. Porém quando destas febres não hajam todos os conhecimentos práticos, ajuda muito a discerni-las a experiência das cousas do país, a história de suas enfermidades e particularmente a febrilogia do Brasil, o exame do sedimento das ourinas, o cotidiano acesso por espasmos, a declinação por suor copioso e viscoso etc. A constância que guardam as horas dos seus acessos, e a regularidade e igualdade dos paroxismos<sup>266</sup> a distinguem da *terçã doble*, da *remitente* etc

### *Causas*

- (a) Intemperança dos obesos, golotões<sup>267</sup> e poltrões que são os mais sujeitos a elas;
- (b) Alimentos crus e indigestos. Frutos de má qualidade e ainda os que a tem boa, porém são comidos [imoderadamente],<sup>268</sup> ou verdes, ou quentes do sol;
- (c) Acesso das lebrinas<sup>269</sup>, das friagens, das estações chuvosas;
- (d) Habitação de lugares úmidos e pantanosos, aonde o ar e a água são impuros;
- (e) Banhos no rio intempestivos, lavagens em charcos e águas estagnadas;

### *Sintomas*

- (a) Cabeça pesada e sonolenta;
- (b) Moimento<sup>270</sup> do corpo, em se aproximando o paroxismo. Espreguiçar-se e bocejar a miúdo sem causa manifesta;

---

sobre sua ocorrência foram feitas associações com regiões pantanosas e alagadas. Também conhecida por *paludismo*, *impaludismo*, *maleita* ou febres *terçã* e *quartã*. Ainda hoje é a maior endemia mundial. (Cf. PLESSMANN, 1995). Seu agente é um protozoário do qual existem várias estirpes, o plasmódio. *Plasmodium malariae*, ou *Plasmodium.vivax* é mais comum na Europa e América, enquanto o *Plasmodium falciparum* é mais comum na África. O fato de um europeu desenvolver resistência ao tipo de malária provocada pelo *P. vivax* não o torna imune ao tipo provocado pelo *Plasmodium falciparum*. Os parasitas injetados através da picada do mosquito *Anopheles* fêmea passam por várias fases e se alojam nas células do sangue, alimentando-se de hemoglobina e liberando produtos tóxicos ao organismo humano. Os primeiros sintomas após a picada do mosquito demoram cerca de quinze dias para se manifestar, e sua intensidade depende da quantidade de toxina. Os ataques da doença ocorrem em intervalos regulares: na febre *terçã* ocorre a cada quarenta e oito horas (primeiro, terceiro e quinto dia); na *quartã* a cada setenta e duas horas (primeiro, quarto e sétimo dia), e o plasmódio causador dela é semelhante, mas não o mesmo. Já a malária conhecida como *subterçã* ou *cotidiana*, cujos ataques são quase contínuos, é a mais perigosa. A malária não tratada pode matar, mas também pode tornar-se crônica. Por destruir a hemoglobina existente nos glóbulos vermelhos, provoca anemia. (Cf. CARTWRIGHT e BIDDIS, 2003: 171-173).

<sup>264</sup> Símplices é forma plural de “simplice”, equivalente à forma atual “simples”.

<sup>265</sup> Em cima das palavras “alguma remissão larga” estão escritos os números “1”, “3” e “2” respectivamente, indicando sua preferência na ordem das palavras.

<sup>266</sup> Paroxismo é o mesmo que espasmo agudo ou convulsão.

<sup>267</sup> Golotão é variante de “glutão”, que é o “comilão” ou o “guloso”..

<sup>268</sup> A palavra “imoderadamente” é um acréscimo.

<sup>269</sup> Lebrina é variante de “neblina”.

<sup>270</sup> Moimento é o mesmo que fadiga de corpo ou espírito..

- (c) Resfriamento da ponta do nariz e das extremidades. A face, as mãos e os lábios pálidos; as unhas lívidas e o frio, algumas vezes, tão excessivo que nenhum calor é capaz de o moderar;
- (d) Dores vagas por todo o corpo. Peso no estômago. Cansaço;
- (e) Calor ao princípio brando e a frequência do pulso moderada. Porém logo ardente e acompanhado de dores de cabeça;
- (f) A boca amargosa, a língua saburrosa e os dentes sordidos;
- (g) Propensão a vômito; ou os mesmos vômitos, ora brancos, ora biliosos;
- (h) Urinas ao princípio brancas, cruas e indigestas;

Dura 8, 10, 16 até 20 horas e acaba com suor copioso e viscoso.

### *Prognóstico*

Não sendo febre esta [difícil de]<sup>271</sup>, contudo, degenerar em contínua ou em febre lenta, principalmente se se precipita o seu tratamento. De o precipitar antecipando logo os eméticos, os purgantes e os febrífugos, têm-se visto alguns inconvenientes que se devem recear. Porque não estando ainda feita a depuração ao princípio da enfermidade, o que vão aqueles remédios fazer é perturbar e irritar a natureza, ocasionando a mudança da febre que não tarda em mostrar o seu ressentimento. As menores faltas de regimento, o sereno, o ar frio da manhã, o uso das saladas e de frutos crus e flatulentos, o trabalho excessivo, o coito, a repleção, as vigílias, a cólera e outras paixões as reproduzem e ocasionam as recaídas. Se os enfermos, depois de suspendida a sezão, não recuperam as cores, antes conservam a palidez, o fastio e as dores de cabeça, podem seguramente esperar pela sua volta.

### *Curativo*

#### (a) \_\_\_\_\_ EUROPEU

Bem poucas vezes, há necessidade de recorrer à sangria, pelo menos, quando se não está no caso de alguma plethora ou flogose. Sendo necessário sangrar, não se abre a ve[i]a durante o acesso. Só, sim, quando a febre é extremamente violenta, as dores de cabeça insuportáveis e todos os sintomas graves e urgentes. Ainda neste caso, geralmente no clima do Brasil, deve haver cuidado em não multiplicar as sangrias que, aliás, esgotam aos enfermos e os lançam nas queixas de langor. De os alimentos serem débeis, a transpiração, assídua e as dissipações com as mulheres, excessivas, o que se segue, é ser o sangue pouco balsâmico e, prodigalizado ele, abaterem-se as forças da vida. Observem-se as cores dos colonos da maior parte das capitâneas, que todas são de opilados e ver-se-á a diferença que tem das dos europeus. Quanto à cotidiana, mais prudência é retardar aos primeiros dias a aplicação dos específicos do que antecipá-la precipitadamente, antes, talvez, de se ter reconhecido o caráter e a natureza da febre. Por outra parte, ela é o instrumento, de que a natureza se serve para a depuração, e por isso se não deve perturbar antes de tempo. Ajudam-se as forças que ela emprega em volatilizar e dissipar a putrefação, primeiramente, com a dieta, os pedilúvios e os diaforéticos; e, ao depois, com os específicos, se aliás se não faz urgente a sua aplicação. A dieta se contrai a alguns caldos de aves, de fácil digestão, evitando tudo quanto possa enfraquecer e viciar o estômago. Dá-se pouco de comer e 4 até 5 horas antes da sezão. Não se deve negar água aos enfermos, contanto que seja tépida durante o frio, e fria durante a febre. Quando ao princípio do paroxismo, são os frios grandes e perigosos, trata-se de os moderar, antecipando-se duas e três horas antes, uma copiosa bebida tépida de alguma tisana, ou de salsa<sup>272</sup>, ou de sassafrás, ou de outro qualquer sudorífico: fomentando-se a região

<sup>271</sup> As palavras “se tratar pode” foram rasuradas no manuscrito.

<sup>272</sup> Originária da África do Norte, a salsa, *Petroselinum sativum*, Hoff: foi trazida para o Brasil com os primeiros colonos. Era empregada como remé-

do estômago com óleo de canela ou de alfazema, e até mesmo usando dela quente, dentro em almofadinhas, que se lhes chegam às mãos e aos pés. A ipecacuanha dada a propósito depois da quarta sezão, algumas vezes triunfa ela só da enfermidade, porém é preciso esperar pela intermissão da febre e não tomar durante o seu acesso senão os diluentes, temperantes e nitrados. Os lavatórios laxantes jamais se perdem de vista. A quina depois do emético e dos purgantes, quando aparece o sedimento laterício<sup>273</sup> é o melhor febrífugo. As evacuações têm purificado o estômago, a linfa gástrica se tem feito capaz de tinturar-se<sup>274</sup> da quina e por conseguinte nenhum receio deve haver de usar dela. Quanto à dieta, que requer o seu uso, a mais severa é a melhor. Se a quina não basta, depois de tomada nas doses prescritas para todos os casos, o obstinar-se em usar dela, é precipitar-se na obstrução, a hidropisia, a hemoptise e outras enfermidades. Recorre-se a outros febrífugos, aos amargos aperitivos, estomáquicos marciais etc., as dissoluções de sal amoníaco, sal de losna e dito de centáurea, em vinho branco, a infusão da serpentária virginiana, da genciana, da pequena centáurea também em vinho branco e outros muitos específicos que se aplicavam antes do descobrimento da quina.

(b) \_\_\_\_ AMERICANO

As pessoas de mais conhecimentos e que têm sido ensinadas pela experiência do país a terem grande cautela com os aproches<sup>275</sup> da *corrupção*, como de nenhuma outra cousa se receiam tanto quanto desta, logo ao primeiro acesso de toda e qualquer febre, o de que primeiramente tratam é de a reconhecer mediante algum cristel estimulante de pimentas cumaris ou malaguetas. Os índios para estes casos jamais embarcam sem provimento de malagueta em pó e gengibre. E o caso é que, as mais das vezes, não se enganam porque com toda e qualquer febre se introduz a dita *corrupção*.

Feito aquele exame, que é o primeiro, na ordem de suas precauções, segue-se a segunda, de reconhecer o *resfriamento*, mediante os pedilúvios, seguidos de fricções quentes e algum banho de vapores de plantas aromáticas, com uma copiosa bebida tépida de alguma tisana sudorífica. Tais são os primeiros remédios de que lançam mão os acautelados. Passam imediatamente ao vomitório de tártaro ou de quintílio, que são os mais usuais. Poucos usam da ipecacuanha e a gente popular comumente recorre aos eméticos e purgantes indígenas, que alguns tomam ao mesmo tempo, bebendo tépida a emulsão de três pinhões descascados e pisados. Outros a bebem de nove sementes de mamona branca, [por outro nome carrapato]<sup>276</sup>, ou se querem evitar o trabalho da manipulação, lançam em uma chávena de água tépida, uma colher daquele azeite, e com ele se purgam. A batatinha-do-paraguai é outro purgante, que por aqui se toma na dose de uma até uma e meia outava<sup>277</sup>. A batata-de-purgar é uma raiz que trivialmente se encontra por estes matos, e também se toma na dose de outava e meia, e mais quando seca.

O emético, em que a alguns empíricos do país tenho visto porem grande confiança, afetando os costumados segredos é, sem tirar nem pôr, o mesmo que inventou o autor do celebrado *Erário mineral* [FERREIRA, 1735] e vem a ser – de tártaro emético<sup>278</sup>, quatro até seis grãos (conforme a constituição do enfermo) em seis onças de vinho generoso onde tenha estado de infusão, sobre cinzas quentes, por tempo de um quarto de hora, uma mão cheia de folhas de arruda machucada.

---

dio e como tempero. Fazia parte de um medicamento árabe, “atrifal”, mistura farmacêutica composta por três elementos, juntamente com o aipo e a ervadoce. (Cf. DUARTE, 1956: 101, citado por ANZAI, 2004: 213)

<sup>273</sup> Laterício é o que tem a cor avermelhada do tijolo.

<sup>274</sup> Tinturar-se é o mesmo que “tingir-se”.

<sup>275</sup> A palavra “aproche” é vocábulo de origem francesa (já documentado na língua portuguesa em 1663). que significa “entrincheiramento realizado pelo exército em local sitiado, a fim de travar combate e abrigar-se dos efeitos da reação” está sendo usada em sentido evidentemente metafórico.

<sup>276</sup> “Por outro nome carrapato” é um acréscimo marginal.

<sup>277</sup> Outava é variante de “oitava”, que era, no antigo sistema de pesos, medida correspondente à oitava parte da onça (‘antiga unidade’), ou seja 3,586 g.

<sup>278</sup> Aplicava-se o tártaro emético tanto na pneumonia como na leishmaniose. (Cf. FREITAS, 1935: 64, citado por ANZAI, 2004: 215)

Depois de feitas as evacuações universais, se com elas se não despede a sezaõ, bebe-se o cozimento febrífugo das raízes de abútua<sup>279</sup>, quina da terra e fedegoso, com as do fumo brabo e caapiá, que é na verdade uma amargosíssima bebida. Até mesmo por via de dieta, se alimentam os enfermos com vegetais amargosos. Tal é o palmito de uma espécie de palmeira chamada *guarioba*, que amarga como fel e o do campo ainda mais que o do mato. Comem-no ou assado, ou cozido, juntamente com o frângão<sup>280</sup>, a galinha, a carne de vaca moqueada etc., nem se esquecem dos cristéis laxantes e refrescantes, os quais<sup>281</sup> se preparam, como já disse, do cozimento de 3 até quatro limões azedos, substituindo-lhes, quando os não há, ou quando assim lhes parece, as folhas de mamona branca, o malvaíscico<sup>282</sup>, a caamembeca<sup>283</sup>, os olhos de fedegoso e a tansagem<sup>284</sup>, com uma colher de rapadura em pó, outra de azeite.

Outro cozimento se pratica por estas minas, que é verdadeiramente dos bons, que receitam os práticos, porém não é seu porque [é]<sup>285</sup> a Água Febrífuga de Cardoso de Miranda. A saber: de cevada limpa, onça e meia; raiz de genciana machucada, onça uma; centáurea menor, cortada miudamente, onça meia; sene limpo, onça uma e meia; cremor de tártaros<sup>286</sup>, oitavas duas; sementes frias maiores, onça uma; quina em pó, onça uma; sal de losna e cristal mineral, de cada um oitavas duas.

Ferve-se a cevada em 6 £ de água até se evaporar uma. Ajunta-se-lhe a genciana, até se evaporar mais meia, e acrescentando-se a centáurea, que também ferve até se evaporarem 3 £, então se lhe ajunta o sene, as sementes frias, o cremor de tártaro e tudo se deixa de infusão em cinzas quentes, por tempo de 6 horas. Coa-se com forte expressão<sup>287</sup>; ajunta-se lhe a quina, o sal de losna e o cristal mineral e tudo se lança em um frasco, agitando-o bem até levantar escuma para se beber na dose de 6 onças por cada vez. Pode-se tomar de manhã e de tarde, não havendo fraqueza. É um cozimento solutivo<sup>288</sup> e febrífugo, que a muitos tem aproveitado.

Os remédios da gente popular são os mais extravagantes que tenho visto. Tais são os eméticos, que tomam do sumo de dous até três limões azedos, em um chávena de aguardente da terra, a que se chama *cachaça*.

Em outra pequena quantidade dela, batem dous ovos; e tomada aquela beberagem, vomitam um dia inteiro. Os índios para moderarem os frios ao princípio dos paroxismos, gritam que se lhes dê pimenta da índia em aguardente de uva. O que digo do curativo da cotidiana, entenda-se também das outras intermitentes.

### Terçã

Dá-se-lhe este nome porque repete em dias alterados; isto é, um dia sim e outro não. Faz-se consistir o seu caráter específico na pronta aparição do sedimento laterício, ao declinar do primeiro acesso. “As dejeções biliosas” (diz o Dr. Pereira) “o sedimento laterício, as cores e urinas ictéricas dos tercenários<sup>289</sup>, e os abscessos<sup>290</sup> e gangrenas

<sup>279</sup> Abútua é designação comum a diversas plantas da família das menispermáceas, especialmente do gênero *Abuta*.

<sup>280</sup> Arcaísmo equivalente a “frango”.

<sup>281</sup> A palavra “quais” substitui “que”.

<sup>282</sup> Malvaíscico ou mavavisco é arbusto (*Malvaviscus arboreus*) da família das malváceas, nativo das regiões tropicais das Américas, de folhas cordadas, serradas e flores vermelhas, muito usado em cercas vivas.

<sup>283</sup> Caamembeca é o arbusto (*Polygala spectabilis*), da família das poligaláceas, nativo do Brasil (PA), de folhas ovadas, oblongas, e flores grandes, em racemos compridos; tem propriedades béquicas, expectorantes, refrigerantes e também é usado contra as hemorróidas.

<sup>284</sup> Tansagem ou tanchagem é designação comum a diversas plantas do gênero *Plantago*, da família das plantagináceas, de ervas ou arbustos geralmente de uso medicinal e cujo pólen é notoriamente um causador da febre do feno.

<sup>285</sup> Acréscimo interlinear do autor – “é”.

<sup>286</sup> O cremor de tártaro é um subproduto da vinicultura que se obtém na fermentação do sumo de uvas frescas.

<sup>287</sup> Expressão é ação pela qual se espreme o suco de uma planta, fruta etc., formada por etimologia popular.

<sup>288</sup> Solutivo é o que é capaz de dissolver.

<sup>289</sup> Tercenário é o enfermo afetado com uma febre terçã.

<sup>290</sup> Abscesso ou abscesso é a acumulação de pus numa cavidade formada acidentalmente nos tecidos orgânicos, ou mesmo em órgão cavitário, em consequência de inflamação.

hepáticas que têm mostrado a dissecação<sup>291</sup> dos cadáveres, provam que a afecção do fígado é a origem dela”. Quanto às suas causas, são as mesmas que as das outras intermitentes.

### *Sintomas da benigna*

Vejam-se os que acompanham a cotidiana e acrescentem-se os que acima transcrevi de terem os tercenários:

- (a) Cores ictéricas.
- (b) Ourinas, ao princípio, brancas, incendidas, no estado, e laterícias, na declinação.
- (c) Pulso durante o calor, duro, contraído, cheio e freqüente.
- (d) Língua áspera e sequiosa.
- (e) Dejeções biliosas.

Ainda que a sua duração costuma<sup>292</sup> ser de quatorze dias, com sete paroxismos, não sei que ela neste país, tenha invariavelmente tempo determinado. Eu a padeci pelo espaço de três meses, depois de ter padecido, pelo de vinte cinco<sup>293</sup> dias, uma rigorosa cotidiana. O desenhador<sup>294</sup> José Joaquim Freire também padeceu a mesma cotidiana pelo tempo de dous meses e a terça pelo de seis, com poucos dias de falha. Dura esta sezão 6, 12 e 20 horas e mais quando o enfermo é pletórico<sup>295</sup>.

### *Ditos da perniciosa*

- (a) Espasmos e dores excessivas;
- (b) Delírios, afecção soporosa<sup>296</sup> e síncope;
- (c) Hemorragias, coliquações<sup>297</sup>.

### *Prognóstico*

A terça legítima não é febre perigosa, antes, regularmente é saudável e, muitas vezes, tem servido de livrar de algumas enfermidades habituais. Contudo, não se deve deixar sem remédio, para se não inveterar<sup>298</sup> e aumentarem-se as forças, ou da inflamação, ou da putrefação. Os acessos demasiadamente longos, as repetições irregulares e as intermissões acompanhadas de dores de cabeça dão muito que recear. A perniciosa é de grande perigo, se se não atalha logo, suspendendo, pela administração da quina, a rapidez da putrefação.

### *Curativo*

#### (a) \_\_\_\_\_ EUROPEU

Não está todo o ponto, como cuidam os empíricos, em purgar logo aos enfermos e em enchê-los de quina. Pelo contrário se se suprime a terça antes de tempo, ela se reproduz segunda vez ainda mais forte do que a primeira.

<sup>291</sup> Dissecação ou dissecação é o ato ou efeito de seccionar e individualizar, sob determinado método, os elementos anatômicos de um organismo (ser humano, animal ou vegetal).

<sup>292</sup> Uso do modo indicativo pelo subjuntivo (“costuma” por “costume”).

<sup>293</sup> Teria sido um erro a omissão do aditivo em “vinte cinco” por “vinte e cinco”?

<sup>294</sup> Desenhador é o pintor para quem a forma importa tanto quanto ou mais que a cor.

<sup>295</sup> Acometido da pletora, que é a aumento de volume de sangue no organismo, que provoca inturgescência vascular.

<sup>296</sup> Soporoso é o que sofre sonolência devida à ingestão de muita bebida alcoólica ou de soporífico.

<sup>297</sup> Coliquação é a dissolução orgânica que se manifesta por excreções abundantes.

<sup>298</sup> Inveterar é envelhecer, tornar-se crônica.

Mais: que a supressão intempestiva tem causado hipocondrias<sup>299</sup>, escorbutos<sup>300</sup> e outras enfermidades. Recomenda-se, em boa medicina, que de nenhuma forma se precipite o seu tratamento, deixando antes passar os primeiros acessos, sem que se lance mão dos específicos, não somente para se assegurar o assistente do caráter e da natureza da febre, mas também para observar se é à sangria ou ao emético que se deve recorrer.

Já em outra parte se disse que epidemias há, onde o acesso da terçã é o princípio da maligna. Reconhecendo-se que a inflamação predomina, fazem-se duas sangrias antes de se recorrer aos eméticos e purgantes brandos, e segue-se com os diluentes e os refrigerantes. Prescreve-se-lhes, fora do acesso, o uso das limonadas e do ponche. Observa-se que para este gênero de febre, o melhor veículo da quina é o sumo de limão ou de laranja agra, usando-se de limonadas quinadas. A quina só tem lugar depois das evacuações universais. A mudança de ar e o exercício tem curado a muitos. Há quem, sobre todos os específicos da terçã, dê a preferência à água pura, bebendo-se copiosamente por 3 até 4 dias, sem outro algum alimento. Eu o não tenho experimentado. Pelo que respeita a dieta, veja-se o que se disse da que pertence a cotidiana. Ainda que se suspenda a terçã, nem por isso se suspende logo, ou o regimento de boca, ou o uso da quina. Antes importa muito repeti-la em todos as conjunções da lua, pelo tempo de um mês, para evitar a recaída.

A perniciosa não espera pelas evacuações, como a benigna, para receber a quina. Tanto erro é antecipá-la nesta, como deferi-la naquela. Antecipa-se na dose de uma onça, entre uma e outra sessão, tomando-se a dose ordinária de 1/8 de duas em duas horas. Outros a tomam toda junta, e ainda mesmo na sessão, depois de passado o frio. Ajunta-se-lhe o ópio e o nitro, quando é convulsiva, os vesicatórios devem ter lugar nas afecções soporosas. As que produzem hemorragias e coliquações requerem a quina misturada com a terra lênia, a pedra-ume, o vitríolo etc. Terminada a perniciosa, então se devem de<sup>301</sup> fazer as evacuações que, pela urgência dos sintomas, se deixaram de fazer a tempo.

(b) \_\_\_\_ AMERICANO

O mesmo que o da cotidiana.

*Quartã*

É a que se repete de quatro em quatro dias, sendo os dois intercalares de descanso. Pertende-se que toda a sua inflamação e putrefação resida no sangue, em ele sendo melencólico e atrabilar<sup>302</sup>. E com efeito se observa que os melencólicos, os velhos e os obstruídos são os mais sujeitos a ela. Fala-se da quartã essencial e não da sintomática, procedida da afecção venérea, do escorbuto, da caquexia etc.

*Sintomas*

- (a) Frio extenso e molesto;
- (b) A cor da face achumbada;
- (c) Apetite extremo;
- (d) Pulso duro, na progressão do paroxismo, grande, veloz e desigual;

<sup>299</sup> Hipocondria é a focalização compulsiva do pensamento e das preocupações sobre o próprio estado de saúde, freqüentemente acompanhada de sintomas que não podem ser atribuídos a nenhuma doença orgânica.

<sup>300</sup> “Doença conhecida como ‘mal de luanda’ e ‘mal das gengivas’, era provocada basicamente pela carência de vitamina C e pela salinidade dos ares marinhos. Além de inchar as gengivas, os ‘escorbutados’ apresentavam inflamação nos joelhos e pernas, e forte dor no peito”. (Cf. VAINFAS, 2000: 204, citado por ANZAI, 2004: 217)

<sup>301</sup> Esta regência do verbo “dever”, com a preposição “de”,

<sup>302</sup> Atrabilar ou atrabiliar é relativo ao atrabílis, suposto *humor* a que os antigos atribuíam o temperamento melancólico, irascível etc.

- (e) Calor e sede;
- (f) O sangue que se tira pela sangria, coberto de uma crosta amarelada ou esbranquiçada;
- (g) Ourinas tênues;
- (h) Terminação por suores que ora são mais, ora menos copiosos, por dejeções denegridas ou por algum fluxo hemorroidal, quando na sua duração.

NB.

Que ainda que diga Sydenham<sup>303</sup> que ela se não cura em menos de seis meses, que é o mesmo que diz o Dr. Pereira, assegurando ter observado algumas de vinte anos, assim como nas *Obras de Blow*<sup>304</sup> se lê a história de uma quartã que durou outros vinte, não é tão geral esta regra<sup>305</sup> que lhe não saiam ao encontro muitas exceções. É verdade que o que algumas vezes parece uma suspensão total do seu curso, não é mais que uma longa intermissão, como provam as recaídas. Porém, também é verdade que na maior parte delas é culpada a transgressão do regimento, por se impacientarem os enfermos com a severidade da dieta.

### *Prognóstico*

A quartã legítima, sendo tratada sem impaciência, por mais longa que seja a sua duração, não oferece perigo que recear. Algumas queixas se têm desvanecido com ela, como são a obstrução, a epilepsia, a hipocondria, a gota<sup>306</sup> e outras. Diz-se que os que a padecem vivem muito. Tudo ao contrário do que sucede, em a suprimindo intempestivamente, ou cometendo-se excessos e irregularidades, em quanto ela dura. Então ela mesma produz a hipocondria, a icterícia, a hidropisia, as obstruções cirrosas<sup>307</sup> etc.

### *Curativo*

#### (a) \_\_\_\_\_ EUROPEU

Consiste em ter o olho atento sobre o efeito que sucede nos dias de descanso. Porque, se o enfermo se sente vigoroso e restabelecido, de nenhuma forma se deve logo proceder a uma supressão intempestiva, antes deixá-la depurar o sangue, enquanto ele mostrar que necessita daquela depuração. Não assim, se os efeitos que mostra a observação são opostos aos indicados, então é que tem lugar a repetição dos eméticos e purgantes dados no dia da quartã, seis

<sup>303</sup> Os principais estudos de Sydenham sobre as febres foram: “Da febre depurativa que reina na Inglaterra em 1661, 62, 63 e 64”, “Da febre pestilencial dos anos 1665 e 1666”, “Das febres intermitentes”, “Das febres estacionárias dos anos 1684 e 1685”, “Da febre vermelha”. (Cf. SYDENHAM, 1784, citado por ANZAI, 2004: 219).

<sup>304</sup> Citamos novamente Leny Caselli Anzai (2004: 219), que nos informa que não foi possível identificar as “Obras de Blow”. De todo modo, as várias indicações de leituras demonstram que Ferreira estava afinado com as teorias médicas mais recentes que vigoravam na Europa. No caso do autor citado, talvez o escrevente tenha grafado o nome errado. Há um autor médico, o escocês John Brown (1735-1788), que pode ser o citado “doutor Blow”, para quem a vida seria resultado da ação de estímulos externos, ou excitação, e que dividia as doenças em dois grupos: as *estênicas*, surgidas do excesso de estimulação sistemática, e as *astênicas*, resultantes da ausência destes estímulos. Brown defendia a quantificação dessa excitação, que acreditava poder calibrar matematicamente, utilizando-se de uma escala como a de um termômetro. Seu esquema permitia que a medicação fosse bastante reduzida, pois as drogas deveriam estimular, em caso de doença “astênica” ou acalmar, em caso de doença “estênica”. Utilizava principalmente opiácios e álcool. Seu sistema, o “braunianismo”, não foi muito bem recebido na França e na Inglaterra, mas teve muitos adeptos na Itália, Alemanha e Estados Unidos. (Cf. LINDEMANN, 2002: 91)

<sup>305</sup> Em cima das palavras “regra”, “esta”, “tão”, “geral” constam os números “5”, “4”, “2” e “3” respectivamente, o que indica que preferia “tão geral esta regra”.

<sup>306</sup> Gota é moléstia geralmente hereditária provocada pelo excesso de ácido úrico no organismo e caracterizada por dolorosos ataques inflamatórios, que ocorrem sobretudo nas articulações.

<sup>307</sup> Seria a cirrose, doença crônica do fígado, caracterizada por alteração de suas células (cicatrizes fibrosas e regeneração patológica), geralmente devida a alcoolismo ou infecções virais?

horas antes do acesso, precedendo aos febrífugos, os diluentes e os temperantes e subministrando-se a quina, ou como *curativo*, nunca antes da aparição do sedimento laterício, no que convém com a cotidiana, ou como *preservativo*, até seis onças ao todo, tomadas na dose de uma outava por cada vez nos dias dos aspectos lunares.

NB.

A cotidiana, a terça e a quartã descritas, são as que se dizem *símplices*, porque não têm mais que um período dentro nos termos de suas repetições. Porém quando elas o duplicam, então se dizem *dobles*. A cotidiana se dobra quando, no mesmo dia e sem ainda ter terminado o primeiro acesso, sobrevém o segundo, com segundo frio. Pela mesma forma, a terça é *doble*, quando no segundo dia que devia ser livre, sobrevém nova febre, com os sintomas e horas correspondentes à do quarto, ficando a do primeiro dia correspondendo à do terceiro. Ultimamente a quartã se duplica todas as vezes que ao segundo dia sobrevém uma sezão que corresponde à do quarto. Elas não somente se duplicam, mas também triplicam e seguem outras variações que tanto mais instantemente<sup>308</sup> pedem um pronto-socorro, quanto mais perigo anunciam. Em cujos termos, assentam os práticos que nem se mudem as indicações, nem os remédios, mas que se acelere o seu uso e se aumentem as suas doses.

### *Remitentes*

São umas febres estas que desde que principiam até que acabam, jamais se despedem e deixam livres aos enfermos. Parecem-se com as intermitentes porque principiam, como elas, por frios, aberturas de boca, espreguiçamentos etc. Porém como não têm verdadeiras intermissões, nisso diferem delas. Semelhantemente, como em umas horas se aumentam e em outras se diminuem, nisso diferem das continentes. Participam, portanto, da natureza de umas e de outras e, conseqüentemente, são umas *febres complicadas* que se devem regular por uma sábia escolha de remédios sobre a variedade das circunstâncias emergentes. Pela ordem de seus crescimentos e declinações distinguem-se nelas a cotidiana, a terça e a quartã. Ultimamente as intermitentes muitas vezes degeneram em remitentes e, estas, naquelas.

### *Sintomas*

Vejam-se os que se têm notado nas intermitentes, juntamente com o que acima fica dito, advertindo-se, porém, que:

- (a) O frio que precede esta febre é ligeiro;
- (b) O suor que a termina é copioso;
- (c) Na remitente *irregular* costumam aparecer alguns vômitos, diarréias, convulsões e dores semelhantes às pleuríticas e reumáticas.

### *Prognóstico*

Da remitente *regular* prognostica-se o mesmo que da intermitente. As suas crises são por urinas, cursos e suores. A *irregular* corre perigo de se fazer inflamatória e degenerar em maligna. Quando corresponde à quartã, nenhum cuidado pareça demasiado, porque pode degenerar em febre lenta, marasmo<sup>309</sup> e hidropisia.

### *Curativo*

A sangria e o emético convém muito ao princípio da enfermidade. Prossegue-se felizmente com os ligeiros diaforéticos, os diluentes, os temperantes e os amargos. Sobre a quina, já repetidas vezes tenho dito que para não fazer mal, em vez de bem, supõe em via de regra que estão feitas as evacuações universais. Por este método se convencerá

<sup>308</sup> Instantemente é o mesmo que insistentemente.

<sup>309</sup> Marasmo é a atrofia progressiva dos órgãos e magreza excessiva que se sucede a uma longa enfermidade.

a gente preocupada, que o que se imputa ao seu uso deve imputar-se ao seu abuso. O que dela disse o Dr. Pereira é o que lhe mostrou uma experiência consumada e como não é obra aquela que por aqui se tenha visto, leia quem quiser os parágrafos que julguei necessário transcrever do seu “*Método de usar da quina*”:

§ 540. Los impedimentos dirimientes de la quina, presentes los cuales, ella es inútil ó nociva, son absceso, inflamación, obstrucción, schirro, tubérculo, cáncer, entrañas corruptas y cachochilias de otras enfermedades.

§ 541. La cantidad necesaria de quina para curar y precaver las tercianas es de tres, ó cuarto onzas, en sustancia, su dosis regular es una dragma.

§ 543. El vehículo de la quina se puede acomodar a los síntomas y al temperamento del enfermo; puede combinar-se con opio, en casos de dolores y convulsiones; con acero en casos de obstrucciones con purgantes cuando la cachochilia y brevedad urgen; pero después de su ultimo uso, no convienen purgantes por no irritar y renovar los espasmos.

§ 545. La quina es un vegetal, cuyo uso jamás daña á la vida, antes fortifica sus funciones todas, preserva su corrupción y la alarga; no produce las obstrucciones, las hipocondrías, la hidropesías, las héticas y otras enfermedades que falsamente se le atribuyen, antes las cura á estas mismas enfermedades en si mismas y en sus causas, curando las Tercianas, de quien ellas son efecto.

§ 546. Su abuso y mal método de no dar la legitima, de darla antes de tiempo, en sustancia, cuando debe ser en tintura, en corta ó excesiva cantidad, sin la preparación conveniente, sin el menstruo ó vehículo propio, al enfermo y a los síntomas, puede acarrear algunos daños mas ó menos difíciles de remediar.<sup>310</sup>

### *Obstrução*

Eis aqui uma das enfermidades em que degeneram as intermitentes, quando, ou se não se faz caso delas, ou se tratam mal, pelo abuso dos febrífugos e outras muitas desordens e excessos que se cometem durante o seu curso. Viu-se, pelo que fica dito, o que eram aquelas febres; agora se verá o que é a *obstrução*. Sempre (diz Heister)<sup>311</sup> que o líquido sangüíneo e linfático, destinado a circular perenemente por todos os vasos e condutos do corpo humano, ou se encalhe nas extremidades arteriosas, ou não possa em razão de sua viscosidade, ou por falta do devido movimento, separar as partes úteis ou expelir as inúteis pelas glândulas destinadas a um ou outro ofício, em conformidade das leis naturais mecânicas, então deve resultar a obstrução, da qual ao depois dependem muitos e diferentes males... Para que não haja embaraço algum na saúde é preciso que a força *impelente* e *expelente*, seja bastantemente vigorosa e que as partes que devem franquear a passo aos fluidos, como também estes que devem transitar por aquelas se achem em uma boa disposição, porque se a liberdade de ir e voltar, se estorva aos líquidos que devem continuamente mover-se necessariamente, deverá seguir-se obstrução. De maneira que a causa de tudo isto, ou consistirá no *movente*, ou nos *canais*, ou nos *humores* que devem circular, ou em todas estas diferentemente combinadas. Donde se segue que sendo os embaraços e encalhes que constituem a obstrução, ou *sangüíneos*, ou *linfáticos*, de cada um deles se deve aqui produzir uma idéia distinta e separada.

### *Sangüíneos*

Ocupam principalmente o pulmão e o fígado; os seus ataques são rápidos e comumente acompanhados de dor e de um calor particular a esta espécie de encalhe. Atacam a gente moça e os pletóricos, nos quais se verificam mais ou menos as suas causas próximas e remotas.

<sup>310</sup> Anzai (2004) omitiu esta citação.

<sup>311</sup> Trata-se do médico e cirurgião alemão Lorenz Heister (1683-1758).

### *Causas*

- (a) Plenitude de vasos, dependente de muitas causas, que podem ser:<sup>312</sup>
- (b) Supressão de fluxos de sangue habituais;
- (c) Vida ociosa e poltrona;
- (d) Escandescência<sup>313</sup> do sangue;
- (e) Abuso do vinho e dos licores espirituosos.

### *Sintomas*

NB.

Que os dos encalhes sanguíneos quaisquer que eles sejam, ou do peito, ou do ventre, todos se equivocam com os da inflamação. Pelo que, não são tão fáceis de conhecer, como se pensa. Quanto ao assento do encalhe, alguns sinais há que ajudam a conhecê-lo. A opressão, por exemplo, indica o encalhe do pulmão. A dificuldade de engolir indica o da faringe e do esôfago etc.

### *Prognóstico*

O simples encalhe sanguíneo muitas vezes chega a dissipar-se em 24 horas, no que difere da inflamação que tem de terminar-se, ou pela resolução, ou pela supuração<sup>314</sup>, no que se passam até 7 dias e mais. Contudo, de se não fazer caso dele, ou de o tratarem mal, o que resulta é degenerar em inflamação, obstrução cirrosa etc.

### *Curativo*

Quando não basta a dieta, o repouso e uma copiosa bebida de água, então se recorre à sangria, lançando-se mão dos diluentes, os adoçantes e os temperantes. Também aproveitam os cristéis laxantes. Basta, pelo que respeito [*sic*] aos embaraços sanguíneos.

### *[Curativos] Linfáticos*<sup>315</sup>

Se eles dependem da *linfa* e não de outro qualquer humor é questão a parte com que se não envolverá este artigo. Sabe-se que ordinariamente ocupam as glândulas e as vísceras, e em todas se formam obstruções, porém mais frequentemente no fígado e no baço. Estas abundam de vasos onde entram muitos que são pequenos e estreitos, e por qualquer leve causa se obstruem e ficam entupidos. São sujeitos a elas os melencólicos, os fleumáticos, os caquéticos etc.

### *Causas*

- (a) Degeneração de:
  - 1 - Caquexia
  - 2 - Encalhes sanguíneos
  - 3 - Inflamação
  - 4 - Febres intermitentes
  - 5 - Estancamento de fluxos e outras quaisquer perdas de sangue habituais
  - 6 - Erupções recolhidas

<sup>312</sup> A plenitude dos vasos seria uma causa próxima, enquanto as seguintes seriam causas remotas.

<sup>313</sup> Escandescência é o avermelhamento ou a ruborização.

<sup>314</sup> Supuração é o processo ou resultado de formação de pus.

<sup>315</sup> Anzai (2004) omitiu este subtítulo e o parágrafo anterior, começando a descrição do *curativo* no parágrafo seguinte.

(b) Falta de exercício, como a que se nota na gente literata, nos encarcerados, nos que andam longo tempo embarcados, nos obesos.

(c) Meditações assíduas e todo o gênero de trabalho e de inquietação de espírito.

(d) Digestões viciadas.

(e) Alimentos grosseiros e em tudo semelhantes aos que constituem o cotidiano passado dos habitantes de Mato Grosso. Quero dizer, a farinha, ou o biscouto<sup>316</sup> de milho, socado depois de amolecido e entrado em fermentação, dentro em água, onde adquire um cheiro e sabor azedo. O mesmo milho, cozido em grão e sem sal, que é o que já disse que se chamava canjica. O feijão cozido com demasiado toucinho, comumente mal salgado, por ser excessivo o preço deste gênero. Pela mesma forma, a carne de porco, que é a que chega a todos, porque todos tratam daquela criação para com ela suprirem a falta da carne de vaca, ou fresca ou muito mal salgada e seca ao sol. A batata, o cará, o inhame, o aipim e outras raízes flatulentas que se cozem para se comerem, ou símplices ou misturadas com mel de engenho.

(f) Abuso de bebidas nutrientes, como são o chocolate ou geléia de mãos de vaca, o mesmo leite bebido assiduamente em copiosas porções ou ainda tépido, assim como o mungem<sup>317</sup> das vacas, ou frios e quase sempre engrossado com um punhado de farinha de milho.

(g) Águas empoçadas e lodosas, principalmente as argiláceas, que se bebem impuras como se tiram das margens dos rios, dos ribeiros, dos lagos, onde se despejam muitas imundícies, e nem sequer praticam a cautela de as coarem antes de as beberem.

(h) Cotidiana umidade, como a que experimentam os habitantes de lugares baixos e úmidos, os oleiros, os escravos das lavras de ouro e todos quantos trabalham com os corpos nus, expostos ao tempo e com as mãos e os pés dentro de água. Pisam na terra fria com os pés descalços, não estando acostumado[s]. Enxugar a roupa no corpo, ou deitar-se molhado. Dormir descoberto em macas, exposto ao sereno da noite etc.<sup>318</sup>

#### Sintomas

(a) Face desfeita em maior parte dos obstruídos, descorada, pálida ou de uma cor amarela e esverdeada, como a da cidra, se a obstrução estende a algum ducto biliar. Outrossim, mostram o rosto desfeito, porém as maçãs encarnadas. Muitos o apresentam inchado, como os pés.

(b) Olhos pálidos por dentro e inchados por fora.

(c) Boca seca, língua saburra.

(d) Sentimento de peso e de gravagem<sup>319</sup> nos hipocôndrios e na região do estômago e do fígado, logo depois que se come.

(e) Uma dor surda na parte obstruída, que se aviva mais pelo tato.

(f) Elevação e dureza das vísceras obstruídas, porém:

NB.

1º. que elas nem sempre aumentam de volume; antes, algumas vezes, diminuem e se dessecam, como sucede ao fígado;

<sup>316</sup> Biscouto é variante de “biscoito”.

<sup>317</sup> Mungir é um arcaísmo em desuso, equivalente a extrair o leite das tetas de certos animais.

<sup>318</sup> Parece não haver coerência entre as frases deste item (h).

<sup>319</sup> Gravagem ou gravame é o mesmo que peso, opressão, incômodo.

2°. que da mesma elevação e dureza, qualquer que ela seja, ou do *figado*, ou do *baço*, ou do *mesentério*, também nem sempre se pode ajuizar pelo tato, como *v.g.*<sup>320</sup> em sendo o sujeito obeso, em se aprofundando mais a obstrução, em ela achando muito no princípio;

3°. que fora destes casos, em toda a gente magra mais facilmente se apalpa a referida dureza, ou como diz o vulgo, a *tábua* que a oprime. Porque então a dor ou a dureza que aparece, quando da parte direita se apalpa brandamente o vão que medeia entre as costelas mendosas e o estômago, junto da arca do peito, estando o enfermo em jejum e deitado de costas com as pernas encolhidas, manifesta a obstrução do *figado*; a da parte esquerda indica a do umbigo, e sua circunferência, a do *mesentério*.

(g) Ânrias e palpitações do coração ou da região do umbigo, a que no Pará se chama *puruã-titica*.

(h) Fastio e digestão laboriosa.

(i) Opressão e cansaço ao menor exercício no andar e muito mais no subir, donde resulta inclinação à preguiça e complacência em estar deitado e sentado etc.

(l) Respiração contraída e acompanhada de tosse, quando padece o fígado ou o baço.

(m) Pulso quase sempre febril, porém mais, depois de comer.

(n) Pés inchados.

(o) Ourinas descoradas ou biliosas, por afecção ictérica.

(p) Fluxos do ventre, da mesma cor que as ourinas.

### *Prognóstico*

A obstrução, que se reconhece logo ao princípio, é fácil de remediar-se. A inveterada ou cirrosa é das mais rebeldes enfermidades que se oferecem a tratar. Oprime as partes vizinhas e excita nelas inflamações, supurações, gangrenas etc. Contudo, vê-se por todo o Brasil viver longo tempo com esta enfermidade, em se lhe fazendo seu tal ou qual tratamento. Os cirros<sup>321</sup> do baço são menos perigosos que os do fígado e do mesentério. Os que aumentam o volume da parte e os dolorosos são mais fáceis de curar que os seus contrários. Os que manifestam uma dureza grande sem alguma dor são incuráveis. De sua incurabilidade se segue a atrofia, a hidropisia etc.

### *Curativo*

(a) \_\_\_\_\_ **EUROPEU**

Pede esta queixa um tratamento sábio e moderado.

Examina-se logo ao princípio se o enfermo estava habituado a alguma evacuação de sangue, como por exemplo, o fluxo hemorroidal, a pensão lunar nas mulheres, e que esta se lhe suprimisse, donde seja factível que proceda a sua enfermidade; porque nesse caso, aproveitam poucas e pequenas sangrias. Não assim, se já ela se tem feito cirrosa, tenha ou não procedido da referida supressão. Adietam-se os obstruídos com alimentos símplices e de fácil digestão, fazendo as devidas reservas, tanto sobre a qualidade, como sobre a quantidade de alimento.

Tem-se um particular cuidado na pureza da água que se bebe; ou seja da chuva, ou da fonte, ou do rio. Sendo do rio, manda-se encher o pote ao fio da correnteza e não nas suas margens, que sempre são impuras e lodosas; e ainda isto não basta, porque em não havendo outro meio, ou seja para a *destilação*, ou para a *transcolação*<sup>322</sup>, cõa-se qualquer que ela seja, por uma retalho de baeta, que se põem sobre um guardanapo de linho, ou de algodão fino, atado na boca de um pote, aonde, ou por si, ou por algum precipitante, se deixa assentar de um

<sup>320</sup> *v.g.* = *verbi gratia* = por exemplo.

<sup>321</sup> Plínio chamava “cirros” aos tumores duros, que considerava serem formações de humor melancólico, grosso e pastoso, que se havia acumulado em determinada parte do organismo. Alguns deles eram tumores cancerígenos, segundo Duarte (1956: 349), citado por Anzai (2004: 226).

<sup>322</sup> Transcolação é o mesmo que “transcoação”, que é o ato de transcoar ou fazer algo passar por filtro, coador etc.

para outro dia, algum pó sutil que possa ter escapado. Também se ferra a que se bebe, durante o uso dos tônicos. Empregam-se os<sup>323</sup> purgantes brandos e não os irritantes. Tomam-se muitos diluentes, temperantes, hepáticos e aperitivos; a tisana de cevada, com raízes de chicória e de almeirão, o soro de leite, com sumo de grama, o aipo, o eríngio<sup>324</sup>, a escolopendra e o mastruço, o ruibarbo e o aloés<sup>325</sup>, o sal bórax e dito amoníaco, o tártaro vitriolado, o sal de duobus etc.

Um cozimento que aproveita muito o bebê-lo tépido, por 6 até 8 dias, depois de tomados os purgantes, bebendo-o o enfermo duas vezes ao dia, de manhã em jejum e de tarde ao pôr-do-sol, é o que se faz pela maneira seguinte: de raízes de salsa das hortas, funcho<sup>326</sup>, artemija, grama, borragens<sup>327</sup> e aipo, de cada uma duas onças. Folhas de agrimônia, douradinha, borragens e hissopo<sup>328</sup> de cada uma, onça meia. Fervem-se em duas canadas<sup>329</sup> de água até ficarem em uma e coado tudo se lhe ajunta meia £ de açúcar, com que continua a ferver até diminuir meio quartilho<sup>330</sup> e segunda vez coada se lhe ajuntam duas onças de oxímél<sup>331</sup> para se ir bebendo na dose de seis onças por cada vez. Prossegue-se quando é preciso, com os incisivos, a goma amoníaca, o sabão, o mercúrio doce e sobretudo as águas minerais, aonde as há, ou sejam quentes [a que chamam caldas, ou frias].<sup>332</sup>

Ultimamente o ferro só tem lugar depois dos remédios acima e de estar bem adiantada a cura, para se não verificarem as funestas conseqüências que resultam de se precipitar o seu uso. Algumas obstruções tenho eu curado durante as minhas viagens, aplicando aos já purgados e diluídos, os remédios da seguinte fórmula: Diagrídio<sup>333</sup> e açafão<sup>334</sup>, de cada um grãos doze; clamulanos outava meia; olhos de caranguejo, quina, canela em pó e sal de losna, de cada uma, outava uma. *Crocus martis aperientis*<sup>335</sup>, outavas três, xarope comum quanto baste para fazer massa, que se reparte para nove vezes em doses iguais, entremeando, se assim é preciso, dia de descanso. Recomenda-se como muito necessário, o moderado exercício de pé e ainda melhor o de a cavalo. Pelo que respeita aos medicamentos externos, algum proveito se pode tirar dos banhos e das fomentações emolientes<sup>336</sup>; e ainda que pouco se deva esperar dos tópicos resolutivos, também não há cousa que encontre o seu uso.

<sup>323</sup> As palavras “eméticos e” depois de “os” que foram rasuradas.

<sup>324</sup> Eríngio é designação comum às plantas do gênero *Eryngium*, da família das umbelíferas, com cerca de 250 espécies, de clima tropical e subtropical, de folhas com espinhos e flores em capítulos bracteados; muitas espécies são comestíveis e/ou cultivadas como ornamentais.

<sup>325</sup> Aloés ou aloé, conhecida pelos portugueses como azebre, é a nossa babosa.

<sup>326</sup> Funcho (*Foeniculum vulgare*) ou erva-doce é uma erva aromática de caules fistulosos e estriados, folhas com inúmeros segmentos filiformes, flores amarelo-claras, em umbelas compostas e frutos diaquênios, com propriedades estomáquicas, estimulantes e carminativas, e dos quais se extrai óleo essencial usado em perfumaria. Segundo Bluteau (1720), “as folhas do funcho fortificam e aclaram a vista; a raiz é aperitiva e purifica o sangue; a semente é carminativa, ajuda a digestão e expulsa os flatos.” (Cf. ANZAI, 2004: 227)

<sup>327</sup> Borragem é designação comum a algumas ervas da família das boragináceas.

<sup>328</sup> Hissopo é designação comum às plantas do gênero *Hyssopus*, da família das labiadas, com cinco espécies, nativas do Sul da Europa e da costa do Mediterrâneo ao centro da Ásia.

<sup>329</sup> Canada é antiga medida de líquidos equivalente a quatro quartilhos ou a 2,66 litros.

<sup>330</sup> Quartilho é unidade de capacidade para líquidos correspondente à quarta parte de uma canada, ou seja, cerca de 0,665 litros.

<sup>331</sup> Oxímél ou oximel é um composto farmacológico de água, mel e vinagre, usado para combater a tosse.

<sup>332</sup> Foram rasuradas duas palavras anteriores a “quentes” e acrescido o trecho “a que se chamam caldas frias”.

<sup>333</sup> Diagrídio é a planta (*Convolvulus scammonia*) da família das convolvuláceas, nativa das regiões mediterrâneas do Sudoeste da Ásia, de longas raízes que são a principal fonte para a extração da resina.

<sup>334</sup> Açafão (*Crocus sativus*) é uma erva da família das iridáceas, nativa da Europa e cultivada desde a Antigüidade para uso na culinária e no fabrico de bebidas e corantes, de folhas lineares, flores violáceas, róseas ou vermelhas, apresenta bulbo perene. O pó preparado com os estigmas do açafão, de cor amarela, é usado como corante, tempero culinário e, na medicina, como estimulante, carminativo e antiespasmódico.

<sup>335</sup> Esta espécie, o açafão de marte aperiente, é utilizada como antianêmico, internamente e, externamente, no tratamento de úlceras não muito acentuadas.. (Cf. LIMA, 1949: 12, citado por ANZAI, 2004: 227).

<sup>336</sup> Substâncias com a propriedade de amolecer crostas, aplicadas principalmente na forma de clistéis.

(b) \_\_\_\_\_ AMERICANO.

Que nem os índios nem os negros façam caso algum desta queixa quando ela está no seu princípio ou ainda nos termos de dissipar-se, passe que<sup>337</sup> assim suceda porque, enfim, não entendem mais. Porém, que os mesmos brancos não olhem para ela como enfermidade de consequência, podendo ela tê-la bem funesta, em se não atalhando a tempo. Descuido é este que bem merecidamente o pagam com a própria morte. Quando a maior parte deles se lembra de tratar dela, é quando já está cirrosa e reduzida a notória incurabilidade. Assim se está vendo, que principalmente os índios remeiros, que voltam desta para a capitania do Pará, depois de aqui terem estado algum tempo, ali vão morrer nas suas povoações de obstruções cirrosas, que terminam por marasmos, hidropisias etc. O que lhes não sucederia, se se curassem a tempo de poder aproveitar-lhes o curativo do país. Também nele algumas vezes se sangra, quando tem precedido supressão de evacuações habituais e não estando a obstrução adiantada. Abstêm-se os obstruídos de alimentos grossos e flatulentos, o *angu* de milho, o feijão, a canjica, a carne de porco, o toucinho etc, e a fazem se, enquanto enfermos, a uma dieta líquida. Aos bebedores de cachaça ou de outra qualquer aguardente seriamente se lhes adverte que se abstenham dela, porque de semelhante bebida se formam muitas obstruções e depois de formadas, passam a hidropisias, que se terminam com a morte. Uma vez que se abstenham dela, e de vênus<sup>338</sup>, purgam-se primeiramente com um até dous vomitórios, ou de cinco até seis grãos de tártaro emético, se é pessoa robusta e de menos porte, ou de 40 até 60 grãos de ipecacuanha, conforme a constituição do sujeito e o estado das primeiras vias.

Quero dizer que em se não removendo com o primeiro vomitório o fastio, os amargores de boca e o enchimento ou a dureza do estômago, então se repete segundo. Porém, tendo-se obrado bem com o primeiro de maneira que fique evacuada a primeira região, segue-se algum purgante de ruibarbo e ainda mesmo de ialapa em pó, desfazendo-se em meia tigela de água morna ou de caldo de galinha, a mistura de duas oitavas de qualquer dos sobreditos purgantes, com duas colheres de melado fino, para se tomar por duas ou três vezes, em dias alternados. De então por diante, principia a bebida de algum cozimento desobstruente que se proporciona às circunstâncias do enfermo. Tais são os que andam receitados em alguns tratados médico-cirúrgicos, que sobre o curativo das enfermidades do Brasil têm escrito alguns cirurgiões, mais e menos iluminados. O cozimento que mais comumente se pratica é o que se faz de uma pequena raiz de *capeba* (que é a mesma planta a que os índios do Pará dão o nome de *iaguira-caá*, e os daqui *pariparoba*<sup>339</sup>) duas ou três raízes de salsa da horta, que ainda não esteja espigada, uma de funcho e as de um pé de artemija. Põe-se a ferver em cousa de três frascos de água, que se deixa evaporar até ficar em um, e se cõa para se ir bebendo dela.

Bebe-se este cozimento tépido e adoçado com duas até três colheres de mel de pau, na dose de seis onças por cada vez, uma de manhã em jejum e outra de tarde ao pôr-do-sol, por espaço de 6 até 8 dias.

[Sempre que nesta obra se tratar de mel de pau entenda-se do que por aqui se chama de jetaí<sup>340</sup>, ou manda-saia. Sabe-se que em todo o Brasil, há muitas castas de mel, mas porém as mais delas, ainda são suspeitas e [de algumas] é certo, são venenosas, porque causam diversas queixas, como [febres, dores, insônia] de nervos [ânsias] de coração, [lepra] [ ], mandori,

<sup>337</sup> “Passe que” é o mesmo que “é justificado porque”, “compreende-se porque” etc.

<sup>338</sup> Segundo Junito Brandão (BRANDÃO, 1993, s.v.), *Venus, -eris, Vênus*, enquanto substantivo comum, significa “amor físico, instinto, apetite sexual”; em seguida, as qualidades que excitam o amor, “graça, sedução”. Acrescente-se que *uenenum*, que representa um antigo \**uenes-no-m*, “encanto, graça, sedução” e que traduz o grego *phármakon*, com sentido idêntico, pertence à mesma família etimológica de *Venus*. O significado primeiro de *uenenum* como “graça, sedução” pode ser atestado em um fragmento do poeta Afrânio (séc. II a.C).

<sup>339</sup> Pariparoba é a designação comum a várias plantas da família das piperáceas, especialmente do gênero *Piper*, freqüentemente com usos medicinais.

<sup>340</sup> Jetaí ou jataí, no norte do Brasil, é o nome comum do jatobá, designação comum às árvores do gênero *Hymenaea*, da família das leguminosas, subfamília cesalpinoídea, de frutos comestíveis e de que se extrai resina conhecida como copal.

tojuba, mandaguaí etc., o de mombica<sup>341</sup> é muito, porém é azedo. A imirim dá bom mel, porém pouco. A câmara de iraxim<sup>342</sup> [ ] [quem a comia eram os outros que] os naturais chamam [ ]<sup>343</sup>. A mesma água que se bebe por via de dieta é a em que se coze um molho de raízes de *sapé* (grama bem conhecida em todo o Brasil) ou a raiz de *abútua*, [por outro nome parreira brava]<sup>344</sup>, juntamente com a da capeba, lançando-se na porção que se bebe, de cada vez cinco, ou seis gotas de tintura *martis*, quando a há, ou de espírito de [*cochelearia*]. Faz-se exercício, no entretanto, que se bebe o frasco do primeiro cozimento e findo ele, repete-se outro purgante para evacuar os humores diluídos. De maneira que tomado o primeiro frasco, repete-se segundo depois do evacuante; procedendo-se por esta forma, até se desvanecer a obstrução: com a diferença somente de se mudar de purgante, quando sobrevém escandescência, porque então se lança mão do sal catártico em soro de leite etc.

Ao mesmo passo que se vão dando os purgantes e os diluentes, ajuda-se a natureza com algum cristel laxante e quem quer fomenta a parte obstruída com algum dos diversos lenimentos que para esse fim tem receitado os autores de algumas obras vulgares. Sabe-se que as pílulas que receita o autor do *Governo de Minas* [são as seguintes: De azebre<sup>345</sup> bom e goma amoníaca, de cada um, uma outava: diagrídio su[lf]urado e *crocus martis aperientes* de cada um, meia outava; mirra, almécega<sup>346</sup> e açafraão, de cada um, dose vinténs de peso, que é um escrópulo<sup>347</sup>: mercúrio doce, bem [dulcificado] meia outava: [ ] o que tudo se mistura em pó, e conquanto basta [ ] [se reduz a] pílulas que se tomam por 4 vezes, com [intervalos de descanso]<sup>348</sup>.

Miserável da gente pobre e principalmente dos índios e negros escravos, que em toda a parte, por onde tenho andado, passam por mil extravagâncias. De alguns tenho sabido, que pelo espaço de dous e três meses, se lhes não dera a beber outro remédio mais que o de duas partes de sua própria urina fresca, com uma de mel de pau; para cada vez, que o deviam tomar, uma de manhã e outra à tarde. Quando muito, com ele se adoça o cozimento da raiz de capeba para o beberem, e se lhes subministram alguns clistéis<sup>349</sup> purgativos. [Os que mais algum trato lhes dão, são os que fazem preceder um até dous purgantes, desfazendo-o com o que já disse, em meia tigela de água morna a mistura de duas outavas de jalapa, com duas colheres de melado fino, para a tomarem por duas ou três vezes, entremeando dia de descanso. Isto feito]<sup>350</sup>, receita-se-lhes a *garapa*, que prescreve o sobredito autor e em mais custo se dá por concluída a sua cura. [Toma-se uma boa rapadura grande se lança dentro de um destes barris de transportar água, no mesmo barril se despeja, e cozem [...] que se tem feito à parte em algum tacho de uma mão cheia de raízes de capeba, outra de raízes de salsa das hortas e despejado ele se acrescenta

<sup>341</sup> A mombuca (*Cephalotrigona capitata*) é uma abelha social da subfamília dos meliponíneos, encontrada no Brasil, de coloração negra com pilosidade alvinegra e cerca de 8 mm de comprimento. É também conhecida como abelha-papa-terra, mambucão, mombuca, mumbuca, papa-terra. Nidifica no oco das árvores ou no chão.

<sup>342</sup> Iraxim é a abelha social (*Lestrimelitta limao*) da subfamília dos meliponíneos, amplamente distribuída no Brasil, com cerca de 7 mm de comprimento, corpo ligeiramente alongado e coloração pardo-escuro; constrói um grande ninho de barro, preso entre os galhos e com entrada tubiforme. Exala um notável cheiro de limão, produz mel suave, porém geralmente tóxico.

<sup>343</sup> O trecho de “Sempre que nesta obra” até “os naturais chamam [ ]” foi acrescido, mas, como se vê, está com numerosas lacunas ilegíveis, muitas delas já assim encontradas por FONTES em 1966.

<sup>344</sup> O trecho de “por outro” até “brava” foi marginal do autor.

<sup>345</sup> Azebre é o mesmo que babosa, aloé ou aloés.

<sup>346</sup> Almécega é designação comum a muitas árvores de diversos gêneros da família das burseráceas, especialmente do gênero *Protium*, de boa madeira e que exsudam o breu. Entre elas se encontra a (*Protium heptaphyllum*), árvore de até 20 metros, nativa do Brasil, uma das principais fornecedoras de breu, de casca cinzenta e folhas com propriedades medicinais, madeira de qualidade, branco-avermelhada, flores verde-amareladas e drupas vermelhas, com polpa resinosa e amarela.

<sup>347</sup> Escrópulo é antiga medida de peso para pedras preciosas, equivalente a 1,125 g. Cada escrópulo corresponde a 24 grãos.

<sup>348</sup> O trecho de “são as seguintes” até “por 4 vezes, com [intervalos de descanso]” substituiu outro trecho rasurado e não legível.

<sup>349</sup> Clistéis é plural de “clistel”, que é variante de “clister” ou “cristel”.

<sup>350</sup> O trecho de “os que mais” até “isto feito” foi acréscimo marginal.

libra e 1/2 de escumalha<sup>351</sup> de [fervura,] ou [aquela borra] que se faz em pedra na forja, depois de [bem pisada e peneirada por cima, e se cobre para o uso [ ] gurupema<sup>352</sup> fina. [Tudo] se deixa ter dentro no barril mexendo duas [vezes] cada [dia até estar a garapa algum tanto azeda. Então se lhe limpa a espuma [...]. Outros nem isso lhes fazem, chamam-nos para as suas cozinhas, aonde lhes dão a comer o mesmo que comem seus senhores. E o caso é que assim se curam alguns, como tenho visto principalmente os que por causa da alimentação padecem semelhantes queixas]<sup>353</sup>.

### Hidropisia

Consiste<sup>354</sup> na estagnação do sangue<sup>355</sup>, em alguma parte ou cavidade do corpo conforme é a parte em que ela se faz, assim toma diferentes nomes. Chama-se *anasarca*<sup>356</sup>, a que ocupa a membrana adiposa e se difunde por todo o hábito pulverizado<sup>357</sup> do corpo. *Ascites*<sup>358</sup> é a do ventre, a qual ou é solta ou *enquistada*. Estas e não outras espécies de hidropisia são as que fazem a matéria deste título.

### *Causas da anasarca*

Degeneram nela outras muitas enfermidades de diferente caráter e natureza, ou sejam *agudas* ou *crônicas*. Vê-se que também assim se terminam:

- (a) As febres malignas, ardente e quartã;
- (b) As bexigas e o sarampo;
- (c) As obstruções inveteradas;
- (d) A caquexia;
- (e) A icterícia;
- (f) O escorbuto;
- (h) A gota;<sup>359</sup>
- (i) A asma.
- (l) Imoderadas evacuações de sangue;
- (m) Antigos fluxos do ventre;
- (n) Supressão intempestiva de evacuações habituais;
- (o) Erupções cutâneas recolhidas;
- (p) Fontes tapadas ou algumas chagas e fístulas.

<sup>351</sup> Escumalha é escória do metal que passou por processo de fusão.

<sup>352</sup> Gurupema é uma espécie de peneira de palha em que se passa, por exemplo, a farinha de mandioca. Também se chama gurupema trançado semelhante, us. para vedação de portas, janelas etc. Neste texto

<sup>353</sup> O trecho “toma-se uma boa” até “semelhantes queixas” foi um acréscimo marginal, no qual ainda há outras palavras que talvez possam ser lidas numa próxima tentativa.

<sup>354</sup> Foram rasuradas as palavras “esta enfermidade”, depois da palavra “Consiste”.

<sup>355</sup> Anzai (2004: 230): “na estagnação que faz a serosidade do sangue” por “na estagnação do sangue”.

<sup>356</sup> Anasarca é um edema generalizado devido à infiltração de líquido seroso no tecido celular subcutâneo de todo o organismo.

<sup>357</sup> A palavra “pulverizado” está solta no texto, porque o papel da página está se desfazendo. A professora Leny já não a encontrou quando foi fazer a revisão da transcrição que lhe ofereci e que deu origem a sua tese. Confira a nota 15 da página 14 de sua tese, onde confessa que, embora estivesse trabalhando com a história da saúde e da doença, ainda não fazia parte de seus objetivos de pesquisa “uma análise circunstanciada do estudo de Alexandre Rodrigues Ferreira sobre as doenças da capitania de Mato Grosso”.

<sup>358</sup> Ascites, ascite ou barriga d’água é acúmulo de líquido seroso ou serofibroso no peritônio.

<sup>359</sup> Omitiu-se o item g) no manuscrito, seguramente por erro de cópia.

Ultimamente nela vêm a parar os cirros e tumores internos, os abscessos, chagas etc. Porém, além destas, outras muitas causas a produzem, como são:

- (q) Fazer vida sedentária.
- (r) Habitar em lugares úmidos [e impuros, como são as casas subterrâneas, enxovias]<sup>360</sup> etc;
- (s) Demasiar-se em bebida, como fazem os bebedores de profissão, ou seja de vinho, ou de aguardente de uva, ou de cachaça.
- (t) Encharcar-se d'água a miúdo etc.

### *Sintomas*

- (a) Palidez nos olhos, na face e em todo o corpo.

NB.

Que também algumas donzelas a têm, os caquéticos, os valetudinários etc., e nem por isso estão hidrópicos.

- (b) Lentidão no pulso, que ordinariamente é pequeno, e para as tardes, febril.
- (c) Inchação, primeiramente nos pés, que ao princípio se dissipa todas as manhãs; e ao depois vai servindo pelas pernas até aos joelhos, e dali por todas as mais partes do corpo, sem algumas vezes escaparem o escroto e o pênis.

NB.

1<sup>a</sup> Que a muitas pessoas incham as pernas, como são as que estão muito tempo de pé, as que fazem longas viagens a cavalo, os convalescentes, as donzelas que padecem cores pálidas, as mulheres pejadas e os velhos, sem que padeçam hidropisia.

2<sup>a</sup> Que quando da *ascites* procede a *anasarca*, podem inchar a face, os braços e o ventre, primeiro do que as pernas.

- (d) Respiração mais ou menos difícil e em alguns casos, acompanhada de tosse e de sede.
- (e) Supressão de suor ou, se o há, é muito raro.
- (f) Ourinas poucas e brancas. Outras vezes são turvas e tintas de cor açafroada.

### *Prognóstico*

A anasarca que procede de uma grande evacuação de sangue accidental ou de outro algum sucesso não é difícil de dissipar-se. Ainda a que proceda de evacuação habitual suspendida, ou erupção recolhida, com ser mais difícil que a primeira, nem por isso dá o último cuidado. Também o não dá a em que degenera a enfermidade aguda, a febre intermitente etc. Contanto que o enfermo não seja velho, nem falto de forças e<sup>361</sup> de boa constituição. A que sobrevém a enfermidade crônica e tem seu assento nas entranhas viciadas é quase sempre incurável. Também o é a dos velhos que, se alguma vez se restabelecem, com facilidade recaem. Para as que são curáveis servem de bom prognóstico, o ptialismo, isto é, a salivação natural e abundante e a diarréia, ao princípio da hidropisia, não na que é inveterada.

<sup>360</sup> O trecho de “e impuros” até “subterrâneas, [enxovias] foi acréscimo marginal do autor. Enxovia é acúmulo de líquido seroso ou serofibroso no peritônio.

<sup>361</sup> O conectivo “e” está na função adversativa, equivalendo a “mas”.

## Curativo

### (a) \_\_\_\_\_ EUROPEU

Aos que são moços e bem constituídos pode ser útil a sangria, ao princípio da enfermidade. Quando tem havido supressão de mênstruo ou de fluxo hemorroidal, ela não somente é útil, mas também necessária. Fora destes casos, sempre traz funestas conseqüências; e se ela as traz de si própria, que se dirá das que são numerosas e excessivas? Dir-se-á que essas muitas vezes têm causado as mesmas hidropisias. Os eméticos a todo o tempo são úteis, contanto que primeiramente se consultem as forças do enfermo. Da mesma sorte os purgantes, ainda na hidropisia inveterada, alguma utilidade causam e quando se vê que a não causam, escusado é repeti-los e debilitar por esta forma a natureza. Depois de longos intermitentes, é desnecessário o purgar.

Aos que precisam disso, receita-se-lhes a ialapa, o ruibarbo, a raiz do íris, o rom<sup>362</sup>, o diagrídio, o mercúrio doce etc. Dos aperitivos, já fica dito no título da obstrução que são os que desobstruem os vasos. Dos *diuréticos* é preciso dizer que são os que merecem a preferência por depurarem o sangue da serosidade supérflua. Para esse fim se receitam as raízes de chicória, de cerfolho<sup>363</sup>, de rábão,<sup>364</sup> de briônia<sup>365</sup> e a cila<sup>366</sup> (ou cebola albarrã<sup>367</sup>) os frutos de alquequenge<sup>368</sup>, o nitro, a terra foliada de tártaro, a líxivia das cinzas de tamarisco<sup>369</sup>, de losna, de zimbro e de vides; o vinho e o oxímél cilítico; a dose de um escrúpulo de pós de sapo, em vinho branco etc.

Os estomáquicos, os amargos e as preparações do ferro, aonde entram as raízes de álamo e de angélica, as bagas de louro e de zimbro, a *cassia lignea*, a escabiora, os jacintos, a *nox muschata*, a canela, a quina, o *crocus martis aperientes* e outros fortificantes, aproveitam mais que os purgantes e muito mais que as tinturas sudoríficas. Uma das ordinárias fórmulas que se encontram por esses manuais de medicina é a seguinte: Sumidadis de losna vulgar, onças duas; raiz de cálamo aromático, de genciana e imperatoriana, onça uma; bagas de louro, onça uma e meia; de zimbro, onças três; semente de bisnaga, onça uma. Corta-se tudo, pisa-se e infunde-se por 24 horas em oito libras de hidromel, ou bom vinho quente, e tem-se<sup>370</sup> bem guardado em vasilha tapada para se beber na dose de seis onças por dia, duas pela manhã em jejum, outras duas uma hora antes de jantar e as últimas, outra hora antes da ceia. Por outra fórmula se manda infundir em duas libras de vinho generoso três onças de cebola albarrã recente.

Quanto aos diaforéticos externos, eles não têm deixado de provar<sup>371</sup> bem, sendo o suor excitado pelo calor das estufas, pelos banhos de vapores e de areia quente ou ao sol ou ao forno, pelas esfregações quentes e outros meios. Boerhave aplicava como tópico o sal comum quente. Em alguns autores tenho lido que muitos enfermos seus se

<sup>362</sup> Parece que se trata de “rum”, que é a aguardente obtida por fermentação alcoólica e destilação do caldo ou melaço da cana-de-açúcar.

<sup>363</sup> Cerfolho (*Anthriscus cereifolium*) ou cerefólio é planta anual da família das umbelíferas, nativa da Europa e da Ásia, de folhas simples ou crespas e flores brancas, usada em culinária e cujas sementes fornecem óleo essencial

<sup>364</sup> Rábão ou rábano é designação comum às plantas do gênero *Raphanus*, da família das crucíferas, e a seus inúmeros cultivares, geralmente com raízes (e, por vezes, também as folhas e/ou os frutos) comestíveis.

<sup>365</sup> Briônia é designação comum às trepadeiras do gênero *Bryonia*, da família das cucurbitáceas, com 12 espécies, de folhas grandes e flores dióicas, cultivadas como ornamentais ou pelos tubérculos que apresentam propriedades medicinais.

<sup>366</sup> Cila é designação comum às plantas do gênero *Scilla*, da família das jacintáceas, geralmente incluído na família das líliáceas, com 40 espécies. de ervas bulbosas, cultivadas como ornamentais.

<sup>367</sup> Cebola albarrã é a erva (*Drimia maritima*) da família das jacintáceas, com glicosídeos cardiotônicos, bulbos resistentes a pequenos incêndios, folhas largas e flores roxas ou esverdeadas.

<sup>368</sup> Alquequenge (*Physalis alkekengi*) é erva ramosa da família das solanáceas, pilosa, com folhas viscosas, pequenas flores brancas ou amareladas e bagas cor de laranja, comestíveis, com cálice vermelho, tóxico. É cultivada especialmente como ornamental, também pelos frutos e, outrora, por vários usos medicinais.

<sup>369</sup> Tamarisco é designação comum a várias plantas do gênero *Tamarix*, da família das tamaricáceas, que exsudam maná e/ou formam galhas ricas em tanino.

<sup>370</sup> Indicativo por subjuntivo: “tem-se” por “tenha-se”.

<sup>371</sup> Provar está usado no sentido de demonstrar a verdade relativamente ao que se promete ou se propõe.

deram bem, usando muito do alho em todo o seu alimento. [O que sem dúvida lhes aproveita muito e usarem de alimentos secos, preferindo o assado ao cozido e bebendo pouca [e boa] água, sem [permitirem] um moderado exercício]<sup>372</sup>. Outros abstêm-se por muitos meses de beber água, que foi o modo porque em Vila Bela se restabeleceu de todo o defunto Félix Martins Claro, que era homem de acima de 60 anos e ao depois faleceu de muito diferente enfermidade. As águas minerais, aonde as há, constituem um dos primeiros medicamentos.

Sendo certo que a salivação natural algumas hidropisias têm curado, nenhuma certeza há que possa fazer o mesmo a artificial. Os que se deliberarem a experimentá-la saibam que são sialalogas, isto é, que provocam a salivação as raízes do pímetro<sup>373</sup>, da angélica, do jambo do pará ou *jaborandi*<sup>374</sup> de mato grosso, as sementes de mostarda, o tabaco ou fumado, ou mascado, o gengibre, o cravo da índia. Das escarificações nas pernas dos cáusticos e dos caudéricos, recomendam os práticos que só no último caso se lance mão pelo temor da gangrena.

A impaciência na dieta logo depois do curativo e a precipitada suspensão dos remédios, principalmente os aperitivos e os diuréticos, e de quando em quando os purgantes, ocasionam as recaídas que são quase sempre mortais. Por conclusão do que tenho dito, sem se tirar a causa, não pode cessar o efeito. Quero dizer que para o curativo desta e de todas as outras queixas, sem se examinar a causa donde procedem, não se podem radicalmente remediar. Suponha-se que da afecção escorbútica procede uma hidropisia dada. Será então preciso aplicar os anti-escorbúuticos e sem eles, sairão sempre frustradas, tanto as receitas do assistente, como as despesas do enfermo.

#### *Ascites*

Dá-se lhe entre o vulgo o nome de *barriga d'água*. Manifesta-se pela elevação do ventre e flutuação do líquido interior que inunda as entranhas destinadas a quilificação, no que difere da hidropisia *enquistada* do ventre, porque então está o líquido fechado em um saco, como uma bexiga de água, o que se vê na hidropisia da madre, dos ovejais etc.

#### *Causas*

As mesmas que as da *anasarca*.

#### *Sintomas*

São principalmente a elevação do ventre, a flutuação do líquido interior e o peso.

NB.

Que a *elevação* do ventre e a inchação das pernas, por si somente, são sinais equívocos; porque a ascites pode complicar-se ou confundir-se com a anasarca, com a timpanitis<sup>375</sup> ou hidropisia de vento, com a prenhez nas mulheres e com a mola<sup>376</sup>. Porém os sintomas da *flutuação* e do *peso* vêm finalmente a desenganar do que é. Por mais que se queira dissimular uma prenhez ilegítima, lá se há de vir a descobrir a supressão do mênstruo, o movimento do feto, e a elevação,

<sup>372</sup> O trecho de “o que sem dúvida” até “um moderado exercício” foi acréscimo marginal do autor.

<sup>373</sup> Pímetro (*Anacyclus pyrethrum*) é planta vivaz da família das compostas, de folhas alternas e recortadas, flores em capítulos e aquênios planos, é também chamada de salivária. As inflorescências são usadas como inseticida e as raízes encerram óleo volátil outrora usado no alívio da dor de dente e da nevralgia facial.

<sup>374</sup> Jaborandi é designação comum a várias plantas do gênero *Pilocarpus*, da família das rutáceas, e do gênero *Piper*, da família das piperáceas, que apresentam propriedades medicinais. O *Pilocarpus jaborandi* é pequena árvore nativa do Brasil, de folhas penadas, folíolos coriáceos, flores com pétalas róseas e amarelas, frutos com três a cinco cocos e sementes pretas brilhantes. As plantas dessa e de outras espécies do gênero encerram pilocarpina, alcalóide que causa a contração da pupila, o aumento da produção de saliva e de suor e estimula o peristaltismo dos intestinos.

<sup>375</sup> Latinismo correspondente a timpanite.

<sup>376</sup> Mola é a massa carnosa que se desenvolve no útero, especialmente a que se forma pela degeneração das vilosidades coriônicas e da placenta.

nesse caso, faz-se mais notável na parte inferior do ventre do que na superior. Na timpanitis se observa, que o ventre jamais perde a sua figura e volume e, qualquer que seja a posição que se tome, não se sente flutuação nem peso.

#### Ditos da hidropisia enquistada do ventre

Também se lhe sente flutuação e peso, sempre que é grande o saco ou a bexiga em que está o líquido. E ainda que nem sempre se sinta a flutuação, quando ou a bexiga é pequena, ou o líquido espesso, outros sinais há que, juntamente com o peso e com o volume, ajudam a discerni-la. O hidrópico, nesse caso, conserva a sua cor natural, a gordura e o apetite. A inchação do ventre é desigual e, tanto esta como a dos pés, é mais tardia.

#### *Prognóstico*

A ascites no sexo feminino cura-se mais facilmente que no masculino. Comparada com a hidropisia *enquistada* é menos e com a *anasarca* é mais rebelde de se curar. Pelo menos a inveterada reputa-se incurável. Esgotar-se-lhe a água é o menos; porém o deixar ela de se ajuntar de novo, é o mais. A água, que depois de feita a punção, sai da cor de urina, anima o curativo; não a que sai limpa e fétida, ou sanguinolenta, purulenta etc. Porém, esta é tão rara na ascites, que é solta, como ordinária na *enquistada*. Se, depois de esgotado o ventre, ele, ao cabo de 12 ou de 15 dias torna a encher-se, bem pouca ou nenhuma esperança deixa de poder remediar-se. Contudo alguns hidróticos têm havido, aos quais se fizeram acima de cinquenta operações.

#### *Curativo*

##### (a) \_\_\_\_\_ EUROPEU

Depois do que fica dito no título da anasarca, não resta mais por dizer senão que a repetição dos eméticos têm lugar ao princípio da enfermidade, quando se não têm feito evacuações e dados purgantes a todo o tempo. Os aperitivos e os diuréticos são os principais remédios de semelhante queixa. Os melhores que tem mostrado a experiência são os fortificantes, os amargos e os marciais acima, aplicados para a referida anasarca. Quando nem estes aproveitam nem os mais ali indicados, nenhum outro recurso há, senão o da operação da *paracentese*.<sup>377</sup> Mas para que ela produza o devido efeito, é primeiramente preciso que as entranhas já a esse tempo se não achem descidas; e em segundo lugar, que o assistente o faça nos devidos termos:

*Primo*, comprimindo o ventre, a proporção, que se lhe esgota a água. *Secundo*, conservando-lhe, depois de estar esgotada a compressão precisa, o que se executa mediante umas ataduras largas e de muitas voltas, as quais devem passar por entre as coxas, de maneira que fiquem as entranhas, quase tão comprimidas, como estavam antes. *Tertio*, reservando antes alguma porção do líquido<sup>378</sup>, para a vazar de outra vez, do que esgotando-o todo da primeira, pelo perigo, a que aliás se expõe o enfermo, quando tem tido o ventre demasiadamente cheio. As utilidades, que se seguem de *dilatar* e *conservar* a abertura que se faz para a hidropisia enquistada são duas: Primeira, a de mais facilmente se despejar por ela, todo e qualquer humor, que haja, por mais espesso que seja. Segunda, a de se introduzirem, como é preciso, as injeções deterativas<sup>379</sup> e dessecativas.

<sup>377</sup> A paracentese consistia em perfurar o ventre para retirar o excesso de água que continha. O cirurgião Antônio José de Araújo Braga registrou que essa era prática comum, principalmente entre os que viajavam muito pelos rios, como o caso de um cabo de esquadra que citou: “andam já tão exercitados os referidos cabos, que cada um deles é um hábil enfermeiro em semelhante viagem, do que me não admiro tanto, como me admirei da facilidade com que a si mesmo fazia a operação de paracentese um curioso de cirurgia, por nome José Soares, que para o Mato Grosso tinha subido na qualidade de cirurgião, e a esta vila chegou pelas oitavas da Páscoa de 1782, o qual tinha sido furado três vezes, e a si mesmo fazia a operação durante a viagem, sem outro instrumento mais do que um prego de meia caverna, suficientemente aguçado”. (Cf. FERREIRA, 1983: 757).

<sup>378</sup> No texto manuscrito consta “léquido”.

<sup>379</sup> Deterativo é qualidade própria de agente químico que limpa ou deterge.

(b) \_\_\_\_\_ AMERICANO

Nada difere do *européu*, no que essencialmente respeita ao curativo de uma e outra hidropisia. Tomado um até dous eméticos, ou de tártaro, ou de ipecacuanha, muda-se para algum purgante de rom, de jalapa, ou de ruibarbo, com mel de cana, pela mesma forma que o tomam os obstruídos. Bebe-se, no entretanto, o cozimento das raízes de sapé, de picão e de capeba, que são as mais usuais. Porém, também se cozem a salsaparrilha, o sassafraz<sup>380</sup>, o jaborandi, as cascas de romã, de limão, de laranja e outros específicos. Para a gente vulgar é que se receita a garapa, de que manda usar o citado autor do *Governo de Mineiros* [Cf. MENDES, 1770]. A todos os mais se dão as suas pílulas de azebre; goma amoníaca, *crocus martis aperientis* etc., segundo já as mencionei para o curativo da obstrução. As *coloquintidas*<sup>381</sup> na dose de até 35 grãos, em qualquer veículo, que seja, ou no mesmo cozimento acima, tem curado hidróticos de 60 até 70 anos. Não se descuidam dos suado[u]ros em banhos de vapores e, para eles, preferem o cozimento das folhas de pimenta longa, camará<sup>382</sup>, bassourinha, poejos, salva da terra etc. Os índios e os negros escravos, por terem a pele mais densa, tomam os vapores de aguardente da terra.

### BIBLIOGRAFIA<sup>383</sup>

- ALMAÇA, Carlos. *Bosquejo histórico da zoologia em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de História Natural / Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico (Museu Bocage), 1993.
- ANZAI, Leny Caselli. *Doenças e práticas de cura na capitania de Mato Grosso: o olhar de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Brasília: UnB, 2004. (Tese de doutorado).
- ARQUIOLA, Elvira; MONTIEL, Luis. *La corona de las ciencias naturales: la medicina en el tránsito del siglo XVIII al XIX*. Madri: Conselho Superior de Investigações Científicas, 1993.
- BLUTEAU, Rafael. *Suplemento ao vocabulário português e latino* que acabou de sair à luz, ano de 1721, dividido em oito volumes dedicados ao magnífico rei de Portugal D. João V pelo Padre D. Rafael Bluteau, clérigo regular, doutor na sagrada teologia, pregador da rainha da Grã-Bretanha Henriqueta Maria de França, qualificador do Santo Ofício no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa e acadêmico da Academia Real. Lisboa Ocidental: Na Oficina de José Antônio da Silva, impressor Real, 1927.
- . *Vocabulário português e latino*. Edição digital em fac-símile do *Vocabulário português e latino*, áulico, anatômico, arquitetônico, bélico, botânico, brasílico, cômico, crítico, químico, dogmático, dialético, dentrológico, eclesiástico, etimológico, econômico, florífero, forense, frutífero, geográfico, geométrico, gnomônico, hidrográfico, homonímio, hierológico, ictiológico, índico, ifagógico, lacônico, litúrgico, litológico, médico, músico, meteorológico, náutico, numérico, neotérico, ortográfico, ótico, ornitológico, poético, filológico, farmacêutico, quiditativo, qualitativo, quantitativo, retórico, rústico, romano, simbólico, sinonímico, silábico, teológico, terapêutico, tecnológico, uranológico, xenofônico, zoológico, autorizado com exemplos dos melhores escritores

<sup>380</sup> Sassafras é designação comum às plantas do gênero *Sassafras*, da família das lauráceas, que reúne três espécies, nativas do Leste da Ásia e do Leste da América do Norte, entre elas a *Sassafras albidum*, de folhas ovadas ou trilobadas, flores verde-amareladas, em corimbos, e drupas ovóides azuladas. Trata-se de uma espécie cultivada como ornamental, de madeira leve e que fornece óleo essencial, outrora muito utilizada como medicinal, especialmente como antiescorbútico, mas está relacionada ao câncer de fígado e tem efeito abortivo.

<sup>381</sup> As coloquintidas são trepadeiras herbáceas (*Citrullus colocynthis*) da família das cucurbitáceas, cujos frutos têm propriedades catárticas, ou seja, que apressam e aumentam a evacuação intestinal e provoca purgação.

<sup>382</sup> Camará ou camará é um arbusto (*Lantana camara*) da família das verbenáceas, nativo do Brasil, de folhas opostas, flores amarelas, laranja ou vermelhas e bagas roxo-escuras.

<sup>383</sup> A maior parte das referências bibliográficas é citada pela Professora Doutora Leny Caselli Anzai em sua tese.

- portugueses e latinos, e oferecido a el rei de Portugal D. João V. Lisboa: Na Oficina de Pascoal da Silva, impressor de Sua Majestade, 1720.
- BRAGA, José de Araújo. [Tratado das enfermidades endêmicas do Rio Negro]. **In:** FERREIRA, 1983: 745-75.
- BRANDÃO, Junito. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes; Brasília: Edunb, 1993.
- CAMARGO, Erney Plessmann. A malária encenada no grande teatro social. *Estudos avançados* 24, vol. 9, n.º 24, maio-ago.1995.
- CARTWRIGHT, Frederick F.; BIDISS, Michael. *As doenças e a história*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.
- CARVALHO, Rómulo de. *A história natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.
- CORREIA FILHO, Virgílio. *Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1939.
- DICTIONNAIRE universel de médecine, de chirurgie, de chymie, de botanique, d'anatomie, de pharmacie, d'histoire naturelle etc.* Paris, Rue de Saint Jacques: Chez Briasson, 1748.
- DUARTE, Eustáquio. Introdução histórica. **In:** O tratado único das bexigas e sarampo. APUD MORÃO, ROSA & PIMENTA: notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a medicina no Brasil. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956.
- FERNANDES, Suelme Evangelista. *O Forte do Príncipe da Beira e a fronteira noroeste da América Portuguesa (1776-1796)*. Cuiabá: UFMT, 2003. Dissertação de mestrado em História.
- FERRAZ, Márcia Helena Mendes. A produção do salitre no Brasil colonial. *Química nova*, 23(6). 2000.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*. [Lisboa]: Kapa Editorial, [2002].
- . *Viagem filosófica ao Rio Negro*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi / CNPq / Fundação Roberto Marinho, 1983.
- FERREIRA, Isabella Fagundes Braga. *Territorialidades de um império: a Amazônia colonial (1751-1759)*. Brasília: UnB, 2002. (Dissertação de mestrado em História)
- FERREIRA, Luís Gomes. *Erário mineral dividido em doze tratados*. Dedicado e oferecido à puríssima e sereníssima virgem Nossa Senhora da Conceição. Lisboa Ocidental: Na Oficina de Miguel Rodrigues, 1735.
- FONTES, Glória Marly. *Enfermidades endêmicas da Capitania de Mato-Grosso por Alexandre Rodrigues Ferreira*. **In:** ——. *Alexandre Rodrigues Ferreira: Aspectos de sua vida e obra*. Manaus: INPA, 1966, p. 43-96.
- FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira (org.). *Saúde e doença em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Edufg, 1999.
- FREITAS, Octavio de. *Doenças africanas no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935.
- HEGENBERG, Leônidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- HENRÍQUEZ, Francisco da Fonseca. *Âncora medicinal: para conservar a vida com saúde*. Texto modernizado por Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Silvio de Almeida Toledo Neto e Heitor Megale. Cotina: Atelié, 2004.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. [Rio de Janeiro]: Objetiva, 2001.
- JESUS, Nauk Maria de. *As artes de curar no centro da América do Sul: a Capitania de Mato Grosso 1727-1808*. Cuiabá: UFMT, 2001. (Dissertação de mestrado em História).
- LIMA, Américo Pires de. *As boticas do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (fim do séc. XVIII)*. Separata dos *Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*. Porto, vol. X, 1949.

- LINDEMANN, Mary. *Medicina e sociedade no início da Europa moderna: novas abordagens da história europeia*. Lisboa: Replicação, 2002.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP / Centro de Memória Unicamp, 1999.
- MENDES, José A. *Governo de mineiros mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas que, pela dilação dos remédios se fazem incuráveis, e as mais das vezes mortais*. Lisboa: Na Oficina de Antônio Rodrigues Galhardo, 1770.
- MORAES, Maria de Fátima Mendes Lima de. *Vila Maria do Paraguai: um espaço planejado para consolidar a fronteira oeste 1778-1801*. Cuiabá: UFMT, 2003. (Dissertação de mestrado em História).
- OLIVEIRA, Edevamilton de Lima. *A povoação regular de Casalvasco e a fronteira oeste do Brasil colonial 1783-1802*. Cuiabá: UFMT, 2003. (Dissertação de mestrado em História).
- PEREIRA, Gómez. *Antoniana Margarita*. Reprodução fac-similar da edição de 1749. Estudo preliminar e versão para o espenho por José Luís Barreiro. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2000.
- PISON, Guilherme. *História natural e médica da Índia Ocidental*. Tradução de *Brasilia medica*. Rio de Janeiro: INL, 1957.
- PLESSMANN, Erney. A malária encenada no grande teatro social. *Estudos avançados* 24. Vol. i, n° 24, maio/ago. 1995.
- REVISTA de Saúde Pública*, 27(6). [São Paulo]: Centro de Vigilância Epidemiológica Alexandre Vranjac. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, 2003.
- ROSA, João Ferreira da. *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco*. Oferecido a el rei nosso senhor por ser servido ordenar por seu governador aos médicos da América que assistem aonde há este contágio que o compusessem para se conferirem pelos corifeus da medicina aos ditames com que é tratada esta pestilencial febre. Lisboa: Na Oficina de Miguel Menescal, 1694.
- ROSEN, George. *Da polícia médica à medicina social*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- SANCHES, Antonio Nunes Ribeiro. *Tratado da conservação da saúde dos povos: obra útil e igualmente necessária aos magistrados, capitães generais, capitães de mar e guerra, prelados, abadessas, médicos e pais de famílias*. Com um apêndice: “Considerações sobre os terremotos com a notícia dos mais consideráveis de que faz menção a história e deste último que se sentiu na Europa no 1° de novembro de 1755”. Em Paris, vende-se em casa de Irmãos Ginioux. Ao Poço Novo, em Coimbra, na dos mesmos, e no Porto, na de Bellon e Companhia, 1758.
- SYDENHAM, Thomas. *Médecine pratique de Sydenham*, avec des notes. Obra traduzida em francês a partir da última edição inglesa, por M. A. F. Jault, doutor em medicina e professor do Colégio Real. Paris: Na casa de Théophile Barrois le Jeune, Librairie quai des Augustins, n° 18, 1784.
- VAINFAS, Ronaldo (Dir.). *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VANDELLI, Domingos. *Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista nas suas peregrinações deve principalmente observar*. Por D. V. 1779. Cópia de Frei Vicente Salgado, 1796. Academia de Ciências de Lisboa – Série vermelha, n° 405.
- VILLARIÑO, Hernán. La Antonina Margarita de Gómez Pereira y el origen de la controversia sobre el mecanicismo animal entre realismo, idealismo y materialismo. (Ejercicio de exploración de una vía indirecta de retorno a la escolástica). *Revista Chilena de Neuro-psiquiatría*, p. 316-328.

# ESTADO PRESENTE DA AGRICULTURA DO PARA<sup>1</sup>

REPRESENTADO A S. EXCIA. O SR. MARTINHO DE SOUZA E ALBUQUERQUE,  
GOVERNADOR E CAPITÃO-GENERAL DO ESTADO  
POR *ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA*

Ilmo. Exmo.

Ni fallor.

espírito e a letra das breves<sup>2</sup> instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos produtos naturais, para formar um museu nacional; instruções que o<sup>3</sup> Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Melo e Castro, ministro e secretário do Estado dos negócios da marinha e domínios ultramarinos, houve por bem de participar a cada um dos naturalistas que<sup>4</sup> expediu, de ordem de Sua Majestade, para os domínios de ultramar, ordenando-lhes positivamente que executasse à risca o que nelas achassem; contém, a meu ver, uma cópia idêntica daquele zelo patriótico com que os vassallos úteis e necessários nos gloriosos dias do Senhor Rei D. José, o 1º, de saudosíssima memória, salvaram<sup>5</sup> do caos em que jaziam o comércio e a agricultura portuguesa, depois dos felicíssimos reinados dos senhores reis D. Manoel e D. João III<sup>6</sup>.

Porque, sendo manifestos ao público os exemplares que a Academia distribuiu pelos sobreditos correspondentes; e, vendo-se, neles, que os detalhes concernentes às obrigações que tenho de observar, recolher, preparar e remeter os produtos<sup>7</sup> naturais dos três reinos: animal, vegetal e mineral, tendem substancialmente aos fins:

Primo: de fecundarem, promoverem a agricultura e o comércio<sup>8</sup> do continente e da América, multiplicando os seus gêneros, pela escrupulosa averiguação dos préstimos que têm ou podem ter, os produtos<sup>9</sup> até hoje desconhecidos.

Secundo: de cultivarem fertilmente muitos daqueles gêneros que, sendo já bem conhecidos, nem por isso se têm adiantado..

Tertio: de facilitarem opulentas carregações de importantes mercadorias para serem transportadas ao reino que devem ir enriquecer.

Quarto e ultimamente: de prosperarem o negócio interno e a navegação mercantil dos domínios de ultramar. Como isto, em suma, foi o que antes da instrução, principiou a praticar o zelo dos fiéis vassallos naquele iluminado ministério, vê-se, com toda a clareza, que aquele mesmo zelo é o que pretende imitar até excedê-lo a Academia, debaixo da proteção da rainha nossa senhora e presidência do Ilmo. e Exmo. Sr. Duque de Lafões. Aquele zelo

<sup>1</sup> Códice 21,1,16 da BNRJ.

<sup>2</sup> A palavra “breves” foi acrescentada posteriormente ao texto.

<sup>3</sup> “Aos correspondentes [...] que o” substitui a seguinte redação original “que a Academia Real das Ciências de Lisboa dirigiu em 1781 aos seus correspondentes e o Ilmo. e”.

<sup>4</sup> Foi riscada a expressão original “em 1783”.

<sup>5</sup> “Salvaram” substitui “arrancaram”.

<sup>6</sup> “Dos felicíssimos [...] João III” substitui “do felicíssimo reinado do Senhor Rei D. Manoel”.

<sup>7</sup> “Os produtos” substitui “as produções”.

<sup>8</sup> “De fecundarem [...] comércio” substitui “de promoverem e fecundarem as lavouras”.

<sup>9</sup> “Os produtos” substitui “as produções”.

é o que o mesmo senhor, com imortal glória de seu nome, pertende inspirar aos sócios e correspondentes. E aquele zelo, enfim, o que ficou sendo do dever dos naturalistas, como regimento que lhes entregou<sup>10</sup> o ministro da sua repartição.

Pelo que, devendo eu dar conta a V. Excia. das minhas observações e estudos particulares sobre a agricultura das terras que tenho visitado, antes de passar desta para a outra capitania do Rio Negro, principio a cumprir com o meu dever, representando, não só o estado presente da agricultura do Pará, que V. Excia. veio achar tão arruinada, mas também os remédios que, ao que entendo, prometem opor-se para o diante à sua última ruína.

E porque em papel de tanta ponderação como este é nem se deve iludir o ministério com sugestões vãs de que está arruinada a agricultura, não o estando ela realmente, nem armar no ar prognósticos tristes sobre os futuros sucessos do comércio, sem que os princípios de conjeturas racionáveis previnam<sup>11</sup> tudo o que puder<sup>12</sup> ser reduzido à eventualidade dos acasos. Não direi a V. Excia. que os lavradores deixam de plantar ou recolher algum gênero, senão aquele<sup>13</sup> que V. Excia. vir com os seus olhos que eles deixam de plantar ou recolher, menos direi que a agricultura se acha arruinada e que há total carestia deste ou daquele fruto, senão daqueles frutos de que V. Excia. igualmente sentir a falta que sentem os moradores da cidade e seus subúrbios.

Viu V. Excia. agora, na viagem que fez<sup>14</sup> ao<sup>15</sup> rio dos Tocantins, que o anil em todas estas terras é tão trivial como em Portugal a malva, ainda esta não foi a circunstância mais notável: viu que o anil bravo e espontaneamente nascido nas<sup>16</sup> terras incultas, montava-se raridade, a altura de cinco até seis pés e mais. Viu e soube que, tendo-o<sup>17</sup> nas suas fazendas, alguns proprietários compravam<sup>18</sup> o anil que precisavam, da mesma forma<sup>19</sup> que o compramos em Portugal, aonde o não há nativo. Constou-lhe, por outra parte, que na fazenda<sup>20</sup>, daquele<sup>21</sup> rio, hoje em dia de<sup>22</sup> Simão Borges de Azevedo Temudo, se deu princípio em 1728 à fábrica de anil em que, debaixo da proteção do cardeal da Mota, se interessaram, no Estado, o mestre de Campo José Miguel Aires e, em Lisboa, os dous negociantes<sup>23</sup> Torres e Coimbra. Constou-lhe que, à atividade do primeiro deveram os outros sócios o passarem-se da França para a cidade do Pará; os três mestres franceses que, pelo espaço de cinco anos, pouco mais ou menos, trabalharam em o plantar, cultivar e fabricar, não duvidando os sócios consignar aos<sup>24</sup> mestres os avultados ordenados de três mil e duzentos réis por dia ao primeiro; dous mil e quatrocentos ao segundo e mil e seiscentos ao terceiro, além dos que venciam Guilherme Burcém, encarregado da administração, o guarda-livros Francisco Velho, os escriturários e caixeiros e além dos jornais dos índios empregados na sobredita manufatura.

Constou-lhe, finalmente, que, havendo-se eles adiantado ao grande desembolso que fizeram previamente assegurado se corresponderia ou não o lucro que tirassem, e que não havendo<sup>25</sup> correspondido a receita à despesa, nem

<sup>10</sup> “Entregou” substitui “confiou”.

<sup>11</sup> Riscada do original a palavra “logo”.

<sup>12</sup> Riscada também a palavra “depois”.

<sup>13</sup> Foi riscada do texto a palavra “gênero”.

<sup>14</sup> Riscado no original “em visita das povoações e presídio”.

<sup>15</sup> “Ao” substitui “do”.

<sup>16</sup> “Nas” substitui “sobre as”.

<sup>17</sup> “Tendo-o” substitui “sem embargo de o possuírem”.

<sup>18</sup> Foi riscada a palavra “contudo”.

<sup>19</sup> “Precisavam, da mesma forma” substitui “necessitavam, do mesmo modo”.

<sup>20</sup> Foi riscada do texto a expressão “que hoje possui”.

<sup>21</sup> “Daquela” substituiu “naquela”.

<sup>22</sup> Foi acrescentado ao texto “hoje em dia de”.

<sup>23</sup> “Negociantes” substitui “portugueses”.

<sup>24</sup> Foi riscado do texto “três”.

<sup>25</sup> Foi riscado no texto “com efeito”.

da mão de obra, nem da cultura das terras<sup>26</sup> que eles prepararam a seu jeito e segundo a experiência que tinham dos outros países; apenas conseguiram os sócios, enquanto vivos os mestres, exportar algumas arrobas deste gênero<sup>27</sup>, vendendo-se em Lisboa o da qualidade superior a 4800 réis att.<sup>28</sup>, o entre fino a 2000 e tantos réis e o último a 360 réis. E porque, pelo tempo que substituiu<sup>29</sup> a fábrica, pode-se dizer que empregada somente em observações e experiências, se achou, afinal, empenhada em vinte e quatro mil cruzados; e sobrevieram depois os falecimentos dos mestres; largaram mão dela; e, na mencionada fazenda, deixaram por desmanchar os tanques de pedra que há pouco tempo ainda se conservavam e de um deles se servia seu dono para curtir alguns couros.

Soubes que o mesmo sucesso tiveram pelo tempo adiante os outros ensaios sobre aquela manufatura, sem embargo de que, governando o Estado o Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Bernardo de Melo e Castro, pelos seus próprios criados, embarcados em canoas, mandava recolher o anil, aonde o havia. Assistindo<sup>30</sup> S. Excia. em pessoa à fermentação da planta, dentro das tinas que fazia das pipas, o citado mestre de campo José Miguel Aires.

Que, mediante as instâncias de S. Excia. o Sr. João Pereira Caldas, resolveu-se a manufaturá-lo André Fernandes Gavinho, chegando a ter roçado<sup>31</sup> feito nas terras da baía do Sol. Porém, como antes de o plantar, pertendeu que a companhia lhe arbitrasse preço com a condição de nunca dele descer, antes, subindo conforme ela o subisse em Lisboa, nem a companhia anuiu, nem também ele o plantou.

Que do anil que pelo princípio do governo de sua dita Excia. cultivou e fabricou Gonçalo José da Costa, na sua fazenda do rio Capim, foram tão más as amostras, que nem o cheiro delas se podia tolerar. E que remetendo-as S. Excia. ao Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Melo e Castro, para S. Excia. as mandar examinar no real laboratório, dali, depois de purificadas da terra e das outras impurezas que levavam, se-lhe dirigiram, de ordem de S. Excia. algumas porções purificadas para que servissem de modelo às novas experiências que se fizessem.

Que a emenda que tiveram as outras experiências feitas no Caité, debaixo da inspeção do<sup>32</sup> Luís Loureiro do Rego, não foi mais bem sucedida, gozando desta felicidade tão somente as amostras que fabricou na vila da Vigia o sargento-mor Xavier Manoel Pereira Favacho.

Que também a gozaram, durante aquele governo, e se distinguiram das do Pará as que se fabricaram no Rio Negro, porque mereceram a aprovação do ministério, se bem que os que sabiam, não podiam, e os que podiam, ou não sabiam ou não queriam sujeitar-se aos preços arbitrados<sup>33</sup>, em razão de ainda lhes faltar a última perfeição. Pelo que, providenciando aos primeiros, representou a S. Excia. o Dr. Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio a falta de braços que alegavam e não foram poucos os moradores, os quais<sup>34</sup>, pela sua eficácia em instar, fiaram os administradores da companhia alguns escravos, com os quais algumas quantidades se fabricaram nas vilas de Barcelos e de Tomar, ainda que muitas eram falsificadas com o pó do carvão, os polvilhos, a carimá, a tabatinga e a tigna da ferrugem. E pois que até agora não tem passado de amostras, todo quanto anil se há remetido para Portugal; e dessas mesmas amostras, a maior parte das do Pará, já convertida em húmus, que é a terra a que se reduz o anil putrefato, ou misturada com are[i]a finíssima, e todas elas de uma cor muito escura e carregada; o que pode proceder de se aproveitarem com indiferença as variedades da planta de menos boa qualidade, como a silvestre e

<sup>26</sup> “Receita [...] terras” substituiu “produção ao trabalho e à despesa da cultura da terra”.

<sup>27</sup> A expressão “deste gênero” foi acrescentada ao original.

<sup>28</sup> Não consegui decifrar esta abreviatura.

<sup>29</sup> Não seria “subsistiu”?

<sup>30</sup> “Assistindo” substituiu “presidindo”.

<sup>31</sup> Não seria “roçado”?

<sup>32</sup> Foi riscada do texto a palavra “mazaganista”.

<sup>33</sup> Foi riscado do texto “a cada libra”.

<sup>34</sup> “Não foram [...] os quais” substitui “a não poucos moradores”.

inculta; de a não recolherem no tempo conveniente; de lançarem de infusão não só as folhas e os pimpolhos, mas também os ramos duros e lignosos; de as deixarem fermentar por mais ou menos tempo que o preciso para se extrair a fécula; de a encaixotarem mal enxuta da umidade; o que vê V. Excia. é que, frustrando-se de dia em dia as recomendações que deste gênero tem feito e continua a fazer a secretaria de ultramar, vem este a ser um daqueles gêneros que os lavradores deixam de recolher.

Frustrou-se, portanto, o efeito que se deveria ter seguido da provisão do conselho ultramarino de 30 de março de 1680, na qual Sua Majestade houve por bem de ordenar que os moradores deste Estado não pagassem direito do anil pelo tempo de seis anos, e que, nos quatro seguintes pagassem só a metade, cuja provisão foi participada<sup>35</sup> ao general [do Estado]<sup>36</sup>, em carta do 1º de abril do dito ano. Frustrou-se o efeito da carta régia de 24 de novembro de 1711, dirigida ao governador e capitão-general do Estado, para que fizesse a diligência possível por afeioar alguma pessoa a fabricá-lo, dando-lhe todos os índios que para a dita fábrica pedisse, além de tudo o mais quanto lhe fosse preciso. Frustrou-se o efeito do alvará de 9 de junho de 1764, em que Sua Majestade prorrogou aos lavradores do Estado a mercê de não pagarem direitos do dito gênero pelo tempo de dez anos<sup>37</sup>.

Frustrou-se o efeito<sup>38</sup> da atividade que em S. Excia. o Sr. João Pereira Caldas excitaram reais ordens de 1º de outubro de 1772, tendo Sua Majestade tomado a resolução<sup>39</sup> de o encarregar da sua inspeção, mandando remeter-lhe um<sup>40</sup> modelo semelhante ao que tinha ido para a capitania do Maranhão, a fim de se construírem<sup>41</sup> por ele os engenhos<sup>42</sup> de fabricar o gênero recomendado. Frustrou-se o efeito das reais ordens<sup>43</sup> de 13 de julho de 1773, em que lhe foi recomendada a sua cultura e adiantamento, na conformidade das ordens que se haviam expedido para a capitania do Maranhão. Frustrou-se o efeito das mesmas reais ordens<sup>44</sup> de 6 de agosto de 1774, em que Sua Majestade não só mandou repetir-lhe<sup>45</sup> a mesma recomendação, mas depois de haver reputado por suficientemente boas as amostras que se haviam remetido, querendo, contudo, fazer aperfeiçoadas, mandou igualmente remeter-lhe<sup>46</sup> a instrução que regula o método de as fabricar, com o título de Instrução para se fabricar o anil. Frustrou-se o efeito das outras reais ordens<sup>47</sup> de 3 de junho de 1777, em que o mesmo senhor mandou declarar-lhe<sup>48</sup> que, em quanto ao anil do Rio Negro, pouco faltava para chegar a sua última perfeição, e que a respeito das outras amostras do Pará, sim, podiam servir, porém, depois de beneficiadas no real laboratório, e que todo o ponto estava em que se aumentassem a termos de fazerem artigo de comércio, em lugar das pequenas amostras que, pela sua imperfeição, se não podiam pagar a mais de oito, nove e dez tostões, e o último e melhor, até onze. E frustraram-se, finalmente, os efeitos dos editais, portarias, avisos e cartas circulares e particulares que, em consequência daquelas reais ordens<sup>49</sup>, repetidas vezes se expediram pela competente secretaria do governo do estado.

<sup>35</sup> Foi riscado do texto “ao Exmo.”.

<sup>36</sup> Foi acrescentada esta expressão “do Estado”.

<sup>37</sup> “Não pagarem [...] anos” substitui “pelo tempo de dez anos, não pagarem direitos pelo referido gênero”.

<sup>38</sup> Foi riscado no texto “que, em consequência”.

<sup>39</sup> “Excitaram reais [...] resolução” substituiu “excitou o ofício da secretaria de estado dos negócios ultramarinos de 1º de outubro de 1772, devia ter resultado da resolução que Sua Majestade”.

<sup>40</sup> “Mandando remeter-lhe um” substitui “remetendo-lhe o”.

<sup>41</sup> “Se construírem” substitui “mandar construir”.

<sup>42</sup> Foi riscado no texto “em que se houvesse”.

<sup>43</sup> “Das reais ordens” substitui “de outro ofício”.

<sup>44</sup> “Das mesmas reais ordens” substitui “do ofício”.

<sup>45</sup> “Mandou repetir-lhe” substitui “repetiu”.

<sup>46</sup> “Igualmente remeter-lhe” substitui “remeter”.

<sup>47</sup> “Das outras reais ordens” substitui “do ofício”.

<sup>48</sup> “Mandou declarar-lhe” substitui “fez declarar”.

<sup>49</sup> “Daquelas demais ordens” substitui “daqueles ofícios”.

Na carta de instrução de 9 de setembro de 1773, expedida ao<sup>50</sup> ouvidor da capitania do Rio Negro, participou S. Excia.<sup>51</sup> as ordens que tinha<sup>52</sup> recebido do ministério, para promover o dito gênero, prometendo enviar-lhe na primeira ocasião o modelo para a fábrica e a receita de o fabricar, participação que lhe repetiu nos dous ofícios ao capitão<sup>53</sup> de 8 de novembro de 1774, dirigido um deles ao governador da dita capitania e o outro ao dito ouvidor<sup>54</sup>. No edital de 23 de setembro do dito ano as publicou S. Excia., na conformidade das ordens de S. Majestade<sup>55</sup>, e pela sua parte as intimou, quanto pôde, ao governador, comandantes de praças e presídios, aos oficiais das câmeras e diretores das povoações<sup>56</sup>. Em carta de 25 de fevereiro de 1777, prometeu ao [dito]<sup>57</sup> governador da praça do Macapá, remeter-lhe as amostras de anil do Rio Negro, que ele pedia para modelos das suas, como também a receita de o fabricar, vinda de Lisboa, e o que, efetivamente cumpriu na outra carta de 7 de março do mesmo ano, remetendo-lhe inclusas, não somente a receita de fabricar o anil, mas também o urucu<sup>58</sup>. De 17 do referido mês e ano foram datadas as ordens expedidas ao desembargador intendente geral, para as fazer registrar nos livros da intendência; ao presidente e oficiais do senado da câmara desta cidade, para procurarem persuadir a sua execução e ao inspetor geral da Ilha Grande de Joanes para o mesmo fim. Felizmente, deve esperar agora esta capitania que se não frustrem, nem as reais ordens<sup>59</sup> que V. Excia. recebeu<sup>60</sup> para vigiar sobre a conservação e adiantamento desta manufatura, de que alguns ensaios principiou no Macapá o seu governador, o coronel Manoel da Gama de Almada, nem as últimas ordens reais<sup>61</sup> de 13 de novembro do ano próximo passado, expedidas<sup>62</sup> a S. Excia. o Sr. João Pereira Caldas e, então, dever no Rio Negro estabelecer, de acordo com o sobredito coronel<sup>63</sup>.

Viu V. Excia., por ocasião da mesma viagem, canaviais de açúcar, e neles as canas tão bem nutridas e multiplicadas que não deixarão de excitar a sua admiração, porque pesava com a madureza as circunstâncias da seca geral deste ano, os estragos que lhes fazem as capiuaras<sup>64</sup> e as cotidianas investidas que lhes dão os índios das canoas de viagem. Observou de caminho consideráveis terrenos que algum dia haviam sido canaviais; presentemente voltados nos primitivos matos e capoeiras que se haviam desbastado, demolidos alguns engenhos e arruinadas de tal modo as oficinas em outros que nem relíquias parecem do que foram. E sendo certo:

Primo: que a cana que dá as garapas para as águas ardentes é a mesma nesta parte<sup>65</sup> que a que dá o açúcar nos engenhos da Bahia e Pernambuco.

Secundo: que desta mesma cana tem aqui fabricado açúcar ótimo, os fabricantes deste gênero<sup>66</sup>, que da Bahia vieram a este estado e nele continuam a fabricá-lo os senhores de engenhos reais. E que Tercio: é muito mais fértil

<sup>50</sup> Foi riscada no texto a palavra “Dr.”.

<sup>51</sup> “S. Excia.” substituí “o Exmo. General”.

<sup>52</sup> “Tinha” substituí “havia”.

<sup>53</sup> “Nos dous ofícios ao capitão” substituí “nas outras duas cartas”.

<sup>54</sup> “Dirigido um [...] ouvidor” substituí “dirigida ao governador e a ele”.

<sup>55</sup> “Na conformidade [...] Majestade” substituí “em conformidade do que lhe havia Sua Majestade ordenado que fizesse”.

<sup>56</sup> “Ao governador [...] povoações” substituí “aos governadores, oficiais de câmeras, comandantes e diretores de povoações”.

<sup>57</sup> Esta palavra “dito” foi acrescentada ao texto original.

<sup>58</sup> “O que efetivamente [...] urucu” substituí “com efeito, na outra carta de 7 de março do dito ano, remeteu inclusas, não só a receita do anil, mas também a do urucu”.

<sup>59</sup> “Reais ordens” substituí “recomendações”.

<sup>60</sup> Riscado no texto “do real ministério”.

<sup>61</sup> “As últimas ordens reais” substituí “o outro ofício”.

<sup>62</sup> “Expedidas” por “expedido”.

<sup>63</sup> “Estabelecer [...] coronel” substituí “para, de acordo com o sobredito coronel, estabelecer na capitania do Rio Negro”.

<sup>64</sup> Entenda-se “capivaras”.

<sup>65</sup> “Nesta parte” substituí “aqui”.

<sup>66</sup> “Deste gênero” substituí “dele”.

em partes a natureza do terreno, porque sítios há que os não sangram nas forças as reproduções avançadas muito além das socas e ressocas. O que vê V. Excia. é que, examinados os mapas mais próximos da exportação deste gênero, apenas aparece no [do ano]<sup>67</sup> de 1782 a insignificante remessa de doze arrobas de açúcar. Que, não sendo ele<sup>68</sup> importado para esta cidade, pelos navios de Lisboa e [pelas]<sup>69</sup> sumacas da Bahia, as arrobas todas que fabricam os engenhos reais não chegam para o seu consumo. Que neste caso<sup>70</sup>, quando não caem os moradores na desgraça de passarem sem ele por alguns meses, também não escapam da consternação de o comprarem à razão de 200 réis att.<sup>a</sup> e a 160 réis, que é o preço agora corrente, porque, de outro modo, nem se aproveita da ocasião e da carestia geral a avareza dos comerciantes, pela maior parte monopolistas dos gêneros; nem compensa os riscos e as despesas dos fretes, direitos da alfândega<sup>71</sup> e carretos, as quais devem embolsar além dos seus lucros.

No entretanto<sup>72</sup>, dos 53 engenhos, entre engenhos reais e engenhocas que pagam à câmara desta cidade a quantia de 318\$000 réis do novo imposto dos lambiques, à razão de 6000 réis por cada engenho, uns e outros alambicam as águas ardentes que podem. Águas ardentes que, tendo, desde o seu princípio, influído na decadência dos engenhos de açúcar desta capitania e nas desordens originadas das crápulas entre os brancos e os índios das povoações, deram motivo à representação que àquele respeito puseram na real presença de Sua Majestade os oficiais da câmara desta cidade, em<sup>73</sup> 20 de dezembro de 1705. Donde se seguiu que, tendo Sua Majestade mandado examinar as razões que expenderam<sup>74</sup>, fez baixar pelo seu conselho ultramarino a provisão de 18 de setembro do seguinte ano de 1706, pela qual ordenou que “Todo o senhor de engenho que fosse compreendido no crime de converter as canas em águas ardentes, pela primeira vez perdesse a safra, pela segunda, além de a perder, fosse condenado em quatro meses de cade[i]a, e pela terceira, perdesse o engenho.

E o caso é que, ou com provisão ou sem ela, os dezessete engenhos reais que existem na repartição da cada<sup>75</sup> câmara da<sup>76</sup> cidade, além do açúcar, também fazem águas ardentes; as trinta e seis engenhocas não consomem a cana em outra cousa; e nem açúcar nem água ardente já fabricam, tanto o engenho real do capitão Hilário de Moraes Bittencourt, como as cinco engenhocas de Raimundo Ferreira de Castro, do capitão Manoel Caetano de Góis, de Vicente Xavier de Castro, da viúva de Félix Ferreira Barreto e a de José Cordeiro Jordão.

Viu V. Excia. a propriedade que têm todas estas terras para produzirem o algodão e soube que só do Macapá, por princípio da sua cultura, se exportaram:

em 1773	1500 arrobas	em 1778	3580
em 1774	1803	em 1779	5390
em 1775	3251	em 1780	6801
em 1776	2010	em 1781	5700
em 1777	2350	em 1782	6200

<sup>67</sup> “Do ano” foi acrescentado ao texto original.

<sup>68</sup> “Não sendo ele” substitui “a não ser”.

<sup>69</sup> “Pelas” foi acrescentado ao original.

<sup>70</sup> “Neste caso” substitui “não chegando para ele”.

<sup>71</sup> “Direitos da alfândega” substitui “alfândegas”.

<sup>72</sup> “Entretanto” substitui “entanto”.

<sup>73</sup> Foi riscado do texto “data de”.

<sup>74</sup> “Que expenderam” substitui “expendidas”.

<sup>75</sup> Da cada?!...

<sup>76</sup> “Da” substitui “desta”.

Sem embargo do que é da excelente qualidade deste gênero, que tão recomendado tem sido por vezes pela secretaria de ultramar e, ultimamente, pelo ofício de 3 de junho de 1777, não somente os lavradores não cultivam quanto podem render as terras, mas também nesse mesmo pouco que se exporta, praticam os comerciantes, o abuso de em prejuízo do comércio e descrédito seu, deixarem ir ensacados alguns paus, trapos e pedras. Falsificação esta que em outro tempo deu motivo a publicação do bando que mandou lançar o Sr. Gomes Freire de Andrade, quando governava e residia no Maranhão, ordenando que

Toda a pessoa que comprasse ou mandasse comprar cousa alguma com novelos falso de algodão (que era a moeda da terra) em cujos novelos falsos se achassem paus, trapos etc., ou se alguém os tivesse em casa, fosse condenado em três meses de cade[i]a, donde pagaria 10000 réis, metade para a fazenda real e metade para o denunciante.

Cujo bando mandou Sua Majestade que se guardasse como lei, pelo alvará de 2 de março de 1688.

Deveriam, portanto, os lavradores (para me explicar na frase do § 3º da carta que a V. Excia., quando estava a embarcar para esta cidade, dirigiu Bernardo Clamouse, em data de 17 de julho do ano próximo passado) deveriam, diz ele,

no ato de descarregar o algodão, aplicar todo o cuidado em separar o branco do ruivo, ou do que tivesse outra qualquer cor; deveriam, no ato de o ensacarem, evitar toda a fraude, de introduzirem nas sacas a are[i]a, os paus e os trapos; antes fazer conhecer que o algodão do interior das sacas, não desmente as amostras exteriores, determinando uma marca própria eleição V. Excia., em vista da qual pudessem os comerciantes de Lisboa assegurar aos correspondentes do norte, a igualdade do gênero. Deveria V. Excia., pela sua parte, anunciar aos lavradores a intenção em que estava de animar este ramo do comércio, propondo-lhes os interesses que lhes haviam de resultar e a atenção que prometia aos seus trabalhos, havendo de honrá-los e distingui-los com mandar pôr nas suas sacas outra marca particular de V. Excia., depois que o lavrador, ou quem tivesse ensacado o algodão, jurasse aos Santos Evangelhos, perante uma pessoa autorizada, que as ditas sacas não estavam viciadas, revistando-se o nome da pessoa, a marca das sacas e o navio do embarque, para, a todo o tempo, poder ser obrigada a responder pela diferença que se-lhes achasse e provasse<sup>77</sup>.

Viu V. Excia. no lugar de Airão<sup>78</sup>, muito bem crescidos alguns pés de tabaco e acaba de ver as arrobas deste gênero<sup>79</sup> que vieram de Silves, parece que de propósito a ratificarem<sup>80</sup> o que digo que, podendo a sua cultura<sup>81</sup> fazer o interesse particular daquela povoação, pela propriedade que têm as suas terras de o produzir bem e tão bem ou melhor que o da Bahia, sem embargo das mais decisivas experiências, absorver aquela capitania consideráveis somas que esta depende em o comprar<sup>82</sup>, enquanto os seus lavradores não só não exportam uma amostra sequer do referido gênero, que tão necessário é para a negociação dos escravos na Costa de África e escravos de que tanto necessitam, mas ainda em cima se defraudam das somas importantes que com eles ganham os da capitania da Bahia.

É verdade que Sua Majestade, depois de ter considerado que a cultura do tabaco era tão útil aos lavradores como a do algodão, e depois de ter recomendado muito aos diretores, no § 25 do Diretório, que propusessem aos índios, não

<sup>77</sup> Bem sabe aquela nação que, no intuito de regular e dirigir a agricultura das colônias americanas, a confissão dos europeus que as fundaram e estabeleceram: sendo a extensão do terreno tanta e tão poucos os colonos para o cultivarem e de o fecundarem, em razão da sua fertilidade, não se devem empregar senão em plantar e colher; não os distraíndo para as manufaturas senão daqueles gêneros que em de novo se não podem exportar para as metrópoles, como por exemplo, o açúcar, o anil, o urucu [A parte que se segue está ilegível].

<sup>78</sup> “Airão” ou “Baião”?

<sup>79</sup> “Deste gênero” substitui “dele”.

<sup>80</sup> “Ratificarem” substitui “retificarem”.

<sup>81</sup> As palavras “sua cultura” estão riscadas, mas as palavras que as substituíram na entrelinha estão ilegíveis.

<sup>82</sup> “Absorver aquela [...] comprar” substitui “vem aquela a absorver desta capitania as consideráveis despesas que ela faz com a compra deste gênero”.

somente<sup>83</sup> as conveniências, mas também as honras que lhes haviam de resultar deste trabalho, à proporção das arrobas com que cada um deles entrasse na casa da inspeção. Foi servido declarar, em aviso de 16 de junho de 1761, que

Para o comércio e navegação deste estado, eram impróprios os gêneros do açúcar e do tabaco, porque tinham contra si os da Bahia e Pernambuco, estabelecidos com muito maior abundância e reputação, depois de muitos anos. Pelo que ordenava que fabricassem os lavradores<sup>84</sup> tão somente o preciso para o consumo e comércio interior dos rios e do estado.

Mas também é verdade<sup>85</sup> que, não devendo a capitania fabricar tabaco que sobre para se navegar para fora<sup>86</sup>, deve, contudo, por uma parte, calcular as quantidades necessárias<sup>87</sup> para o sobredito consumo interior, em benefício tão somente seu, e sem desmancho na harmonia do comércio das outras colônias, e, por outra parte,<sup>88</sup> fabricar as sobreditas quantidades calculadas para embolsar as somas que lhe custa o tabaco da Bahia<sup>89</sup>.

Viu que se criava a baunilha no jardim do palácio da residência de V. Excia., medrando ali tanto quanto é possível a esta planta, que tanto custa a cultivar nos jardins, aonde nem há árvores frondosas, a cuja sombra se abrigue dos raios do sol, abraçada com os seus troncos, e firmada<sup>90</sup> neles, nem a terra é banhada de água, que a baunilha até gosta que seja misturada com a salgada, porque sempre nos lugares úmidos e, muitas vezes, nos inundados das marés, a achou na Guaiana o naturalista Aublet, e eu a tenho observado pelas margens de alguns rios da ilha de Marajó e na maior parte das ilhas adjacentes a esta cidade. Até que, por estar sempre exposto ao sol e sem arrimo de árvore, creio que desfaleceu o maior pé, sem que isto sirva de objeção para deixarem os lavradores de aproveitar as terras que para nenhuma outra cultura servem, de maneira que, gênero é este de que nem razão<sup>91</sup> os mapas da exportação, pelo menos os dous últimos, de 1782 e 83.

Vê que, por maiores e muito mais exuberantes que pareçam ser as exportações do arroz, de que se exportaram no ano passado 73106 arrobas e meia,

de cacau	44201 arrobas	de óleo de cupaúba	169 canadas
de algodão	[7188 arrobas]	de mel	396 canadas
de café	1817 arrobas	de azeite de jandiroba	2 canadas
de arroz	[73106 arrobas e meia]	de aguardente de cana	47 almudes
de salsa	2726 arrobas	de farinha de mandioca	84 alqueires
de cravo grande:		de tapioca	102 alqueires
de dito <sup>92</sup> fino	330 arrobas	de carimá	5 alqueires
de dito grosso	1653 arrobas e meia	de polvilhos	312 alqueires
de algodão	7188 arrobas	de castanhas	237 alqueires
de sumaúma	16 arrobas	de gerzelim	13 alqueires
de urucu	22 arrobas e meia		

<sup>83</sup> “Somente” substituí “só”.

<sup>84</sup> “Fabricassem os lavradores” substituí “se reduzissem os lavradores a fabricar”.

<sup>85</sup> “Mas também é verdade” substituí “Porém também é verdade que o que desta ordem se segue é”.

<sup>86</sup> “Fora” substituí “o reino”.

<sup>87</sup> “Necessárias” substituí “precisas”.

<sup>88</sup> Foi riscado no texto: “fazer”.

<sup>89</sup> “Para embolsar as somas que custa o tabaco da Bahia” substituí “em embolso das somas que custam as arrobas que compra de fora”.

<sup>90</sup> “Firmada” substituí “radicada”.

<sup>91</sup> Parece fora do contexto esta expressão “nem razão”.

<sup>92</sup> De algodão [7188 arrobas], de café 1817 arrobas, de arroz [73106 arrobas e meia], de salsa 2726 arrobas, de cravo grande, do dito” substituí “1817, de salsa 2726, de cravo”. Note-se que “de algodão 7188 arrobas” aparece mais abaixo e que “de arroz [...] 73106 arrobas e meia” já está no caput do parágrafo.

A maior parte dos gêneros nomeados não passa de uma fachada de nomes para se [...] <sup>93</sup> nos frontespícios <sup>94</sup> dos mapas do comércio, se [...] não iludem senão <sup>95</sup> os homens superficiais que as importações [...] [...] significativo, quero dizer do arroz, do cacau, do algodão etc. não sendo eles [...] não produzinal <sup>96</sup> o estado a candeima [...] pode produzir é [...] as não [...] nem [...] nem a fertilidade do terreno. <sup>97</sup>

Antes confronte V. Excia. o mapa de 1783, com o de 1782 porque a achar que no 82 montaram as exportações:

<b>1- Do arroz: em 114893</b>	<b>Conhecerá logo que diminuiu a exportação:</b>
<b>2- Do cacau: em 56171</b>	<b>Do arroz: em 41787</b>
<b>4- Do café: em 2017</b>	<b>Do cacau: em 11973</b>
<b>3-<sup>97a</sup> Do algodão: em 731</b>	<b>Do café: em 200</b>
<b>5 Da sumaúma: em 161</b>	<b>Do algodão: em 127</b>
<b>E do urucu: em 43</b>	<b>Da sumaúma: em 145</b>
	<b>Do urucu: em 20 e meia.</b>

Ora, para nunca deixarem de serem avultas as exportações nunca [...] da agricultura do estado <sup>98</sup> faltaram da parte de Sua Majestade as providencias precisas. A assim tivera sido bem executado <sup>99</sup>, a instituição da companhia, segundo o espírito do alvará de 7 de junho de 1755, foi uma providencia bem entendida. A distribuição das fazendas dos jesuítas, pelo contemplados na carta régia, de 18 de junho de 1760, devia ter adiantado as famílias que se beneficiaram. <sup>100</sup> Os privilégios agrários que em diferentes tempos se concederam a favor <sup>101</sup> dos lavradores, deviam ter animado as culturas privilegiadas; porque além das que tenho especificado a favor do anil, em algumas das quais vinha incluído o cacau e a baunilha, aparece igualmente a provisão expedida em Conselho Ultramarino de 30 de julho de 1731 que suspendeu por 12 anos os direitos do café e da canela. A outra provisão do 1.º de maio de 1747 prorrogou a mesma graça por mais 10 anos. A carta régia de 29 de janeiro de 1768 continuou a prorrogá-la por outros 10. O alvará de 21 de abril de 1688 já tinha determinado que os senhores de engenho não fossem constrangidos a servirem na câmara para com as suas assistências adiantarem a agricultura e fábrica de açúcar. Não falo nas outras providências que se deram para perfeito estabelecimento das lavouras do Estado, com a criação do lugar de intendente geral da agricultura, do comércio e das manufaturas do Grão-Pará, pela carta régia de 30 de maio de 1756. A criação do lugar de índios, geral da agricultura, irreverencia pela carta régia [...] [...] o estabelecimento. E progressos das lavouras do Estado [...] [...] campos; assim a lavagem desempenhada, os [...] nomeados, que [ ] não fazerem a beca a [...] de a enxovalharem pelo campo. <sup>102</sup> A publicação do Diretório dos índios do Pará e Maranhão confirmado pelo alvará de 27 de agosto de 1758 e outras,

<sup>93</sup> O trecho *a maior parte ... para se [...]* substitui *Tudo isto não passa de uma fachada com que digo eu ao terem tantos gêneros.*

<sup>94</sup> *Nos frontespícios* estava originalmente no singular, posteriormente foi colocado no plural.

<sup>95</sup> O trecho *[...] não iludem senão* substitui *ataratam.*

<sup>96</sup> É isto mesmo?

<sup>97</sup> O trecho *as importações ... fertilidade do terreno* substitui *porque a exportação de cada um nem corresponde as muitas e muito custosas providencias que por diferentes vezes tem dado Sua Majestade, nem ao número das fazendas, extensão de terras doadas, e fertilidade dos terrenos.*

<sup>97a</sup> Os números 1, 2, 4, 3 foram acrescentados posteriormente, nesta ordem.

<sup>98</sup> O trecho *[...] da agricultura do estado* substitui *jamais.*

<sup>99</sup> *A assim tivera sido bem executado* é acréscimo marginal.

<sup>100</sup> *As famílias que se beneficiaram* substitui *muitas famílias.*

<sup>101</sup> *Concederam a favor* substitui *agrários a benefício.*

<sup>102</sup> O trecho *a criação do lugar ... pelo campo* é um acréscimo marginal.

foi, àquele tempo, o modo de pensar de [...], outra providência adequada [...] que já se propôs o reformador do estado [...] indenizá-los<sup>103</sup> que se de algumas prevenções se valem os lavradores contra as necessidades que receam as prevenções se coangustam a uma alternativa de lavouras que a suspeita somente da baixa que deram basta para as suspender ou fomentar no caso de parecerem exportáveis. De maneira que em sucedendo uma vez dar baixa o cacau porque dessa baixa, quem deu ocasião foi a sua desproporção nas lavouras, plantando todos um só gênero; como [...] eles que no ano da baixa do cacau pesou-se a dinheiro o café, seja bom ou não<sup>104</sup> e nada quase dos outros gêneros. E porque, sendo tanto o café, sem haver, por exemplo, o algodão ou outro qualquer gênero, necessariamente há de baixar o café e pesar-se a dinheiro o algodão. Tudo ao diante é algodão. Os que entendem que devem plantar de tudo para de tudo terem [...], como tudo querem tudo perdem.<sup>105</sup> Vê no tocante as matas que servindo em geral as árvores e os arbustos<sup>106</sup> silvestres de que mais constam para os fins de fazerem sombra às estradas, às fazendas e às plantações que precisam<sup>107</sup> de sombra ou arrimo de outras árvores, como o cacau e a baunilha: servindo para entreterem em distâncias proporcionadas, as lenhas que necessitam os engenhos e de que se fazem os carvões para os trabalhos das fábricas, além dos usos culinares servindo para os fins de repararem [das tivas] e do sol, umas terras tão planas como estas de entreterem a caça nos contornos da cidade, de sustentarem firmes os terrenos soltos e declives e até de demarcarem as terras<sup>108</sup> quando não há outros marcos e, tirando-se de todas elas cong[...] por meio da [...] o sal [meli] a que os franceses chamam [...] e não o compramos em portugueses de [

] e [...] [...]<sup>109</sup> e de cada uma em particular<sup>110</sup>, ora este, ora aquele gênero para [...] e para o [...] e para a navegação para a cordoaria.<sup>111</sup>

Do<sup>112</sup> castanheiro que também dá a castanha, a estopa com que se calafitam as embarcações servindo a mais [...] [...] buchas; [...] as peças etc.<sup>113</sup>

Da<sup>114</sup> monjuba depois de [...] em [...] cordas que torcem os cordoeiros do país.

Da entrecasca da embira branca assim chamada [timbó-titica [...] que é o prego do [...].<sup>116</sup>

Do tucum, da guaicima, do curaná, dos [cipós] guambá-cima e guambuí curubá para os [...] a piaçaba do rio negro; as sumaúmas [...] e vermelha [...].<sup>117</sup>

<sup>103</sup> Foi aquele tempo ... indenizá-los é um acréscimo marginal.

<sup>104</sup> No manuscrito consta a palavra *mão*.

<sup>105</sup> O trecho *os que entendem ... tudo perdem* substitui *outros que entendem que se previnem melhor, plantando de tudo um pouco como distribuem os vinte ou trinta escravos que possuem, por oito ou nove plantações diversas não fazem pouco se de cada uma delas chegam a recolher amostras significantes*.

<sup>106</sup> *E os arbustos* é um acréscimo marginal.

<sup>107</sup> *Precisam* substitui *necessitam*.

<sup>108</sup> No texto constava *terras compradas ou doadas* sendo riscado *compradas ou doadas*.

<sup>109</sup> *De todas... [...]* é um acréscimo marginal.

<sup>110</sup> *E de cada uma em particular* substitui *em particular desta ou aquela*.

<sup>111</sup> O trecho *para... a cordoaria* é acréscimo marginal.

<sup>112</sup> O copista riscou *Da entrecasca* antes de *do castanheiro*.

<sup>113</sup> O trecho *servindo... as peças etc* é um acréscimo.

<sup>114</sup> O trecho *entrecasca da* foi riscado entre estas duas palavras.

<sup>115</sup> O trecho *depois de... [...]* substitui *as fitas a que chamam embiras, para as*.

<sup>116</sup> O trecho "*timbo-titica... do [...]*" é um acréscimo.

<sup>117</sup> O trecho *do tucum... vermelha [...]* é um acréscimo.

## PARA A TANOARA<sup>118</sup>

Da casca da taniparana, os arcos para os barris.

Para as artes...<sup>119</sup>

O azeite das<sup>120</sup> castanhas da iandirobeira e o sebo dos caroços de [bicoiba] para as luzes.<sup>121</sup>

Do pau siringa, a resina a que se dá o nome de nervos de borracha.

Do jutaí, a resina de jutaicica por outro nome, goma copal.

Do pau de breu, a resina que serve de alcatrão para os calafetos das canoas, além das madeiras mais e menos apreciáveis.

Para construção<sup>122</sup>

O pau de arco para quilhas, sobrequilhas, cadastes, cintas.

O castanheiro para a mastriação inteira de uma nau, particularmente de gávias abaixo.

O pau louro para vergas mastaréis e tabuado de casas.

A maçaranduba para vigas, frechas e couceiras.

A sapucaia também para quilhas, sobrequilhas e cadastes.

O angelim e o cumaru para os liames e para o costado, o pequiá para o mesmo.

O anani para as aduelas, além de também da mesma árvore se extrair o traiti ou breu de frecha, também para as [...] mas [...] [...] que tem sobre o anani a vantagem de rachar [...] de alto a baixo sem ser preciso serrar cada uma como sucede [...] anani. O da terra firme é melhor que o da vargem<sup>123</sup>; porém um e outro apontado que seja o cutelo mesmo a mão racha por todo o comprimento que se pertende, que por essa razão serve aos naturais, [...]. É certo que se não devem cortar árvores velhas e [...] [...], mas sim as que estão em [...] [...] perfeita virilidade, tauari.<sup>124</sup>

Para marcenaria<sup>125</sup>

O pau amarelo para o traste curioso.

A sucupira uagu para bombas, cipós de âncoras e casas.

O pau roxo para diferentes obras da marcenaria.<sup>126</sup>

Os paus penima, macacauá e coatiára para o mesmo.

Sem falar de infinitos produtos que se tiram das raízes, troncos, ramos, cascas, entrecascas, gomas, resinas, folhas, flores, frutos e sementes.<sup>127</sup>

Depois que assentaram de<sup>128</sup> que as matas infeccionavam o ar pelo que assentaram<sup>129</sup> sem medida alguma deviam deitar tudo abaixo, não excetuando lugar; nem árvore que fosse útil, tanto pela sua sombra, como pelas suas produções, cortaram desde o principio e continuam a cortar e a queimar as que existem fora das [...] que nos reinos

<sup>118</sup> Este subtítulo foi acrescentado posteriormente.

<sup>119</sup> O trecho *para as artes* é um acréscimo.

<sup>120</sup> *O azeite dá-se* substitui *das sementes, ou*.

<sup>121</sup> *Sebo... de [bicoiba]* substitui *o azeite*.

<sup>122</sup> Este subtítulo foi acrescentado posteriormente.

<sup>123</sup> Variante de *várzea*.

<sup>124</sup> O trecho *também para as... virilidade, tauari* é um acréscimo marginal.

<sup>125</sup> O subtítulo foi acrescentado posteriormente.

<sup>126</sup> No manuscrito consta *marceneria*.

<sup>127</sup> Existe uma nota marginal neste ponto de leitura muito difícil.

<sup>128</sup> *De* substitui *ao ovirem*.

<sup>129</sup> *Pelo que assentaram* substitui *e que*.

polidos da França, da Alemanha, da Suécia e nas repúblicas de Veneza e de Holanda preserve a polícia das matas e do corte das madeiras, aonde tem lugar as ordenações de Portugal. Sem advertirem estes lavradores que de assim irem desbastando as árvores, destes contornos, sem providência para o restabelecimento das que são úteis, tanto importará a Sua Majestade daqui a dous dias, o [...] o castanho, por exemplo, no centro dos sertões, como não, porque montaram em tal soma as despezas do transporte desde do sertão até os portos do mar que muito maior conta fará comprar fora a mastreação do que tirá-la de semelhantes matas. Sem advertirem que de haverem cortado para lenhas e emadeiramento de casas e obras públicas, as iandirobeiras da ilha do Paquetá e outras donde algum dia tiravam aqui bem perto bastante azeite de iandiroba, seguiu-se serem agora obrigados a pagarem pelos preços de 1000 réis e 1280 a canada (medida de terra) trazendo-o de várias partes as canoas do comércio. E se seguiram-se outras desordens que só a sua ponderação relativamente a necessidade das canoas e a dificuldade da sua construção requeria nesta representação um artigo separado.

Vê que a justa admiração dos que aqui chegam, e com razão estranham a falta da hortaliça, é seguida de uma visão fátua com que pertendidos<sup>130</sup> [...] mofam<sup>131</sup> dos novos inocentes que pensam que a couve, [ordinário], a cebola, os alhos,<sup>132</sup> o repolho, a alface [...], a b[e]ringela, o espinafre e o tomate se criam nestas terras ásperas, como nas terras mimoras de Portugal. E a examinar Vossa Excelência o caso, como depende de maior trabalho o rendimento<sup>133</sup> das hortas, tudo vai parar na indolência dos hortelões que aliás não podem recolher as hortaliças com o mesmo descanso com que se recolhem a mandioca, o café, o cacau e outras produções de quase nenhum cuidado.

Donde vem que é quase desconhecida a agri[...] [...] daqueles [...] vegetais; reduz indo-se o artigo das hortaliças do Pará, simplesmente [...] [...] nas cem [...] [camp.].<sup>134</sup>

Contudo,<sup>135</sup> multiplicam<sup>136</sup> como a grama ao quiabo, ao careru e aos bredos<sup>137</sup> as quais<sup>138</sup> tenho visto por esses quintais incultos. Contudo<sup>139</sup>, a beringela, a couve, o repolho e a alface [...] <sup>140</sup>dão-se mais ou menos por<sup>141</sup> esses mesmos<sup>142</sup> quintais, segundo tratam delas para as venderem sem porém pé fora de casa. A terra<sup>143</sup> aonde quer que a cavem está revendo água<sup>144</sup> para os poços artificiais na horta do seminário principiam a crescer excelentes couves e alfaces; e pegaram bem os repolhos que se dispuseram, e sobretudo, serve de exemplo a horta do Abrantes que Vossa Excelência se dignou visitar, donde confessa ele que tem tirado repolhos de cinco e seis arráteis, e isto porque o Abrantes cava a sua terra e a estrutura amiúdo e abre os poços que necessita para a regar. Porque o Abrantes dispõe as sementes que faz vir de Portugal ou em caixões de terra ou em pequenos canteiros enquanto experimenta em pequeno o tratamento que lhes convirá<sup>145</sup> nas plantações em grande. Porque o Abrantes tem o cuidado de<sup>146</sup>

<sup>130</sup> O trecho *entendedores do clima e horticultura* colocado após *pertendidos* foi riscado posteriormente.

<sup>131</sup> *Mofam* substitui *motejam*.

<sup>132</sup> O trecho *[ordinário], a cebola, os alhos* é um acréscimo marginal.

<sup>133</sup> *Rendimento* substitui *sucesso*.

<sup>134</sup> O trecho *donde...* *[camp.]* é um acréscimo.

<sup>135</sup> Após *contudo* o trecho *a beldroega nasce aqui pelo campo* e foi riscado.

<sup>136</sup> *Multiplicam* substitui *múltipla*.

<sup>137</sup> O trecho *o quiabo, a careru e os bredos* foi ligeiramente alterado para *ao quiabo, ao careru e aos bredos*.

<sup>138</sup> *Os quais* foi acrescentado posteriormente.

<sup>139</sup> *Contudo* foi acrescentado posteriormente.

<sup>140</sup> Há uma palavra acrescentada posteriormente, mas de leitura difícil.

<sup>141</sup> A palavra *todos* foi riscada posteriormente, e se encontrava neste ponto.

<sup>142</sup> A palavra *mesmos* foi acrescentada posteriormente.

<sup>143</sup> A expressão *de per si* que se encontrava neste ponto foi riscada posteriormente.

<sup>144</sup> *Está revendo aqui* substitui *apresenta água*.

<sup>145</sup> No manuscrito constava a palavra *depois* sendo rasurada posteriormente.

<sup>146</sup> No manuscrito constava a palavra *quotianamente*.

vigiar sobre as formigas, as paquinhas e as lagartas que do menor descuido se aproveitam para em breves dias devorarem uma horta inteira.

Vê finalmente o que Vossa Excelência não creria se ouvisse e não tivesse experimentado que em uma cidade como esta, aonde não há muitos anos, segundo o que dizem os naturais que nem se comprava a laranja nem outra fruta à proporção; em uma cidade que de então para cá nem padeceu a peste nem agora se acha nas circunstâncias de um rigoroso sítio nem a estação ainda que má lhe frustou absolutamente a colheita dos frutos, não tem havido [ ]<sup>147</sup> uma só laranja<sup>148</sup> que se apresente à mesa de Vossa Excelência quanto mais às dos particulares.

Vê que a farinha de mandioca se está pegando<sup>149</sup> é paga pela a razão<sup>150</sup> de 1000 réis e de 1280 e [...] assim mesmo<sup>151</sup> é dificultosamente (me) se acha para se comprar<sup>152</sup> de maneira que os índios da Ribeira tem, se lhes estão dando em arroz<sup>153</sup> as rações<sup>154</sup> da farinha que lhe<sup>155</sup> competem<sup>156</sup>. Que pelo<sup>157</sup> mesmo preço de 1000 réis se está pagando o alqueire de feijão da terra. Que para o tesouro geral dos índios são muito limitados às remessas. Que tudo são queixas dos contratadores sobre as quebras dos dízimos e mais contratos.<sup>158</sup> É bem verdade<sup>159</sup> que na carestia deste ano influiu. [

] a seca que nela houve mas<sup>160</sup> sendo também verdade que sobre esta causa predominam outras e que isto mesmo é defeito notável na agricultura do país, não se aproveitarem os lavradores da fertilidade de um ano para prevenirem a esterilidade do outro, quais serão estas cousas que entrelaçadas com a primeira<sup>161</sup> conspiram tão uniformes para a decadência que represento.<sup>162</sup>

E examinando eu muito maduramente a natureza delas, assim como repito agora o que dizia em 1661 o jesuíta Antônio Vieira que nem todas as necessidades procediam da falta de escravos a que atribuíam os moradores da cidade, assim também não deixo de confessar que da falta deles procede uma [maior parte]<sup>163</sup> das sobreditas necessidades. Este é um principio que dito a experiência que agricultura sem agricultores é quimera.<sup>164</sup>

Foi, é e será sempre inegável a justiça em que se fundou a declaração da liberdade dos índios. Liberdade tanto mais justa quanto mais positivamente confirmada pelas sucessivas disposições da lei de 1570; da lei de 1595; da lei de 1609; da lei de 10 de setembro de 1611; da lei de 10 de novembro de 1647; da lei de 9 de abril de 1655;

<sup>147</sup> A expressão entre colchetes substitui *no seu devido tempo*.

<sup>148</sup> No manuscrito constava a expressão *pode-se assim dizer* sendo rasurada posteriormente.

<sup>149</sup> *Vê e de mandioca se está pegando* são acréscimo.

<sup>150</sup> *A razão* substitui *enormíssima quantia*

<sup>151</sup> [...] *assim mesmo* substitui *e ainda uso*.

<sup>152</sup> *É dificultosamente me se acha para se comprar* substitui *é fortuna o acha-lo porque a 1600 réis tem querido paga-la alguns, sem lhes ser possível alcançar por alguns dias um alqueire dela*.

<sup>153</sup> *De maneira... em arroz* substitui *de modo que aos índios da Ribeira tem se dado em arroz*.

<sup>154</sup> Constava *a aração* sendo substituído para *as arações*.

<sup>155</sup> *Lhe* substitui *a cada um*.

<sup>156</sup> Constava no manuscrito *compete* sendo o *m* acrescentado posteriormente.

<sup>157</sup> O copista acrescenta uma nota marginal que diz o seguinte: *antes a laranja ainda grande, mas de uma côr verdenga, o sabor dizenavido; e o [...] [...] [...] a que tudo prova a falta de cultura*.

<sup>158</sup> Há uma nota marginal nesta página do manuscrito que diz o seguinte: *as [...] é quase espontânea [...] por graça da [...] e não em [...]. Donde vem que esta fruta, sim é grande, como deve ser em razão da fertilidade dos [...]; mas a sua côr de ferdoenga, o sabor desencavido e o pergaminho dos indo[...] dos gomos; dele prova a falta que é [cultania]*.

<sup>159</sup> *É bem verdade* substitui *ora é verdade*.

<sup>160</sup> *Mas* substitui *porém*.

<sup>161</sup> O trecho que se encontrava neste ponto foi rasurado, este dizia: *mais neste, mais naquele ano*.

<sup>162</sup> Há uma nota marginal nesta página de leitura muito difícil.

<sup>163</sup> *Uma [mande p<sup>e</sup>]* substitui *a maior parte*.

<sup>164</sup> O texto possui uma nota marginal que diz o seguinte: *visto [...] os braços dos [...] [...] [...] No Brasil ou sejam [...] [...] [...] ou não*.

da lei do 1.º de abril de 1680, além das bulas dos sumos pontífices Alexandre, Paulo e a tremenda de Benedito,<sup>165</sup> expedida de 20 de dezembro de 1741 umas e outras reforçadas ultimamente pela justíssima lei de 6 de junho de 1755. Mas também é inegável que da declaração da liberdade não colheu Sua Majestade o fruto que esperava.

Esperava sem dúvida que restituindo aos índios a liberdade que se lhes devia,<sup>166</sup> não precisariam de serem forçados a chamar<sup>167</sup> o jornal dos trabalhadores para servirem de operários<sup>168</sup> nas fazendas dos proprietários que lhes pagassem.<sup>169</sup> Por isso ordenou a mesma lei última de 6 de junho de 1755 que se procedesse sobre a cobrança dos salários dos índios, verbal e executivamente pelo teor do alvará de 10 de novembro de 1647, cujo alvará também foi devogado plenamente a respeito das taxas dos salários; assim como foram devogados o capítulo 48 do antigo regimento e os alvarás de 29 de setembro de 1648 mais ativa a la[...]<sup>170</sup> e de julho de 1656. Esperava que os<sup>171</sup> convidados dos interesses que lhes propunha e dos<sup>172</sup> privilégios que lhes ampliava, tratariam de lavrar as suas terras, plantando, recolhendo e exportando cada um as produções de suas lavouras; para cujo fim havia já reforçado o § 4.º do alvará de 1.º de abril de 1680 em que ordenava que fossem senhores de suas fazendas, assim como eram nos sertões, que assinassem os governadores aos que deles descessem<sup>173</sup>, lugares convenientes para neles lavrarem sem pagarem foro ou tributo das terras, ainda que estivessem dadas de sesmaria, [exvi] do direto primário que lhe competia. Esperava que na inteligência de continuarem na mesma liberdade, [...]<sup>174</sup> em que viviam pelos sertões descessem a incorporar-se voluntariamente com os índios aldeados.<sup>175</sup> Que conspirassem todos juntos para felicidade mútua. Que por uma vez cessassem as hortidades e como a respeito dos índios nada disto sucedeu assim como se esperava o que eu atribuo em parte aos excessos dos brancos e em parte aos gênios dos mesmos índios, examinemos somente o que da liberdade de todos se seguiu aos lavradores.

Seguiu-se que no princípio ainda da agricultura do Pará quando eles mais precisavam do auxílio dos<sup>176</sup> braços escravos, muito a contrário, não só perderem as somas que tinha [desembolsado]<sup>177</sup> aqueles particularmente<sup>178</sup> que há pouco os tinham comprado, mas também que consistindo a maior parte do cabedal de alguns, em o<sup>179</sup> número de<sup>180</sup> escravos comprados para os amanhos das terras e suas lavouras com o direito que perderam ao embolso dos preços que lhes haviam custado<sup>181</sup> perderam também até as mesmas esperanças de jamais se restabelecerem. Bastaria este golpe único para decepar<sup>182</sup> a agricultura se a instituição da companhia não servisse logo de um forte escudo para suspender de algum modo o seu pleno efeito.

<sup>165</sup> Após os nomes Alexandre, Paulo e Benedito haviam os seguintes ordinais, respectivamente, 6.º, 3.º e 14.º.

<sup>166</sup> *Os que acabavam de ser escravos* é um trecho que constava neste ponto sendo rasurado posteriormente.

<sup>167</sup> *A chamar* substitui *a receber*.

<sup>168</sup> O trecho *para servirem de operários* foi acrescentado posteriormente.

<sup>169</sup> O copista acrescenta uma nota marginal que diz *eles mesmos se oferecem em servirem de operários [...] [...] sendo [...] salários [...] [...] [...] [...] pagando. [...] [...] donos os salários, [...] se [...] [...] [...] [...]*.

<sup>170</sup> *Mais ativa a la[...]* é um acréscimo marginal.

<sup>171</sup> *Os* substitui *outros*.

<sup>172</sup> *Dos* é um acréscimo.

<sup>173</sup> Assim mesmo!

<sup>174</sup> Foi acrescentada uma palavra de leitura muito difícil.

<sup>175</sup> O manuscrito possui uma nota marginal que diz: *[...] de pessoas e bens. [...] e não na mesma libertinagem de costumes.*

<sup>176</sup> *Precisavam do auxílio dos* substitui *necessitavam de serem ajudados pelos*.

<sup>177</sup> *Tinha [desembolsado]* substitui *haviam dispendidoemos comprar*.

<sup>178</sup> Em cima das palavras *aqueles* e *particularmente* constam os números 2 e 1, respectivamente.

<sup>179</sup> *Em o* substitui *no*.

<sup>180</sup> *De* substitui *dos*.

<sup>181</sup> *Que lhes haviam custado* substitui *pelos quais os haviam comprado*.

<sup>182</sup> Neste ponto constava o trecho *de todo as raízes da* que acabou sendo rasurado posteriormente.

Porque cultivar as terras [...] aumentar a colheita<sup>183</sup> das bocas que crescerem com os dous regimentos das guarnições da cidade e da praça do Macapá, os suiços e a gente de Mazagão. Como o que se entrou a seguir da falta de escravos, indolência dos índios livres e deserção dos menos domesticados, foi haver mais quem comesse e menos<sup>184</sup> quem trabalhasse. Que seria feito ao dia de hoje desta agricultura que ainda vemos se a [companhia] não tivesse por uma parte fiado os escravos àqueles que queriam ser ajudados, porém, não possuam em moeda corrente os 100000, 102000 e 150000 réis em que importavam e por outra lhes não fosse tomado em desconto das dívidas contraídas, as produções de suas lavouras; assegurando a compra dos gêneros que cultivavam. E eis aqui o segundo golpe sobre a agricultura, quero dizer, na ocasião mais crítica e urgente a extinção da companhia.

Tais foram os dous golpes fatais de que vamos experimentando os efeitos, com a diferença que o primeiro viu-se obrigado a descarregar<sup>185</sup> a seu jeito aqueles<sup>186</sup> que pelo maior vulto de seus interesses particulares medem todo o interesse público. Nenhum quis advertir portanto que extinguindo-se a companhia, sim cessavam os seus abusos, porém não cessava a necessidade dela, que corrigindo-se porém como deviam requerer também cessavam os seus abusos, mas não chegava o Estado aos termos de experimentar a sua falta. Eis que se extingue a companhia, eis que de fato nem cessam os abusos dos particulares; nem cada particular de per si<sup>187</sup> por maior que seja o seu cabedal pode<sup>188</sup> ocorrer com a satisfação devida, isto é, pronta, repetida e proporcionada sempre às necessidades públicas de um Estado inteiro. Profundemos ainda mais a falta de índios para as lavouras.

Por decreto de 7 de maio de 1774 se desmembrou do Pará<sup>189</sup> a capitania da Maranhão e recaindo logo sobre a do Pará somente o peso enorme das expedições freqüentes<sup>190</sup> com a falta de gente que atualmente envia para o Rio Negro e com que ou desertam ou fica sepultada naquele [ameteria] dos índios do Pará com o nome Mato-Grosso<sup>191</sup> de modo, enfraquecem<sup>192</sup> as povoações que <sup>193</sup> Vossa Excelência certamente sem deixar desertas, não pode Vossa Excelência tirar delas grande precisa para os [...] [...] no serviço público e particular.<sup>194</sup>

A cidade por outra parte; não pode ser servida sem índios e bastantes índios. Provam esta proposição, as duas circunstâncias seguintes. A primeira é o sítio da mesma terra, toda cortada e alagada de rios com que fica muito dificultoso o comércio humano por [...] não havendo ou de negros<sup>195</sup> ou índios assalariados para [...] por água<sup>196</sup> a carne, o peixe, a farinha e os demais viveres para o sustento de 10214 bocas que entanto montava em 1783 a povoação<sup>197</sup> da cidade. A segunda tem sido até o governo do excelentissimo antecessor de Vossa Excelência a falta de

<sup>183</sup> *Porque cultivar... a colheita* substitui *porque aumentando-se de repente a necessidade de lavrar as terras para o sustento*.

<sup>184</sup> Nesta página há a seguinte nota marginal: *sendo certo que em agricultura do aumento do trabalho bem [...] depende o aumento do produto; e que segundo a proporção desde com o número dos hão de consumi-lo, assim será cada povo mais ou menos abastado do que é necessário e útil*.

<sup>185</sup> *descarregaram no* substitui *descarregou-o*.

<sup>186</sup> *Aqueles* substitui *a subscrição daqueles*.

<sup>187</sup> Constava neste ponto do manuscrito a palavra *pode* que foi rasurada posteriormente.

<sup>188</sup> A palavra *pode* foi acrescentada posteriormente.

<sup>189</sup> Uma palavra foi rasurada aqui.

<sup>190</sup> Um trecho foi riscado aqui.

<sup>191</sup> O trecho *que ou desertam... Mato-Grosso* é uma substituição feita marginalmente.

<sup>192</sup> O trecho *de tal modo* constava neste ponto, sendo riscado posteriormente.

<sup>193</sup> A palavra *chega* foi rasurada neste ponto.

<sup>194</sup> O trecho *Certamente sem as deixas... e particular* substitui *ao extremo, de não ter os índios precisos na ribeira nem para a serviço de Sua Majestade*.

<sup>195</sup> O trecho *por [...] não... assalariados* substitui *e com estreitissima precisão ou de pretos ou de índios*.

<sup>196</sup> O trecho *para [...] por água* substitui *havendo de vir por mar*.

<sup>197</sup> *A povoação* substitui *a população*.

governo econômico<sup>198</sup> que já no tempo notava o jesuíta Vieira, porque nesta cidade uma praça de frutas e hortaliças, nem uma ribeira de peixe nem quotidianamente providos de talhos do açougue<sup>199</sup>, nem as canoas de pesca; nem um celeiro público de farinha; nem cousa alguma que determinadamente se venda em determinado lugar e por seu preço natural [...] <sup>200</sup> donde vem resultar que cada família deve ter de necessidade o mesmo que uma república; para o peixe, pescador; para a caça, caçador; para o pano, tecelão; para a farinha, lavradores; para os transportes, embarcações e remeiros; sob pena de não havendo<sup>201</sup> remeiros, não virem<sup>202</sup> ouvir missa nos domingos e dias de guarda, as famílias retiradas da cidade; não exportarem os seus gêneros, não trabalharem os engenhos pelo que respeita aos subúrbios. E se para este serviço se explicam<sup>203</sup> os índios das povoações, onde vai parar a agricultura delas? Nenhum trata de suas roças, nenhum tem casa nem estabelecimento certo. Suponha-se entretanto que o espírito do [...] do Estado de [...] muito vivo e elástico; para poupá-lo aos esforços [...] [...] as acusações, aos movimentos militares [mer] manda nos tempos das plantações e das colheitas. Vem a acontecer-lhe o mesmo que a um espírito forte em um [...] débil e [...] [...] quem dizer. Principitado mais cede na a [...].<sup>204</sup>

Ainda que se restringe<sup>205</sup> a [espace]<sup>206</sup> o tempo de serviço a que obrigam as portarias para nos 6 meses se empregar cada índio no trabalho das<sup>207</sup> roças; liberdade é esta que nenhum<sup>208</sup> consegue<sup>209</sup> porque sendo eles necessários para as reais<sup>210</sup> expedições<sup>211</sup> apenas descansam oito ou nove dias se é que descansam tanto nas suas povoações, são de novo reconduzidos para o serviço de outros seis meses sem lhes ficar tempo que empreguem na economia rústica e doméstica como devem de obrigação às suas famílias.

Sobre tudo isto<sup>212</sup> algum diretor há que os obrigue ele mesmo a serviço particular<sup>213</sup> sem a portaria devida, assim como se algum habitante deste Estado os<sup>214</sup> retém no serviço de suas casas, roças ou fazendas não lhes [...] <sup>215</sup> foram concedidos na mesma formalidade. É sem dúvida que uns e outros se esquecem das penas cominadas no bando de 2 de fevereiro de 1754 mandado lançar nesta capital por Sua Excelência o senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado; o qual ordenou que<sup>216</sup> fossem condenados a pagar além da soldada, 2000 réis por mês, a metade para o mesmo índio e a outra metade para os cativos na forma de regimento dos orfãos; como também mais trinta mil réis aplicados para a obra de um hospital para os mesmos índios, cujo bando foi ampliado pelo outro bando<sup>217</sup> de 3 de maio de 1764; ordenando nele Sua Excelência o senhor Fernando da Costa de Ataíde

<sup>198</sup> *Economico* substitui uma palavra rasurada.

<sup>199</sup> *Que existe* foi rasurado neste ponto

<sup>200</sup> O trecho *por seu preço natural [...]* substitui *determinado preço*.

<sup>201</sup> O trecho *a não terem* foi substituído por *não havendo*.

<sup>202</sup> A palavra *também* foi rasurada neste ponto.

<sup>203</sup> A palavra *explicam* substitui o trecho *tiram por portarias*.

<sup>204</sup> *Suponha-se entretanto... cede na a [...]* é um acréscimo marginal.

<sup>205</sup> A palavra *somente* constava neste ponto, sendo rasurada posteriormente.

<sup>206</sup> A [espace] substitui *ao espaço de 6 meses*.

<sup>207</sup> O trecho *para nos 6 meses... trabalho das* substitui *na inteligencia da ficarem livres os outros seis meses para trabalharem nas*.

<sup>208</sup> A palavra *nenhum* substitui *jamais*.

<sup>209</sup> Constava no manuscrito *conseguem pelo ordinário* sendo rasurado posteriormente.

<sup>210</sup> O trecho *porque sendo... as reais* substitui *porque pedindo-se incessantemente os índios para as diferentes*.

<sup>211</sup> O trecho *que se empreendem* foi rasurado.

<sup>212</sup> A expressão *sobre tudo isto* substitui *ora se*.

<sup>213</sup> O trecho *os obrigue.. particular* substitui *tire índios para o seu serviço*.

<sup>214</sup> *Os* foi acrescentado posteriormente.

<sup>215</sup> O trecho *não lhes [...]* substitui *os índios que lhe não*.

<sup>216</sup> O trecho *os que assim abrassem* foi rasurado neste ponto.

<sup>217</sup> A palavra *bando* aqui é um acréscimo.

Feive que toda a pessoa de qualquer qualidade ou condição que fossem compreendida no abominável crime de consentir no seu serviço, índios de um ou outro sexo sem os justos títulos que prescrevem as leis e ordens de Sua Majestade, além das penas impostas no sobredito bando fosse condenada em mais um mês de prisão e cinco mil réis havidos sumariamente por cada índio para o denunciante as quais penas<sup>218</sup> bem dão a entender o cuidado com que se devem comportar os diretores para se deixarem persuadir das instâncias que lhes fizerem algumas pessoas, quaisquer que elas sejam para levarem das suas povoações índios de um e outro sexo, sem que lhes apresentem portaria em forma, nem consentirem que se eternizem nos serviços deles<sup>219</sup> por mais tempo que o ordenado nas sobreditas portarias. Cuidado este que repetidas vezes tem sido recomendado por todas as ordens dos predecessores de Vossa Excelência principalmente pela circular de 30 de janeiro de 1774 e de 9 de junho de 1780.

Outra falta de polícia<sup>220</sup> em que já Vossa Excelência tem<sup>221</sup> reparado consistir na indiscriminada repartição dos índios, tendo<sup>222</sup> parecido cousa muito indiferente darem-se a um homem solteiro cinco ou seis índios e ficar sem nenhuma família numerosa; levar dous índios um soldado e ficar sem nenhum lavrador. Bem haja Vossa Excelência que tudo quer ver e examinar quanto se alega que prevenido a favor dos lavradores verdadeiramente pobres, seja branco, índio ou preto a cada difere segundo o que vê e examina e por nenhum modo, segundo as informações dos apaixonados; porque sabe que as disposições qque elas ditam são outras tantas teias de aranha que só prendem as pequenas moscas e deixam escapar os moscardos. Bem haja enfim porque averiguar as necessidades físicas do Estado, não presume de as conhecer; encerrado nos eu gabinete, como compasso na mão sobre os mapas porque está persuadido que governar um Estado<sup>223</sup> sem sair de uma casa<sup>224</sup> é receitar para hospital que se não visita. [...] os mais [felices] governos, (dita um estadista nosso) não são aqueles que têm as mais bem entendidas cabeças, senão aqueles que têm as mais bem estendidas mãos. A cabeça tem entendimento prático, e este é só o entendimento que se faz as cousas<sup>225</sup>

Terceira falta que é a da intendência da saúde que a tantos índios antecipa a morte e a que já Vossa Excelência deu a providencia possível consistiu na indiferença com que sempre se consentiu que apenas repontassem na barra desta cidade as embarcações dos negros<sup>226</sup> imediatamente surgissem nos seus ancoradouros, difundindo-se pelos moradores e particularmente pelos índios, as bexigas, o escorbuto, a sarna e outras enfermidades que até compram para as suas casas e famílias, os lavradores que compram os negros sem estas prevenções; vindo a ser cada embarcação um armazém de epidemias que muitos senhores pagam com as próprias vidas e a maior parte dos índios as concentram em si e em seus filhos e estes por outro novo círculo as vão espalhando pelas povoações onde<sup>227</sup> entram; povoações onde nem há médicos nem cirurgião que as trate com aquele melindre que requerem as bexigas, por exemplo, nos adultos.

E tomando ao seu ponto os negros<sup>228</sup> para o serviço exposto não bastam por outras duas razões: a primeira é porque sendo poucos os que anualmente desembarcam e desses mesmos poucos não vindo todos aos casais, são

<sup>218</sup> O trecho *parece que* foi rasurado.

<sup>219</sup> A palavra *deles* substitui *delas*.

<sup>220</sup> A palavra *polícia* substitui *política*.

<sup>221</sup> A expressão *por vezes* foi rasurada neste ponto.

<sup>222</sup> A palavra *tendo* substitui *havendo*.

<sup>223</sup> A palavra *Estado* substitui *reino*.

<sup>224</sup> A palavra *casa* substitui *cidade*.

<sup>225</sup> O trecho [...] *os mais... faz as cousas* é um acréscimo marginal.

<sup>226</sup> A palavra *negros* substitui *pretos*.

<sup>227</sup> A palavra *onde* substitui a expressão *em que*.

<sup>228</sup> A palavra *negros* substitui *pretos*.

muitos os que deles necessitam; poucos a quem se devam abonar; e só oito ou nove os que os podem pagar a dinheiro de<sup>229</sup> contado. Assim em 1783 foram quatrocentos e vinte e um os pretos, e duzentos e sessenta e um os pretos e cento e trinta e oito as pretas. A escravatura toda que se introduisse no estado pela junta da administração do comércio, das [...] ano de 1755 em que ela foi [...] a de ao ano de 1777 em que foi abolida, não excedeu a soma de quase 14000 escravos. A maior [...] deles [...] se deve ao dele e [...]. [...] [...] lhe [...].<sup>230</sup> A segunda é porque dos [...] se compram [...] ou já vem iscados da sarna e do escrobuto ou pouco depois estranham o clima ou se entram a metencolisar com as pensões do cativo e logo morrem. Com os que continuam a viver, perde-se tempo incrível enquanto se não familiarizam com o trabalho, com a língua e com os costumes; e jamais se consegue deles aquele aturado no remo, aquele sofrido na estação e aquela experiência, ardileza e atividade no mato que são inatas aos índios. A desculpa única que lhes acho é que no ano em que lhes podiam [...] [...] de memória a que no mesmo ano de 1775, escreveu mr., etc.<sup>231</sup>

Combine agora Vossa Excelência o que digo do número dos escravos com que escreve mr. Aublet na memória sétima que intitulou *Observations sur les Negres Esclaves*. Que os escravos se renovam todos os sete anos nas colônias que não são sadias, e todos os dez anos, ao mais tardar nas colônias, as mais sadias. Que o número dos que morrem no atravessarem o mar é muito considerável, que muitos poucos há destes infelizes que cheguem a uma idade avançada, porque os trabalhos, o constrangimento e a melancolia<sup>232</sup> lhes abreviam os dias que assim uma colônia com a parte da ilha de São Domingos que pertence à França e aonde há perto de 200\$000 escravos, necessita de 20\$000 negros todos os anos.

Importará sempre bem pouco que ou venham muitos escravos ou que<sup>233</sup> de todos quantos venham, nenhum morra ao atravessar o mar ou por alguma causa morbífica, se a respeito deles não mudarem de conduta os senhores ou seus feitores.<sup>234</sup> O que tenho a dizer neste artigo é o mesmo que na Guiana Francesa notou o citado Aublet e contentar-me-ei, portanto com traduzir as suas palavras. Sabe-se bem o modo altivo, duro e tentar-me-ei a dizer que desumano com que os negros escravos homens e mulheres são tratados nas colônias que as nações da Europa possuem na América. O francês mesmo, este povo cheio de doçura, parece mudar de caráter em se achando no estado de ter alguma autoridade sobre estes homens de uma cor diferente da sua. O que eu, porém, não posso calar são as boas qualidades destes escravos, quando ninguém os irrita e o que se pode esperar deles com confiança se se tratam como convém do seu estado com humanidade, doçura e indulgência para com as faltas e defeitos que eles têm de comum com os outros homens. Esta asserção parecerá um paradoxo aos senhores e feitores dos escravos, acusarem-nos de debochados, ladrões, mentirosos, preguiçosos e [pérfidos]. Semelhantes acusações devem perder logo uma parte de seu peso e parece<sup>235</sup> exageradas, em se refletindo que tem por autoras a pessoas que se enriquecem à proporção do trabalho destes escravos e que não há cousa tão rara como ver contentes o interesse e a avareza. Por outra parte os defeitos, os vícios mesmos e as ações más são graves, quando andam acompanhadas de circunstâncias tais como<sup>236</sup> a miséria e desesperação; e sabe-se que os escravos apenas têm o que lhes é necessário de alimentos, os mais grosseiros para fazerem o seu corpo capaz dos trabalhos de que os encarregam e que se há um senhor ou um feitor que

<sup>229</sup> Esse *de* foi acrescentado posteriormente.

<sup>230</sup> O trecho *a escravatura... [...]* é um acréscimo marginal.

<sup>231</sup> O trecho *a desculpa unica... mr., etc* é um acréscimo.

<sup>232</sup> No manuscrito consta *melencolia*.

<sup>233</sup> Esse *que* é um acréscimo.

<sup>234</sup> O trecho *fazendo que esta seja melhor do que é a que observo e censuro* foi rasurado neste ponto.

<sup>235</sup> Constava *parecem* sendo rasurado o *m*.

<sup>236</sup> A palavra *são* foi rasurada neste ponto do texto.

se faz amar, há mil por um que o mais dócil dos europeus detestaria e talvez até vingar-se dele... Quando se passa ao Novo Mundo esquece o que se tem<sup>237</sup> visto no Antigo e os que são nascidos nas Índias, nenhum conhecimento têm dos costumes dos povos da Europa. São eles porventura (falo da maior parte dos europeus) menos lascivos que os negros, talvez em um clima que os excita menos a excessor deste gênero? São menos dados a bebedice? Não nos obriga a humanidade a desculparmos nos negros a paixão pelos licores fortes? Nós que estamos vendo abusarem do vinho e dos licores ardentes os povos da Europa tendo eles aliás como têm nutrientes e fortificantes. Em um clima tão cáldo os licores são quase necessários para se poderem sustentar os violentos trabalhos do corpo, eles decipam a fadiga e restabelecem as forças... Oh, que são pérfidos, dizeivos, porém vós é que os haveis feito pérfidos, faltando-lhes a palavra e castigando-os injustamente. Qual seria o europeu a quem se roubasse ou seduzisse a mulher ou a filha que não vingasse no caso de não fazerem as leis com que se lhes administrasse justiça... Oh, que são preguiçosos; tal se não pode dizer deles nas suas terras, porque cultiva muito para sempre terem que vender em abundância a mandioca e as preparações, as batatas, o milho, o arroz etc. [...].<sup>238</sup>

Coaduna-se com a razão, o esperar destes povos depois de feitos nossos escravos, a mesma atividade que têm quando trabalham para si. E qual é o europeu que ajuntará dez jornaleiros<sup>239</sup> o qual<sup>240</sup> empreguem no trabalho, o tempo todo que devem se não estiver sempre alerta a vê-los trabalhar?

Tenho dado a ler a tradução acima para tirar esta conclusão que sendo<sup>241</sup> poucos escravos<sup>242</sup> que entram no Estado e que morrendo nele<sup>243</sup> muitos de doenças; são muitos mais os que morrem garrotados às mãos da avareza e crueldade dos senhores; a fome e a nudez são seus<sup>244</sup> males ordinários<sup>245</sup>. Não ignoro a um grande lavrador<sup>246</sup>, é preciso muito para sustentar a muitos<sup>247</sup>. Mas também sei que nas outras capitânicas de [...] <sup>248</sup>, costumam alguns senhores de engenhos repartir por seus escravos uma parte das suas terras, dando a cada um aquela geira de terra [...] ao seu estado e de solteiro ou casado aferindo de cada semana<sup>249</sup> trabalhar cada um na sua roça; donde não só tiram os escravos a farinha, o milho e o feijão preciso para o sustento deles e de suas<sup>250</sup> mulheres e seus filhos, nestes dias em que trabalham para si, mas também pelo dos três, quatro ou cinco meses em que não moem os engenhos. E o caso é que<sup>251</sup> não só se sustentam do seu trabalho<sup>252</sup> mas chegam a vender; quase todos os gêneros de lavouras, além de muitas craiçõs; até se ajuntarem as somas com que se libertam a si e seus filhos.<sup>253</sup>

<sup>237</sup> A palavra *tem* substitui *há*.

<sup>238</sup> Neste ponto, o manuscrito tem uma lacuna de várias linhas.

<sup>239</sup> A palavra *jornaleiros* substitui a expressão *trabalhadores pagos a jornal*.

<sup>240</sup> *O qual* substitui *os quais*.

<sup>241</sup> *Sendo* substitui *além de serem*.

<sup>242</sup> A palavra *escravos* substitui *negros* que por sua vez substitui *negros*.

<sup>243</sup> O trecho *que morrendo nele* substitui *além de nele morrerem*.

<sup>244</sup> A palavra *seus* é um acréscimo.

<sup>245</sup> O trecho *dos escravos que trabalham nas fazendas* que constava neste ponto do manuscrito foi rasurado.

<sup>246</sup> O trecho *a um grande lavrador é um acréscimo* é um acréscimo.

<sup>247</sup> *A muitos* substitui *como deve ser os escravos todos que necessita[m] um grande lavrador*.

<sup>248</sup> O trecho *nas outras capitânicas de [...]* substitui *obviando a esta despeza*.

<sup>249</sup> O trecho *repartir por seus escravos... de cada semana* substitui *distribuir para cada escravos as geiras de terra que ele necessita com relação ao seu estado; ferindo de cada semana um até dous dias*.

<sup>250</sup> O trecho *preciso para o sustento deles e de suas* substitui *de que se sustentam, eles, suas*.

<sup>251</sup> O trecho *por experiência certa* que se encontrava neste ponto foi rasurado.

<sup>252</sup> O trecho *só se sustentam de seu trabalho* substitui *somente tiram os pretos das terras que lavram a farinha precisa para o seu sustento*.

<sup>253</sup> O trecho *a si e a seus filhos* é um acréscimo.

Mas enfim não haviam índios e muito favor fazia a companhia em fiar os negros<sup>254</sup>. E quem diria que este mesmo benefício das fianças arruinou de certo modo a agricultura! Consistia e consiste a decência de uma senhora [...] da terra<sup>255</sup> principalmente das da cidade em sair acompanhada de quatro pretas e duas índias que bastante falta vão fazendo às operações do campo que se costumam cometer ao cuidado das mulheres; levava seis, dez e vinte escravos, um lavrador indolente que não se tira das terras nem uma<sup>256</sup> parcela por ano que a companhia recebesse em um desconto das dívidas contraídas, ficava o lavrador ativo com dous ou três e às vezes sem nenhum escravo, quando a ter achado a companhia que o lavrador<sup>257</sup> trabalhava e recolhia o que devia<sup>258</sup> recolher, atendido o número dos escravos e o sucesso da estação, não só devia prosseguir em ajudá-lo, mas em ajudá-lo a mais, com exclusiva do outro. Esta é a lei da caridade bem ordenada aquela que necessita mas continuar-lhe o benefício que abuse o necessitado é expor-se ao perigo<sup>259</sup> de o não poder fazer<sup>260</sup> a quem necessita e não abusa.<sup>261</sup>

Tão perniciosa tem sido<sup>262</sup> a falta de negros<sup>263</sup> escravos ou de índios assalariados para o progresso das lavouras. Acrescentamos<sup>264</sup> a esta causa as outras que a coadjuvam, que suposto são diferentes da primeira como diz acima as brasas encobertas.<sup>265</sup>

Acrescento<sup>266</sup> que o estabelecimento da agricultura no Pará não principiou nem foi seguido ao diante por famílias de lavradores verdadeiramente tais como são em Portugal os beirões e minhotos, e em ultramar os ilhéus, gente laboriosa, ativa e apaixonada pelas lavouras. Mas sempre interrompido por homens soltos, vadios e da classe daqueles que era preciso exterminá-los do reino e que tanto ali como aqui<sup>267</sup> só por força é que se avesam a<sup>268</sup> raras vezes se habituam ao trabalho.

E senão vejam-se as observações que fizeram<sup>269</sup> com efeito fizeram ou eram capazes de fazer sobre as terras, as plantas e modos de as cultivar, uns homens ignorantes e preguiçosos e pelos costumes depravados<sup>270</sup> de suas<sup>271</sup> vidas mais próprias para destruírem do<sup>272</sup> que para edificarem. Tomaram o exemplo dos tapuias<sup>273</sup> que é uma casta

<sup>254</sup> A palavra *negros* substitui *pretos*.

<sup>255</sup> O trecho [...] *da terra* é um acréscimo.,

<sup>256</sup> *Nem uma* substitui um trecho rasurado.

<sup>257</sup> A expressão *com efeito* constava neste ponto sendo rasurada posteriormente.

<sup>258</sup> *O que devia* substitui *tanto quanto devia*.

<sup>259</sup> O trecho *bem ordenada... ao perigo* substitui *fazer sim o benefício a quem necessita dele, mas continua-lo no caso que dele abuse o necessitado é pôr-se nos termos*.

<sup>260</sup> A palavra *depois* foi rasurada neste ponto do manuscrito.

<sup>261</sup> No manuscrito consta uma nota marginal sem nenhuma referencia de onde se deve encaixa-la. Ela diz o seguinte: *só [...] aquele [...] nas [...] [...] quem necessita e não abusa*.

<sup>262</sup> O trecho *não sei agora nem também de há pouco mais de há muito tempo a esta parte* constava neste ponto sendo rasurado posteriormente.

<sup>263</sup> A palavra *negros* substitui *pretos*.

<sup>264</sup> *Pois* foi rasurado neste ponto do manuscrito.

<sup>265</sup> O trecho *como diz... encobertas* substitui *em uma cousa se parecem com ela; em virem também de longe queimando as lavouras; mas queimando as com calor de cinza que queima sim mas não deixa ver o fogo que esconde*.

<sup>266</sup> O manuscrito possui uma nota marginal nesta página que diz o seguinte: *cada uma por [...] para a [...] a represento*. Sem nenhuma indicação de onde se complete no texto.

<sup>267</sup> *Ali como aqui* substitui *lá como nas conquistas*.

<sup>268</sup> O trecho *só por força é que se avesam a* é um acréscimo.

<sup>269</sup> O trecho *e senão... fizeram* substitui *e que observações*.

<sup>270</sup> O trecho *e pelos seus costumes depravados* substitui *e pelo instituto de suas vidas*.

<sup>271</sup> Nesta página do manuscrito consta um nota marginal sem indicação de onde se encaixa que diz: *inoculuram-se na reciproca [me] n o s americanos viciados [...]; em choque [...] alguns respeitos [...] vão os que ficavam conquistados, na agricultura particularmente [...]*.

<sup>272</sup> Esse *do* é um acréscimo.

<sup>273</sup> *Tapuias* substitui *índios*.

de gente que não tem estabelecimento certo; hoje faz aqui um roçado e<sup>274</sup> amanhã em outro lugar se a terra por si só<sup>275</sup> não produz ela pela parte não trata de os ajudar<sup>276</sup> porque vai roçar<sup>277</sup> em outra parte, a extensão do terreno é imensa e nesta mudança de uns para outros sítios<sup>278</sup> consistiu sempre a agricultura dos índios e ainda hoje consiste a de seus fiéis imitadores.<sup>279</sup>

E suposto que com a extensão da praça Mazagão se transportaram para este Estado muitas famílias, sabe Vossa Excelência que as famílias eram para adiantarem as lavouras; quando em Mazagão tinham<sup>280</sup> jamais tratado delas, nem sabiam como e quais eram e quando se faziam a Europa<sup>281</sup> quanto mais as de um mundo novo para elas, em todo o sentido; novo nas plantas, novo na cultura e mais que tudo novo na obrigação de pegar na enxada um soldado para prevenir o seu sustento; visto que não<sup>282</sup> possuíam escravos nem o dinheiro preciso para o salário dos índios.

Contudo,<sup>283</sup> em novembro de 1769 chegaram aquelas famílias de cuja expedição sabe Vossa Excelência, os desgraçados sucessos que tiveram elas por uma parte e a Fazenda Real pela outra. Contribuiu-lhe com a despesa<sup>284</sup> do<sup>285</sup> transporte de Mazagão para Lisboa; sustentando-as naquela cidade enquanto não embarcaram para esta.<sup>286</sup> Contribuiu-lhe com a outra<sup>287</sup> despesa do transporte de Lisboa para o Pará, aonde também as sustentou enquanto não foram degradadas<sup>288</sup> para os pantanais de Vila Nova de Mazagão. Contribuiu-lhes ultimamente com a despesa das casas que se lhes fizeram; chegando a importar cada uma em 200\$ ao principio; porque mais<sup>289</sup> importaram eles quando<sup>290</sup> precisa ir cortar mais longe as madeiras para a sua construção, além de sustentar à farinha, pelo tempo de um ano e as prover de arma, enxada, machado[,] verruma, serra, martelo<sup>291</sup> etc. E sem embargo de tantas contribuições nem veio a praça de Macapá a ter soldados com que contasse nem o Estado, lavradores que o enriquecessem.<sup>292</sup> Omito as exuberantes somas de dinheiro que<sup>293</sup> não sem desgosto de ver muitas delas bem mal<sup>294</sup> aplicadas. Tem uma catedral de 24<sup>295</sup> conegos, incluída 1 dignidade; 16 beneficiados colados; 12 capelães do coro e nove músicos; 4 penitenciários menores, 8 moços do coro etc, isto para uma cidade onde não há mais que duas freguesias.<sup>296</sup>

<sup>274</sup> O trecho *hoje faz ... amanhã* substitui *hoje aqui planta uma roça*.

<sup>275</sup> *Só* é um acréscimo.

<sup>276</sup> *Os ajudar* substitui *a beneficiar*.

<sup>277</sup> A palavra *roçar* substitui *plantar*.

<sup>278</sup> A palavra *sítios* substitui *terrenos*.

<sup>279</sup> O manuscrito possui ainda nesta página uma outra nota marginal que diz o seguinte: *inspecularam-nos os índios os vícios, e em si dos índios; de maneira que a algum respeito que os conquistadores foram e que [...] [...] [...] foram eles os que [ ] conquistados dito que são [...] moral, foi o mesmo que se estendeu ao físico*. Esta nota não possui nenhuma indicação de onde se encaixa no texto.

<sup>280</sup> A palavra *tinham* substitui *havam*.

<sup>281</sup> *A Europa* substitui *do reino*.

<sup>282</sup> A palavra *não* substitui *nem*.

<sup>283</sup> Nesta página consta uma nota marginal sem indicação de onde se encaixa no texto, e diz: *e os inter[...] que resultaram, quero dizer, os desig...*

<sup>284</sup> A expressão *que fizeram* foi rasurada neste ponto.

<sup>285</sup> *Do* substitui *no*.

<sup>286</sup> *Esta* substitui *a do Pará*.

<sup>287</sup> A palavra *outra* é um acréscimo.

<sup>288</sup> O trecho *degradadas para os* substitui *sepultados nos*.

<sup>289</sup> *Que isso* constava neste ponto sendo rasurado posteriormente.

<sup>290</sup> *Quando* substitui *depois que foi*.

<sup>291</sup> Consta a indicação de uma nota marginal aqui: *que partivam a [cumprida] o seu [...]*.

<sup>292</sup> No manuscrito consta *enriquecessem*.

<sup>293</sup> O trecho *Sua Majestade tem por vezes* constava neste ponto sendo rasurado posteriormente.

<sup>294</sup> Esse *mal* é um acréscimo.

<sup>295</sup> O trecho *[...] bandas; 16 benefícios calam* é um acréscimo.

<sup>296</sup> O trecho *tem uma catedral... duas freguesias* é um acréscimo.

Tem um palácio para residência dos governadores<sup>297</sup> de bons 200\$ cruzados de despesa

O manuscrito possui nesta página uma nota marginal que diz: tem um palácio de bons 200\$ cruzados de despesa para residencia dos generais que não podendo ocupá-lo todo é preciso que parte dele a deixem para habitação dos batos e sem fortaleza de mais de milhão no Macapá que ainda não foi batida e já se acha arruinada e em parte sem estas e outras despesas de aparato não ficou o Estado.

Mas sem uma fortaleza de mais de milhão no Macapá não ficou o Estado. Mas sem as ajudas de custo e sem os abonos que da Fazenda Real requeriam a agricultura e o comércio ficou desde então e ainda hoje se conservaria, se a boa e zelosa administração de Sua Excelência o senhor João Pereira Caldas não estivesse devendo o orçamento de toda a despeza voluntária em colisão com a útil e de toda a útil em colisão com a necessária. Assim consiste toda a glória do seu governo em não ter tido o valor de ver a sangue frio evaporar-se a substância em que consiste a alma do governo.

Acrescento que além da enxada e do machado, não serviu até agora nem ainda serve nas fazendas outro algum instrumento da lavoura, por mais que a sua diversidade e perfeição influa tanto como influi boa cultura e aumento da cultura<sup>298</sup> e diminuição do trabalho; principalmente nas terras que são muito extesas. Ainda hoje ignora boa parte dos naturais o que é arado, o que é charrua, quais são as suas peças, a que terrenos se deve aplicar etc. Ora, sendo certo que o uso das máquinas e dos instrumentos serve muito na Europa de poupar gente, havendo aliás mais gente lá do que nas conquistas; vê Vossa Excelência que aqui em vez de se suprir com elas a falta de escravos pelo contrário nem há escravos nem na sua falta se praticam as máquinas.

Estende-se antes nenhum caso se faz das que chamam vivas<sup>299</sup>, antes a mesma falta de máquinas que os físicos chamam mortas até as outras que eles chamam vivas. Com o boi, com o cavalo, com o jumento, reparte um lavrador da Europa o maior peso<sup>300</sup> do seu trabalho. É o boi um animal forte, mais forte que o cavalo, a quem excede na propriedade de profundar as lavouras. Custa pouco a sustentá-lo; raras vezes adoeece; pelo menos quando não trabalha por excesso ao mesmo passo que lavra, esterca a terra; no serviço de lavrar é sumamente paciente; além de tomar sobre si todo o peso da lavoura, suporta depois o peso de carros em que se transporta a colheita dela.<sup>301</sup> Ou viva trabalhando ou já não possa trabalhar de velhice nunca perde com ele o dono; porque vende<sup>302</sup> ou trata de engordar para uliti[...]<sup>303</sup> tire proveito do couro, da carne e do sebo etc.<sup>304</sup> Perguntarei agora<sup>305</sup> onde se consumiu todo aquele<sup>306</sup> gado que<sup>307</sup> foi capaz neste tempo<sup>308</sup> o objeto da representação que se fez a Sua Majestade representando-se então que ele era tanto que do Marajó podia Sua Majestade tirar todas as provisões de carne secas e salgadas de que necessitasse. Onde se consumiu todo mundo sabe, tanto durasse a pólvora e a bala, quanto duram a caça das rezes de que só se aproveitam os couros. Tempo houve em que uma leve suspeita de ser tirada uma fazenda quase extinguem o gado por sua vez. Mas está feito,<sup>309</sup> nem todo ele se extinguiu; porque já no triênio de 1756 até 1758

<sup>297</sup> O trecho *para residencia dos governadores* substitui *de residencia*.

<sup>298</sup> O trecho *e aumento da cultura e diminuição do trabalho* é um acréscimo.

<sup>299</sup> O trecho *antes nenhum... chamam vivas* é um acréscimo.

<sup>300</sup> *O maior pêso* substitui *a maior parte*.

<sup>301</sup> A palavra *dela* substitui *das lavouras*.

<sup>302</sup> A palavra *vende* é um acréscimo.

<sup>303</sup> O trecho *para uliti[...]* substitui *antes que o mate e dele*.

<sup>304</sup> Esse *etc* substitui *ou vende logo para os açougues*.

<sup>305</sup> O trecho *à vista do gado que se diz que houve no Marajó* foi rasurado neste ponto do texto.

<sup>306</sup> O trecho *consumiu todo aquele* substitui *tem consumido tanto*.

<sup>307</sup> Esse *que* substitui *quanto algum dia*.

<sup>308</sup> O trecho *capaz neste tempo* substitui *capaz de fazer*

<sup>309</sup> Nesta há uma nota marginal sem nenhuma indicação onde se encaixa que diz o seguinte: *onde se consumiu tanto gado como se diz que houve no Marajó quando se re[...]dou [...] que ele era tão [...] que bem podia [...] armázens reais de [...] a salgada que perciepem as suas*

entre bois e vacas se contaram 63\$255 cabeças. O acréscimo que tem havido para para (sic) o diante, pode-se ver no mapa do triênio de 1777 até 1779; em que montaram por todas ao número de 102\$937 cabeças. Pois se há muito mais de que<sup>310</sup> basta para ajundar as lavouras, se o preço de um boi não passa de 2\$500 réis e o de uma vaca de 1\$600 réis, quando se pode dissimular<sup>311</sup> que nem no Marajó há um só carro nem dentro desta cidade, há mais do que um particular. É que não há matas donde se tirem as madeiras para os carros.

Acrescento que o abuso<sup>312</sup> do negócio das drogas do sertão tem ido para a agricultura da Pará o mesmo que o das minas do Brasil tem mil<sup>313</sup> para a de Portugal. Porque nem por isso que de andarem os índios, a maior parte do ano, distraídos de suas povoações; dependendo da riqueza precária dos matos; se haja de seguir o enfraquecer-se a cultura dos gêneros permanentes e necessários para o seu comércio interior e exterior. Nem por isso que de não ficar na povoação uma só pessoa, a exceção do vigário e do diretor, se demolidas estão as casas dos índios, demolidades se vão conservando de uns para outros anos. Nem por isso que de não haverem braços a empregar pelos trabalhos econômicos se haja de seguir o não se poderem roçar os matos que sufocam as vilas e os lugares, nada disto é bastante para suspender a navegação das canoas de negócio em doando o [concelho] de negócios do sertão. Avisaram, por exemplo, os correspondentes de Lisboa que a 9600 se vendeu a salsa; isto basta para que todas as canoas a oito, sem ficarem as da mais pobre e a mais remota<sup>314</sup>, povoação se destinem a extração daquela droga e como todas fizeram o mesmo quando mais abundante foi a colheita, se é que o foi tanto mais rebaixado ficaram os preços.

E não satisfeitos os diretores de terem enfraquecido a cultura das terras adjacentes com as expedições dos índios para os sobreditos negócios do sertão mais<sup>315</sup> ordinariamente [...] <sup>316</sup> que ainda eles não sabem do sucesso da primeira, já empreendem a segunda, terceira e quarta<sup>317</sup> expedição; porque chegado o tempo das feitorias do óleo de cupaúba e do azeite de tartaruga, de iandiroba<sup>318</sup> da salga do peixe<sup>319</sup> e das manteigas envidam o resto. Assim se passou o ano, e porque uns foram expedidos para a manufatura das manteigas, não há na povoação um só gênero que cultivasse. Ora[...] máximas [...] tão alheios da cultura das terras, não o são menos do verdadeiro espírito do comércio, o qual [...] se aumentar, oferecer, diz o § 47 do mencionado Diretório, deve fundar-se nestes [...] verdade máxima etc.

Acrescento que sem gente ativa como<sup>320</sup> disse sem o uso dos instrumentos de lavoura e sem máquinas destinadas para os transportes e diferentes benefícios dos gêneros que constituem os fundos das exportações, a exceção dos engenhos de descascar e branquear o arroz para servir das exportações régias; outros para grandes [...] modernas; lavradores do Estado; uns para o negócio<sup>321</sup> das pequenas máquinas de descaroçar e fiar o algodão das rodas de ralar a farinha e a exceção das moendas, dos engenhos para a fábrica de açúcar. As exportações se<sup>322</sup> fazem desde os

---

*esquadras! Onde se consumiu, já o eu di[...] na participação da Viagem àquela ilha. Contudo é [...] que desde o [...] de 1777 até 1779 montavam [...] vaccum [...] 102:937 cabeças.*

<sup>310</sup> O trecho *se há muito mais de que* substitui *ainda existe o que*.

<sup>311</sup> O trecho *se pode dissimular* é um acréscimo.

<sup>312</sup> A palavra *abuso* é um acréscimo.

<sup>313</sup> O trecho *o Brasil tem mil* é um acréscimo.

<sup>314</sup> O trecho *e a mais remota* é um acréscimo.

<sup>315</sup> O trecho *do Sertão mais* é um acréscimo.

<sup>316</sup> Uma palavra de leitura muito difícil substitui a palavra *sucede*.

<sup>317</sup> *Terceira e quarta* é um acréscimo.

<sup>318</sup> O trecho *das feitorias... de tandiroba* é um acréscimo.

<sup>319</sup> *Do peixe* é um acréscimo, e logo depois o trecho *e o da fatura* foi rasurado.

<sup>320</sup> A palavra *já* foi rasurada neste ponto do texto.

<sup>321</sup> O trecho *para servir... negócio* é um acréscimo.

<sup>322</sup> A palavra *empreendem* foi rasurada neste ponto.

mais remotos sertões até esta cidade em canoas mal construídas<sup>323</sup> pouco fortificadas contra a força das correntezas; movidas sempre, quer seja entre baixos quer no alto por pequenos remos sem aparelho de remos de voga para os rios ou lugares mais fundos dos mesmos rios; vindo uma canoa a surgir neste posto, raras vezes no estado em que saiu do porto donde veio. Porque nem por isso que necessariamente hão de passar por canais estreitíssimos, como é o igarapé Meri que Vossa Excelência viu distante da cidade 19 léguas nem por isso que dentro dele hão de ficar umas em seco e outras abrir ambos em pontos de paus, raízes de árvores e troncos atravessados por cima e por baixo das canoas com notável detrimento delas e atrasamento das viagens; nem por isso digo, houve o menor cuidado de mandar cortar as árvores que ameaçam ruína, a limpar os fundos das raízes entrelaçadas; alargar os canais estreitos; e facilitar em todo o sentido a exportação dos gêneros pelos rios navegáveis e costas.<sup>324</sup>

Estas para serem freqüentemente navegadas encontram outra dificuldade na ignorância dos práticos. Tanto é verdade o que digo que vindo algum dia do Caité a farinha, o algodão e o milho; depois que se perderam duas embarcações que eram umas sumacas entregues a descrição de um sumaqueiro nem já os lavradores plantam o que a terra dá; mas o que dentro dela se pode consumir; porque não vão barcos para a exportação; sendo que praticada em tudo a prudência náutica, podem ir e voltar sem perigo as sumacas como [f]oi e voltou a que aqui se achava da Bahia e tinha vindo [do] Maranhão.<sup>325</sup>

Entretenho-me eu em ponderar a dificuldade das exportações pelos rios e costas quando são piores as que se fazem por terra! Ninguém aqui duvida que um cavalo de carga no Marajó não custa mais de 2\$ a soma total no triênio de 1758; era de 5\$018 cabeças, entre cavalos e éguas no triênio porém de 1777 até 1779, já montava ao número de 17\$352 cabeças; e vi eu por ventura no Marajó ou vê aqui Vossa Excelência que o cavalo carregue a pedra e a cal para as obras, as sacas do cacau e do café para a casa do mercador, a farinha para este ou aquele particular! Não por certo; antes se uma casa precisa de oito ou nove potes de água por dia ou há de ocupar com os nove potes, nove escravos para vir a água de uma vez; ou há de ir por ela o escravo nove vezes. Bem sabem seus senhores que um cavalo de cada vez carrega bem quatro barris. Mas este é um novo método que eles têm de remediar a falta dos escravos com a diminuição dos escravos.<sup>326</sup>

Acrescento que até ao governo da Sua Excelência o senhor José de Napolés Telo de Menezes não presidiu aos trabalhos do campo, um homem entendido neste gênero de estudos que tivesse principios e experiência e que a corte o houvesse enviado para este fim. Que é com efeito a agricultura - uma ciência que ensina a cultivar a terra em ordem, a tirar-se dela proveito possível. Pois se as produções da terra são o bem mais real que<sup>327</sup> todas as minas; o fundamento mais sólido dos estados e a verdadeira base do comércio; segue-se que a terra bem ou mal cultivada

<sup>323</sup> Constava *muito mal construídas*.

<sup>324</sup> O manuscrito possui uma nota marginal, sem nenhuma indicação onde se encaixa, que diz o seguinte: *na lei de 13 de setembro de 1748, recorreu Sua Majestade aos enganos e prejuízos que [...] do valor fixo dos gêneros, neste estado do Maranhão vindo a [comer] por igual [...] e bom comam [...] [...] os beneficiar para crescerem em [...] cai além do [...] embaraço [...] que poderia no com[...] o curso das frutas e mercancias em lugar das moedas resu[l]tado por mais comércio no Pará o cacau e no Maranhão o algodão. Pelo que mandou com o referido valor fixo dos [...] e [...].*

<sup>325</sup> Nesta página do manuscrito consta a seguinte nota marginal: *Nem se pudesse pretender os descuidos de uns e outros com a [...] que [megão] a oposição dos [...] e das correntezas ao mar e dos rios. Porque a respeito da forma das canoas ordenou a carta circular de 18 de setembro de 1773 a fossem doadas de [...] para se evitarem as alagações, [...] dos gêneros a que andaram [...] as canoas de poço e quanto ao tempo ou a menção de as [...] os diretores para esta [...] para o tinha ordenado a proced.<sup>e</sup>. Carta circular de 3 de outubro de 1769 que fosse até 25 de julho antes não pudesse ser visto [...] de agosto até os de [...] é que [ventam] os gerais que [...] a navegação de água abaixo [...].*

<sup>326</sup> Consta uma nota marginal nesta página que deve se encaixar aqui, esta diz o seguinte: *acrescentamos a fazer no § nunca faltam as providências para serem avultadas as exportações, crescente sobre a moeda. Enquanto se não [...] os prejuízos do curso dos gêneros por moeda etc, casamento dos índios etc. No § final da água se crescente as providencias do rio Negro.*

<sup>327</sup> Constava um *o* neste ponto, sendo rasurado posteriormente.

e as operações do campo bem ou mal dirigidas são as que decidem da riqueza ou indigência dos habitantes.<sup>328</sup> Perguntemos agora<sup>329</sup> a um destes lavradores em que consiste o mecanismo da vegetação. Quais são os melhores meios de beneficiar uma terra?<sup>330</sup> Que uso tem os estrumes? A que terras como quando e em que dose se deve aplicar? Quais são os melhores instrumentos da lavoura? Que defeitos tem este ou aquele? Isto não o ensina a agricultura empírica e tradicional.

Segundo ela fazer<sup>331</sup> uma roça de mandioca<sup>332</sup> é deitar um<sup>333</sup> mato a baixo à força de machado, e sem fazer caso das<sup>334</sup> extremidades dos troncos que ainda ficam por cortar, nem das raízes que estão por baixo da terra ou na sua superfície; com tanto que se lance o fogo a tudo em ordem a se desfazer tudo em cinza<sup>335</sup>, está lavrando o terreno. Não lhes importam os troncos que deixam atravessados sobre ele nem que se queimem as plantas ao ar livre; nem que a cinza passe à superfície; nem que pela superfície deixe de estar espalhada igualmente. Cava-se aqui e ali uma cova com a enxada ou com o ferro de cova se isto ainda se faz sempre ou em toda a parte e dispõem-se na terra a maniba. O que digo dela entenda-o Vossa Excelência de tudo o mais.

Mas seja eu o censor deste método<sup>336</sup>. Consulte-se outra vez o naturalista Aublet que tem toda a razão para decidir entre mim e os lavradores do país. Tinha empregado os sete anos que vão desde 1745 até 1752 em estudar em Paris o mesmo que eu na Universidade de Coimbra, a química, a mineralogia, a botânica e a zoologia antes de passar à ilha de França aonde esteve nove anos até que a 23 de julho de 1762 chegou à ilha de Caiena; e havendo publicado na sua volta a história das plantas que observou pelo espaço de dois anos no Guiana Francesa deu a ler aos europeus, na memória décima – *Les Notices pour servir al' Historie Naturelle del Iste de France. Article sur la culture.*

Cultivar a terra neste país diz ele é para assim dizer descascá-la; serve de pretexto o calor do sol que penetraria muito mais a terra se fosse mais mobilizada e se secariam as raízes das plantas. O método mais ordinário é de lançar fogo àquela parte do mato cujo terreno se pretende cultivar. A duração destes incêndios e a violência do fogo são proporcionados à quantidade do mato, à força das árvores e a sua duração. O estrume que está por baixo do mato fica secado, queimado e reduzido a cinzas; a terra de baixo da<sup>337</sup> primeira recebe diversas alterações, segundo a sua natureza e todas estas alterações lhe vão tirando as qualidades que se fazem próprias para a vegetação. É verdade que a favorecem muito os sais [alkalio] de que a combustão das árvores a proveu; porém este benefício não basta, senão para uma ou duas colheitas... As cinzas que fazem uma parte da terra com as primeiras gotas de chuvas se endurecem e o resto corre pela superfície. Se a revolvem e trazem para cima a camada inferior para a incorporarem com a superior; como as matérias desta camada foram queimadas e calcinadas pelo do incêndio não são próprias para a vegetação; donde vem a ser preciso um tempo assaz considerável para firmar estas terras, fazer com que fiquem esponjosas e que

<sup>328</sup> O manuscrito possui uma nota marginal que parece se encaixar neste ponto do texto, esta diz o seguinte: *pelo que respeita o rio Negro as mesmas desordens que se viu a Sua Excelência o senhor Francisco Xavier M. F. que elas causavam naquele [...] quando [...] estabelecimento o arraial das confederações para a diligência da demarcação [...] deram [...] o bando que mandou lançar em 15 de agosto de 1755 ordenando nele.*

<sup>329</sup> A expressão *perguntemos agora* substitui *ora perguntemos*.

<sup>330</sup> A expressão *uma terra* substitui *um terreno*.

<sup>331</sup> A palavra *fazer* substitui *plantar*.

<sup>332</sup> A palavra *mandioca* substitui *maniba*.

<sup>333</sup> A expressão *a baixo* foi rasurada neste ponto e coloca mais a frente, após a palavra *mato*.

<sup>334</sup> A palavra *nem* foi rasurada neste ponto.

<sup>335</sup> O trecho *a se desfazer tudo em cinzas* substitui *a se aproveitarem as cin[zas]*.

<sup>336</sup> O trecho *o censor deste método* substitui *o que tal censure*.

<sup>337</sup> O trecho *de baixo da* substitui *por baixo da*.

recuperem a humidade e ligação que necessitam; porém como os sais [alkalio] das cinzas, por algum tempo fazem o terreno passageiramente fértil também não cultivam estes terrenos, senão por algum tempo e em vez de recorrerem aos adubos para entreterem e a aumentarem a sua fecundidade fazem outra nova queimada cujo proveito não dura mais que o da primeira. Assim se tem destruído as matas na ilha da Martinica, não se aplicam os meios que poderiam melhorar a terra como são os estrumes e os esterco; os vegetais que cobrem a maior parte da ilha provam evidentemente que a terra é própria para a vegetação. Com o mesmo método que seguem de melhorar a terra não são mais bem sucedidos sabem que as cinzas a melhoram ou quando menos sempre fazem mais abundantes as colheitas; ajuntam aos montes as más ervas e os restos das plantas que recolheram e lançam-lhes o fogo no meio do campo. Ora como isto se faz ao ar livre dissipam-se as matérias oleosas e resinosas e o que fica sobre a terra não passa de um pouco de [salakali] que o logo se consome, se é que o não levam as chuvas e os ventos.

Para destas queimas se tirar mais proveito seria preciso cobrir e rodear de terra estes montes de imundices vegetais e deixá-los queimarem-se ao fogo lento como se pratica em diversas províncias da Europa. Conservar-se-iam os sais voláteis, os óleos, as resinas das plantas e melhorariam as terras com os seus [alkalis]. Seria preciso ajuntar-lhes os esterco e os estrumes feitos de plantas apodrecidas e consumidas que se houvessem lançado dentro de covas nas quais tivesse entrado alguma água... Seria preciso lavar a terra um pouco profundamente, empregar instrumentos mais ligeiros etc.

Até aqui o naturalista Aublet.

Nem todas as terras produzem tudo como já notou Virgílio.<sup>338</sup> Seguiu-se deste principio que a dar-se bem o tabaco na povoação de Silves donde assentam os naturais que vem o melhor, a ela se deve apropriar semelhante plantação. Que se nas margens dos rios Uacará, Capim, Guamá e entre outros rios circuvizinhos, dá-se bem a cana, de canaviais devem constar as suas lavouras. Que se Caité se distinguem as plantações da mandioca,<sup>339</sup> do algodão e do milho,<sup>340</sup> do Caité se devem recolher uns e outros gêneros. Que se é bom o cacau de Pauxis e rende mais a sua safra do que nenhuma outra, o cacau é que devem cultivar os seus lavradores. Assim plantando cada povoação<sup>341</sup> nas terras os gêneros<sup>342</sup> que nelas se dá melhor; entretém [...] do Estado pela quantidade [...] e mutuamente se sucederem todas as povoações importando bocas a que lhes falta, importando outras a que lhes sobeja.<sup>343</sup> Plantas há contudo que suposto sabemos que no Sertão é que se dão porque no Sertão as recolhemos; a necessidade que delas temos os infinitos usos para que as aplicamos e os inumeráveis perigos e despesas que é preciso vencermos para aqui as pormos de nenhuma forma nos dispensão de fazermos a diligência possível para as transplantarmos para mais perto de nós, ou seja, rementendo-se as sementes recolhidas e conservadas pelos curiosos ou transportando-se os barris, cestos ou potes de terra, as mesmas plantas em pequeno.<sup>344</sup> Por que razão se não experimentam o puxari, a salça, a parrita, o cravo fino e o grosso etc.<sup>345</sup> Uma observação é certa que a maior parte das plantas é a mesma nas terras situadas de baixo dos mesmos climas e a elevação iguais; confronte-se a elevação do lugar aonde nascem com daquele para onde as queremos transplantar; observe a terra com as circunstâncias da sua qualidade e cultura e tudo-se conseguirá sem tantas averiguações, estamos

<sup>338</sup> O copista acrescenta a seguinte nota de pé de página neste ponto: *nec vero terra ferre omne omnia possunt.*

<sup>339</sup> A palavra *mandioca* substitui *mambaça*.

<sup>340</sup> Em cima das palavras *mandioca, algodão e milho* consta os números 2, 1 e 3 respectivamente.

<sup>341</sup> A palavra *povoação* substitui *um*.

<sup>342</sup> A expressão *os gêneros* substitui *aquilo*.

<sup>343</sup> O trecho [...] *do Estado... a que tais sobeja* substitui *o comércio pela boa colheita de seus gêneros permutando aqueles de que mais abunda pelos outros de que necessita.*

<sup>344</sup> O trecho *a baunilha, já vemos que medra por todas estas margens* foi rasurado, constava neste ponto.

<sup>345</sup> Constava neste trecho *experimenta, a salça, o cravo fino e grosso* sendo posteriormente acrescentado as palavras *experimentam, o puxari, parrita e etc.*

vendo crescer nos quintais dos<sup>346</sup> curiosos<sup>347</sup> a planta aiapana que do sertão transportou o cabo Álvaro Sanches e aqui se tem experimentado ser o mais forte antídoto contra o veneno das cobras. O cacau, o café e o arroz todo o mundo sabe quanto se propagou por este Estado.<sup>348</sup>

A respeito dos engenhos, nem todos os podem ter reais com os escravos e índios percisos para plantarem a cana, para a capinarem, cortarem, conduzirem ao engenho e nele a moerem e beneficiarem até o ponto em que da sua calda se fabrica o açúcar. Parece-me portanto que em circunstâncias tais deveria ter lugar o arbítrio seguinte: de entre si conviverem os senhores de engenho reais e<sup>349</sup> das engenhocas na quantidade de açúcar que estes deveriam indenizá-los<sup>350</sup> do trabalho que os seus escravos<sup>351</sup> tivessem com a moenda da cana das engenhocas e do consumo das lenhas, uso das máquinas; etc, devendo variar para mais e menos a quantidade de açúcar que se<sup>352</sup> ajuntasse, segundo pode variar o contrato. Como se entre si conviessem em mandar o senhor do engenho real cortar-lhe a cana pelos seus escravos<sup>353</sup> e conduzirem-na estes para o engenho ou de tão somente moer-se e beneficiar-se neste a cana da engenhoca. Ficavam elas servindo para o mesmo<sup>354</sup> que agora servem<sup>355</sup> de espremerem as garapas para as águas ardentes; e consumindo-se nisto a cana plantada para este fim, reservando-se para o açúcar o melhor e o grosso das plantações. Resulta-se deste arbítrio o fabricarem todos açúcar os que têm e os que não têm muitos escravos. Porém eu tenho analisado as causas principais e acessórias da decadência que represento; por ocasião da análise que de cada uma faz em seus parágrafos separados tem Vossa Excelência visto as providências que lhes pertencem.<sup>356</sup> Resta somente mencionar outra causa de não menor influxo sobre o atrasamento da agricultura que os tenho ponderado.

Desde o princípio da conquista<sup>357</sup> se cometeram as pazes ao gentio, mas nem todo ele<sup>358</sup> as aceitou. Desarmou, Sua Majestade, por uma vez as maquinações contra a liberdade; correu o véu aos pretextos com que a avareza rebunçava as pertenças do cativo; propôs da sua parte motivos mais sólidos e urgentes para a correspondência mútua do que eram os resgates; ordenou que pelos meios de brandura se empreendessem para o diante os descimentos e tudo isto para este fim? Para que de seu modo próprio e de sua muito livre vontade descesse o gentio do sertão a incorporar-se com os índios aldeados e nas aldeias, primeiro que tudo abrisse os ouvidos ao Evangelho para que senão laçasse mais com os outros inimigos da Coroa, dando ajuda contra os brancos ou índios seus vassalos, para que não exercitassem latrocínios por mar e por terra infectando os caminhos ou impedindo o comércio e trato dos homens para suas fazendas e lavouras para que não impedisse o cumprirem os índios mansos e seus súditos, com as obrigações impostas e aceitas de obedecerem quando fossem chamados para o serviço para que enfim deixassem de comer carne humana os que tal faziam, devorando-se ao mato aos outros com notável injúria à humanidade.

Ora, pois que sem embargo disto insistisse o gentio em não descer dos sertões dano era este que sim o sentia a agricultura pela falta de agricultores; porém<sup>359</sup> dano que o gentio não tinha obrigação de reparar com o cativo;

<sup>346</sup> A expressão *que são* foi rasurada, esta constava neste ponto.

<sup>347</sup> A expressão *e prevenidos* foi rasurada neste ponto do texto.

<sup>348</sup> O trecho *o cacau... este Estado* foi rasurado e colocado à margem do texto sem se indicar o porquê disso.

<sup>349</sup> *Os* foi rasurado neste ponto.

<sup>350</sup> *Indeminaza-lo* substitui *pagar aqueles*, e neste mesmo ponto *em paga* foi rasurado.

<sup>351</sup> A palavra *escravos* substitui *pretos*.

<sup>352</sup> *Lhe* foi rasurado neste ponto.

<sup>353</sup> A palavra *escravos* substitui *pretos*.

<sup>354</sup> A palavra *uso* que se encontrava neste ponto foi rasurada.

<sup>355</sup> *Servem* substitui *tem*.

<sup>356</sup> O trecho *faz em seus... pertencem* estava originalmente no singular.

<sup>357</sup> A expressão *da conquista* é um acréscimo.

<sup>358</sup> O trecho *mas nem todo ele* substitui *porém ele nunca*.

<sup>359</sup> A palavra *porém* substitui *mas*.

mas<sup>360</sup> que não desça do sertão nem no sertão deixe de exercitar latrocínios por mar e por terra; enfeitar os caminhos; saltar o comércio e assassinar os navegantes; procedimentos são estes tão perversos e sediciosos que desafiam a justiça com que Sua Majestade deve cativar em justa guerra os que perturbam<sup>361</sup> o socego dos seus vassallos e arruinam as suas povoações.

E nunca tanto como agora nem tão perto da guarnição desta cidade cometeu o gentio as violências que comete. Ponho de parte as que fazem a tempo o mura e o mundurucu para considerar um pouco ao do apinagé, de três ou quatro fazendas sobre as margens do Tocantins viu Vossa Excelência que haviam desertado os proprietários pelas investidas que perto delas tinha dado o gentio a outras a presença de Vossa Excelência vieram no lugar de São Bernado as crianças que poucos dias antes haviam roubado da povoação os apinagés; e tão certas esperanças deles foi achar em Alcobaça que dispondo-se Vossa Excelência a comandar em pessoa a ação de os encontrarmos, refletiu depois que ao ouvirem os tiros das pessoas com que de tarde havia a fortaleza salvado a Vossa Excelência teriam medos que têm do fogo retrocedido a sua marcha. Ali se apresentou a Vossa Excelência o soldado que extraviando-se um pouco mais no mato, repentinamente se viu cercado de um magote deles e tão cercado e perseguido que só com a morte de um abriu caminho para a fuga. Mas além do que Vossa Excelência viu é boa ocasião de lembrar-se da parte que lhe deu o ajudante Manuel da Costa Vidal, comandante do Gurupá, em carta de 29 de fevereiro do corrente, a qual me fez Vossa Excelência a honra de comunicar.

Agora devo dar parte a Vossa Excelência dos insultos que tem praticado o gentio da nação mundurucu, por todo este rio do Xingu, pois tem posto a todos os habitantes ou quase todos no estado de não poderem ir às suas roças aparecendo-lhes nelas com ameaças de bastante ruína, muito principalmente na Vila de Souzel; porque entrando na sua retarguarda a fazer a descoberta do negócios da mesma povoação em bem pouca distância dela atacaram aos índios que àqueles fins se dirigiam e fazendo-se estes defender com algumas armas que se levavam; lhes puderam apanhar os sinais mais certos de seus venenosos fins horríveis corações, os quais são os que remeto a Vossa Excelência. E não deixa de ser do maior horror<sup>362</sup> o mixto com que então que se asseveram ser composto dos miolos daqueles que por sua desgraça lhes caem nas mãos, o apito dizem ser dos ossos e também dizem que os dentes são dos mesmos. A tacoara vera Vossa Excelência que fortidão tem e as pulseiras de que usam.

Ira-se, em todo o direito são inimigos da Coroa os que a injuriam, desta sorte<sup>363</sup> desolando as suas terras, roubando e matando os viajantes e os lavradores; para quando reserva Sua Majestade o declarar-lhe guerra donde com justiça lhe resultam os escravos de que necessitam seus vassallos?

Achou que tais circunstâncias era lícito o cativo e resolveu que de fato o houvesse verificadas elas a provisão em<sup>364</sup> forma de lei de 17 de outubro de 1753. Não convém a Sua Majestade com ela pelo que respeita às cláusulas do resgate nem justiça dos resgates mas convenha no artigo em que diz que é justo e por ser tal manda que haja o cativo que proceder de guerra justa. Para se saber se o é (continua a mesma provisão) há de constar que o gentio se lança com os inimigos da coroa e da ajuda contra seus vassallos. Que exercita latrocínios por mar e por terra infestando os caminhos, saltando ou impedindo o comércio e trato dos homens para as suas fazendas e lavouras cuja circunstância ao presente está mais que verificada. A mesma exceção de liberdade se acha no 1º caso dos 4 que aponta a lei de 9 de abril de 1655 e a mesma enfim no corpo de um ou outro direito.

Não quero dizer com isto que no intuito de repelir com a guerra as lesões que nos fazem o mura, o mandurucu e o apinagé, fique a cada particular o direito ou lho conceda Sua Majestade de com escravos, armas e despesas

<sup>360</sup> Agora a palavra *mas* substitui *porém*.

<sup>361</sup> A palavra *pertubam* substitui *inquietam*.

<sup>362</sup> A palavra *horror* é um acréscimo.

<sup>363</sup> O trecho *a injuriam, desta sorte* substitui *assim tratam de injuriar*.

<sup>364</sup> O trecho *de fato... provisão em* é um acréscimo marginal, e um *de* foi rasurado neste ponto do texto.

suas levar a guerra aos inimigos para com a venda dos que cativar se embolsar das despesas que fizer. Guerra seria esta que nunca mais havia de acabar; todos a [...] seriam reputados inimigos com prejuízo transcende à liberdade dos mansos; ficariam os índios para o dizer de uma vez no mesmo estado do cativo antigo e a todos os pretextos, simulações e dolos com que a malícia abusando do[s] casos em que os cativos são justos, introduz os injustos é que quis cerrar a porta a lei do primeiro de abril de 1680, porque tinha mostrado a experiência que suposto eram lícitos os cativos por justas razões de direito nos casos excetuados na lei de 655 e nas anteriores, contudo eram de maior ponderação as razões que havia em contrário para os proibir em todo o caso; que tudo foi confirmado pela lei citada de 6 de junho de 1755. O que quero é que aos capitães<sup>365</sup> gerais pertença o conhecer e informar<sup>366</sup> das lesões que [...]<sup>367</sup> e representadas que sejam a Sua Majestade passe a mesma senhora a confiar o reparo delas ao tribunal que mais [...] e mais circunspecto lhe parecer.<sup>368</sup>

Seria agora ocasião de insistir sobre um plano de reforma para companhia se [...]<sup>369</sup> me pertence mais do que dizer que se restabeleça no seu devido pé enquanto do seu restabelecimento pende a agricultura e o comércio do Estado. Na decadência em que ele se acha, relativamente aos índios ou negros<sup>370</sup> escravos para servirem de operários<sup>371</sup>, eu não vejo outro remédio senão o de mandar<sup>372</sup> Sua Majestade prová-lo<sup>373</sup> tantos casais de escravos que<sup>374</sup> bastem para serem distribuídas debaixo da inspeção de Vossa Excelência pelos lavradores verdadeiramente pobres, pertencendo<sup>375</sup> ao ouvidor geral como intendente da agricultura, examinar cada ano os sucessos das plantações de cada um para os seus produtos ir [...] qual em animais<sup>376</sup>, as parcelas, a soma em que importar a dívida dos escravos recebidos.<sup>377</sup> De se não olhar pela agricultura do país atribuindo-se<sup>378</sup> estas e outras reflexões à [...]tos<sup>379</sup> de arbitristas<sup>380</sup> não se conseguirá pouco se se conseguir que vão pairando as cousas no mesmo estado que acabo de representar.

... Sed Nil desperandum Teucro Duce Auspice Teucro.

Pará, 15 de março de 1784

Alexandre Rodrigues Ferreira

<sup>365</sup> A palavra *capit\_es* substitui *excelentissimos*.

<sup>366</sup> *E informar* é um acréscimo.

<sup>367</sup> *Que [...]* é um acréscimo.

<sup>368</sup> O trecho *ao tribunal... parecer* substitui *a corporação que muito lhe parecer*.

<sup>369</sup> [...] substitui *a respeito dela*.

<sup>370</sup> A palavra *negros* substitui *pretos*.

<sup>371</sup> O trecho *para servirem de operários* substitui *que trabalhem nas terras*.

<sup>372</sup> O trecho *se não o de mandar* substitui *que não seja o dignar-se*.

<sup>373</sup> *Prova-lo* substitui *enviar-lhe*.

<sup>374</sup> Esse *que* substitui *quantos*.

<sup>375</sup> O copista acrescenta a seguinte nota marginal, só que sem nenhuma indicação de onde se encaixa na página do manuscrito: [...] *é que sendo ativos [...] sem [...] trabalhar mas não podem*.

<sup>376</sup> O trecho [...] *qual em animais* substitui *tirar*.

<sup>377</sup> O copista acrescenta a seguinte nota marginal: [...] *e talvez seria bastante absorver dos direitos a escravatura que introduzem os negociantes [...] de ilha os dos [...] preços do Brasil caindo alguns [...] de [...]*.

<sup>378</sup> Esse *se* é um acréscimo

<sup>379</sup> [...]tos substitui *meras harengas*.

<sup>380</sup> O copista acrescenta a seguinte nota marginal, sem nenhuma indicação de onde se encaixa: *seguir-se-a [...] verificar-se o sarcasmo deque estrangeiros [...] das que nas outras [...] para se produzir dei vasto [...] e não se conseguira, etc*.

# MEMÓRIA SOBRE AS MADEIRAS

## MAIS USUAIS DE QUE COSTUMAM FAZER CANOAS, TANTO OS ÍNDIOS COMO OS MAZOMBOS DO ESTADO DO GRÃO-PARÁ<sup>1</sup>

M

uitas são as árvores que fornecem madeiras utilizadas na construção de canoas<sup>2</sup>. Essas madeiras apresentam propriedades relativas à durabilidade, à dureza e ao peso, com uma escala variável, podendo ser mais ou menos duráveis, mais ou menos duras, leves ou pesadas. As madeiras do pequiarana<sup>3</sup>, da cupiúba<sup>4</sup>, dos angelins preto, vermelho e de pedra<sup>5</sup> são pesadas, sendo a duração da primeira de três a quatro anos e dentre os angelins a do preto é a mais durável; as do pequiá-verdadeiro são muito pesadas e afundam enquanto novas, porém, vão se tornando leves com o tempo e podem durar até seis anos ou mais; as de itaúba<sup>6</sup>, cumaru<sup>7</sup>, imbirajuba, acapurana<sup>8</sup> e pequi dos igapós (alagadiços), são pesadas e duráveis; as do pau-rosa<sup>9</sup>, dos louros vermelho<sup>10</sup>, preto e amarelo são muito leves e duram quatro anos, sendo leves, também, as da faveira cumandá-guassu<sup>11</sup> ou fava grande, que são ainda utilizadas para curar impingens, as do pau-amarelo<sup>12</sup> e guariúba; as de iandiroiarua e as do bacuri<sup>13</sup> são leves e duráveis.

<sup>1</sup> Códice B, N° 21,1,29 n° 1 da BNRJ.

<sup>2</sup> A maioria das notas inseridas neste artigo são de autoria de Emília Albina Alves dos Santos e Elza Fromm Trinta e foram extraídas de FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*: Memórias (Zoologia, Botânica). [Brasília]: Conselho Federal de Cultura, 1972, p. 226-228.

<sup>3</sup> Pequiarana – Provavelmente é o mesmo que piquiarana, nome sob o qual são designadas, na Amazônia, duas espécies de Caryocaraceae, muito semelhantes entre si: *Caryocar glabrum* Pers., da terra firme e *C. microparpum* Ducke, dos igapós.

<sup>4</sup> Cupiúba – *Goupia glabra* Aubl. (Celastraceae). Esse nome vulgar provém do fato de ter essa planta um odor semelhante àquele exalado pelos cupins, quando amassados.

Árvore de até 40 metros, das mais altas da Amazônia, com ramos ascendentes, madeira nobre, folhas coriáceas, flores esverdeadas e bagas polispérmicas, pretas, de que se extrai óleo comestível; copiúba, copiúva, cupiúva, cutiúba, cutiubeira.

<sup>5</sup> Angelim de pedra – *Hymenolobium petraeum* Ducke (Leguminosae); esta espécie recebeu esse nome vulgar devido à dureza de sua madeira.

<sup>6</sup> Itaúba – *Mezilaurus Ita-Uba* (Meissn.) Taubert ex Mez. (Lauraceae).

<sup>7</sup> Cumaru ou coumarou – *Coumarouna odorata*. Variante *tetraphylla* Ducke (Leguminosae). É uma árvore da floresta de terra firme, que alcança grande altura na mata virgem e altura mediana na mata secundária. Seus frutos são chamados cumaru ou fava cheirosa no comércio amazônico e fava tonca na Guiana.

<sup>8</sup> Acapurana – Existem duas qualidades de acapurana: o das terras inundadas, *Campsiandra comosa* variante *laurifolia* (Benth.) Cowan, que no Baixo Tocantins é conhecida como capoeirana e no Baixo Amazonas como comandá-asu ou manaiara e o das terras firmes, *Batesia Horibunda* Spruce ex Benth., às vezes, também chamada tento ou tenteiro como as Osmosias. Todas essas espécies pertencem à família Leguminosae.

<sup>9</sup> Pau rosa ou louro rosa – *Aniba parviflora* (Meissn.) Mez. (Lauraceae). Sob esses nomes vulgares são conhecidas ainda outras espécies de lauráceas como: *Aniba roseodora* Docke, *Aniba terminalis* Ducke e *Ocotea costulata* (Nees) Mez; esta última é também chamada louro cânfora.

<sup>10</sup> Louro vermelho – *Nectandra rubra* (Mez) C. K. Allen (Lauraceae).

<sup>11</sup> Faveira cumandá-guassu, fava grande, fava de bolacha ou fava de impingem – *Vataires guianensis* Aubl. (Leguminosae).

<sup>12</sup> Pau amarelo – *Euxylophora paraensis* Hub. (Rutaceae). Grande árvore encontrada na floresta úmida do Pará e que fornece uma das melhores madeiras.

<sup>13</sup> Bacuri – *Platonia insignis* Mart. (Cuttiferae); seus frutos são empregados para fabricar compotas e suas sementes são oleaginosas.

As canoas podem ser feitas ainda de outras madeiras como: paracuúba<sup>14</sup>, patajuba e embirarema que são duráveis, sendo a primeira pesada e a segunda tendo a propriedade de não afundar; jacaré-iúba, leve e porosa servindo apenas para canoas de pesca e com duração semelhante à do louro comum; acajacarana, nome dado ao Rio Negro e à ponte da cidade pelos naturais da terra; tauá, leve e de pouca duração, servindo apenas para canoas de pouco porte; muirá-rema, de pouca duração; açacu<sup>15</sup>, cujo leite é tão venenoso que os rios onde essas plantas são freqüentes se tornam doentios, como, por exemplo, o Rio Japurá; jutaí<sup>16</sup>, cuja casca é usada pelo gentio pagão na construção de canoas, e fornece uma resina chamada jutaicica que significa breu ou resina do jutaí.

Todas as madeiras duras estão sujeitas a ação do puru um verme que as fura, como acontece com o angelim<sup>17</sup>, a cupiúba, o pequiá<sup>18</sup>, o cumaru, o pequiarana e a iandiroidarua, que não se verifica nas madeiras leves como o louro e a guariúba.

Qualquer uma dessas madeiras é utilizada pelos índios no fabrico de suas canoas, sem que seja preciso gasto algum, porque todo o material necessário é retirado da mata; utilizam o cipó do muruquitica, o cipó pitanga e o cipó paraná-rembo, além das embiras das mungubas branca e amarela<sup>19</sup>, do timbó titica, do guambé etc.; os fornos são de louro e uacapu<sup>20</sup>; para calafetagem é usado o breu branco<sup>21</sup> chamado sicantaã tinga ou o breu preto<sup>22</sup> chamado

<sup>14</sup> Paracuúba ou pracuúba – sob esses nomes vulgares são conhecidas várias espécies de diferentes família: Mora paraensis Ducke (Leguminosae), na região do estuário amazônico; Trichilia LeContei Ducke (Meliaceae), também chamada pracuúba da terra firme e, LeCointea amazonica Ducke (Rubiaceae), também chamada pracuúba do Baixo Amazonas ou pracuúba cheirosa.

<sup>15</sup> Açacu – Hura crepitans L. (Euphorbiaceae).

Árvore de até 30 metros, nativa da Guiana e Brasil, monóica, de folhas cordadas, flores femininas solitárias e masculinas dispostas em espigas, ambas apétalas e avermelhadas, e frutos capsulares e lenhosos; açacuzeiro, oaçacu, uaçacu.

<sup>16</sup> Jutai, jutaí ou jatobá – São assim denominadas as espécies brasileiras do gênero Hymenaea L. (Leguminosae), sendo mais difundido o nome vulgar jatobá, inclusive nas regiões onde se aplicam os dois primeiros nomes. De vez em quando, a esses nomes vulgares são acrescentados ainda adjetivos ou que designam a espécie; assim, na Amazônia, o jutaí grande ou assu corresponde à H. courbaril L. e o jutaí pequeno ou pororoca corresponde à H. parvifolia Huber.

Árvore de até 40 metros (*Hymenaea courbaril*), principal fonte para a produção de copal, nativa do México ao Brasil e comum na Amazônia, com casca tanífera, folhas com dois folíolos coriáceos, pequenas flores brancas, em cimeiras terminais, e frutos quase negros, cilíndricos, duros, com polpa farinácea, amarelo-clara, doce, nutritiva e laxante, consumida por animais silvestres e pelo homem [sinônimos: abati, abati-timbaí, algarobo, comer-de-arara, copal, jataí-açu, jataí-grande, jataí-mondé, jatobá-de-anta, jatobá-de-porco, jetaí-de-pernambuco, jetaipebaçu, jupati, jutaí-açu, jutaí-café, jutaí-catinga, jutaí-da-várzea, jutaí-do-campo, jutaí-do-igapó, jutaí-grande, olho-de-boi, pão-de-ló-de-mico, quebra-machado, trapuca]

<sup>17</sup> Angelim – Várias espécies são conhecidas por esse nome vulgar. Na Amazônia brasileira ele é aplicado, principalmente, a diferentes espécies do gênero Hymenolobium Benth., da família Leguminosae, sendo o angelim comum o Hymenolobium excelsum Ducke.

<sup>18</sup> Paqueá, piquiá ou pequiá – Caryocar villosum Pers. (Caryocaraceae). É uma das maiores árvores da Amazônia; além da madeira, são utilizados ainda os frutos, de onde se extrai uma gordura chamada manteiga de piquiá, empregada na alimentação e no fabrico de sabão.

Designação comum a várias árvores do gênero Caryocar, da família das cariocaráceas, de boa madeira, folhas trifolioladas e drupas geralmente comestíveis; pequi, piqui.

Nativa das Guianas e Brasil, de flores amarelo-claras, em racemos, e drupas subglobosas, com polpa comestível após cocção, sementes oleaginosas, também comestíveis, casca e folhas sudoríferas, e madeira própria para construção naval; ameixa-do-peru, amêndoa-de-espinho, amêndoa-do-brasil, amêndoa-do-peru, grão-de-cavalo, pequi, pequiá-etê, pequiá-verdadeiro, pequizeiro, petiá, piqui, piquizeiro, suari.

<sup>19</sup> Munguba amarela e branca – Pseudobombax sp. (Bombacaceae).

<sup>20</sup> Uacapu – Provavelmente é o mesmo que acapu, Vouacapous americana Aubl. (Leguminosae), cuja madeira é muito apreciada no Pará.

Trata-se de uma árvore que atinge 20 metros ou mais, da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea, nativa da Amazônia, de casca cinza-escura, folhas imparipenadas, folíolos de 15 centímetros, flores amarelo-douradas e vagens avermelhadas, ovóides e pontudas. Ainda é conhecida como angelim-de-folha-larga, aracuí, bracuí, pitangueira, teca-do-brasil. A espécie, por vezes incluída no gênero Andira (Andira excelsa), encontra-se ameaçada de extinção pelo uso de sua madeira de excelente qualidade e ilimitada duração.

<sup>21</sup> Breu branco, jauricica ou almécega – Sob estes nomes vulgares é conhecido o Protium heptaphyllum (Aubl.) March (Burseraceae), que é o breu branco verdadeiro, usado para calafetar embarcações. Trata-se provavelmente do sicantã tinga citado por Rodrigues Ferreira, cuja finalidade é a mesma. São ainda vulgarmente conhecidos como breu branco o Crepidospermum rholfolium Triana et Planch, e o Protium Duckel Hub., ambos pertencentes à família Burseraceae.

<sup>22</sup> Breu preto, siquiriba, sucuriúba ou sucuruba – Protium s.p. (Burseraceae).

siquiriba, produzindo esta última árvore de 150 a 180 kg de breu, e sua madeira é usada, geralmente, na fabricação dos coxos das garapas nos engenhos; o breu da jutaicica, também usado para vidrar louça; o do anani<sup>23</sup> e o da massaranduba<sup>24</sup>, misturados com um pouco dos anteriores, não necessitam de azeite.

O processo para a fabricação do breu líquido é o seguinte: derrete-se o breu e, como experiência, pinga-se um pouco numa vasilha com água; se ele está quebradiço e não pegajoso, vai se juntando ao breu derretido a manteiga de tartaruga ou o azeite do peixe boi ou o azeite de jandiroba<sup>25</sup>; se ficar muito ralo, e por essa razão não pegajoso, junta-se mais breu.

A estopa usada na calafetagem ou é a entrecasca do castanheiro<sup>26</sup>, ou a do cumati<sup>27</sup> ou a do macucu<sup>28</sup>; os mastros são feitos do tronco da embira branca<sup>29</sup> por ser leve e durável; os remos são fabricados na madeira vulgarmente chamada iapucuitanaiúá<sup>30</sup>, que significa “pau de remo” ou daquelas chamadas carapanaiúá, apitajica<sup>31</sup>, amapá<sup>32</sup> e mangauarana.

<sup>23</sup> Anani ou uanani – *Symphonia globulifera* L. f. (Guttiferae). Esta árvore produz uma resina amarela, que engrossa quando seca e é utilizada pelos índios para grudar as pontas das flechas. Depois de passar por uma série de processos, é transformada em um betume preto, que é vendido, na Amazônia, com o nome de cerol.

Em Óbidos é conhecida, também como anani, uma árvore de terra firme pertencente ao gênero *Tovomita* (Guttiferae).

<sup>24</sup> Massaranduba ou maparajuba – Sob esses nomes vulgares são conhecidas várias espécies da família Sapotaceae, pertencentes principalmente ao gênero *Mimusops* L.

<sup>25</sup> Jandiroba – *Carapa guianensis* Aubl. (Meliaceae).

<sup>26</sup> Castanheiro ou Castanha do Pará – *Bertholletia excelsa* H.B.K. (Lecythidaceae).

<sup>27</sup> Cumati – *Myrcia atramentifera* Barb. Rodr. (Myrtaceae).

<sup>28</sup> Macucu – Nos arredores de Manaus, esse nome corresponde à *Aldina heterophylla* Benth. e à *A. latifolia* Spr. ex. Benth. (Leguminosae) e, no Baixo Amazonas corresponde a IROSáceas do gênero *Licania* Aubl.

<sup>29</sup> Embira branca – Com este nome são conhecidas várias espécies da família Thymelaeaceae.

<sup>30</sup> Iapucuitanaiúá ou pau de remo – *Pseudochimarrhis turbinata* (DC.) Ducke (Rubiaceae).

<sup>31</sup> Apitajica – Provavelmente corresponde à *Swartzia acuminata* Wild. (Leguminosae), que é conhecida vulgarmente pelos nomes de pitaica, paracutaca, muracutaca e potajuca.

<sup>32</sup> Amapá – Sob este nome vulgar são conhecidas duas espécies: *Brosimum ovatifolium* Ducke (Moraceae) e *Parahancornia amapá* (Hub.) Ducke (Apocynaceae).

# MEMÓRIAS SOBRE AS PALMEIRAS DO ESTADO DO GRÃO-PARÁ

## CUJAS FOLHAS SERVEM PARA SE COBRIREM AS CASAS E PARA OUTROS USOS<sup>1</sup>

As principais palmeiras utilizadas pelos índios e brancos pobres na cobertura de suas casas são: açai, ibacaba, patauá, inajá, tucum, curuá, ubuçu, ubim, iuá-uassá, muriti, caraná, urucuri e jupati.

As coberturas feitas com folhas do açai<sup>2</sup> duram até dois anos, acamam-se melhor e são mais resistentes aos bichos, por essas razões, quando escassas, os habitantes procuram com elas cobrir, pelo menos, as cumeeiras de suas casas; do seu tronco são tiradas as ripas que os indígenas denominam iuçasas, empregadas na construção de casas, forros e frontais, cercados de quintais, varais onde é seco o peixe ou a carne e jiraus de canoas onde se coloca a carga, protegendo-a assim da umidade do casco, têm enfim toda a aplicação dada às ripas em Portugal; dos seus frutos é extraído o vinho de açai, bebida de notável consumo entre os índios, mazombos e brancos vindos de Portugal e que aqui se estabeleceram. As de ibacaba<sup>3</sup> não são muito empregadas, quer pela pouca abundância, quer pela pequena duração; do seu tronco são tiradas as ripas que se racham facilmente ao serem cortadas na largura e comprimento desejados, por essa razão, são utilizadas apenas na falta do açai e da paxiúba<sup>4</sup>; dos seus frutos é extraída uma bebida cor de leite chamada vinho de ibacaba, muito apreciada pelos índios e mazombos. As do patauá<sup>5</sup> têm também pouca duração, porém seu tronco, quando jovem, não é utilizado por ser todo coberto de grandes espinhos dos quais são fabricadas as flechas usadas nas zarabatanas e, quando adulto, embora sem espinhos, também não é aproveitável pela dificuldade de se tirar ripas retas e que não rachem; dos seus frutos se extrai uma bebida cor de leite chamada vinho de patauá. As de inajá<sup>6</sup> duram até três anos, sendo entretanto

<sup>1</sup> Códice 21,1,29, n° 4 da BNRJ.

<sup>2</sup> Açai – Palmeira cespitosa de até 25 metros (*Euterpe oleracea*), nativa da Venezuela, Colômbia, Equador, Guianas e Brasil, de estipe anelado e frutos roxo-escuros de polpa comestível, assim como o palmito. É conhecida também como açai-branco, açai-do-pará, açazeiro, coqueiro-açai, guaçaí, iuçara, juçara, palmeira-açai, palmeira-juçara, palmito, palmito, piná, piriá, tucaniei, uçaí.

<sup>3</sup> *Ibacaba* ou *bacaba* é palmeira de até 20 metros (*Oenocarpus bacaba*), de estipe ereto, com anéis escuros e outros verde-oliva, flores branco-amariladas e drupas roxo-escuras; bacabaçu, bacabão, bacaba-vermelha, bacabeira, mucumucu. Nativa da Amazônia, os frutos e a semente oleaginosos são comestíveis, do lenho e das folhas fazem-se obras artesanais, e da polpa aquosa produz-se vinho de bacaba, o iuquicé.

<sup>4</sup> Paxiúba ou baxiúba é palmeira de até 20 metros (*Socratea exorrhiza*), nativa do Equador, Guianas, Colômbia, Suriname, Venezuela, Bolívia e Brasil, especialmente em áreas alagadas, com características raízes-escoras, estipe fino e anelado, folhas pinadas e frutos ovóides, amarelo-avermelhados, consumidos pela avifauna, e cuja madeira é usada pela população ribeirinha para a confecção de bengalas e tabuados e pelos indígenas para a confecção de arcos, flechas e lanças. É também conhecida como acunã, castiçal, coqueiro-acunã, palma-de-cacho, pona, sachapona.

<sup>5</sup> *Patauá* ou *batauá* é palmeira de até 25 metros (*Oenocarpus bataua*), nativa do Peru, Colômbia, Venezuela, Guianas e Brasil, de estipe liso, folhas verde-escuras na página superior e verde-azuladas na inferior; e frutos roxo-escuros. As folhas servem para coberturas e cordas, e a madeira é usada em construções, pontas de flecha e zarabatanas; do fruto, comestível, fazem-se refresco e azeite de alto valor nutritivo, com propriedades antiasmáticas; o óleo é usado em saboaria e o palmito é comestível.

<sup>6</sup> *Inajá* é palmeira de até 20 metros (*Maximiliana maripa*), nativa do Brasil, de estipe anelado, com ótimo palmito, folhas dispostas em cinco direções, inflorescências interfoliares, frutos com polpa suculenta, comestível, e amêndoa de que se extrai óleo amarelo, também comestível. É conhecida também como anaiá, anajá, aritá, inajazeiro, maripá, najá.

utilizadas apenas as folhas jovens que são tecidas para formarem uma espécie de porta para casas, esteiras e toldos de canoas chamados tupés<sup>7</sup>; o seu fruto é comido cru ou assado. As de tucum<sup>8</sup> podem durar até dois anos e das folhas novas são feitas cordas para sustentar redes, linhas para pesca e cordéis para lancear peixes e tartarugas. A duração das coberturas feitas de curuá<sup>9</sup> e ubuçu<sup>10</sup> é dada pelo tipo de tecido, sendo o trançado miúdo mais durável que o largo; do curuá são utilizadas apenas as folhas jovens, resistindo de três a quatro anos, enquanto que aquele feito de ubuçu atinge de dez a doze anos, sendo um dos mais duráveis. As folhas de ubim<sup>11</sup>, pela sua duração de cinco a seis anos, são preferidas para coberturas de casas e toldos de canoas; são utilizadas ainda para peneirar farinha, arroz, sal etc., por se amoldarem bem dentro dos paneiros<sup>12</sup>. As coberturas feitas com as folhas do iuá-uassu [iuaguaçu = cana-do-rio grande] duram de quatro a cinco anos e são empregadas nas casas da região do Rio Solimões; seus frutos são comidos assados.

Em certas áreas não são encontradas as melhores palmeiras para coberturas; daí, utilizarem-se outras como o muriti<sup>13</sup>, o caraná<sup>14</sup> (na parte superior do Rio Negro e na Ilha Grande de Joanes ou Marajó), o uricuri<sup>15</sup> e o jupati<sup>16</sup>.

A duração das folhas do caraná é de dois anos ou pouco mais; as do urucuri são de pouca duração e seus frutos são comidos crus. Do muriti e do jupati são utilizados ainda os pecíolos e a casca que os recobre, sendo que esses pecíolos, depois de descascados, são empregados na confecção de velas para canoas, bastidores, forros de casas, rolhas para frascos, e da casca são tecidos paneiros onde é guardada a farinha, o arroz, o sal etc., tipitis<sup>17</sup>, tupés e outros tipos de cestos; dos frutos do muriti é extraída uma bebida chamada vinho de muriti e suas sementes são comidas quando verdes.

<sup>7</sup> A tupé costuma ser feita também de talos de embaúba-puruma, ainda hoje, e usada para secar ao sol produtos da lavoura.

<sup>8</sup> *Tucum* é palmeira de até 10 metros (*Astrocaryum vulgare*), nativa da Colômbia, do Peru, das Guianas e do Brasil, de estipe anelado, grandes folhas e frutos amarelos; aiará, avará, coqueiro-tucum, cumari, cumbari, cumbarim, curuá, tucumarana, tucuari, tucumã, tucumã-piranga, tucum-bravo, tucum-do-amazonas. É explorada ou cultivada por seu palmito, pela fibra das folhas, e pelos frutos comestíveis, dos quais se extrai óleo, rico em vitamina A, us. como manteiga vegetal, em saboaria, medicamentos e cosméticos.

<sup>9</sup> *Curuá* ou *palha preta* é planta terrestre (*Ananas lucidus*) da família das bromeliáceas, nativa da Venezuela, Guiana Francesa e Brasil, de folhas eretas de bordo inteiro e pungentes, e escapo alongado; fornece fibra usada pelos índios.

<sup>10</sup> *Ubuçu* ou *buçu* é palmeira de até 10 metros (*Manicaria saccifera*), nativa da América tropical, com estipe que conserva as bainhas dos pecíolos secos, folhas de 2 a 8 metros, eretas, lanceoladas, com ápice bífido, inteiras ou partidas, espata fusiforme e drupas escamosas. É conhecida também como globosas ou bilobadas ou trilobadas; coqueiro-buçu, tucuri, turiri, tururi.

<sup>11</sup> Ubim ou ubi é designação comum a algumas palmeiras, especialmente dos gêneros *Bactris* e *Geonoma*.

<sup>12</sup> *Paneiros* são cestos grandes com alças.

<sup>13</sup> Muriti ou buriti é palmeira muito alta (*Mauritia flexuosa*), nativa de Trinidad e Tobago e do Norte da América do Sul, com estipe geralmente flexuoso, drupas de 3 a 5 cm, revestidas de escamas triangulares castanho-avermelhadas, e polpa amarela, doce e, como a semente, muito oleaginosa. É conhecida também como buriti-do-brejo, carandá-guaçu, carandaí-guaçu, coqueiro-buriti, itá e palmeira-dos-brejos. Fornece palmito saboroso, fécula e madeira; dos frutos extrai-se óleo comestível, também usada para amaciar e envernizar couro, e do estipe e das inflorescências imaturas faz-se refresco e, após fermentação, o vinho de buriti.

<sup>14</sup> Caraná é palmeira de até 15 metros (*Mauritia carana*), nativa da Colômbia, Venezuela e Brasil, de estipe fibroso e folhas us. pelos índios como cobertura de suas habitações, também denominada como caranha, muí, palmeira-leque-do-rio-negro, tinamalu.

Há outra espécie de caraná que é palmeira cespitosa (*Mauritiella aculeata*) de até 10 metros, nativa da Colômbia, Venezuela e Brasil, com palmito comestível, folhas usadas em coberturas de habitações rústicas e em trabalhos trançados, e bagas ovóides, cinza-esverdeadas ou avermelhadas, de que se faz suco refrigerante, tônico e com propriedades medicinais. Esta caraná é denominada também como buritirana, caiauí, caiaué, caiué, caraná e carandaí.

<sup>15</sup> *Uricuri*, *ouricuri* ou *urucuri* é palmeira de até 10 metros (*Syagrus coronata*), nativa do Brasil, de estipe com cicatrizes dos pecíolos em espiral e de cuja medula se produz farinha, folhas penatífidas, que servem como cobertura e para extração de fibras us. em chapéus, e frutos globosos, de tom ocre-escuro, comestíveis, usada como ração, para extrair cera e o óleo da semente, que cura feridas produzidas por arraiais.

<sup>16</sup> Jupari é palmeira solitária ou cespitosa de até 15 metros (*Raphia taedigera*), de folhas penadas, flores de coloração verde-oliva, frutos elipsóides com escamas marrom-claras e sementes de que se extrai óleo, usada em fricções, no tratamento de gota, reumatismo e paralisia. Nativa da Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia e Brasil, é usada pelos indígenas no fabrico de um instrumento musical e os estipes e as folhas em construções rústicas.

<sup>17</sup> *Tipiti* ou *tapiti* é cesto cilíndrico de palha em que se põe a massa de mandioca para ser espremida.

Além dessas palmeiras há outras que não são utilizadas para coberturas de casas, embora tenham outras aplicações. Entre elas temos: as de tucumá<sup>18</sup>, mocajá<sup>19</sup>, murumuru<sup>20</sup>, iaxitara<sup>21</sup>, jará<sup>22</sup>, pupunheira<sup>23</sup>, paxiúba<sup>24</sup>, iaguari e piaçaba<sup>25</sup>.

<sup>18</sup> *Tucumá* ou *tucumã* é palmeira de até 20 metros (*Astrocaryum aculeatum*), geralmente solitária, de estipe com faixas de espinhos negros, folhas ascendentes, inflorescência ereta, e frutos amarelos com tons avermelhados. É também conhecida como acaiúra, acuiuru, coqueiro-tucumã, tucum, tucumã-açu, tucumã-arara, tucum-açu, tucumã-da-terra-firme, tucumã-uaçu, tucumã-piririca, tucumã-purupuru, tucum-do-mato. Nativa da Colômbia e de Trinidad ao Brasil, é explorada ou cultivada por seu palmito e frutos comestíveis, pelo óleo das sementes, usado em cozinha, e também pelas folhas, das quais se extrai fibra de tucum, us. em redes e cordas que resistem à água salgada.

<sup>19</sup> *Mocajá*, *mucajá* ou *coco-de-catarro* é palmeira que atinge de 10 a 15 metros (*Acrocomia aculeata*), nativa da Costa Rica, Panamá, Colômbia, Venezuela, Dominica, Martinica e Brasil, de aspecto muito variável, geralmente de tronco ereto, robusto, revestido de espinhos finos, e drupas globosas, de um tom amarelo-pardacento. Ainda é conhecido como bocaiúva-de-são-lourenço, bocaiúva-dos-pantaneais, macaibeira, macajubeira, macauveira, mucajá-mirim, mucajá-pequeno, mucajazeiro, mucajeiro. As folhas são forrageiras, com propriedades lactígenas, também usadas para extração de fibras têxteis, brancas e sedosas, de que se fazem redes e linhas de pesca, e dos pecíolos fabricam-se balaços e chapéus; o palmito é de excelente qualidade, e a polpa do fruto é doce, dela se extrai gordura com propriedades medicinais e, da amêndoa, óleo de qualidade superior.

<sup>20</sup> *Murumuru* é palmeira solitária ou cespitosa (*Astrocaryum murumuru*), nativa do Brasil, com estipe subterrâneo, curto ou de até 15 metros, recoberto de longos acúleos, folhas penadas e frutos ovóides amarelos, com cheiro e gosto de melão, fonte de alimento da fauna. É conhecida também como caicumana, uanapo e uicungo. As folhas e o tronco são usados na construção de casas, o palmito é comestível e das sementes se extraem óleo e gordura branca usada na saboaria.

<sup>21</sup> *Iaxitara* ou *jacitara* é designação comum às plantas, geralmente escandentes, do gênero *Desmoncus*, da família das palmas. Entre elas, podem ser descritas aqui a palmeira (*D. riparius*) nativa do Suriname e Brasil, com folhas penadas, aculeadas, de que também se extrai fibra usada em obras trançadas, e frutos elípticos, assim como a palmeira escandente (*D. orthacanthos*), nativa da Guiana, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Trinidad, Suriname e Brasil, de cuja estipe se obtém vime, usado na confecção de cestos, os frutos são drupas globosas vermelho-alaranjadas, também denominada jequitá, matamba, palmeira-do-brejo, rabo-de-iguana, uaiapé, urumbamba.

<sup>22</sup> *Jará* é palmeira de até 5 metros (*Leopoldinia pulchra*), que ocorre nas margens arenosas dos igapós e igarapés de águas negras da Colômbia, Venezuela, Guianas e Brasil, com estipe e pecíolos de que se extraem fibras para obras trançadas, folhas penadas, arqueadas, e frutos castanho-avermelhados, globosos e achatados.

<sup>23</sup> *Pupunheira* ou *pupunha* é palmeira de até 20 metros (*Bactris gasipaes*), nativa da América Central à Amazônia, solitária ou cespitosa, estipe com anéis de espinhos, folhas verde-escuras, também armadas, com espinhos pretos, e frutos de polpa fibrosa, vermelho-amarelados, verde-amarelados ou ocre. É denominada também como palmeira-pupunha, pirajá-pupunha, popunheira, pupunha-marajá, pupunha-piranga, pupunha-verde-amarela, pupunheira, pupunheiro e tapiré. Amplamente disseminada no Brasil pelo fruto saboroso e nutritivo, consumido após cozimento, e que, assado, fornece farinha, pela amêndoa, de que se extrai óleo, e pelo palmito comestível.

<sup>24</sup> *Paxiúba* é palmeira de até 20 metros (*Socratea exorrhiza*), nativa do Equador, Guianas, Colômbia, Suriname, Venezuela, Bolívia e Brasil, especialmente em áreas alagadas, com características raízes-escoras, estipe fino e anelado, folhas pinadas e frutos ovóides, amarelo-avermelhados, consumidos pela avifauna, e cuja madeira é usada pela população ribeirinha para a confecção de bengalas e tabuados e pelos indígenas para a confecção de arcos, flechas e lanças. É também conhecida como acunã, castiçal, coqueiro-acunã, palma-de-cacho, pona e sachapona.

<sup>25</sup> *Piaçaba* ou *piacava* é palmeira (*Attalea funifera*) nativa do Brasil, de estipe liso e cilíndrico, desde subterrâneo até 15 metros, folhas eretas, verde-escuras, com pecíolo longo, e frutos comestíveis. Também se denomina coqueiro-piaçaba, japeraçaba, pau-piaçaba, piaçabeira, piaçaveira e vai-tudo. A fibra dura e flexível é extraída das margens dos pecíolos e usada na confecção de vassouras e escovas; as sementes fornecem marfim-vegetal.

# MEMÓRIA SOBRE AS PALMEIRAS

SÃO AS PALMEIRAS QUE EU VI,  
E ME INFORMARAM OS PRÁTICOS, QUE HAVIAM,  
NAS MATAS DO ESTADO DO GRÃO-PARÁ<sup>1</sup>

As palmeiras vistas por Alexandre Rodrigues Ferreira e que, segundo lhe informaram os gentios, haviam no Estado do Grão-Pará, são as seguintes: uaçai-uaçu, uaçai-mirim, bacaba ou iucana, bacaba pequena ou iucana-mirim, patauí, tucumá-uaçu ou grande, tucumá-mirim ou pequeno, tucumái [ou tucumái], tucum, mocajá, muturim, murumuru, mumbaca, marajá-uaçu ou grande, marajá-mirim ou pequeno, pupunha-uaçu ou grande, pupunha-mirim ou pequena e paxiúba-uaçu.

Uaçai-uaçu [ou assai-uaçu] – nasce nas várzeas e em lugares úmidos nas margens dos rios; atinge 15 metros de altura e 44 a 66 centímetros de diâmetro. Suas folhas são estreitas, resistem de dois a três anos e são utilizadas, na falta de outras mais duráveis, para coberturas das casas dos tapuias e brancos pobres; por serem pouco penetráveis pelos bichos, são procuradas para cobrir pelo menos as cumeeiras das casas. Do seu tronco que é liso, são tiradas as ripas, chamadas pelos mazombos<sup>2</sup> e índios de iuçasas, usadas para forrar essas cumeeiras; sobre esse forro são colocadas as telhas ou folhas de palmeiras e um estuque entremeado de folhas secas; este processo é empregado para impedir a passagem da umidade, dos morcegos, baratas e ratos, uma vez que, todas as casas são de telha vã; essas ripas, também usadas em canoas, têm toda a utilidade de uma cobertura ou reparo; são sobrepostas às folhas de palmeiras com a finalidade de as manter unidas, evitando que o casco sofra o pisoteamento da tripulação e impedindo que a carga absorva umidade; servem ainda para cercados de quintais, currais de peixe ou cacuris<sup>3</sup> e tendais ou jiraus para secar peixe, carne, café, cacau etc. Da bainha das folhas é extraído o palmito, do qual se faz uma salada chamada salada de uaçai que é temperada com azeite, vinagre e principalmente pimenta em pó; é aproveitado também para pastéis, tortas e como hortaliça, sendo cozido com a carne; seu gosto é de erva, um pouco adocicado e admite toda a qualidade de temperos. Dos frutos se extrai o vinho de uaçai, de notável consumo e feito da seguinte maneira: esfregam-se os coquinhos em água fria ou morna para maior rapidez da operação e, obtém-se uma tinta vinosa, que adoçada ou não com açúcar, produz uma bebida oleosa e um tanto amarga, com sabor de erva e que quando tomada em grande quantidade depois do jantar, causa indigestões. Os fabricantes desse vinho gastam 20 réis e o vendem a 320 e 400 réis, sem outras despesas além do gasto com a pequena porção de farinha usada para engrossá-lo. Os frutos servem ainda como alimentos dos cujubis<sup>4</sup>, mutuns<sup>5</sup> e jacus<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Códice 21,1,15 da BNRJ.

<sup>2</sup> *Mazombo* é o filho de estrangeiros, principalmente de portugueses, que nasce no Brasil.

<sup>3</sup> *Cacuri* é a tapagem de duas bocas, usada para aprisionar peixes que sobem ou que descem o igarapé. Essas tapagens têm forma circular e com uma abertura estreita.

<sup>4</sup> *Cujubi*, *cajubi* ou *cujubim* é ave galiforme da família dos cracídeos (*Pipile cujubi*), encontrada em matas ribeirinhas, com quatro subespécies que se substituem geograficamente na América do Sul, de até 74 centímetros de comprimento, coloração geral negra e branca, cara nua, topete e barbela característicos.

<sup>5</sup> *Mutum* é designação comum às aves galiformes da família dos cracídeos, florestais, dos gêneros *Crax* e *Mitu*, com várias espécies ameaçadas de extinção, de plumagem geralmente negra, topete com penas encrespadas ou lisas e bico com cores vivas.

<sup>6</sup> *Jacu* é designação comum às aves galiformes da família dos cracídeos, gênero *Penelope*, arborícolas, que possuem garganta nua com barbela viva-

Uaçáí-mirim [ou açáí-mirim] – tem todas as propriedades da antecedente, diferindo apenas por não crescer tanto e por seus frutos serem um pouco menores.

Bacaba ou iucana – cresce em terra firme. Suas folhas têm a mesma disposição que as do uaçáí, sendo, porém, um pouco mais largas e como estas são empregadas para toldos de canoas e coberturas de casas, na falta de outras palmeiras. Seu tronco tem a mesma aplicação que o do uaçáí, sendo utilizado na falta deste último ou da paxiúba, que são mais duráveis. Frutifica de março a maio e dos seus frutos se extrai tanto o azeite como o vinho de bacaba. No preparo do primeiro cozinham-se e escorrem-se os coquinhos de um dia para o outro até ficarem sem umidade, depois são socados num pilão até serem reduzidos a uma massa que é espremida no tipiti; o óleo que escorre é tão claro e doce como o azeite de oliva e como ele, empregado para temperar alimentos sem deixar cheiro ou sabor desagradável. O vinho é preparado pelo mesmo método daquele usado para o uaçáí e como ele causa os mesmos ou maiores distúrbios; é uma bebida cor de leite e com sabor muito oleoso. Dos seus frutos também se alimentam os kujubis, jacus e mutuns.

Bacaba pequena ou iucana-mirim – tem as mesmas propriedades e usos da anterior, diferindo apenas por não atingir a mesma altura e por seus frutos serem um pouco maiores.

Patauá – cresce em terra firme. Suas folhas são pouco usadas em coberturas de casas e, somente utilizadas na falta de outras. O tronco jovem não tem serventia por ser crivado de agudíssimos espinhos, dos quais são fabricadas as flechas ou setas envenenadas disparadas pelas zarabatanas; o tronco adulto, sem espinhos, tem aplicação idêntica aos de bacaba e uaçáí, sendo utilizado na falta destes. Frutifica de março a maio. Do mesmo modo que os da bacaba, os frutos produzem azeite e vinho de idêntica qualidade; servem também como alimento para os kujubis, mutuns, jacus etc.

Tucumá – há três variedades de tucumá: tucumá-uaçu ou grande, mirim ou pequeno e tucumá<sup>7</sup>, que nasce nas matas de terra firme, diferindo entre si pela altura que atingem e tamanho dos frutos, que são amarelos quando maduros.

Tucumá-uaçu ou grande – as folhas jovens não são aproveitadas para coberturas de casas por possuírem agudíssimos espinhos nas margens; são utilizadas, entretanto, para confecção de baús, tabuleiros, bandejas, pequenos cestos ou igaçauas, chapéus, balaios etc. As índias mais hábeis nesse trabalho habitam a Vila de Santarém, no Rio Tapajós, a Vila de Alter do Chão, de Óbidos, a Vila Franca, de Alenquer etc.; os espinhos de jaramacaru, que é uma variedade do “cactus de Linz”, são usadas por essas rendeiras como alfinetes. Seu tronco não é utilizado por ser cheio de espinhos. Frutifica de março a maio. Dos seus frutos é extraído o vinho de tucumá, pelo seguinte processo: enterram-se os coquinhos cobertos de cinza e, depois de amolecidos, são socados num pilão; a massa obtida é desfeita em água e coada numa peneira ou gurupema [ou urupema], formando uma bebida amarela e adocicada, muito apreciada na cidade do Pará e vendida nas ruas pelas mulheres negras. As sementes são aproveitadas pelas índias para fazerem bilros para o fabrico das suas rendas, que da mesma são utilizados pelas mulheres brancas; são aproveitadas ainda para confecção de piões e seu miolo é comido simples ou assado.

Tucum – assemelha-se muito ao tucumá e, como ele, nasce nas matas de terra-firme. Suas folhas não servem para coberturas de casas por possuírem muitos espinhos, porém, quando jovens, são desfiadas e torcidas a mão, formando linhas que têm todas as aplicações do barbante, servindo para pescar e lançar peixes e tartarugas, redes de dormir ou maquiras etc. O tronco não tem utilidade. Frutifica de março a maio. Foi encontrada apenas na parte superior do rio Negro.

---

mente colorida, especialmente nos machos durante o período reprodutivo; alimentam-se de frutas, folhas e brotos.

<sup>7</sup> *Tucumá* ou *tucumã* é palmeira (*Astrocaryum acaule*) com estipe curto e subterrâneo ou acaule, folhas penadas, pecíolos cobertos de espinhos, e frutos globosos amarelo-esverdeados, que se tornam avermelhados quando maduros. É conhecida também como iú, jarivá, javira, tucumã-da-vargem, tucumã-da-várzea, tucum-de-rede e tucum-rasteiro. Nativa da Colômbia, do Brasil e das Guianas, das folhas extrai-se fibra de tucum, e os frutos, de polpa suculenta, são muito apreciados pela fauna.

Mocajá – nasce em terra firme. Suas folhas e tronco não são utilizados por serem muito espinhosos. Frutifica de março a maio. Dos seus frutos se extrai o vinho de mocajá, que é feito pelo seguinte processo: colhem-se os frutos verdes que são colocados numa vasilha fechada para amadurecerem mais depressa e obter-se um início de fermentação, quando exalam então um aroma agradável; depois são partidos, descascados e socados no pilão junto com as sementes; à massa obtida adiciona-se água até obter-se a consistência de um caldo grosso; acrescentam-se sararás<sup>8</sup> ou camarões para torná-lo fluído; depois de fervido está pronta a bebida que pode ser tomada simples ou engrossada com arroz, farinha de trigo ou de mandioca, para ficar mais substancial. Algumas pessoas adoçam-no com açúcar ou mel ou misturam-no com o miolo das sementes, cujo gosto é semelhante ao das castanhas do maranhão. Esta bebida é muito consumida pelos mazombos. Os frutos também são comidos crus, assim como o miolo das sementes.

Murutim – cresce em lugares úmidos e baixos que conservam a água durante o verão; por essa razão os muritizais são procurados pelos caminhantes para saciarem sua sede. Suas folhas nascem no ápice do tronco, são grandes, redondas, fendidas até o meio e dispostas em forma de auréola; são utilizadas para coberturas de casas nas regiões onde não se encontram outras palmeiras, como, por exemplo, na parte superior do rio Negro. Seus pecíolos têm 3 a 4 metros e às vezes mais; depois de descascados, unidos, amarrados e cortados no formato adequado, são utilizados como velas de pequenas embarcações ou igarités; servem ainda para rolhas e muitas outras utilidades que sua flexibilidade admite, pois é mais flexível e poroso que a cortiça; com a casca desses pecíolos são tecidos os paneiros que são uma espécie de vasilha utilizada para guardar farinha, arroz, sal; os tipitis que são cilindros utilizados para espremer a massa da mandioca; os tupés que servem como esteiras, e ainda muitos outros utensílios. Seu tronco é liso e oco. Frutifica de fevereiro a abril. Seus frutos têm o aspecto e consistência dos frutos do pinheiro europeu, sendo, porém, menores e vermelhos quando perfeitamente maduros. Deles é feito o vinho do murutim, de cor amarelada e gosto de erva, pelo seguinte processo: colocam-se os frutos em infusão até amolecer a casca; depois são descascados e as polpas que cobrem as sementes são espremidas e amassadas, com as mãos, em uma vasilha com água; o líquido obtido é coado numa peneira ou gurupema; essa bebida é ingerida simples ou engrossada com farinha.

Murumuru – cresce nos lugares úmidos, atingindo de 8,5 a 9 metros de altura. Suas folhas e tronco não têm utilidades porque possuem agudos espinhos negros, alguns com mais de 22 centímetros de comprimento. Frutifica de fevereiro a abril. Seus frutos são amarelos e cobertos de espinhos moles e negros. As sementes têm a forma e a consistência do coco e servem de alimento aos índios.

Mumbaca<sup>9</sup> – atinge 3,5 a 4 metros de altura e 1 a 1,5 metros de diâmetro; não é utilizada por ser muito espinhosa. Dos seus frutos, que são pequenos e vermelhos, somente se alimentam os índios.

Marajá-uau ou grande – cresce em lugares úmidos, atingindo 60 metros de altura e 2 a 2,5 metros de diâmetro; é toda coberta de espinhos, daí, seu tronco e folhas não terem utilidades. Frutifica de março a abril. Seus frutos são pequenos, negros e quase esféricos, de gosto um pouco adocicado: deles e das sementes se alimentam os índios.

Marajá-mirim ou pequeno – com este nome Alexandre Rodrigues Ferreira se refere a duas qualidades de palmeiras\*. A primeira é semelhante ao marajá-uau ou grande, diferindo apenas no tamanho de seus frutos que são menores. A segunda, menor de todas, não ultrapassa de 24 a 30 metros de altura e 1 a 1,5 metros de diâmetro e cresce nas margens dos rios, ficando com as raízes sob a água durante as enchentes. Seu tronco e folhas não possuem utilidades por serem muito espinhosos. Seus frutos são negros, do tamanho e forma das “uvas ferraes” e não servem como alimento.

\* Esta frase denuncia que houve interferência do copista na redação original de Alexandre Rodrigues Ferreira, eferido como terceira pessoa.

<sup>8</sup> Pequena espécie de caranguejo de água salobra.

<sup>9</sup> *Mumbaca* é palmeira cespitosa de até 4 metros (*Astrocaryum gynacanthum*), nativa do Brasil, Colômbia, Venezuela e Guianas, de estipes finos, cobertos de espinhos negros e longos, folhas verde-escuras, levemente arqueadas, e drupas elípticas ou obovadas. É conhecida também como coqueiro-mumbaca, marajá-açu, marajá-da-terra-firme.

Pupunha-uaçu ou grande – suas folhas nascem em grande número no ápice de um tronco reto e liso, e ambos não são utilizáveis. Frutifica de julho a setembro. Seus frutos são do tamanho e forma de uma pêra européia; têm cor vermelha quando perfeitamente maduros e alguns possuem ângulos, sendo por isso chamados pupunha de gomos. São muito apreciados, razão pela qual é uma das primeiras plantas que os lavradores do Estado do Grão-Pará costumam plantar na frente de suas casas, em suas roças e sítios. Depois de cozidos são vendidos na cidade do Pará, na porção de 12 a 20 réis. Essas palmeiras são consideradas as balizas das povoações porque noticiam aos viajantes, ainda bem de longe, o povoado que eles procuram encontrar.

Ainda com este nome, Barbosa Rodrigues descreve uma outra palmeira de frutos lisos, tronco e folhas espinhosas. Todas as propriedades e usos são os mesmos da anterior.

Pupunha-mirim ou pequena – sob esse nome o autor descreve duas palmeiras menores, tendo as mesmas propriedades das anteriores. Uma delas possui frutos amarelos e a outra, frutos roxos; ambos têm gosto muito semelhante ao da batata inglesa e são comidos com manteiga.

Paxiúba-uaçu<sup>10</sup> – possui grande número de raízes fulcrais. Suas folhas não são utilizadas. É chamada pelos brancos de paxiúba barriguda, porque seu tronco engrossa muito em certa altura, para logo depois voltar a sua espessura normal, formando uma espécie de barriga; por ser liso, oco, bem comprido e ter sofrível consistência, é usado no Estado como calha para conduzir água de um lugar para outro e, pelas mesmas razões, poderia ser usado também para canos de bombas. Frutifica de janeiro a março. Seus frutos são negros como os da bacaba e pouco maiores que as azeitonas, com sementes de consistência igual à do coco; não são utilizáveis.

---

<sup>10</sup> *Paxiúba-uaçu* ou *paxiúba-barriguda* é palmeira de até 30 metros (*Iriarteia deltoidea*), de estipe anelado e intumescido na porção mediana, sustentado por um cone de raízes adventícias muito próximas entre si, folhas pinadas verde-escuras e frutos globosos. É conhecida também como palmeira-barriguda, palmeira-chifre. Tem palmito comestível e o estipe é usado localmente para a confecção de tabuados e canoas.

# MADEIRAS QUE SERVEM PARA CASA E PARA OBRAS DE MARCENARIA<sup>1</sup>

As madeiras<sup>2</sup> fundamentais usadas para esteios de casas são as do acariquara<sup>3</sup> e as do louro da terra firme, que, como o tem demonstrado a experiência, não dura menos de um século.

As do acariquara das matas são consideradas melhores do que aquelas das ilhas alagadiças. São utilizadas, ainda, as do uacapu, camaru (também aproveitadas na construção de engenhos) e jutaí-mirim<sup>4</sup>, sendo essas duas últimas duráveis.

A madeira que tem maior aplicação para a marcenaria é a do pau vermelho, em virtude da sua espessura, que permite o fabrico de mostradores de cômodas, aparadores e cadeiras; a mais espessa se encontra nas cachoeiras do Rio Negro, embora a encontremos também no Rio Branco fronteiro ao lugar de Carvoeiro, cuja aceitação seria maior se as suas mesclas entre vermelho e amarelo se não desvanecessem. Além dessas madeiras, são utilizadas: as do pau-pintado ou muirapinima<sup>5</sup>, que são muito sólidas e encontradas no Lugar de Airão ou Jaú, porém não são tão finas e suas cores não são tão vivas como daquelas do Rio Tapajós; as do muiraquatiara<sup>6</sup>, que são perfeitas e produzidas em abundância no rio Branco ou Araçá, confluente do Rio Negro; as do nuru-nuru, das ilhas alagadiças, que são finas, com manchas imitando o violeta<sup>7</sup>, e de cujos frutos se alimentam as piranhas; as do pau-pirito que são produzidas em abundância no Rio Negro; as do pau-de-remo<sup>8</sup> que se apresentam de duas qualidades: a carapanaiú<sup>9</sup>, que é fina e, ao ser trabalhada, mostra

<sup>1</sup> Códice 21,1,29 n° 2 da BNRJ.

<sup>2</sup> Parte das notas inseridas neste artigo são de autoria de Emília Albina Alves dos Santos e Elza Fromm Trinta e foram extraídas de FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*: Memórias (Zoologia, Botânica). [Brasília]: Conselho Federal de Cultura, 1972, p. 229-230.

<sup>3</sup> *Acariquara* ou *acariúba* – *Minquartia guianensis* Aubl. (*Olacaceae*), usada também para postes de rua.

<sup>4</sup> Árvore de até 15 metros (*Vochysia ferruginea*) da família das voquiáceas, nativa do Brasil de folhas geralmente ovadas, flores cor de abóbora, em panículas cilíndricas, e frutos trígonos.

<sup>5</sup> *Muirapinima* ou *pau pintado* – *Brosimum guyanense* Huber ex Ducke (*Moraceae*).

<sup>6</sup> Muiraquatiara - Árvore grande (*Astronium lecointei*) da família das anacardiáceas, com folhas imparipenadas, flores em racemos e pequenos frutos cilíndricos, nativa da Amazônia e muito explorada pela madeira pardo-clara com listas escuras, uma das melhores da região, us. em mobiliário, arquitetura e objetos de adorno; aroeira, gomável, guarabu-do-campo, guarabu-rajado, muiracatiara, muiracatiara-rajada, muiracoatiara, muiracoatiara-preta, sanguessugueira.

<sup>7</sup> Com esse nome são conhecidas, nos Estados do Norte do país, várias espécies do gênero *Dalbergia* L. f. (*Leguminosae*).

<sup>8</sup> Árvore de até 40 metros (*Chimarrhis turbinata*), da família das rubiáceas, nativa da América do Sul, de casca pardacenta, folhas glabras ou levemente pubescentes na página inferior, flores aromáticas e cápsulas turbinadas, cuja madeira é usada no fabrico de remos para embarcações.

<sup>9</sup> *Carapanaiú* – É provavelmente o mesmo que *capapanaúba* – *Aspidosperma nitidum* Benth. ex Muell. Arg. (*Apocynaceae*).

Designação comum a algumas árvores e arbustos de diferentes gêneros e famílias, espécie do gênero *Brosimum*, da família das moráceas, nativas do Norte da América do Sul, geralmente com madeiras nobres ou de qualidade, dotadas de veios ou manchas em belos desenhos; marapinima, me-

uma viva cor rosa que logo se desvanece, e a araruiúá, da qual são fabrigados remos e coronhas de armas; as da marupaúba, que também são empregadas para forros de casas; as do castanheiro, as da jasapucaia<sup>10</sup> e, finalmente, as da massaranduba.

---

rapinima, muirapenima, muriapenima. Árvore de até 20 metros (*Brosimum guianense*) da família das moráceas, nativa das Guianas, com madeira nobre, folhas ovadas, coriáceas, bractéolas amareladas e frutos aquênicos; muirapinima-preta, muirapinima-verdadeira, pau-de-tartaruga, pau-santo, pau-tartaruga. Arbusto da mesma família, nativo das Guianas, com madeira de cerne vermelho-escuro, folhas geralmente oblongas, elípticas, membráceas, e frutos globosos; muirapenima, oiti-do-mato, pau-de-tartaruga, pau-santo, pau-tartaruga. Árvore pequena (*Coussapoa nitida*) da família das cecropiáceas, nativa do Brasil (PA), com tronco de casca lisa, acinzentada, flores unissexuais, em capítulos globosos dispostos em tirsos e aquênios oblongos; murapixina

<sup>10</sup> *Jasapucaia* – *Lecithis* sp.

Lécite é designação comum às plantas do gênero *Lecythis*, da família das lecitidáceas, que reúne 25 espécies, nativas de regiões tropicais das Américas, com boa madeira e pixídios com sementes geralmente oleosas e comestíveis, como, por exemplo, as da sapucaia. Etimologia latino-científica do gênero *Lecythis* (1758); estabelecida por P. Loelling (1729-1756, botânico sueco, discípulo de Lineu), com base no latim *lecythus, is*, latim medieval. *lecythis, idis*, calcado no grego *lêkuthos, ou* ‘vaso para azeite, frasco bojudo, vaso em forma de garrafa’, em alusão à forma dos frutos, como os da sapucaia; ver *Zlecit(o)*-.

# MEMÓRIAS SOBRE AS CASCAS DE PAUS

QUE SE APLICAM PARA CURTIR COUROS<sup>1</sup>

**D**árias são as árvores cujas cascas são empregadas para curtir couros e entre elas temos: as de paricarana<sup>2</sup>, parica-verdadeiro, uacapu, folhas-de-sapateiro, angelim e mangue, à qual se misturam folhas de guaiabeira.<sup>3</sup> As de paricá-verdadeiro são consideradas pelos curtidores como as melhores para solas, enquanto que as demais não têm a mesma aceitação pelos seguintes motivos: as de paricarana deixam a sola branca e compacta, o que influi muito na sua duração; as do mangue deixam a sola vermelha e, quando curtidas por tempo mais demorado, racham e são pouco duráveis; as folhas-de-sapateiro ou tatacajuba<sup>4</sup> são usadas exclusivamente para determinados couros miúdos, como camurças de peles de cabras, veados e cotias; as de uacapu apresentam o problema de torná-los apertados, daí não servirem para solas; as da guaiabeira, apesar de embranquecerem o couro, somente são aplicadas em couros miúdos; finalmente, as do angelim servem tanto para esses últimos tipos como para solas, tornando, porém, a ambos amarelos.

Uma das razões principais por que as cascas utilizadas para couros miúdos não servem para solas é devido à qualidade de sua tinta, que é muito fraca.

<sup>1</sup> Códice 21,1,29, n° 3 da BNRJ.

<sup>2</sup> Árvore (*Acacia riparia*) da família das leguminosas, subfamília *mimosoídea*, nativa do Brasil, armada de acúleos, com folíolos coriáceos, flores brancas e vagens tomentosas. Sob este nome vulgar são conhecidas duas espécies de *Leguminisae*: a *Piptadenia opacifolia* Ducke, do Alto Amazonas, e a *Senegalia polyphylla* (DC.) Britton & Rose, do Baixo Amazonas.

<sup>3</sup> Guaiabeira ou goiabeira é arbusto ou árvore pequena (*Psidium guajava* [ou *psidium pomiferum* L.?.]) da família das mirtáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, com casca tanífera, folhas obovadas, usada como antiarréicas e de que se extrai óleo essencial, flores pequenas, brancas, e bagas verdes ou amarelas com polpa aromática, branca, rósea, avermelhada ou arroxeadas, muito consumidas ao natural ou em compotas, doces, sorvetes e geléias. Há numerosas espécies, entre as quais relacionamos: araçá-guaçu, araçáíba, araçá-mirim, araçauaçu, goiaba, goiabeira-branca, goiabeira-vermelha, guaiaba.

<sup>4</sup> *Tatacajuba* ou *folhas-de-sapateiro*, provavelmente, é o mesmo que *tatajuba*, nome sob o qual são conhecidas duas espécies de *Urticaceae*: *Chlorophora tinctoria* Gaudich, e *Bagassa guianensis* Aubl. Houaiss registra três espécies da tatajuba: *tatajuba-amarela*, *tatajuba-de-espinho* e *tatajuba-do-brejo*. A tatajuba é conhecida também como *bagaceira* e como *moreira*.







